UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

SILVIO CESAR TAMASO D'ONOFRIO

**O Grupo da Baruel
e a intelectualidade paulista nos anos 1940**

(Versão corrigida)

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**O Grupo da Baruel
e a intelectualidade paulista nos anos 1940**

SILVIO CESAR TAMASO D'ONOFRIO

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social da
Universidade de São Paulo, para a obtenção
do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

(Versão corrigida)

De acordo: _____
Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D687g D'Onofrio, Silvio Cesar Tamasso
O Grupo da Baruel e a intelectualidade paulista
nos anos 1940 / Silvio Cesar Tamasso D'Onofrio ;
orientador Paulo Teixeira Iumatti. - São Paulo, 2017.
348 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História Cultural. 2. Literatura. 3. Periódicos.
4. Grupos Sociais. 5. Intelectualidade. I. Iumatti,
Paulo Teixeira, orient. II. Título.

Universidade de São Paulo

ATA DE DEFESA

Aluno: 8138 - 5157432 - 1 / Página 1 de 1

Ata de defesa pública de Tese do(a) Senhor(a) Silvío Cesar Tamasso D'Onofrio no Programa: História Social, do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 01 dias do mês de novembro de 2017, no(a) Sala de Concursos realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Silvío Cesar Tamasso D'Onofrio, apresentada para a obtenção do título de Doutor intitulada:

"O grupo da Baruel e a intelectualidade paulista nos anos 1940"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Paulo Teixeira Iumatti	Presidente	IEB - USP	Aprovado
Ana Maria de Almeida Camargo	Titular	FFLCH - USP	Aprovado
Katia Canton Monteiro	Titular	MAC - USP	Aprovado
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio	Titular	FE - USP	Aprovado
Sara Albieri	Suplente	FFLCH - USP	Aprovado

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

Aprovado

Eu, Maria de Fatima Sendao Gomes Morashashi, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 01 dias do mês de novembro de 2017.

Ana Maria de Almeida Camargo

Katia Canton Monteiro

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Sara Albieri

Paulo Teixeira Iumatti
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs.: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 01/11/2017 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Doutor em Ciências obtido no Programa História Social.

Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dr. Edelcio Gonçalves de Souza
Presidente da CPG
FFLCH-USP

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio e incentivo, em especial meus pais e irmãos, também pela consideração às minhas ausências.

Ao prezado Professor Doutor Paulo Teixeira Iumatti, pela orientação paciente, firme e muito generosa.

Aos prezados Professores Doutores Marcos Napolitano e Sara Albieri pelas fundamentais observações efetuadas no exame de qualificação desta tese.

À prezada Professora Doutora Ana Maria de Almeida Camargo por tantas providências no sentido do bom encaminhamento desta pesquisa, muito obrigado, de coração.

Aos prezados Professores Doutores pela atenção sempre gentil e preciosa: Agnes Cristina Fett Conte, Alexandre Medeiros, Alexandre Pinheiro Hasegawa, Ana Luiza Martins, Andrea Moraes Alves, Angela Melley, Antonio Candido (*in memoriam*), Antonio Dimas, Darcy França Denófrío, Dilma Castelo Branco Diniz, Dioraci Pinatti, Eduardo Natalino dos Santos, Elias Thomé Saliba, Eliseu Martins, Evani Viotti, Felipe Beltran Katz, Gabriela Pellegrino, Gilberto Mendonça Teles, Heloisa Barbuy, Heloísa Liberalli Bellotto, Izabela Tamaso, José Antonio Vergueiro Costa, Joselia Aguiar, Katia Canton Monteiro, Lincoln Secco, Márcia R. Barros da Silva, Marco Galli e Míriam, Marcos Antônio de Moraes, Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, Marcos Vasconcelos Filho, Maria Cristina Wissenbach, Maria Helena Capelato, Marina de Mello e Souza, Marisa Lajolo, Maurício Cardoso, Moacir Amâncio, Osvaldo Ceschin, Tânia Regina de Luca, Telê Ancona Lopez, Valéria Lamego, Valéria Rocha Torres, Zilda Márcia Gricoli Iokoi.

Aos seniores, pelos testemunhos e apoio: Antônio Augusto Baillot Moreira, Cristina Monteiro Kayatt, Hernâni Donato (*in memoriam*), Fábio Lucas, Fernando Jorge, Gustavo Schnaider, Hélio Monteiro, Jaime Collier Coeli, Janaína Batini, José Aderaldo Castello (*in memoriam*), José Fernando de Barros Martins, Lygia Fagundes Telles, Marília Brandão Lemos Morais Kallas, Marisângela Martins, Palma Bevilacqua Donato, Paulo Bomfim, Pedro João Bondaczuk, Rosa Goldemberg Motta, Ruth Guimarães Botelho (*in memoriam*) e Joaquim Maria, Sandra Gomes Venturi, Sílvio Alexandre, Tharcillo Toledo Filho.

À Maria Helena Cavalheiro Neves, Edgard Cavalheiro Júnior, Ricardo Cavalheiro, Roberto Dante Cavalheiro Filho, Luís Carlos Cavalheiro, Maria Christina Cavalheiro Neves, Fernando Cavalheiro Neves, Guilherme Cavalheiro Neves, e respectivas famílias. A Pedro Adriano Ferriani, Alba Romão e família. Ao Gustavo Romeu Carvalho Marinelli Survilas e Júlia Eugênio Cavalheiro Neves, torcendo pelo seu futuro na Universidade.

À amiga do coração Luciana Gama, pelo agudo e didático senso crítico – o que mais esperar de uma inteligência como a sua? – Das inúmeras observações clarividentes, o grande carinho e a enorme consideração, desde os momentos iniciais da pesquisa, muito obrigado.

Aos imprescindíveis diálogos com Gabriel Senador Kwak e Ronaldo Cagiano.

À grande boa vontade com o meu trabalho, do Centro de Documentação Alexandre Eulálio do IEL UNICAMP: Roberta de Moura Botelho, Maria Valéria Barbosa, Patrícia Cano Saad, Cleonice Aparecida Moreira e Cristiano Diniz; do Museu Histórico Paulo Setúbal de Tatuí-SP: Jorge Roberto Rizek, Regiane Domingues Francisco e Pedro Heilborn de Oliveira; Elisabete Marin Ribas (Biblioteca IEB), Francivaldo Gomes (Cemitério da Consolação), Humberto Innarelli (AEL IFCH UNICAMP), Joana Darc Moreno de Andrade (Biblioteca Mário de Andrade), Júlio César Ragazzi, Maria Aparecida Araújo Ferreira (CAPH FFLCH USP), Maria de Fátima Zuccherato (Departamento de Cultura de Espírito Santo do Pinhal-SP), Mayke Riceli (Museu Histórico Municipal de Pouso Alegre-MG), Rita de Cássia do Nascimento (Arquivo Público do Estado de São Paulo), Rubenira Farias (Biblioteca APL), Talita Gouvêa Basso (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro-SP).

Aos mestres Fernando Signorini (*in memoriam*) e Ilda, Francisco Raimundo (Chicão, *in memoriam*), José Clástode Martelli e José Eduardo Martelli, Luiz Gonzaga Tessarine, Maria Carolina Leme Marinelli Delbin, Maria Célia de Castro Amaral, Marilda Miglinski, Patrícia Françoso, Ricardo Daunt de Campos Salles e Cristina, Sérgio Del Bianchi Júnior, Setembrino Mello.

Aos funcionários do Serviço de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e também àqueles do Programa de Pós-Graduação em História Social da nossa Faculdade, em especial a Maria de Fátima Morashashi, Oswaldo, Nelson Caetano e Aparecido de Paula Encarnação, por todo o apoio no dia a dia e nas emergências.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela subvenção da bolsa que me permitiu a dedicação integral à pesquisa.

Aos amigos de sempre pela vibração: Alexis Pazos, André Felipe Fernandes Moura, Andressa Diane Klauck, Bianca Ribeiro, Carlão e Marcelo Gomes, Celso Matheus Liberali Belardim, Cláudio Freitas, Davidson Del Persio e Milena, Família Fador, Ivan Rocha, Joaquim Maloa, Júlio César Cerniavskis e Danielle, Jhonatan Pereira da Silva, Kléber Pozzati Faria, Leandro Hollanda, Lizandra Rosa Dolfini, Wilson Brandão (*in memoriam*) e Maurício, Mele Pesti, Nailton César, Paulo Emílio Fernandes Lopes, Paulo Pascale, Pedro Machado, Péricles Matos, Priscila Matos e Anderson, a muito querida Regina Neves, o importante intelectual pinhalense e meu primo Ricardo Biazotto, Rogério Rondon,

as admiradas Rosely de Fátima Silva e Vânia Gonzalez, Sônia Cugler, Tatiana Capell, Valquíria Maroti Carozze, Vinícius de Oliveira, Vladson, Patrícia e Pedro Athayde.

Resumo

A tese procura contribuir com a compreensão dos espaços de atuação da intelectualidade urbana paulista, em tempos de Estado Novo, por meio da análise da trajetória do Grupo da Baruel, grupo que ficou conhecido pela denominação de Baruel por se utilizar do ambiente de uma drogaria homônima como espaço de sociabilidade. Adicionalmente, analisa o periódico símbolo do Grupo da Baruel: *Roteiro*.

Palavras-chaves

Grupo da Baruel, mercado editorial, intelectuais, sociabilidade, ditadura.

Abstract

This research aims to contribute to the understanding of the performance spaces of São Paulo young urban intelligentsia, Estado Novo dictatorship times, by analyzing the trajectory of the “Grupo da Baruel”, which was known for Baruel denomination by using the environment of a namesake drugstore as social space. Additionally, produces an analytical study of *Roteiro*, the Group of Baruel's cultural journal.

Keywords

Grupo da Baruel, publishing, intellectual, sociability, dictatorship.

Sumário

Apresentação	p. 3
1. Introdução	p. 10
1.1. Questões iniciais	p. 10
1.2. História que se conta	p. 11
1.3. Metodologia analítica	p. 19
1.4. Metodologia estatística	p. 19
2. A Drogaria e o Grupo da Baruel	p. 27
2.1. O Grupo da Baruel e outros grupos	p. 49
3. Perfil biobibliográfico do Grupo da Baruel	p. 56
3.1. O segmento representante	p. 56
3.1.1. Amadeu de Queiróz	p. 56
3.1.2. Edgard Cavalheiro	p. 60
3.1.3. Fernando Góes	p. 61
3.1.4. Jamil Almansur Haddad	p. 64
3.1.5. Mário da Silva Brito	p. 66
3.1.6. Mário Donato	p. 68
3.1.7. Maurício Loureiro Gama	p. 69
3.1.8. Rossine Camargo Guarnieri	p. 70
3.1.9. Ruth Guimarães	p. 71
3.2. Perfil biobibliográfico geral	p. 72
4. O Grupo da Baruel e a imprensa paulista (1935-1950)	p. 106
4.1. O segmento representante	p. 106
4.2. O grupo completo	p. 108
5. O Grupo da Baruel e as editoras paulistas (1935-1950)	p. 113
6. O periódico do Grupo da Baruel: <i>Roteiro</i>	p. 118
6.1. O estudo de periódicos modernos	p. 119
6.2. Sobre as fontes de <i>Roteiro</i>	p. 121
6.3. Apresentação e histórico	p. 122
6.4. Características externas e internas	p. 137
6.5. Colaboradores	p. 149
6.6. Ideias e atitudes	p. 152

6.7. Índice geral de <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>	p. 153
6.8. Índice anotado de artigos de <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>	p. 166
6.9. Índice remissivo de colaboradores de <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>	p. 213
7. Depois da Baruel: Mercado intelectual	p. 216
8. Grupos intelectuais, livrarias, livreiros e guardiães	p. 219
9. Considerações finais	p. 224
10. Bibliografia	p. 228
11. Anexos	p. 238
11.1. Manifesto inicial de <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>	p. 238
11.2. Artigos de edições não localizadas de <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>	p. 244
11.2.1. Artigo da edição de número 2	p. 245
11.2.2. Artigo da edição de número 5	p. 249
11.3. Índice de artigos de <i>Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático</i>	p. 259
11.4. Entrevistas	p. 272
11.4.1. Antonio Candido (inédita)	p. 273
11.4.2. Décio de Almeida Prado (parcialmente inédita)	p. 280
11.4.3. Fábio Lucas (inédita)	p. 293
11.4.4. José Bento Faria Ferraz (inédita)	p. 302
11.4.5. José Mindlin (inédita)	p. 318
11.4.6. Maurício Loureiro Gama (inédita)	p. 328
11.4.7. Plínio Doyle (inédita)	p. 332
11.5. Banco de dados	p. 340
11.6. Imagens	p. 343

Apresentação

Este estudo deriva de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação “Culturas e Identidades Brasileiras”, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, que catalogou a produção intelectual do editor, jornalista e escritor Edgard Cavalheiro¹. A pesquisa inicial evidenciou a existência de uma rede de sociabilidade pouco documentada e conhecida nos dias atuais, essencialmente informal, que envolvia um círculo de pessoas conhecido como “Grupo da Baruel”, assim denominado por se utilizar do ambiente da Drogaria Baruel como ponto de encontro, grupo relevante do ponto de vista da produção cultural brasileira da década de 1940. Edgard Cavalheiro integrou esse coletivo e o focalizou em artigos jornalísticos de caráter memorialístico.²

A proposta desta tese é ampliar o nível de conhecimento a respeito do Grupo da Baruel: nomear seus integrantes, entender a identidade constitutiva do grupo, seus fatores aglutinantes, a “estrutura de sentimentos” – no dizer de Raymond Williams, melhor compreender suas relações com outros grupamentos da época, descobrir sua atuação frente ao contexto social, histórico e político e analisar a produção intelectual do conjunto, apontando seu possível legado. Com isso, novos aspectos da sociabilidade intelectual paulista ou, mais genericamente, das pessoas ligadas ao mundo das letras, da metade da década de 1930 até o meio da década seguinte, são vislumbrados.

O desafio de identificar relações pessoais que também comportavam facetas profissionais, burocráticas, buscou apoio na base teórica fornecida por três recortes temáticos da História: a História Intelectual, a História Social das Ideias e a História Cultural.³

Em termos de História Cultural, algumas reflexões feitas pelo historiador Peter Burke⁴ nortearam o impulso inicial desta tese. Segundo esse autor, um dos possíveis cenários para o futuro da História Cultural, que à época desta formulação estaria dando sinais de esgotamento, seria a “renovação da ênfase na história da alta cultura”. A produção do Grupo da Baruel, por

¹ D'ONOFRIO, Silvio C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. São Paulo, 2012, 394 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros – Orientação: Marcos Antonio de Moraes) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

² CAVALHEIRO, Edgard. Carimbamba contou... *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 ago. 1939; CAVALHEIRO, Edgard. Lembranças do carimbamba Amadeu de Queirós e da Drogaria Baruel. *Album Drogasil*, São Paulo, 1954, p. 175; entre outros.

³ Segundo conceituação proposta pelo historiador Robert Darnton, História Intelectual é “o estudo do pensamento informal, dos climas de opinião, dos movimentos literários”; História Social das Ideias, “o estudo da ideologia e da difusão das ideias”; e, finalmente, História Cultural seria “o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo visões de mundo e *mentalités* coletivas” (DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 188. Grifos dele).

⁴ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 133.

meio do coletivo mas também através das atividades individuais de seus integrantes, como se poderá conferir páginas adiante, foi marcadamente historiadora da cultura. Se essa cultura era do tipo elevado ou não, voltada para os poderosos e influentes – as chamadas elites ou, ao contrário, voltada para o povo mais “comum”, é uma questão que se coloca. Burke esquivasse, prudentemente, a uma assertiva sobre o caráter de uma possível cultura das elites, cultura esta que, para existir, pressuporia uma outra cultura, de caráter mais popular – configurando esta questão, exatamente, a de uma eventual distinção entre cultura popular e erudita, um dos “problemas espinhosos” apontados pelo historiador Jean-François Sirinelli (1998, p. 259), problema que se apresentaria para o estudioso das elites culturais do século 20 e que encaminhou os estudos no sentido do cruzamento entre as manifestações culturais e as políticas - algo pouco conseguido nesta tese, dada a carência de fontes sobre as tendências políticas dos tantos indivíduos que comporiam o Grupo da Baruel (apesar de haver conhecidos militantes, e até mesmo filiados, comunistas, alguns se autodeclararem socialistas, e um ou outro anarquista). De toda maneira, e ainda seguindo as indicações de Sirinelli, o Grupo da Baruel, atuou mais como mediador cultural do que como criador, nessa qualidade, e especialmente quando se tem o seu veículo símbolo em foco – o jornal *Roteiro*, analisou e vulgarizou não especialmente as facetas primitivas do Modernismo paulista de 1922, porque o tempo ia já longe em 1939, mas das decorrências daquele primeiro momento, das vertentes críticas e regionalistas, como se poderá constatar.

Também se buscou apoio, e muito se utilizou, material bibliográfico composto por livros, artigos publicados em periódicos, entrevistas, memórias orais e escritas, apresentações, biografias, discursos, prefácios e orelhas de livro, além de dedicatórias manuscritas em livros e diários, porque estas, ainda que sob registro diverso, têm o poder de transformar cópia em peça ímpar, revelando ou ocultando relações, testemunhando circunstâncias, imprimindo e alojando experiências e humores nesses exemplares como fragmentos de um retrato multifacetado do mundo.

Adicionalmente, utilizou-se também como fonte uma coleção de materiais manuscritos, dedicatórias escritas à mão e material epistolar que pode elucidar dos meandros intersubjetivos pois revela as relações que os indivíduos estabeleceram com o seu tempo. Segundo Marisa Lajolo, “representando por excelência *forma de comunicação*, cartas trocadas entre cidadãos da cidade das letras têm grande chance de esclarecer os pactos e as mediações pelos quais autores, obras e públicos gravitam em torno uns dos outros”.⁵

⁵ LAJOLO, Marisa. Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo modernista em três tempos. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8/9, p. 159, 2008 (grifos da autora).

O objetivo de aqui valorizar a informação obtida pelo que se convencionou chamar de fonte primária, a informação original, primeira, sem intermediação, apresenta como vantagem a possibilidade de aumentar as chances de obtenção de índices e subsídios facilmente perdidos quando esse material é processado, reimpresso, por exemplo. Segundo a historiadora da correspondência Janet Altman, quando da passagem do âmbito privado inicial para publicação, em livro por exemplo, as cartas podem ser “corrigidas, revisadas, truncadas, contextualizadas”. Além disso, cartas publicadas em livro são necessariamente reendereçoadas, uma vez que não se destinam ao correspondente inicial, mas ao leitor do livro, que faz leitura diversa, em outro momento histórico, tendo o efêmero valor da escrita original já evanescido.⁶

Outras fontes que auxiliaram na definição dos rumos desta tese são as entrevistas efetuadas com Antonio Candido, que conheceu muitos dos integrantes do Grupo da Baruel, e Ruth Guimarães, que integrou aquele coletivo. São entrevistas inéditas, com testemunhos e opiniões a respeito do coletivo e dos “rapazes” da Baruel. Atenderam também a esta pesquisa: Lygia Fagundes Telles⁷, apontada como integrante do Grupo da Baruel, os acadêmicos Fábio Lucas e Hernâni Donato, o poeta Paulo Bomfim, o professor Antonio Dimas, o jornalista Fernando Jorge, Palma Donato, viúva de Mário Donato e cunhada de Marcos Rey, ambos integrantes da roda da Baruel; Rosa Goldemberg Motta, que foi secretária de Edgard Cavalheiro na Livraria do Globo; a consagrada autora de livros infanto-juvenis Tatiana Belinky e o filho do editor Martins, da Livraria Martins Editora, selo que publicou vários integrantes do Grupo da Baruel, José Fernando de Barros Martins.

Entrevistas anteriores, todas inéditas com exceção de uma que foi já parcialmente publicada em *O Estado de S. Paulo*, foram cedidas para esta pesquisa e aqui também inseridas, na parte de anexos, com o objetivo de elucidar um pouco mais a ainda obscura miríade das redes livreiras – empresas, sebos, colecionadores, que existiam na São Paulo um pouco anterior, contemporânea e também posterior ao Grupo de Baruel. A finalidade é traçar melhor o contexto sociocultural do Grupo, tentar compreender um pouco melhor os espaços de atuação dessas pessoas em depoimentos de pessoas insuspeitas em seus ramos de atuação: o jornalista Maurício Loureiro Gama, o bibliotecário José Bento Faria Ferraz, esses dois integrantes do Grupo da Baruel, novamente o professor Antonio Candido e o acadêmico Fábio Lucas, o professor Décio de Almeida Prado e os bibliófilos Plínio Doyle e José Mindlin.

⁶ ALTMAN, Janet G. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. In: *Yale French Studies*, Yale University Press-USA, n. 71, 1986, p. 19 (<http://www.jstor.com/stable/2930021>, acessado em 10 out. 2013).

⁷ TELLES, Lygia Fagundes. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 15 jan. 2010.

Além dessas entrevistas, foram contatadas outras pessoas que poderiam ser categorizadas de três maneiras diferentes: 1) parentes de integrantes do Grupo da Baruel, 2) colaboradores de *Roteiro* e 3) pessoas que não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores, mas que com ao menos uma delas travou contato, ainda que por meio de estudos. Esse procedimento se deu na tentativa do esclarecimento de informações relativas a todas essas pessoas e sobre sua rede de relações sociais que, direta ou indiretamente, os aproximam do Grupo da Baruel. São estes os casos de Agnes Cristina Fett Conte, filha de Hitler Fett⁸ (funcionário da Drogaria Baruel); Alexandre Medeiros, estudioso de Rômulo Argentiére (colaborador de *Roteiro*); Antônio Augusto Baillot Moreira, filho de Augusto Baillot (integrante do Grupo da Baruel); Cristina Monteiro Kayatt, neta de Jerônimo Monteiro (integrante do Grupo da Baruel); Evani Viotti, sobrinha-neta de Manuel Viotti (integrante do Grupo da Baruel); Gustavo Schnaider, neto de Genauro Wanderley de Carvalho (integrante do Grupo da Baruel e diretor de *Roteiro*); Hélio Monteiro, filho de Jerônimo Monteiro; Heloisa Barbuy, filha de Heraldo Barbuy (integrante do Grupo da Baruel e colaborador de *Roteiro*); Jaime Collier Coeli, filho de Jayme Pacini Coeli (integrante do Grupo da Baruel); Janaína Batini, neta de Tito Batini (integrante do Grupo da Baruel e colaborador de *Roteiro* na segunda fase desse jornal); Luciana Gama, neta de Maurício Loureiro Gama (integrante do Grupo da Baruel, secretário e colaborador de *Roteiro*); Marília Brandão Lemos Morais Kallas, neta de Wellington Brandão (integrante do Grupo da Baruel); Marisângela Martins⁹ (estudiosa de Justino Martins, que teve relações com integrantes do Grupo da Baruel); Pedro João Bondaczuk, (amigo pessoal de Maurício de Moraes, integrante do Grupo da Baruel); Sandra Gomes Venturi, filha de Maslowa Gomes Venturi (colaboradora de *Roteiro*); Sílvio Alexandre, pesquisador de Jerônimo Monteiro e, finalmente, Tharcillo Toledo Filho, médico de Edgard Cavalheiro (integrante do Grupo da Baruel, redator e colaborador de *Roteiro*).

Foi também localizado um pequeno mas importante acervo de edições do jornal que o Grupo da Baruel editou, além de acervos particulares e arquivos de alguns dos integrantes da Baruel, em posse de familiares e também em instituições públicas (casos de Amadeu de Queiróz, Maurício Loureiro Gama, Monteiro Lobato e Edgard Cavalheiro) algumas cartas e um outro tanto de livros com dedicatórias impressas ou autografadas. São muitas fontes primárias, portanto, que serão usadas com atenção, para evitar o risco de basear-se

⁸ Para mais informações sobre Hitler Fett: ARANTES, Lélé. 'Os Asteróides' e a história da música. *Folha de Rio Preto*, São José do Rio Preto-SP, 4 maio 2003, p. B-13; http://www.diariodaregiao.com.br/index.php?id=/secoes/blogs/flash_bola/materia.php&cd_matia=720596, acesso em 20 maio 2017.

⁹ MARTINS, Marisângela T. A. O Comunismo e a União Soviética nas páginas da Revista do Globo (1930-1945). *História em Revista*, Pelotas-RS, v. 16, p. 91-114, dez. 2010.

desacauteladamente nesse tipo de material e incorrer no equívoco tão comum de considerar as fontes como prova irrefutável. Foi buscado, portanto, em todas as etapas do presente estudo, seguir tanto quanto possível a recomendação do historiador Marc Bloch, para quem documentos não são verdades, mas apenas “vestígios”¹⁰, pois as fontes possibilitam reflexões, e não conclusões, sobre o ambiente intelectual em que o grupo se inseriu, tanto sobre o espaço geográfico que ocupavam na mancha urbana, quanto sobre as empresas públicas ou particulares, editoras, por exemplo – de onde muitas vezes vinha parcela significativa do sustento dessas pessoas, uma vez que a sobrevivência como escritor era privilégio de raros romancistas – e, também, entre as colunas veiculadas na grande imprensa.

Sendo assim, definiu-se a apresentação dos resultados desta tese da seguinte maneira: o primeiro capítulo procura definir, de uma maneira introdutória, os contornos da pesquisa: o objeto de estudo, os objetivos, a problemática de pesquisa, o arcabouço teórico mobilizado e os métodos analíticos.

No capítulo 2 é feita a apresentação da Drogaria e do Grupo da Baruel, descrevendo o espaço e enfocando as atividades intelectuais. Por meio de relatos memorialísticos, trechos de entrevistas, depoimentos e artigos jornalísticos, procurar-se-á definir, tanto quanto possível, a imagem do coletivo e a rede de relações em que estão envolvidos os seus integrantes: como se definem, legitimam sua atividade e se apoiam mutuamente dentro e fora do grupamento. Tentará se investigar em que medida algumas dessas relações poderão influenciar, posteriormente, quando o Grupo da Baruel não mais existe, o mercado editorial nacional, e se possíveis reflexos dessa rede de sociabilidade chegaram aos dias atuais.

Feita a apresentação mais geral do Grupo da Baruel, no terceiro capítulo procede-se a uma análise mais detida de alguns desses personagens, aqui eleitos representantes por fatores como maior disponibilidade de fontes documentais e atividades manifestas dentro do Grupo e do jornal *Roteiro*, veículo criado pelo Grupo da Baruel. Ainda no capítulo 3, de forma mais sumarizada, serão apresentadas informações complementares e o perfil biobibliográfico de todos os integrantes do Grupo da Baruel.

O capítulo 4 é dedicado à investigação da atuação do Grupo da Baruel no âmbito da imprensa paulista. Como se deu essa atuação, que tipo de impacto ocasionou, que reflexos podem ser constatados.

¹⁰ BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 7.

No capítulo 5 a investigação é voltada para a tentativa de elucidação das relações do Grupo da Baruel com as casas editoras, com ênfase nas editoras paulistas: como se inseriram no mercado editorial, como se fizeram representar, como conquistaram espaço?

O sexto capítulo procura fazer um retrospecto do que foi desenvolvido em termos de estudos brasileiros sobre a pesquisa em periódicos literários para, em seguida, adentrar no esforço de compreensão do jornal cultural *Roteiro*, produção símbolo do Grupo da Baruel. Desse jornal foi feita uma tentativa de sistematização que englobasse aspectos físicos e filosóficos do empreendimento e do seu Grupo gestor. Foram também consideradas repercussões na imprensa, aspectos financeiros e de publicidade do empreendimento, possíveis reflexos da censura no cotidiano da redação, ecos da segunda grande guerra, que então se instalava, e é ensaiada também uma reflexão a respeito do encerramento do jornal, o que pode lançar bases para uma melhor compreensão da dissolução do Grupo como um todo. Em seguida, ainda que esta pesquisa tenha localizado apenas nove edições de um quinzenário cujos indícios parecem sugerir que tenha sido editado por cerca de um ano (o que significaria um total de cerca de 20 edições veiculadas ou mais – isso apenas na primeira fase do jornal, porque a segunda fase já anuncia o jornal em seu sexto ano de existência e semanal, não mais quinzenal), optou-se pela elaboração de um índice geral, um índice anotado de artigos e ainda outro índice remissivo de colaboradores desse *corpus* disponível de *Roteiro*, mesmo tendo a consciência do risco de tentar sistematizar um conjunto documental cujas dimensões se desconhece. Se o futuro provar infrutífero esse trabalho de construção dos índices, dada a descoberta de mais edições de *Roteiro*, por exemplo, ainda assim este capítulo da tese terá sido válido pois refletiu a coleção de *Roteiro* localizada até a presente data. Os três índices serão apresentados em subitens específicos dentro desse capítulo sexto.

No capítulo 7 serão buscados os resquícios das redes profissionais, de amizade, parentesco e cordialidade que existiram entre os integrantes do Grupo da Baruel e que permaneceram sensíveis mesmo após a dissolução do grupo de sociabilidade. O objetivo é tentar reunir elementos adicionais que favoreçam a localização do Grupo da Baruel no campo literário nacional.

Buscando contextualizar melhor o Grupo da Baruel em termos temporais e espaciais, no capítulo 8 são apresentados locais onde viviam e circulavam indivíduos e coletivos, narradores e intérpretes da cultura nacional – gente como os integrantes do Grupo da Baruel, ou seus interlocutores anteriores, contemporâneos e também posteriores – além de

responsáveis e locais de coleção, exposição, depósito e venda de material intelectual: as livrarias, os livreiros e os guardiões da cultura escrita.

As considerações finais deste estudo são apresentadas no capítulo 9, a bibliografia utilizada no capítulo 10 e, no capítulo décimo primeiro, como Anexos, o material complementar da tese, iniciando pelo manifesto inicial do jornal *Roteiro*. O capítulo 11 comportará também dois artigos avulsos do jornal *Roteiro*, artigos cujas edições hospedeiras não foram localizadas pela pesquisa, e será feita uma apresentação sumarizada da segunda fase desse jornal, fase não enfocada pela pesquisa por motivos que serão justificados em momento apropriado. Ainda na parte dos Anexos desta tese serão transcritas seis entrevistas integralmente inéditas de figuras de destaque no meio cultural e literário nacional, e uma adicional, parcialmente inédita, também de fonte igualmente ilustrada, cuja parcela não inédita estampou página de *O Estado de S. Paulo*, alguns anos atrás. Entre esses entrevistados, dois integraram o Grupo da Baruel: José Bento Faria Ferraz e Maurício Loureiro Gama. Os demais interlocutores são Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Fábio Lucas, José Mindlin e Plínio Doyle. A temática das conversas passa pela trajetória individual dessas pessoas e dialoga com um dos temas de fundo desta tese, focado com mais pausas no capítulo oito, que cuida do assunto livrarias e livreiros de antigamente.

A área de Anexos ainda fornece detalhes técnicos do banco de dados apresentado no capítulo 1, item 4 e apresenta imagens do grupo fundador de *Roteiro*, do Edifício Baruel e da Drogaria Baruel.

Na transcrição de excertos optou-se aqui pela modernização do idioma.

1. Introdução

1.1. Questões iniciais

Este tema, o Grupo da Baruel e a intelectualidade paulista dos anos 1940, conforme antecipado, surgiu em decorrência de uma pesquisa de mestrado. Iniciado o doutorado, verificou-se que uma das bases onde se poderia assentar este estudo era o jornal *Roteiro*. Poucas foram as edições localizadas desse periódico, no entanto, com reflexos no alcance da tese. Em se localizando novos números dessa publicação, este trabalho pode ganhar novo impulso e continuidade.

Trata-se, nesta tese, de analisar eventos e produções diretamente relacionadas com um coletivo social bem localizado no tempo e no espaço: São Paulo capital, final dos anos 1930 e início dos 40.

Perseguindo fios condutores que buscam inspiração na formulação de Walter Benjamin, em sua sexta tese sobre a filosofia da História, para quem “articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo 'como ele efetivamente foi'. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo”¹¹ e, ao mesmo tempo, naquela do historiador Paul Thompson: “agora a evidência já está coletada, classificada e preparada de forma acessível: as fontes estão à nossa disposição. Mas como articulá-las? Como construir a história a partir delas? [...] Como avaliar e testar a nossa evidência?”¹²; buscou-se captar e articular eventos ocorridos há quase 80 anos com o apoio de recursos eletrônicos, computacionais, em esboço de metodologia do terceiro milênio para tratamento de dados e documentos relacionados a grupamentos intelectuais, como tentativa inovadora de “leitura” do grupo e seu jornal, no sentido do proposto por Geertz em capítulo intitulado Por uma teoria interpretativa da cultura: “tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de')” (2008, p. 17).

As informações obtidas por esta pesquisa vieram da busca a pessoas, entrevistas, depoimentos e documentos, estivessem eles próximos ou em outros municípios e/ou unidades da federação, existissem eles fisicamente ou de forma eletrônica, e os resultados deste estudo espera-se que contribuam para pesquisas sobre o tema.

¹¹ BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991, p. 156. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 50).

¹² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Trad. Lólio L. De Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 299-300.

1.2. História que se conta

O Grupo da Baruel foi um coletivo de pessoas que existiu entre o final dos anos de 1920 e início dos 40, ao redor da Drogaria Baruel, localizada na esquina da rua Direita com a Praça da Sé, uma das maiores farmácias da capital paulista de então.

Esta pesquisa dará ênfase ao período de poucos anos que circundam aquele de 1940 – é o período com predominância de fontes e indicativos da existência do coletivo. Um pouco mais geralmente se estará falando do intervalo entre os anos de 1935 a 1945. Muito raramente se retornará para antes, ou se avançará para depois desse âmbito 35-45, a não ser nos casos em que se faça necessária alguma digressão relativa a um ou outro personagem, não do grupo como um todo.

Do coletivo, de fato, pouco se descobriu que seja anterior a 1935 e posterior a 1945. Também não se descobriu com muita precisão o momento daquilo que se poderia chamar de dissolução do Grupo da Baruel, muito menos os motivos fundamentais para essa dispersão.

Na tentativa de uma melhor definição da imagem daquilo que seria o Grupo da Baruel, procura-se no método da prosopografia, a ótica das biografias coletivas, a determinação de “condicionantes sociais” que costurem os “nexos existentes entre posição social, origem e formação escolar”¹³. No entanto, como será possível constatar adiante, neste estudo, há indicações de que o Grupo da Baruel, em sua íntegra, soma várias dezenas de pessoas. Por esse motivo, foram selecionados nove elementos representativos, justificados, mas que ainda assim não perfazem um grupo homogêneo em termos de origem, formação e atividades como foram os integrantes de alguns grupos intelectuais semelhantes, caso do Grupo de Clima, por exemplo, contemporâneo de Baruel, em que seus integrantes mais ou menos integravam um mesmo extrato social.

Nos anos, portanto, centrais para esta pesquisa, ao redor de 1940, do Grupo da Baruel faziam parte Edgard Cavalheiro, Fernando Góes, Jamil Almansur Haddad, Mário da Silva Brito e Rossine Camargo Guarnieri, todos críticos, estudiosos, humoristas e poetas, segundo teria afirmado Antonio Candido¹⁴. Fora desse núcleo social aparentemente mais coeso, outras dezenas de pessoas frequentavam também as tertúlias literárias da Baruel, especialmente o farmacêutico-chefe da casa, Amadeu de Queiróz, que lá prontificava como prático e parecia

¹³ HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 11.

¹⁴ GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Senac, 1998.

atuar, intencionalmente ou não, como espécie de elemento aglutinador do Grupo, por motivos que serão esclarecidos mais adiante, nesta tese.

A unidade do Grupo da Baruel ensinou a criação do jornal *Roteiro*, que circulou ao menos de maio de 1939 até 1945, e foi descontinuado em data não confirmada.

O conhecimento da trajetória do Grupo da Baruel pode auxiliar na compreensão de uma época. Não é difícil constatar que o período compreendido pelas décadas de 1930 e 1940 está longe de ter sido esgotado em análises da sociedade e da cultura brasileira, especialmente na análise da intelectualidade urbana paulista¹⁵. Trata-se de um momento de grandes transformações e em diversos âmbitos: a sociedade ganha impulso no sentido da diminuição do predomínio da população rural sobre a urbana – algo que viria a se consagrar cerca de três décadas depois, com a população tornando-se majoritariamente urbana. A capital de São Paulo sofreu e demonstrou claramente os reflexos dessas rápidas transformações:

O crescimento demográfico em São Paulo manteve seu ritmo de desenvolvimento e os números da cidade durante a década de 1930 alcançaram patamares extraordinários para a época. Ao iniciar a década a população paulistana já havia ultrapassado 1 milhão de habitantes, inaugurando um novo período da história da cidade marcado pelo gigantismo dos números, que apontavam para a construção de uma sociedade de massa [...] Em 1940 a população de São Paulo alcançou quase 1,5 milhão e sua composição continuava heterogênea e bem mais diversificada que a do período anterior, marcada pela presença dos italianos.¹⁶

Ao mesmo tempo, com o aumento do número de escolas¹⁷, a promoção e popularização da educação possibilitam, ainda que timidamente, que o analfabetismo entre em curva descendente, fazendo com que as pessoas consumam, por necessidade ou por gosto, mais leitura do que as gerações anteriores, acarretando um crescimento no mercado de leitura e impulsionando a indústria editorial e os órgãos de imprensa¹⁸. Com mercado consumidor da cultura aquecendo, indústria e imprensa aumentando produção e lucro, novatos e profissionais

¹⁵ Em termos de intelectualidade carioca (e nacional) desse mesmo período, recomenda-se: VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói-RJ, 2000. Tese (Doutorado em História Social - Orientação: Ângela de Castro Gomes) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

¹⁶ MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: História, cultura e música popular em São Paulo nos anos 1930*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social - Orientação: Elias Thomé Saliba) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 152.

¹⁷ No início dos anos 1940, unidades da federação investem massivamente na construção de escolas públicas, até então muito raras, e os resultados começam a aparecer: em 1930 há cerca de 83 mil estudantes secundaristas no Brasil. Em 1940, 170 mil. Em 1945, 250 mil. Com a expansão do mercado de livros escolares em dezembro de 1938, o governo federal cria Comissão Nacional do Livro Didático, cujo objetivo era inspecionar o conteúdo dos livros. É também nesse momento que o Estado Novo promove duas reformas ortográficas no idioma, uma em 1935 e outra em 1940 (HALLEWELL: 2005, p. 364-6).

¹⁸ A respeito do aumento no consumo nacional na área da leitura, registre-se que em 1918 é publicado *Urupês*, de Monteiro Lobato, livro considerado o primeiro *best-seller* nacional, que levou mais de década para ser superado em volume de vendas.

das letras de todos dos segmentos investem na produção de novas obras, muitas das quais francamente influenciadas pelo momento estético então em voga, o Modernismo, na época em seu segundo momento, marcado pelo desenvolvimento de vertentes críticas e regionalistas.

O Modernismo brasileiro surge de uma exposição de artes plásticas e na aparência de uma algazarra irreverente entre jovens que dirigem uma semana de atividades no palco do Teatro Municipal de São Paulo. Com o tempo, e a concretização de obras artísticas em diversos níveis, transforma-se o Modernismo no empreendimento estético de mais longo alcance, em todos os aspectos, em termos de cultura brasileira, ao menos para o crítico Antonio Candido: “nenhum outro reflete com tamanha fidelidade, e ao mesmo tempo com tanta liberdade criadora, os movimentos da alma nacional”¹⁹. Dessa maneira, estudar o Grupo da Baruel é também estudar o Modernismo, principalmente seu ramo paulista, agora por uma nova visada, compreendendo expansões, afinal os integrantes da Baruel foram interlocutores, descendentes diretos e muitas vezes explicadores dos modernos paulistas de 22, ainda que alojando tendências, interesses e ideologias nem sempre coincidentes com os rapazes da “semana heroica”. Também em decorrência do Modernismo que, segundo Randal Johnson, nas décadas de 1930 e 40 institucionaliza-se e canoniza-se “durante e *dentro* do Estado Novo”²⁰, a atuação do Grupo da Baruel ocorre quando se registra uma nova configuração no chamado campo literário brasileiro, onde atuaram “novas gerações de escritores e a divisão do trabalho intelectual tornou-se muito mais diversificada e mais especializada”.

Grupos literários e seus periódicos, nos anos 1940, representavam a continuação de uma tradição que ganhou vida nova com a Semana de Arte Moderna, de 1922. João Dornas Filho, um dos primeiros escritores a refletir o impacto de 22 em seus poemas, comenta a tradição renovada de coletivos sociais e periódicos à época do Modernismo:

A proliferação de grupos e igrejinhas literárias que então se formavam por todo o país, mas obedecendo sem exceção aos novos princípios estéticos, longe de enfraquecer o movimento, lhe dava plasticidade e vibração,

¹⁹ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: III – Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968, p. 9.

²⁰ JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). *Revista da USP*, São Paulo, n. 26, p. 164 e 172, maio 1995. Entre os integrantes do Grupo da Baruel, mencionando apenas a sua atuação no veículo de comunicação símbolo desse coletivo, o jornal cultural *Roteiro*, há, entre outros, críticos literários (Nelson Werneck Sodré, Agripino Grieco, Mário Casasanta, Oscar Mendes), críticos de cinema (Araújo Nabuco, Mauro de Alencar), das artes plásticas (Lasar Segall, Sérgio Milliet), do teatro (Miroel Silveira), críticos musicais (Mário de Andrade), filósofos (Heraldo Barbuy, Moacir Arcoverde), especialistas em questões femininas (Alice Camargo Guarnieri, Margarida Izar, Violeta de Alcântara Carreira), especialista em política nacional e internacional (Paulo Zingg), biógrafos (Edgard Cavalheiro), tradutores (Fernando Góes), especialistas em contabilidade e questões jurídicas (De Plácido e Silva), historiadores (Mário da Silva Brito), cronistas (Maurício Loureiro Gama), jornalistas (Mário Donato), especialistas em cultura hispânica (Bráulio Sanchez-Sáez), especialistas em cultura norte-americana (Artur Coelho).

denunciados num sem número de jornais e revistas que anunciavam a era nova.²¹

Por esse diálogo, feito aqui à *posteriori*, com o movimento estético denominado de Modernismo, e pelas reverberações que marcaram seus escritos sobre os desdobramentos do primeiro momento modernista, o Grupo da Baruel sinaliza uma atuação tanto na posição de produtor quanto na de produto do Modernismo, sem entrar no mérito, por este momento, a respeito de “qual” ramificação modernista se tratava, afinal havia várias (pernambucana, gaúcha, mineira, paulista), e aparentemente eles trabalham como se fosse uma única oficial e verdadeira – gerando decorrências, porque de chofre percebe-se que mesmo dentro do Grupo de Baruel existem tendências preferindo “este ou aquele” Modernismo, casos de Mário da Silva Brito, por exemplo, que parece eleger o modelo paulista (veja-se sua principal obra a respeito)²² e, por outro lado, Amadeu de Queiróz integrante mais comumente identificado com uma vertente moderna mais regionalista e/ou mineira.

Voltando aos anos 30, naquele momento, a literatura brasileira como um todo floresce repentinamente e os estudos sobre o Brasil ganham, com isso e no particular, extraordinário desenvolvimento em poucos anos.²³

Na esfera econômica a nação sofre as consequências da grande depressão de 1929. Na área política há um aumento na polarização ideológica e, nos anos 1930, a implantação de um regime ditatorial que reflete o estado de acirramento ideológico advindo, em grande parte, do plano internacional que apresentava um cenário marcado pela grande ascensão fascista – “tempo de homens partidos”, registrou o poeta Carlos Drummond de Andrade –, e pela gestação e instalação de um novo conflito de proporções globais no final daquela década de 1930.

Retornando ao mercado editorial nacional, o aumento de oportunidades para o desempenho da atividade escrita ganha impulso com a maior generalização de relações capitalistas, incipientes durante quase todo o século 19. O aumento, ainda que tímido, do poder de compra de patrões e empregados, aliado à já citada pálida diminuição, mas em curso, da taxa de analfabetismo, impulsiona o setor de imprensa nacional, que vai se firmando e tentando deixar de lado o amadorismo. Com o passar dos anos, surgem grandes grupos industriais na imprensa nacional e aqueles já existentes, lembre-se que *O Estado de S. Paulo*

²¹ DORNAS FILHO, João. Para a história do Modernismo brasileiro. Belo Horizonte, *Minas Gerais*, 10 mar. 1973.

²² BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.

²³ CANDIDO, Antonio. A força do concreto. In: D'INCAO, Maria Ângela. *História e ideal: Estudos sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1989, p. 25.

existe desde 1875, consagram-se. Os periódicos batem seguidos recordes de produção e venda e o público começa a demandar, e a efetivamente ter acesso, a um maior volume de informação, dentro desta, a informação relativa às artes liberais, de conteúdo cultural.

Os cadernos e suplementos literários não eram novidade dentro dos periódicos, no entanto nas primeiras décadas do século 20 eles ganham investimento e público. Passam a contar com a organização e a colaboração tanto de novatos quanto de nomes consagrados num mercado mais profissionalizado, inclusive no aspecto fabril, que separa em cadernos distintos as informações. A esse respeito, comenta o intelectual marxista Nelson Werneck Sodré:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas.²⁴

O crescimento na demanda por leitura, incrementando a indústria livreira nacional, prossegue nos anos seguintes e por diversos motivos, até mesmo a segunda grande guerra auxilia nesse sentido: ocorre que, faltando alguns meses para o término do ano de 1939, a Inglaterra promove o bloqueio naval da Alemanha, o que praticamente interrompe o comércio com aquele país. A rápida desvalorização do mil-réis frente às moedas internacionais eleva o custo dos livros estrangeiros e a dificuldade mercantil internacional provocada pelos conflitos armados – é notório o entrave para a importação de papel nessa época (ainda não havia papel nacional de jornal disponível no mercado²⁵) –, faz com que o provimento de livros para o Brasil desloque-se, em grande parte, do velho para o novo mundo. O próprio consumo global de livros estrangeiros é também diminuído graças a esse contexto, impulsionando o livro brasileiro.²⁶

É curioso assinalar que esse é o momento de maior açoitamento ditatorial, é o período que ficou marcado como o mais violento dentro do Estado Novo de Getúlio Vargas, ou seja, os anos de 1939 a 1942, anos de influxo humanitário e cultural no Brasil²⁷, o que não era pouco: segundo o historiador Boris Fausto, ditadura de Getúlio Vargas provocou maior mortandade absoluta de população civil do que o levante civil militar de 1964-1985, e isso em um período de tempo sensivelmente menor, ou seja, paradoxalmente, ainda que com o consumo da leitura aumentando – também motivado pela ampliação das iniciativas culturais

²⁴ SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 297.

²⁵ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 353.

²⁶ HALLEWELL, op. cit., 2005, p. 490. Ainda segundo Hallewell, na primeira edição de sua enciclopédia sobre o livro no Brasil, entre 1930 e 1936 a indústria livreira paulista cresceu 600% (p. 246).

²⁷ HALLEWELL, op. cit., 2005, p. 460.

do Estado para com os seus cooptados (JOHNSON, 1995; MICELI, 2001), foi um momento agudo para o trabalho intelectual.²⁸

O aprofundamento do estudo da(s) trajetória(s) desse coletivo social, o Grupo da Baruel, acrescenta elementos para a compreensão da realidade brasileira do final da primeira metade do século XX, destacando meandros literários, jornalísticos, editoriais e de redes de sociabilidade, espaços que exploraram com desenvoltura e reconhecimento. É, em outras palavras, uma tentativa de descobrir, de fato, o que essas pessoas faziam, aquilo que Brito Broca chamou de “vida literária”²⁹, a seu tempo, e que hoje localiza-se mais ou menos sob as rubricas da História Intelectual ou História da Cultura. Broca exemplifica o poder dessa “vida literária” usando da sua própria posição como cronista jornalístico para refletir. Segundo ele, o cronista é um:

Fixador dos aspectos transitórios, que se poderá mais tarde fazer o levantamento de todas as particularidades de uma época. Nada será fútil ou desprezível na crônica, sempre que ela registre com precisão de detalhes, mesmo os mais insignificantes, os hábitos, os costumes do teor de vida da cidade.³⁰

O crítico Álvaro Lins aborda essa mesma questão da vida literária sugerindo que ela teria uma importância ainda maior do que a própria literatura, porque anterior a esta. Adicionalmente, vincula radicalmente vida literária com as publicações periódicas:

A vida literária – a que não entra na história e não tem outra duração além de seus próprios dias – revela-se sempre em movimento através de revistas, de pequenos jornais, de publicações diversas que aparecem e desaparecem numa espécie de ritmo natural. No entanto, pensando bem, verificamos que é sobre este movimento que se constrói a literatura. A vida da literatura de duração e permanência precisa desta outra vida efêmera de todos os dias. Através de revistas e de jornais desta espécie é que as gerações, por exemplo, afirmam os seus primeiros sinais e comunicam a sua presença nas letras.³¹

Seria essa vida, a literária, promotora da literatura, aquela a que se refere Mário de Andrade quando duvida de seu próprio talento e ressalta a importância de “viver”?

Que me importa que a minha obra não fique? É uma vaidade idiota pensar em ficar, principalmente quando não se sente dentro do corpo aquela fatalidade inelutável que move a mão dos gênios. O importante não é ficar, é viver. Eu vivo.³²

²⁸ FAUSTO, Boris. *A revolução de 30: Historiografia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 73.

²⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956, p. 30.

³⁰ BROCA, Brito. Notícia de um 'inverno' carioca. In: LEVIN, Orna M. (Org.). *Brito Broca: Teatro das letras*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 25.

³¹ LINS, Álvaro. *Literatura e vida literária: Notas de um diário de crítica - Volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 12.

³² ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond de Andrade. 1924. In: LOPEZ, Telê Ancona (Org.). *A imagem de Mário*. Rio de Janeiro: Alimbramento/Livroarte, 1984, p. 76.

Justifica-se, portanto, o interesse desta pesquisa por uma espécie de “vida literária”, pois ela vincula as relações de sociabilidade com literatura e imprensa, além da importante questão geracional, o que vai de encontro com os esforços pela compreensão do Grupo da Baruel.

Com esse estudo, investiga-se também em que medida as relações pessoais interferiam nas relações profissionais, por retratar um momento do mercado de trabalho intelectual que evidencia um tipo de recrutamento que tinha por base fundamental as relações sociais, atitude anacrônica, mais comum na República Velha e ainda em plena voga naqueles anos ao redor de 1940, que foi sendo substituída pela meritocracia cultural e acadêmica com o passar dos anos.³³

A investigação das micro-histórias, no Brasil dos anos 1930-40, igualmente é beneficiada com a história dos integrantes do Grupo da Baruel, cujas trajetórias e obras encontram-se em quase completo esquecimento. Esse olvido, intencional ou não, não surpreende, ainda que tenham sido intelectuais que legaram relevante produção, alguns deles foram reconhecidos com distinções e nas Academias Literárias, e muitos se tornaram nomes de escolas e logradouros públicos. São numerosas as constatações e publicações relativas à nossa atual “cultura do esquecimento”, senso comum nas instâncias sociais, “num mundo que pinta suas rugas rapidamente, na mídia que nos educa e nos mima numa cultura do 'instante’”³⁴, a tudo revestindo com o verniz de uma suposta modernidade.³⁵

Devido a essa cultura do esquecimento, se o Grupo da Baruel não era constituído por pessoas estranhas ao meio cultural em sua época – fato insofismável, por outro lado há margem para se questionar de sua legitimidade atual, figuras semi ou totalmente anônimas. Ainda assim, e talvez mais ainda por isso, vale o seu estudo. A esse respeito, as afirmações de um intelectual insuspeito como o é Antonio Candido, referindo-se a outro grupo em entrecabo cabível aqui, podem ser utilizadas de empréstimo para sugerir a possível relevância do estudo do Grupo da Baruel:

Me interesse não apenas pela atuação dos grupos e classes dominantes, mas também pelos agentes anônimos e pelas personagens humildes, que são dissolvidos nas generalizações e desaparecem tragados pelas estatísticas. Raramente eles chamam individualmente a atenção dos estudiosos, e nunca a dos biógrafos. Mas acho que o estudo dos indivíduos “que não têm história”

³³ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001, p. 79.

³⁴ SALIBA, Elias Thomé. Mentalidades ou história sociocultural: A busca de um eixo teórico para o conhecimento histórico. *Margem (PUC-SP)*, São Paulo, n. 1, p. 28, mar. 1992.

³⁵ Para melhor compreender a questão do esquecimento, recomenda-se: LEBRUN, Jean. *Aménagement du territoire de l'historien*. Paris-França: Centre de Recherche et d'Action Sociale, 1978, p. 528; PLUMB, John H. *The death of past*. 2. ed. Londres-Inglaterra: Palgrave Schol, 2004.

pode aprofundar o conhecimento.³⁶

O filósofo Walter Benjamin, novamente, em suas *Teses sobre o conceito de História*, reforça a importância de se olhar para a História também pelo lado dos vencidos, em oposição a uma leitura progressista da História tradicional, “escovar a história a contrapelo” é o seu registro na sétima tese.³⁷

A busca desta tese é por uma possível definição do Grupo da Baruel, seus aspectos de convivência, respeito e amizade, as afinidades intelectuais, as estratégias de construção de uma autoimagem em depoimentos e entrevistas, sua postura política e ideológica, as aproximações e afastamentos com outros Grupos, sua produção intelectual; procura, adicionalmente, elencar novos índices que auxiliem na compreensão das possibilidades de atuação da intelectualidade paulistana no contexto de restrição às liberdades individuais provocado pelo Estado Novo getulista. Para isso, esboça uma nova metodologia, fundamentada na utilização de recursos computacionais, para tentar apreender as relações entre os integrantes do Grupo, buscando reunir os dados levantados pela pesquisa de campo inicial, o que pode auxiliar na solução dos principais problemas perseguidos por esta tese, quais sejam:³⁸

- 1) Como o Grupo da Baruel se constituiu como grupo? Foram hegemônicos?
 - 2) De que maneira o Grupo da Baruel participou na estruturação de um campo intelectual em São Paulo?
 - 3) em que medida o Grupo da Baruel impulsionou intelectual e profissionalmente os seus integrantes?
- O roteiro de pesquisa empreendido foi o seguinte:
- 1) Leitura e fichamento de uma bibliografia universal sobre História da Cultura, História Intelectual e Mercado Editorial;
 - 2) Leitura e fichamento da bibliografia básica sobre o Modernismo no Brasil;
 - 3) Estudo do material do jornal *Roteiro*;
 - 4) Leitura e fichamento de obras referentes aos colaboradores mais significativos do Grupo da Baruel e de obras indicando tendências ideológicas demonstradas pelo Grupo;
 - 5) Entrevista com remanescentes ou testemunhas do Grupo da Baruel e do meio intelectual da época.

³⁶ CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Adriano Schwartz e Mauricio Santana Dias. 12 fev. 2002. In: SCHWARTZ, Adriano (Org.). *Memórias do presente: 100 entrevistas do “Mais!”: 1992-2002*. Vol. 2. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 521.

³⁷ BENJAMIN, op. cit., 1991, p. 163.

³⁸ Reflexões motivadas por profícua conversa com o Prof. Dr. Antonio Dimas. DIMAS, Antonio. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 26 dez. 2012.

1.3. Metodologia analítica

Constituinte fundamental da presente tese, o jornal *Roteiro*, analisado no capítulo 6, representa a produção símbolo do Grupo da Baruel, e na tentativa de uma ampla compreensão desse periódico, utilizou-se dos mais variados recursos, do livro ao jornal, da entrevista e da história oral ao discurso, da correspondência à dedicatória, da homenagem e do prêmio à investigação sobre os sebos e livreiros de antigamente. Esse esforço pela tentativa de sistematização de uma miríade de tipos documentais pode ser revelador das tensões sociais existentes por trás daquele órgão da imprensa, favorecendo a obtenção de índices de compreensão do grupo seu dirigente. Busca-se, portanto, seguir a sugestão da especialista no estudo da imprensa Tania Regina de Luca. Segundo ela, o que um jornal apresenta como sumário do seu conteúdo seria o resultado de uma batalha de forças entre integrantes e dirigentes do veículo e seus poderes políticos e de influência, e para o correto entendimento do que se passaria internamente, nas redações dos jornais, seria necessário “recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”³⁹: este o procedimento aqui recorrido.

1.4. Metodologia estatística

Para a análise estatística do Grupo da Baruel optou-se por implementar um sistema informatizado, ou seja: utilizou-se um programa de banco de dados constituído por oito tabelas⁴⁰. Tabela é um conjunto de dados ordenados em linhas e colunas, como se fosse uma planilha (*sheet*) das tradicionais planilhas eletrônicas em uso desde a popularização da computação pessoal. Essas linhas e colunas são preenchidas por dados oriundos de instrumentos de busca que auxiliam na descrição do conteúdo e do valor das informações obtidas pela pesquisa, conforme preconiza Theodore Schellenberg ao abordar os princípios do arranjo de informações em arquivos privados, ainda nos fundamentos da ciência arquivística (SCHELLENBERG: 2006, p. 313). Esses instrumentos de busca objetivam, basicamente: 1) tornar as informações mais conhecidas; 2) facilitar a pesquisa.

³⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 141.

⁴⁰ Optou-se pelo padrão SQLite, sistema de bancos de dados mais utilizado atualmente, em termos globais, e totalmente gratuito (domínio público). Para informações: <http://www.sqlite.org>, acesso em jan. 2017.

A montagem do banco de dados foi iniciada pela tabela intitulada Pessoas, onde foram armazenadas todas as informações relevantes para pesquisas relativas aos 95 integrantes do Grupo da Baruel. Na primeira coluna da tabela foram inseridos os nomes desses integrantes, separados linha a linha da tabela, essa coluna foi intitulada “nome”, conforme ilustra a imagem ao lado.

Table: pessoas

	nome		
1	ALENCAR, Mauro de	NULL	NULL
2	ALPHONSUS, João	NULL	NULL
3	AMADO, James	NULL	NULL
4	ANDRADE, Mário de	NULL	NULL
5	ANTUNES, David	NULL	NULL

A segunda coluna dessa tabela foi intitulada “data de nascimento”, a terceira “estado de nascimento”, a quarta, “cidade de nascimento”, depois “falecimento”, “cidade de falecimento”, “idioma”, “universidade”, “fratria”, “profissão”, e assim por diante, nomeando as colunas adicionais com os títulos das informações julgadas importantes para a pesquisa, informações que foram posteriormente sendo inseridas na tabela, exatamente no cruzamento das linhas com as colunas pertinentes, o chamado “campo” da tabela. Se, por exemplo, a pesquisa descobre a data de falecimento de uma das pessoas indexadas cujo nome é “Fulano”, utiliza-se essa tabela do banco de dados para armazenar essa informação exatamente no campo correspondente à coluna “data de falecimento”, na linha intitulada “Fulano”.

Derivadas dessa tabela inicial foram sendo criadas tabelas posteriores, objetivando um maior detalhamento nas informações de cada uma delas, juntamente com a construção de uma estrutura mais modular em todo o banco de dados: é como se cada tabela fosse especializada em um determinado assunto (na tabela Pessoas entram os dados pessoais, na tabela Periódicos, os dados dos veículos da imprensa; na tabela Editoras, os dados dessas casas comerciais; e assim por diante), contendo, cada uma delas, “chaves” para sua inter-relação, informações que permeiam todas elas e que permitem, em um segundo momento, a produção de informações a partir do cruzamento de dados armazenados nessas tabelas, algo que será exemplificado em seguida.

Portanto, a coluna intitulada “periódicos colaborados”, por exemplo, criada na tabela Pessoas para armazenar o nome dos jornais e revistas que uma pessoa colaborou, a partir de determinado momento essa coluna ganhou autonomia e tornou-se uma tabela própria, chamada Periódicos, ela própria com outras colunas, uma delas sendo intitulada “colaboradores”.

Um maior nível de detalhes no armazenamento de informações promovido por essa criação derivativa de tabelas, pode ser compreendido da seguinte maneira: o que antes seria apenas um campo para listar em quais jornais uma pessoa escreveu, por exemplo, torna-se uma tabela com informações detalhadas de cada publicação: fundador, diretores, gerentes, ilustradores, endereço, tendência política, período de veiculação, periodicidade, entre outros campos e, claro, colaboradores, onde se pode verificar quem aí publicou artigos. Juntamente com o incremento dos detalhes, a existência desse conjunto de informações como tabela própria favorece a obtenção de dados requeridos pela pesquisa em diferentes campos e tabelas ao mesmo tempo, verdadeira construção de informações posto que derivada de uma consulta estruturada logicamente pelo pesquisador, algo que comumente se nomeia por “cruzamento de dados”, que nada mais é do que usar os recursos informatizados para responder a perguntas, possuidoras que condições lógicas, formuladas por humanos. Serão apresentados exemplos desse procedimento, logo a seguir.

Na confecção do banco de dados de apoio a esta tese, as demais tabelas também foram formadas pelo mesmo processo de derivação, com outros campos que se tornaram tabelas autônomas, casos de Grupos, Associações, Editoras e os demais. Mal comparando, assemelha-se ao processo de construção de Catálogos em fundos documentais, parte-se do mais geral para o mais específico e a formatação do *corpus* pode ser feita por quadros: “Usam-se quadros quando, havendo dados comuns a toda a série descrita, não há necessidade de serem repetidos, bastando que encimem colunas”, ensina BELLOTTO (2006, p. 204) - esta a opção utilizada na base de dados desta tese, com dados compartilhados dispostos em forma de uma única coluna, sem repetição.

A utilização do banco de dados faz sentido, e mostra o seu valor, tanto mais quanto mais completa e detalhada for a sua estrutura; quanto melhor ele tenha sido projetado em termos de lógica humana (pensando nas reais necessidades da pesquisa) e, finalmente, quanto mais os campos disponíveis forem preenchidos com informações obtidas em esforço prévio por parte do pesquisador.

Avançados os trabalhos de projeto, estruturação e fornecimento de dados para as bases eletrônicas, nesse momento podem feitas pesquisas complexas cruzando tabelas e campos para encontrar respostas em princípio não tão óbvias, e muitas vezes de utilidade, que descortinam toda uma gama de novas aquisições informativas com – esta umas das grandes vantagens do banco de dados – uma velocidade impressionante. Por exemplo, suponha uma formulação no seguinte teor: qual é o integrante da Baruel, que também integrou outro grupo

intelectual “X”, que foi diretor de uma determinada editora “Y” e que frequentou um determinado local de lazer “Z”, e que escreveu em jornais – e quais os nomes desses jornais? A resposta a esse tipo de pergunta será apresentada, com detalhes, logo adiante. É possível, sem dúvida, encontrar artesanalmente, ou como se diz popularmente, “na unha”, uma resposta a esse tipo de pergunta, mas a vantagem computacional nesse tipo de operação esclarece a questão ao nível do décimo de segundo. Voltar-se-á a esse exemplo nas próximas páginas.

São as seguintes as tabelas construídas para uso desta tese, por ordem alfabética:

1) “Associações”, contendo entidades constituídas burocraticamente em sua maioria, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, que apresentem certo nível de formalização em termos de sua constituição ou propósito. Integram esse segmento: academias, agências, associações, clubes, fundações, institutos e sociedades. Esta tabela foi constituída pelas colunas Nome (da associação), Pessoas (integrantes), Cidade, Estado, Início, Fim e Etc. Início e Fim seriam as datas limite de existência (fundação e encerramento) e Etc é uma coluna para anotações diversas. Total de registros inseridos (linhas): 86.

Visão geral das primeiras linhas da tabela

nome	pessoas	cidade	estado	inicio	fim	etc
Academia Brasileira de Música	BANDEIRA, Antônio Rangel	Rio de Jan...	SP	1945	NULL	Fundada por Villa Lobos. Bandeira é eleito ...
Academia Paulista de Jornalismo	ZINGG, Paulo	São Paulo	SP	NULL	NULL	Fonte: OESP, necrológio ZINGG.
Academia Paulista de Letras	ARROYO, Leonardo (1970, cadeira 21).	São Paulo	SP	1909	NULL	NULL
Academia de Ciências e Letras	ALLEGRETTI FILHO, Pedro; AZEVEDO, Manuel Martin...	São Paulo	SP	1931	1934	Durou cerca de três anos. Fonte: Manicuer...
Agência Brasileira de Notícias - AB...	CÂMARA, Jaime Adour da; BOPP, Raul; FACÓ, Améri...	NULL	NULL	1924	NULL	Agência Brasileira de Notícias ABN NEWS - ...

2) “Editoras”: composta pelas colunas Nome (da editora), Cidade, Estado, Endereço, Direção, Início, Fim, Tradutor, Ilustrador, Pessoas e Etc. A coluna Pessoas foi preenchida por gente ligada à administração da editora, diretores, gerentes e secretários, por exemplo. Total de registros inseridos (linhas): 315.

Visão geral das primeiras linhas da tabela

nome	cidade	estado	diret	bairro	inicio	fim	direcao	pessoas	tradutor	ilustrador	etc
Saraiva	São Paulo	SP	Varejo...	NULL	NULL	NULL	BRITO, Mário...	NULL	HADDAD, Jam...	NULL	Joaquim Inácio da Fonseca Sa...
Genauro Carvalho	São Paulo	SP	Rua do...	Ce...	NULL	NULL	Genauro Carv...	NULL	NULL	NULL	DE PLÁCIDO E SILVA [Máximo...
Companhia Editora Na...	São Paulo	SP	Rua do...	NULL	NULL	NULL	FERREIRA, O...	LIMA, Hildebr...	HADDAD, Jam...	NULL	ARROYO, Leonardo. "Igrejas d...
Civilização Brasileira	Rio de Janeiro	RJ	Rua do...	NULL	NULL	NULL	BRITO, Mário...	NULL	NULL	RÓNAI, Nora	BATINI, Tito. "E agora, que fa...
Livraria José Olympio ...	Rio de Janeiro	RJ	Rua do...	NULL	NULL	NULL	OLYMPIO, Jos...	BROCA, Brito ...	ACCIOLY NET...	GOELDI, Osva...	ANACREONTE. "Odes". Traduç...

3) “Grupos”: para a listagem de grupos de sociabilidade mais informais do que os componentes da tabela Associações apesar de, em alguns casos, comportarem facetas institucionais, como a administração de um periódico, por exemplo, caso do próprio Grupo da

Baruel. Intenção da tabela é retratar coletivo social sob o ponto de vista da reunião informal e não do ângulo da sociedade civil juridicamente estabelecida. Tabela composta pelas seguintes colunas: Nome (do grupo), Pessoas (integrantes), Cidade, Estado, Início, Fim e Etc. Total de registros inseridos (linhas): 50.

Visão geral das primeiras linhas da tabela

nome	pessoas	cidade	estado	início	fim	etc
(sem nome)	AMARAL, Amadeu; CAMBARÁ, Vadózinho (pseudônimo); CARVALHO, ...	São Paulo	SP	NULL	NULL	Fonte: "Folha da Manhã", São Pa...
(sem nome)	AGUIAR, Indalécio; ANDRADE, Oswald de; GONÇALVES, Ricardo.	São Paulo	SP	1905	NULL	Fonte: http://www.unicamp.br/~...
Academia dos Dez Unidos	AGUIAR, José da Costa; BRAGA, Mendonça; CALDAS, Zaneli; CARDOS...	Maceió	AL	1923	1925	Fundada, em Maceió, em 23 de s...
Aliados Monóculos e Lunet...	FERREIRA, Ruy; MENDES, Cleo de Castro (líder); LOBO, Pelágio.	Campinas	SP	1915	NULL	Grupo "Monóculos e Lunetas", na ...
Anta	PICCHIA, Menotti Del; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio.	São Paulo	SP	NULL	NULL	Verde-amarelo vira Anta; Pau-Bra...

4) “Periódicos”: tabela contendo as colunas Nome, Cidade, Estado, Endereço, Início, Fim, Fundador, Direção (diretor ou diretores do periódico), Redação (pessoas que integraram a redação), Colaboração, Ilustração, Tendência política, Números editados, Periodicidade, Etc. Por ser esta uma pesquisa relativa ao Grupo da Baruel, optou-se por inserir nesta tabela apenas periódicos que tiveram participação de algum integrante da Baruel; todos os periódicos desta tabela apresentam ao menos um dos integrantes da Baruel entre seus fundadores, diretores, redatores, colaboradores ou ilustradores: medida adotada em função do próprio recorte original desta tese de doutoramento. Total de registros inseridos (linhas): 304.

Visão geral das primeiras linhas da tabela

nome	cidade	estado	direção	início	fim	fundador	direção	redação	colaboracão	ilustração	idência_polit	eros_edit	periodicidade	etc
Cadernos da Hora ...	São Paulo	SP	Rua...	193...	194...	ARRU...	SILVEIR...	NULL	ADONIA...	NULL	Integralist...	9	Mensal	Fontes: "Roteir...
Verde	Cataguases	MG	NULL	192...	1929	ALPHO...	CÉSAR, ...	FUSCO, ...	ANDRAD...	NULL	NULL	7	NULL	NULL
Feira Literária	São Paulo	SP	{19...	192...	1931	NULL	VIEIRA, ...	CAMPOS...	AMADO, ...	NULL	NULL	50	Mensal	Fonte sobre CO...
A Revista	Belo Horiz...	MG	NULL	1925	1926	ANDR...	NULL	NULL	ALPHON...	NULL	NULL	3 (jul. e a...	NULL	Fonte: TUG.
Revista Nova	São Paulo	SP	NULL	193...	193...	ANDR...	ANDRAD...	NULL	ALMEIDA...	NULL	NULL	10	Trimestral,...	Fonte: RIEGO, ...

5) “Pessoas”: tabela inicial e principal da base de dados, é nela que se concentram as informações pormenorizadas de cada uma das 95 pessoas apontadas (portanto 95 registros ou linhas) como sendo as integrantes do Grupo da Baruel. A tabela é composta por 44 colunas de informações assim nomeadas: Nome, Data de nascimento, Estado de nascimento, Cidade de nascimento, Data de falecimento, Cidade de falecimento, Idioma (adicional da pessoa), Universidade, Fratria, Profissão do pai, Estigma, Academia Literária, Academia ano de ingresso, Funcionário público (onde trabalhou, cargo, função), Carreira (desempenhada ao longo da vida), Estreia em livro, Estreia em jornal, Coluna jornalística, Correspondência ativa, Correspondência passiva, Evento (do qual participou), Partido (apenas se filiado), Militância política, Obra publicada, Obra organizada ou em seleção, Prefácio ou apresentação, Obra

coleção (não necessariamente pela Editora) e em Etc foram listados obras e autores integrantes das coleções. Segunda tabela: “Lazer”: bares, restaurantes, hotéis, confeitarias, leiterias, casas de chá e afins que pudessem servir de ambiente para grupamentos informais ou mesmo de frequência cotidiana de pessoas da Baruel. Composta pelos campos Nome, Cidade, Estado, Endereço, Início, Fim, Pessoas e Etc. Pessoas é a coluna onde foi inserido o nome do frequentador, ou dos frequentadores desses locais e Etc, novamente, para informações adicionais, e em princípio acessórias, coligidas no decorrer da pesquisa: este é o caso da linha relativa à Choperia Heidelberg (depois da segunda guerra renomeada Harmonia), na Rua Xavier de Toledo, por exemplo, local de reunião de gente que depois integraria o Grupo da Baruel em São Paulo. Em informação obtida de pesquisa paralela, registrou-se que a Harmonia era o local em que o cantor e pianista Dick Farney tocava no final dos anos 40 – esse tipo de informação, não diretamente relacionado com a Baruel e seus integrantes, foi armazenado na coluna Etc.

Terceira tabela construída e não utilizada: “Livrarias”: tabela constituída para a criação de um catálogo das livrarias “de rua”, sebos, colecionadores e guardadores de livros de antigamente. Contém os campos Nome (da livraria), Endereço, Cidade, Estado, Início, Fim, Pessoas (integrantes, gerentes, frequentadores, clientes).

Como o objetivo do banco de dados era armazenar e fornecer informações sobre o Grupo da Baruel, não se procedeu a uma catalogação exaustiva de todas as editoras existentes no mercado, ou todos os jornais do período etc. Priorizaram-se informações relacionadas ao Grupo da Baruel no preenchimento de tabelas, portanto de onde não se conseguiu confirmar alguma participação ou relação com o Grupo da Baruel, não foram inseridas informações no banco de dados. Por exemplo, na tabela “Associações” somente foram criadas linhas de informação quando a Associação tivesse ao menos uma pessoa do Grupo da Baruel como um de seus integrantes; na tabela “Editoras” foram incluídas no banco de dados apenas empresas que tiveram algum integrante do Grupo da Baruel como um dos seus gerentes, diretores, redatores, tradutores, ilustradores ou autores publicados. Nas tabelas adicionais procedeu-se da mesma maneira: somente se incluiu um registro no banco de dados quando foi detectada a relação direta, participação mesmo, de alguém da Baruel.

A vantagem do uso dos bancos de dados frente às planilhas eletrônicas é que eles permitem operações lógicas mais facilitadas, flexíveis e poderosas do que as operações propiciadas pelas planilhas. Para isso, o software gerenciador do banco de dados disponibiliza

um campo em que podem ser inseridos comandos em *Structured Query Language* (SQL), a linguagem padrão para administração de bancos de dados.

Para ilustrar a capacidade de uma consulta via SQL a um banco de dados, veja-se o exemplo hipotético: imagine-se que se queira, por exemplo, utilizando os dados das tabelas apresentadas acima, localizar qual integrante do Grupo da Baruel (tabela “Pessoas”) escreveu em quais periódicos (tabela “Periódicos”), sendo que essa pessoa deve também ter integrado o grupo Sabadoyle (tabela “Grupos”) e que obrigatoriamente tenha frequentado o Clubinho (tabela “Lazer”), além de ter sido um dos diretores da Livraria do Globo (tabela “Editoras”). O código SQL responsável por extrair essa resposta do banco de dados é o seguinte⁴¹:

```
SELECT DISTINCT pessoas.nome, periodicos.nome, grupos.nome,
lazer.nome, editoras.direcao
FROM
pessoas
INNER JOIN periodicos
INNER JOIN grupos
INNER JOIN lazer
INNER JOIN editoras
ON
periodicos.colaboracao LIKE '%' || pessoas.nome || '%'
AND
grupos.pessoas LIKE '%' || pessoas.nome || '%'
WHERE
grupos.nome = 'Sabadoyle'
AND
lazer.nome = "Clubinho"
AND
editoras.nome = "Livraria do Globo"
AND
editoras.direcao LIKE '%' || pessoas.nome || '%'
```

Esta requisição ao banco de dados levou 0,54 segundos para ser processada e a resposta encontrada foi: “Mário da Silva Brito”. Ele atende a todas as pré-condições propostas

⁴¹ Evita-se a utilização dos diacríticos e caracteres especiais da língua portuguesa (como a cedilha) na nomeação de campos e tabelas em bancos de dados informatizados.

para a busca: foi diretor da Livraria do Globo, integrou o Sabadoyle e o Grupo da Baruel e frequentou o Clubinho⁴², e os periódicos em que publicou artigos, também resposta da consulta via SQL, foram: *Guia Azul*, *A Manhã*, *Cadernos da Hora Presente*, *Folha da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, *Planalto: Quinzenário de Cultura*, *Clima*, *O Estado de S. Paulo*, *Letras da Província*, *Correio de S. Paulo*, *Anhanguera*, *Revista S. Paulo*.

Se não se tivesse optado pela utilização do banco de dados para suporte a esta tese, e a opção fosse o uso da planilha eletrônica, ou mesmo de anotações manuscritas em caderno, por exemplo, esse tipo de pesquisa seria também possível, provavelmente de forma menos viável, requerendo maior investimento de tempo e recursos.

Adiante, neste trabalho, serão utilizadas informações advindas do banco de dados elaborado e, na ocasião, será feito o oportuno destaque, inclusive com a transcrição do SQL utilizado, visto que pode servir de insumo a pesquisas subsequentes.

2. A Drogaria e o Grupo da Baruel

Uma das maiores e mais famosas drogarias da capital paulista das décadas de 1930 e 40, a Drogaria Baruel estava localizada à Rua Direita, número 1, esquina entre as ruas Marechal Deodoro e Direita. A primeira dessas ruas atualmente é denominada apenas “Praça da Sé”. A Casa Baruel funcionava no térreo do Edifício Baruel e era, nas palavras da escritora Zélia Gattai, a “mais conceituada drogaria de São Paulo”.⁴³

Derivada da Companhia de Drogas, de Cândido Franco de Lacerda e outros⁴⁴, a Casa Baruel foi constituída pela sociedade entre Nicolau Baruel, Alberico Galvão Bueno e Arthur Alves Martins. Além da venda de produtos, fabricava também medicamentos como xarope contra tosse e leite de magnésia. A Baruel teve uma filial na região da baixada santista, litoral de São Paulo, à época, e continua estabelecida até os dias atuais, como indústria apenas, não mais comerciando diretamente no varejo.⁴⁵

Segundo o historiador Júlio César Ragazzi, o edifício Baruel, prédio inaugurado em 1897, fora “obra realizada pelos empreiteiros italianos Cláudio Brenni e Dominiziano Rossi –

⁴² O Grupo da Baruel não está mencionado no código SQL exibido porque a base de dados utilizada refere-se exclusivamente a membros do Grupo da Baruel, vinculam-se obrigatoriamente, portanto – se fosse uma base de dados contendo integrantes e não integrantes, outras providências se fariam necessárias.

⁴³ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 2. ed. Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-América, 1984, p. 36.

⁴⁴ *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 30 mar. 1944.

⁴⁵ Empresa hoje de nome Chimica Baruel Ltda. Contatada, a gerência de atendimento afirmou não haver acervo documental que pudesse auxiliar esta pesquisa.

profissionais que trabalhavam também para o arquiteto Ramos de Azevedo, e participaram da construção do Teatro Municipal”⁴⁶. Projetando o Edifício Baruel, juntamente com os outros dois prédios contíguos na mesma rua Direita, os empreiteiros italianos

Construíram um conjunto de extrema coerência arquitetônica [...] contribuindo assim para criar uma nova paisagem urbana na cidade de São Paulo, constituída de edificações de três pavimentos, extremamente ornamentadas, como então era moda [...] Ao mesmo tempo, destacava-o das demais construções da cidade, vistas àquela altura como um casario velho, grosseiro e de aparência extremamente monótona [...] É certamente um dos prédios mais notáveis do período, valorizado por densa ornamentação e por uma pequena cúpula na esquina. Construído num ponto estratégico [...] suas plantas, curiosamente, não trazem consignada a principal atividade a ser exercida no edifício: farmácia.⁴⁷

Segundo publicação espanhola, na leitura da historiadora Marisa Midore Deaecto, o Edifício Baruel era um “soberbo edifício, bem no centro da cidade, no melhor ponto do 'triângulo' da Pauliceia, defrontando o tradicional largo onde vão ser construídos os edifícios novos do governo, dá bem uma ideia da importância do estabelecimento”.⁴⁸

O escritor e acadêmico da Academia Paulista de Letras René Thiollier também registrou, em escritos de teor memorialístico, o “aspecto nobremente apalaçado” do Edifício Baruel.⁴⁹

Dentre as atividades exercidas nos vários ambientes do interior do Edifício Baruel, a mais importante, para o momento, diz respeito à Drogaria Baruel. Sobre ela, o que é possível concluir é que iniciou suas atividades na primeira década do século 20 e, por volta de 1946 a farmácia não mais existe, ao menos no térreo daquele edifício. Segundo anúncio publicitário, haveria no local da “antiga Drogaria Baruel” uma grande feira de roupas, promovida por magazine recém-inaugurado.⁵⁰

⁴⁶ RAGAZZI, Júlio César. A criação do Palestra Itália. *Fanfulla*, São Paulo, 26 ago. 2014.

⁴⁷ *O CENTRO de São Paulo há 100 anos*. Publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo, s.d. Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/centro100anos_1241712309.pdf, acesso em 29 jan. 2015. A pesquisadora Paula Kanikadan aponta 1892 como sendo o ano de fundação da Casa Baruel. Fonte: KANIKADAN, Paula Y. S. *Médicos e farmacêuticos na terapia popular: uma trajetória de suas profissões no estado de São Paulo e na Inglaterra (1815-1930)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 2010, p. 110.

⁴⁸ DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001, p. 199.

⁴⁹ THIOLLIER, René. *Senhor Dom Torres: Páginas agrodoces*. São Paulo: Casa Mayenca, 1921, p. 27. Por essa época, ao lado da Drogaria Baruel havia uma luxuosa confeitaria, que atraía famílias favorecidas, a Pinoni, o que pode reforçar o aspecto do local como ponto de encontro, naquele início de Rua Direita. Fonte: BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. 3. São Paulo: Hucitec, 1954, p. 1157.

⁵⁰ GRANDE FEIRA de roupas! *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 dez. 1946.

Atingido por um incêndio de grandes proporções em julho de 1966, o Edifício Baruel é totalmente demolido pouco tempo depois. Na reportagem jornalística aparecem elementos que melhor ajudam a compor uma imagem do edifício:

O incêndio do Edifício Baruel começou às 16:15 horas do dia 28 e só foi debelado cerca de 4 horas depois, quando as lojas, escritórios e dois depósitos de mercadorias que ali funcionavam já haviam sido devastados pelo fogo. O edifício foi construído em 1897 e era um dos mais tradicionais do centro da cidade. Estava segurado em 100 milhões de cruzeiros, mas os prejuízos se elevam a alguns bilhões.⁵¹

Mas isso foi em 1966. Retorne-se ao final da década de 1920 para investigar melhor a roda literária da Baruel. Tecendo comentários a respeito de grupamentos de intelectuais, o jornalista Edmundo Rossi, um dos integrantes do Grupo da Baruel, afirmou na imprensa algo que pode elucidar aspectos de inserção social desses coletivos, auxiliando na compreensão do daquele da Baruel:

Para quem aspira a glória literária, o maior dos obstáculos, naturalmente depois de eliminado aquele que diz respeito a escrever bem, são os grupos formados e que não admitem a entrada de neófitos. Desejam os primeiros viver no comodismo que criaram para si, e acham que todo rapaz que se inicia nas letras deve esforçar-se e lutar com as mesmas dificuldades com que se defrontaram. A regra geral, porém, não é essa, pois vemos novos escritores ao lado de cinquentões, gozando de um prestígio não menor do que o dos antiquados companheiros, que são os formadores dos grupos literários. Ao que parece, o apoio de um grupo formado é indispensável. Mas esse apoio só pode ser obtido à custa de ousadia... de talento. E isto é mais verdadeiro quando sabemos que aquele que se preza de escrever bem não teme qualquer opinião a respeito de seus artigos ou livros.⁵²

Segundo a pesquisadora Lúcia Helena Gama, fazer da farmácia ponto de encontro era uma velha tradição interiorana. Provincianos e migrantes, “em um ou dois bancos, jornalistas, intelectuais e professores discutem livros novos e passam a limpo a prosa da semana”⁵³. Parece ser exatamente esse o caso da Baruel.

O “Grupo da Baruel”, ou “Roda da Baruel”, ou “Roda do Baruel”, ou os “Rapazes da Baruel” (variações que apareceram em memórias e na imprensa), foi um coletivo de pessoas que se encontrava na Drogaria Baruel para conversar. Um dos aspectos que os distinguia era a proximidade com as Letras e, nesse sentido, possivelmente atraídos pelo farmacêutico chefe da Baruel, Amadeu de Queiróz, homem de outra geração, já membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desde os anos 20 possuidor de livros e artigos publicados na imprensa, editor de periódicos literários e um dos fundadores da hoje desconhecida Academia

⁵¹ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1966, p. 100-103. Texto de AMORIM, Oswaldo.

⁵² ROSSI, Edmundo. Machado de Assis e o senso de ousadia. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 21 jun. 1939, p. 5.

⁵³ GAMA, op. cit., 1998, p. 40.

de Ciências e Letras, em São Paulo, ao lado de pessoas como Herbert Moses, José Carlos de Macedo Soares, Luciano Gualberto, Manoel Carlos e Pandiá Calógeras.⁵⁴

Sobre o Grupo da Baruel, registrou Amadeu de Queiróz em escritos memorialísticos que permanecem inéditos:

Falou-se muito, e também alguma coisa se escreveu a respeito da roda literária que frequentava a Casa Baruel, na esquina da rua Direita com o Largo da Sé, entre os anos de 1935 e 1940. Penso que essa roda começou a existir em 1927, quando publiquei meu primeiro livro⁵⁵ e eu assinava cautamente como A. de Queiróz temendo ser conhecido e denunciado como literato – espécie mal vista e indesejável entre os filisteus da dinheirama. Nesse tempo a roda era pequenina: uns dois ou três escritores e alguns amigos inocentes, que não desconfiavam de nada, como o (Cândido) Fontoura que, um dia, apareceu com o meu romance debaixo do braço e me disse, no correr da prosa: “você relata muito bem os seus casos, tem verve para fazer contos, por que não experimenta escrever?”. Se o Fontoura que sempre lia alguma coisa, desencaminhado pelo Lobato, não desconfiava de nada, quanto mais os filisteus! Eu vivia, pois, impune e a rodinha começou a crescer quando se publicou a *Feira Literária*, e cresceu ao máximo com o sucesso de *A voz da terra*⁵⁶. Aí, fiquei desabusado e comecei a assinar o meu nome por inteiro, nos trabalhos literários.

A roda tornou-se uma realidade cotidiana e imperiosa para os seus frequentadores, não sei se por minha causa, se pelo ponto muito favorável, se porque um gambá cheira outro, como se diz em Minas. Pelo que vi e observei, estou certo de que o motivo foi este: um gambá cheira outro. Em todo o caso eu fui o centro de atração para aquela cripta sombria que era a Casa Baruel. O singular é que a roda se constituía de moços na maior parte, tanto da capital quanto de fora – gente ardorosa, carregada de planos, de ideias, de projetos, de sonhos e de palavras. De tudo se tratou ali: artes, letras, ciências, política, religião, crítica, maledicência, amor, esporte, folclore, livros mais livros, literatura e mais literatura!

Não é certo que eu tenha orientado e guiado aquela gente toda, mais ardente, mais avançada e mais audaz que eu. Eu era o que sempre fora, eles eram o que desejavam ser, e todos éramos pessoas que gostavam de prosa e de boas piadas.⁵⁷

Nessas memórias, Amadeu de Queiróz evoca a revista *Feira Literária*, que existiu em São Paulo entre 1927 e 1931, tendo sido dirigida por Herculano Vieira, como espécie de catalizador do grupo. Amadeu não detalha em seus escritos, mas muitos dos integrantes do

⁵⁴ ACADEMIA de Ciências e Letras. *A Gazeta*, São Paulo, p. 4, 29 jul. 1933.

⁵⁵ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Praga do amor: Romance*. São Paulo: Empresa de Divulgação Literária, 1927. Em correspondência com David Antunes, outro dos integrantes da Baruel, há marcas dessa atração que Amadeu e suas obras exercem. Um desses casos foi na ocasião da publicação de outro romance de Amadeu, 11 anos depois dos momentos iniciais da roda da Baruel. Escreve Amadeu de Queiróz: “*A voz da terra* me deixou quase glorioso. Há gente que vai à Drogaria para me ver; outros pedem dedicatórias, um pediu-me 5.000, outro quis por força saber onde nasci, mas não lhe disse nada, enrolei, enrolei e ele foi-se embora na ignorância”. QUEIRÓZ, Amadeu de. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 6 de novembro de 1938 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 47, p. 10).

⁵⁶ QUEIRÓZ, Amadeu de. *A voz da terra*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1938.

⁵⁷ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Manicuera*. Manuscrito inédito. Exemplar depositado no Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2, doc. 03, p. 15-17).

Grupo da Baruel foram colaboradores de *Feira Literária*: o próprio Amadeu de Queiróz, Aureliano Leite, David Antunes, Galeão Coutinho, João Felizardo, João Lúcio Brandão, José Testa, Manuel Viotti, Padre José Bueno de Castro Nery, Plínio Salgado, Rui Bloem, Silveira Bueno e Wellington Brandão. Como antes de *Feira Literária* não se falou em Grupo da Baruel, em nenhum outro local do *corpus* acessado por esta pesquisa, e muito menos no jornal *Roteiro* (do qual se ocupará adiante, nesta tese), afinal este foi publicado apenas em 1939, configura-se *Feira Literária* como espécie de prévia do Grupo da Baruel, era o grupo se formando, os vínculos se consolidando, doze anos antes de *Roteiro*, e já envolvidos em atividade intelectual e imprensa.

Além dos nomes citados, em *Feira Literária* houve também a colaboração de Affonso Schmidt, Antônio de Alcântara Machado, Cassiano Ricardo, Francisco Pati, Genolino Amado, Godofredo Rangel, Mário Sette, Menotti Del Picchia, Peregrino Júnior, Raul Bopp, Ribeiro Couto, Sud Mennucci, Valdomiro Silveira, e outros.

Em uma apreciação de *Feira Literária* feita por Menotti Del Picchia, e impressa na página 189 da edição de número 5 da própria revista, esse autor afirma:

Não faltam a prestigiar a *Feira Literária* os maiores nomes da nossa literatura na sua etapa atual [...] Imprescindível para os que querem uma informação sobre o movimento literário da época [...] a *Feira Literária* tem ganho, dia a dia, maior prestígio sendo já avultado o seu público.

Os escritos de Del Picchia ecoam os objetivos desta tese, também dedicada à descoberta do talento e da representatividade que possuíam escritores hoje praticamente anônimos, e fazendo uso de periódicos literários para o estudo de uma época. Poder-se ia iniciar, com essas observações de Menotti Del Picchia, uma discussão a respeito das hegemonias culturais, quem estava em destaque e por que no “movimento literário da época”.

Feira Literária foi editada pela Empresa de Divulgação Literária - EDL, também dirigida pelo mesmo Herculano Vieira da revista, não por acaso, Herculano que também teve seu nome listado como tendo sido um dos integrantes do Grupo da Baruel (havia sido antes secretário da revista *Novíssima*, de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado).⁵⁸

Foi também a EDL, de Herculano Vieira, quem promoveu a estreia literária de Amadeu de Queiróz publicando *Praga do amor*, em 1927.

O depoimento memorialístico de Amadeu de Queiróz também deixa ver aquilo que parece ser outro distintivo do Grupo da Baruel: certa tendência para a sátira e o humorismo, ainda que isso não faça volume dentro da produção escrita do grupo.

⁵⁸ GUELF, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: Estética e ideologia na década de vinte*. Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 1987, p. 18.

Outro aspecto que distinguia o Grupo da Baruel é a sua postura claramente antifascista. Em entrevista de página cheia na *Folha da Manhã*, dois meses antes do Grupo publicar sua edição inaugural do jornal *Roteiro*, o Editor Chefe, Mário Donato, dá mostras claras da postura do Grupo e do jornal, defendendo a democracia e a liberdade de expressão em pleno 1939, auge da ditadura estado-novista⁵⁹. Muitos se declaram, em entrevistas de jornais, como sendo “socialistas” e outros são notórios militantes comunistas, caso de Rossine Camargo Guarnieri, por exemplo. Outros integram a Esquerda Democrática – União Profissional dos Jornalistas⁶⁰. Como seria esperado, as edições consultadas de *Roteiro*, cujos detalhes serão apresentados adiante, nesta tese, apresentam a vinheta “Este número foi visado pela censura”.

Em termos de ideais partilhados ou posturas, tendo sido o jornal *Roteiro* o produto essencial do Grupo da Baruel, seria de se esperar que nele fossem encontradas informações sobre ideologia, o que ocorre logo na edição de número 1 do jornal⁶¹, em texto assinado por Mário Donato, texto que é reproduzido na área de Anexos, desta tese. Em “‘Roteiro’ existe”, Donato define propósitos e posições do jornal, e por contaminação, do seu grupo dirigente. Além disso o próprio jornal pode também ser levado em conta como o momento privilegiado em que o Grupo se exprime, pronuncia e define, ainda que de forma básica ou velada pela censura.

Fora de *Roteiro*, não se localizou nenhuma espécie de texto explicador do coletivo, um manifesto, por exemplo, possivelmente motivado pelo nível de informalidade do grupo de Baruel. Assim, é legítimo questionar até que ponto eles próprios conseguiam se perceber, incentivar, como Grupo coeso, apesar da existência de uma ação conjunta – tanto que editaram *Roteiro*. O Grupo que existiu ao redor da revista cultural *Festa*, por exemplo, cerca de uma década anterior ao pessoal da Baruel, ao menos quando se leva em consideração os anos-chave, para o presente estudo, ao redor de 1940, o pessoal de *Festa* se utiliza da expressão “Grupo de *Festa*” repetidas vezes no interior daquele periódico, o mesmo ocorrendo em entrevistas na imprensa, portanto demonstram ter a noção do próprio coletivo bem clara, ou seja, trabalharam na construção da imagem de si próprios e usam o periódico

⁵⁹ OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939.

⁶⁰ *Jornal de Notícias*, São Paulo, 25 jul. 1944.

⁶¹ DONATO, Mário. *Roteiro* existe. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 5 maio 1939. Exemplar depositado no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS, Prontuário Quirino Pucca, número 1332. Esse exemplar do jornal fora apreendido pelo DEOPS em 1939 por “fazer menção ao regime nazista e às possibilidades de uma investida do III Reich contra o Brasil” (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado, 2003. p. 214).

como porta-voz do Grupo. O “Grupo de *Clima*” faz o mesmo com o seu periódico, registrando seus postulados e propósitos enquanto coletivo. O mesmo, aparentemente, não se pode dizer do pessoal da Baruel, ao menos não de forma tão clara dentro de *Roteiro*. Também não é evidente, dentro dos textos de aspecto mais editorial de *Roteiro*, ou em notas e notícias sem assinatura, qualquer pleito ou proposta mais ampla em termos estéticos, sociais ou políticos. Propõem, claramente, renovação estética e antifascismo, não muito mais do que isso.

Sobre o final das reuniões da Baruel, evidências parecem demonstrar que por voltas dos anos de 1942, apesar de a Drogaria ainda existir, a roda literária parece ter se dispersado. Portanto o período de existência desse Grupo é estimado compreender os anos entre 1927 a 1942, aproximadamente. No entanto, há depoimentos que destacam intervalos dentro dessa faixa inicial de década e meia. Leonardo Arroyo, por exemplo, afirmou em artigo jornalístico que “A roda literária da Casa Baruel atingiu seu ponto mais alto de 1935 a 1940”⁶². Edgard Cavalheiro, outro dos integrantes do Grupo e uma das pessoas que escreveu a respeito dele, registrou em artigo que o Grupo existiu “ali por volta dos mil e novecentos e quarenta e tantos”⁶³. Em outro artigo, aponta como sendo os anos de 1935 a 1945 o período de existência da roda literária. Escreveu Cavalheiro:

De 35 a 45 Amadeu de Queiróz tornou-se o centro de convergência de um grupo de rapazes que se iniciavam nas letras. Na antiga Drogaria Baruel, no Largo da Sé, reuniam-se os moços para ouvir a prosa alegre, colorida, sempre bem humorada do “velho Amadeu”. Velho apenas na idade, pois o que o tornava tão procurado era a permanente juventude do seu espírito. Com setenta e tantos anos de idade, parecia o mais jovens dos escritores de São Paulo. Permanente aluno da vida, estava sempre aprendendo. Longe dele qualquer atitude professoral. Mais do que nos livros, buscava no trato com homens a sua sabedoria. Sabia ouvir, sabia contar. Conhecia todos os segredos da ternura humana. Às vésperas da morte, já ultrapassada a casa dos oitenta anos, mantinha o mesmo ar vivo e alerta, a mesma conversa bem humorada e repleta de “casos”, a mesma preferência no trato com os moços, preferindo-os sempre aos mais velhos.⁶⁴

⁶² ARROYO, Leonardo. Pequena história de muitos gambás. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 mar. 1953.

⁶³ CAVALHEIRO, op. cit., 1954, p. 175.

⁶⁴ CAVALHEIRO, Edgard. O velho Amadeu. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1956. Suplemento Literário, A Semana e os Livros.

Figura 1

Das 95 pessoas, 50 diplomaram-se, 15 não se formaram, e de 30 pessoas não se apurou.

A maioria do frequentadores da Baruel estava já envolvida com a cultura escrita, ou em vias já de uma carreira nas Letras, seja por diletantismo, seja por profissão. Muitos obtiveram diplomas universitários, alguns conseguiram diplomas técnicos e ainda alguns não concluíram nem mesmo os níveis primários de educação formal. A figura 1 ilustra o panorama universitário do grupo.

Eram poetas, jornalistas, historiadores, críticos, romancistas ou simpatizantes, e vários seguiram no *métier*, muitas vezes incentivando

sucessores nos meandros literários, veja-se, a esse respeito, o que recentemente registrou o poeta Paulo Bomfim referindo-se a um dos antigos rapazes da Baruel:

Poetas e prosadores de minha geração, todos nós somos devedores da generosidade de Edgard Cavalheiro. Sua crítica abriu-nos portas e corações [...] Pertencente à tábua redonda que se reunia na Drogaria Baruel em torno da figura de Amadeu de Queiróz, herdou desse convívio cordialidade e erudição.⁶⁵

“A Roda da Baruel era uma verdadeira escola de literatura. Velho Amadeu exigia dos moços, em primeiro lugar, a vivência. Sem o conhecimento vivido, nada feito como obra de arte”, lembrou Ruth Guimarães.⁶⁶

Seja ensaiando fórmulas escritas, seja tomando opiniões alheias, seja usando o conhecimento de frequentadores da Baruel com maior bagagem literária, parece que teve gente que usou dos encontros na Baruel também como espécie de vitrine para suas produções intelectuais, é o que se pode apreender dos escritos de Fernando Góes em prefácio ao livro de poemas de antigo colega de roda literária:

Poesia creio que as fazia para uso próprio, para extravasar a válvula de poeta, que nele nunca queimou. Mesmo na roda da Drogaria Baruel, onde pontificava o velho Amadeu de Queiróz, Odilon Negrão nunca sacou do bolso o poema que escrevera, na véspera, para como tantos outros

⁶⁵ BOMFIM, Paulo. Prefácio. In: D'ONOFRIO, Silvio Tamaso. *Crônicas pesquisas: Edgard Cavalheiro escreveu*. São Paulo: Scortecci, 2014, p. 11. As memórias de Paulo Bomfim relacionadas com a Baruel, no entanto, parecem ser mais antigas. A esse respeito, registrou a professora Fraya Frehse: “Sua memória é pródica em fazer o menino de cinco anos dividir com seu pai, na porta da antiga Drogaria Baruel, esquina das ruas Direita e 15 de Novembro, a Vovó do Pito, 'preta velhíssima com o apito na boca, que olhava a cidade que embalara com seus cantos africanos’”. FREHSE, Fraya. A história rueira de Paulo Bomfim. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. e4, 25 set. 2016.

⁶⁶ GUIMARÃES, Ruth. Velho Amadeu, o carimbamba. Website <http://apoioerevisao.blogspot.com.br/2012/10/velho-amadeu-o-carimbamba.html> (acesso em 6 jul. 2012).

companheiros, fazer seu brilharco.⁶⁷

A palavra “brilharco”, utilizada por Góes, deixa ver também algum possível sinal de atitude gaiata nas confraternizações da Baruel.

É interessante também como esses integrantes do Grupo da Baruel, especialmente entre as pessoas escolhidas neste estudo para fazerem as vezes de representantes do coletivo (pessoas que serão apresentadas em breve, neste trabalho), eram, em grande maioria, “jovens”, “rapazes” de seus 30 a 50 anos de idade em média. Essa informação, de uma suposta juventude em pessoas de 40 anos de idade, diga-se, torna-se ainda mais discrepante quando se sabe, em senso comum, que as pessoas daquela época não tinham a adolescência tão prolongada como hoje em dia. A tendência, mais ou menos correta, é se considerar as pessoas daquela época, daqueles com 19 ou 20 anos de idade, como pessoas adultas, trabalhando, possivelmente já independentes e muitas vezes casados e/ou com filhos. A figura 2 demonstra como a faixa etária principal do grupo localiza-se entre 30 e 50. Ressalte-se que a idade de cinco pessoas do grupo não foi apurada por desconhecer-se seus anos de nascimento, motivo pelo qual não foram contabilizados na construção da figura 2. Ainda: uma pessoa, dos 95 inicialmente apontados como integrantes do Grupo da Baruel, era já falecida em 1939. Mais: há duas pessoas com menos do que 16 anos de idade em 1939, elas foram também apontadas como do Grupo da Baruel. Subentende-se, portanto, que devem ter se aproximado do Grupo em anos posteriores, mais próximos do momento apontado por alguns como o de dissolução informal do grupo, por volta de 1945.

⁶⁷ NEGRÃO, Odilon. *Poente sem sol*. Prefácio de Fernando Góes. S.l.: Edição do Autor, 1974.

Que se dê novamente a palavra a Amadeu de Queiróz, agora com informações transcritas de outra de suas obras, para que ele contribua nos esclarecimentos sobre a roda literária e a sua atuação junto aos rapazes: “Foi um belo grupo de intelectuais - moças e moços de talento que, por largo tempo, me envolveram nos torvelinhos do espírito e me puseram em evidência com o vigor do seu apreço”.⁶⁸

No caso dos jornais, pode-se considerar que a insistência com que o noticiário chama os integrantes da Baruel de “moços”, “jovens”, “rapazes”, ou “novos”, deve ser interpretada como forma de distanciá-los dos escritores anteriores, em discussão geracional que cria reverberações acessórias para este momento, nesta tese.

Representavam o novo, ainda que não fossem tão novos assim em sua maioria. Entre os frequentadores, muitos vinham com bagagem literária e bibliografia, outros consolidaram as suas ali, e ainda outros de fato iniciaram-se nas letras profissionais ao redor da Baruel.

Conforme elucidado por Sergio Miceli (2001, p. 78), era de se esperar que tanta gente com tempo disponível para a publicação de livros, algo que muito raramente servia como fonte substancial de renda capaz de proporcionar a seu autor uma vida digna, tivesse outra ocupação profissional que auxiliasse seu sustento, como um emprego público, com sua estabilidade e benefícios. Ao menos dois terços dos integrantes da Baruel tiveram emprego público, a figura 3, ao lado, ilustra a situação.

Faixa etária dos integrantes da Baruel em 1939, ano de publicação de *Roteiro*.

Figura 3

Do total de 95 pessoas, 64 foram funcionários públicos, de 31 não há confirmação.

⁶⁸ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Dos 7 aos 77: Memórias*. São Paulo: Cupolo, 1956, p. 37. As anotações manuscritas que deram origem a esse livro estão depositadas no Fundo Amadeu de Queiróz do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, em Pouso Alegre-MG.

Um dos casos de pessoa que aparentemente teve impulso em sua carreira profissional frequentando a Drogaria Baruel, talvez até mesmo indiretamente – como se verificará, foi o da escritora, essa sim, bastante jovem, uma das únicas exceções que se pode fazer na discussão relativa às gerações, Ruth Guimarães (outra, um ano mais nova, é Lygia Fagundes Telles, de 1921). Ainda muito moça, segundo seu próprio depoimento, uma tarde Ruth bate à porta de uma certa casa na Rua Lopes Chaves, na Barra Funda, na capital de São Paulo, empunhando um caderno de poemas manuscritos, todos de sua autoria. Ela queria que Mário de Andrade visse sua produção e a aconselhasse, pois ela tencionava tornar-se escritora. O autor a atendeu e explicou estar muito ocupado naqueles dias. Dessa forma, sugeriu que a moça se encaminhasse para a drogaria localizada na esquina da Rua Direita com a Praça da Sé, que o farmacêutico de lá, amigo de Mário e das Letras, certamente teria um conceito para os seus poemas. Segundo Ruth,

Conheci Amadeu de Queiroz indiferentemente por intermédio de Mário de Andrade. Andava eu preocupada com o Demônio e a ressonância das suas proezas na tradição oral, quando Mário um dia me disse:

- Por que você não procura aquele farmacêutico da Baruel, o Amadeu de Queiróz? Sabe coisas fabulosas. Ele é grande.⁶⁹

E assim foi. Logo fazendo amizade com Amadeu de Queiróz, poucas semanas depois Ruth Guimarães tem a sua estreia literária: um poema de sua autoria é publicado no jornal *Roteiro: Quinzenário de Cultura*. Ruth tem, nesse momento, 19 anos de idade. Alguns anos depois, em 1946, estreia com seu primeiro romance, *Água Funda*, pela Livraria do Globo, recebida pelas mãos de Edgard Cavalheiro, seu colega de Baruel e gerente da Globo em São Paulo. Alguns anos mais tarde, Ruth faria a seleção e o prefácio de uma antologia de contos escritos por Amadeu de Queiróz, livro publicado pela Cultrix de São Paulo, editora que possui Edgard Cavalheiro entre seus fundadores, ele que também é padrinho de um dos filhos de Ruth Guimarães, o filho homônimo do mestre Machado de Assis.

Entrevistada para esta pesquisa, Ruth Guimarães rememorou os encontros à Drogaria, recuperando os laços de amizade entre Amadeu de Queiróz e Edgard Cavalheiro:

E era lá a Baruel do velho Amadeu. Do velho Amadeu e do Edgard Cavalheiro, os dois eram muito amigos. E era uma desordem completamente desorganizada. E entrava e saía gente e às vezes a gente tinha cinco minutos para ficar. Ficava em pé e encostado no balcão... De vez em quando aparecia uma cadeira.⁷⁰

⁶⁹ GUIMARÃES, Ruth. Uma lição aos moços. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 20, 15 jun. 1957.

⁷⁰ GUIMARÃES, Ruth. Entrevistas concedidas a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010 e Cachoeira Paulista-SP, 31 jan. 2013.

É interessante como nos depoimentos dos integrantes da Baruel é frequente a menção a uma postura professoral de Amadeu de Queiróz, mas ao menos em seus depoimentos públicos a impressão que se tem é a de que Amadeu esforça-se para negar essa imagem, escusando-se de possíveis responsabilidades pela formação e encaminhamento de muitos que por lá passaram. Em escritos memorialísticos de cunho mais íntimo, no entanto, talvez por esse motivo mesmo ainda inéditos em livro, Amadeu, no entanto, revela outro lado, narrando outro episódio com Ruth Guimarães que, apesar de extenso, elucida muitos pontos:

Eu me desanimava vendo tanta gente assim de talento, cheia de ideias e de movimento, moços que poderiam vir a ser os grandes de uma literatura imensa, desamparados, perdidos irremediavelmente, por falta de instrução, de meio literário, de mentor que, por amor às letras, e admiração pelo talento, pacientemente os guiasse pelo caminho certo. Nenhum deles encontra amparo, estímulo e orientação por parte dos escritores velhos, fogem deles para fugirem da indiferença ou do desdém. Por que não sou como eles ajudei muita gente orientando, ensinando, criticando os que, pelo seu talento mereciam apreço. E tudo eu cumpria com tão boa vontade e tamanha satisfação que acabei crítico e revisor de romances e outros trabalhos de fôlego, de estreantes que me procuravam pedindo-me a opinião e os conselhos. Muitas vezes conversei longamente sobre tudo isso com Mário de Andrade - outro como eu com relação à boa vontade de ajudar os novos - e concluíamos invariavelmente que esse era o nosso dever.

Vem a propósito contar-se o caso da estreia de Ruth Guimarães, que não se deu como foi relatado pela imprensa e como corre nos meios literários.

Encontrei-me num concerto com Mário de Andrade e, de passagem, ele me disse sem mais comentários: "- Mandei-lhe uma escritora novíssima - tenha paciência com ela". Alguns dias depois fui procurado pela novíssima, moça de óculos, retraída, falando pouco: o indispensável para expor o que pretendia - era Ruth Guimarães Botelho - como se apresentou. Até aquele momento não a conhecia nem de vista, nem de nome, não sabia da sua existência. Contou-me ela que havia procurado Mário de Andrade para lhe pedir a opinião sobre seu trabalho folclórico e que ele lhe havia dito que andava muito atarefado na ocasião, mas me procurasse, que eu, em matéria de folclore, era tanto como ele (pois sim!). Não conversamos mais porque a moça era de pouca prosa, e recebendo os originais, marcamos prazo para outro encontro.

O trabalho que escreveu era de quem começa, tinha apreciável merecimento mas não me agradou muito - por motivos que agora não vêm ao caso - e isso ela percebeu quando nos encontramos mais tarde e lhe dei a minha opinião; não só percebeu como entristeceu também um pouco. Então lhe perguntei, por simples curiosidade, se não tinha algum outro trabalho escrito, e ela me respondeu com firmeza e simplicidade: "- Tenho um romance". Ora, eu que sempre fui curioso dessas coisas e gosto de procurar o que os outros evitam achar, pedi os originais para ler e, no dia seguinte, ela voltou com eles.

Com a minha habitual disposição encetei a leitura e, ao chegar à página quatro voltei atrás para reler com toda a atenção, e assim fui indo - avançando e retrocedendo - até o fim do romance, alcançado em poucas horas. Não encontrei nele o que censurar, suprimir, acrescentar - a escritora

havia escrito um romance, e dizendo isto tenho dito tudo. São não gostei do título: chamava-se "Mãe d'Água", ou "Mãe do ouro", não me lembro bem.

Cheio de entusiasmo por ter dado com um verdadeiro talento, procurei o Edgard Cavalheiro, crítico de longa prática, conciso e desabotoado, ao mesmo tempo representante da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Conte-lhe o caso da moça e do romance, disparei-lhe em cheio o meu entusiasmo, ele também me disparou um olhar de espanto porque, tanto ardor assim, da minha parte era de se espantar! Guardou os originais que lhe confiei, depois leu o romance e, a seu pedido, outras pessoas leram, inclusive o Jorge Amado, que andava por aqui e que foi até o meio [...] e todos, por fim, sem discrepância gostaram do livro.

A escritora foi chamada, recebeu os merecidos cumprimentos de vários escritores, assinou um contrato com a Globo e o romance foi publicado com o título de *Água-funda*. O resto é sabido.

Não descobri nem emendei, não corriji nem apadrinhei a escritora Ruth Guimarães, encontrei-a moça de vinte anos e já romancista.⁷¹

Fica claro, portanto, que Amadeu auxiliou escritores, não Ruth Guimarães no caso de *Água-funda*, pelo menos, coisa que a imprensa parecia querer confundir.

Na mesma imprensa, tentando investigar Drogaria e Grupo, o tom não se altera, as memórias longínquas fazem amálgama entre Drogaria Baruel e Amadeu de Queiróz, tornando dificultosa a tarefa de separar essas duas partes, Amadeu e Drogaria: "A 'Casa Baruel' se tornou um verdadeiro cenáculo. E era Amadeu de Queiróz o mais jovem espírito entre os jovens que passaram pela 'Roda do Baruel' esbanjando espírito e talento".⁷²

Essa aproximação entre o escritor (e farmacêutico) e o grupo da farmácia pode ter sido impulsionada pela relativa celebridade que Amadeu de Queiróz adquiriu ao publicar seu primeiro livro. Como se viu, Amadeu mesmo parece ter considerado isso. No entanto, outro escritor mineiro, Eduardo Frieiro, parece indicar que as reuniões na Baruel precederam a estreia literária de Amadeu de Queiróz:

Seu primeiro romance, *Praga de amor*, alcançou certo êxito de estima. Embora inédito até aquele momento, o mineiro Amadeu era conhecido e ouvido como mestre de apurado gosto literário, rodeado sempre de jovens poetas, ficcionistas e ensaístas paulistanos, reunidos às tardes na Drogaria Baruel, da qual era sócio o antigo boticário de Pouso Alegre.⁷³

São questões abertas, como essa, além de tantas outras mais esclarecidas, que o Grupo da Baruel deixou para a posteridade, onde trajetórias profissionais confundem-se com os

⁷¹ QUEIRÓZ, Amadeu de. Manicuera. Manuscrito inédito. Exemplar depositado no Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2, doc. 03, p. 57-60).

⁷² MARISE, Leila. Do diário de uma mulher. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 jun. 1956. Suplemento, p. 2.

⁷³ FRIEIRO, Eduardo. De carimbamba a romancista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1963. A indicação de que Amadeu de Queiróz era também sócio da Drogaria Baruel carece de detalhes.

meandros da intimidade dessas pessoas, amizades que se tornam relações profissionais e vice-versa.

A listagem ampla de participantes da roda da Baruel, nas palavras de Amadeu de Queiróz “os que lá passaram, os que lá foram para me ver, para se mais verem, para serem vistos [...] os daqui e os de fora, os infalíveis, os assíduos e os de passagem; os amigos, os novidadeiros e os literatos”⁷⁴, é a seguinte: Afonso de Taunay, Agripino Grieco, Alcântara Silveira, Alice Camargo Guarnieri, Amadeu de Queiróz, Antônio Constantino, Antônio Rangel Bandeira, Araújo Nabuco, Augusto Baillot, Aureliano Leite, Bento Bueno de Moraes, Bráulio Sanchez-Sáez, Brito Broca, Cândido Fontoura, Carlos Burlamaqui Kopke, Ciro Pimentel, Claret Costa, Cleómenes Campos, David Antunes, De Plácido e Silva, Domingos Carvalho da Silva, Edgard Cavalheiro, Edmundo Rossi, Fernando Góes, Flávio Pires de Campos, Francisco Azzi, Gabriel Marques, Galeão Coutinho, Genauro de Carvalho, Heraldo Barbuy, Herculano Vieira, Hildebrando de Lima, Ildeu Brandão, Jaime Adour da Câmara, Jayme Pacini, James Amado, Jamil Almansur Haddad, Jerônimo Monteiro, Joaquim Maciel Filho, João Afonso, João Felizardo, João Lúcio Brandão, João Luso (Armando Erse), Joel Silveira, Jorge Canaan, José Almiro Rolmes Barbosa, José Bento Faria Ferraz, (Padre) José Bueno de Castro Nery, José Testa, Judas Isgorogota, Leão Machado, Léo Vaz, Leonardo Arroyo, Lygia Fagundes Telles, Manoel Domingues, Manoel Viotti, Marcos Rey, Mário Casasanta, Mário da Silva Brito, Mário de Andrade, Mário Donato, Margarida Izar, Maurício de Moraes, Maurício Loureiro Gama, Mauro de Alencar, Miroel Silveira, Monteiro Lobato, Nelson Lobo de Barros, Nelson Palma Travassos, Nelson Werneck Sodré, Odilon Negrão, Orígenes Lessa, Oscar Mendes, Oswald de Andrade, Otacílio Gomes, Paulo César da Silva, Paulo Zingg, Pedro Calmon, Pedro Saturnino, Plínio Salgado, Rosário Fusco, Rossine Camargo Guarnieri, Rubem Rocha, Rui Bloem, Ruy Arruda, Ruy Ferreira, Ruth Guimarães, Sérgio Milliet, Silveira Bueno, Silveira Peixoto, Sylvio Floreal, Tito Batini, Viegas Neto, Violeta de Alcântara Carreira e Wellington Brandão.⁷⁵

⁷⁴ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Manicuera*. Manuscrito inédito. Exemplar depositado no Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2, doc. 03, p. 17-18).

⁷⁵ O capítulo 3 da presente tese apresenta dados biobibliográficos detalhados das pessoas arroladas. Lista de nomes elaborada a partir das seguintes fontes: APOCALIPSE, Raul. O acadêmico Amadeu de Queiróz. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, out. 1960, p. 242; ARROYO, Leonardo. Pequena história de muitos gambás. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 mar. 1953; BRITO, Mário da Silva. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 82-84; CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 jun. 2009; CASASANTA, Manuel. Mário de Andrade e Amadeu de Queiróz. *Minas Gerais – Suplemento Literário*. Belo Horizonte, ano 1, n. 10, 5 nov. 1966; CAVALHEIRO, Edgard. Lembranças do carimbamba Amadeu de Queirós e da Drogaria Baruel. *Álbum Drogasil*, São Paulo, 1954, p. 175; DONATO, Hernâni. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 13 maio 2010; GUIMARÃES, Ruth. Entrevistas concedidas a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010 e Cachoeira Paulista-SP, 31 jan. 2013; INAUGURADAS as instalações de 'Roteiro'.

Figura 4
Estados de nascimento.

A figura 4 demonstra as unidades da federação em que nasceram os integrantes da Baruel. Não foram contabilizadas cinco pessoas por terem sua naturalidade ignorada e, daqueles assinalados como sendo originários do exterior, três nasceram em Portugal e um na Espanha

A listagem de nomes, cumpre problematizar. São 95 pessoas. Seria possível elencar alguém que passou na drogaria uma única vez, talvez por coincidência, ou porque

trabalhava na vizinhança – algo muito comum naquela época – não seria arriscado apontar essa pessoa como “integrante” do Grupo da Baruel? No limite, no entanto, seria tarefa pouco trivial, decorridas tantas décadas, apontar com mais assertividade, dentro desse grupo de mais de noventa pessoas, quem efetivamente participou mais assiduamente do Grupo e quem entrou uma única vez, talvez porque trabalhasse na vizinhança – se é que isso ocorreu alguma vez. Nesse sentido, pode ser útil observar o que um noticiário jornalístico, tratando essencialmente de Amadeu de Queiróz, acrescenta sobre a participação de escritores de outras praças na Roda da Baruel:

Belo Horizonte (Sucursal) - Um número especial do *Suplemento Literário* do *Minas Gerais* marcou ontem as comemorações do centenário de nascimento do romancista sul mineiro Amadeu de Queiróz, que em 1927 fundou em São Paulo a revista *Arlequim*, com Maurício Goulart e Sud Mennucci.

Nascido a 25 de março de 1873 em Pouso Alegre, Amadeu de Queiróz foi proprietário da Farmácia Queiróz, em sua cidade natal, até 1916, quando se transferiu para São Paulo a fim de gerir a Drogaria Baruel⁷⁶, onde, de 1935 a 40, se formou uma das mais férteis rodas literárias paulistanas, frequentada por escritores e críticos de todo o país.

Folha da Manhã, São Paulo, 9 maio 1939; JORNAL de notícias literárias – Roteiro. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 4 jun. 1950; MENEZES, Raimundo de. *História pitoresca de quarenta cadeiras*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976, p. 47; NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 177; NUNES, Cassiano. O velho Amadeu. *A Tribuna*, Santos-SP, 28 maio 1957; OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura - Entrevista com Mário Donato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939. Entrevista concedida a (?); ROTEIRO: S. Paulo possui, a contar de hoje, o seu periódico literário. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 maio 1939; ROTEIRO. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 4 jul. 1950; QUEIRÓZ, Amadeu de. *Manicuera*. Manuscrito inédito. Exemplar depositado no Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2, doc. 03, p. 17-18); ZINGG, Paulo. Adeus a Edgard Cavalheiro. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1958.

⁷⁶ Antes de gerir a Baruel, no entanto, Amadeu de Queiróz teve a sua “Drogaria Queiróz” na Rua Vergueiro, 257, em São Paulo. Há documentos no Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2).

OBRAS. Logo depois de eleito para a Academia Paulistana (sic) de Letras, ele morreu em São Paulo, em 28 de outubro de 1955. *Histórias quase simples*, uma coleção de contos escolhidos, *Dos 7 aos 77*, livro de memórias, e *Catas*, romance, foram três de seus livros editados pós-morte pela Cultrix, Saraiva e Imprensa Oficial de Minas, respectivamente.⁷⁷

Nesta tese, optou-se por destacar oito pessoas, além de Amadeu de Queiróz, seguindo a indicação dada pelo crítico Antonio Candido, em excerto transcrito anteriormente, que sugeriu a aproximação de elementos (Cavalheiro, Góes, Jamil, Silva Brito e Rossine Guarnieri) que, juntamente com outros, pudessem ser tomados como representativos do coletivo de uma forma mais geral.

Sabendo que o jornal *Roteiro*, a ser explorado adiante nesta tese, foi a produção coletiva símbolo desse grupo de pessoas, diante de algumas notas que a bibliografia divulgou, pode-se também considerar que o destaque a essas nove pessoas justifica-se pois foram citadas, algumas vezes, como espécie de representantes do jornal. Um dos casos é um dicionário de autores que cita parcela desse grupo no verbete relativo ao escritor Edgard Cavalheiro: “Com Mário Donato, Fernando de Góes, Jamil Almansur Haddad, etc., fundou a revista *Roteiro*”⁷⁸. Outro caso em que tal se dá é na apresentação à participação de Fernando Góes no volume *Plataforma da nova geração*, livro no qual o organizador, Mário Neme, escreve: “Em 1939 fundou, com Edgard Cavalheiro, Mário Donato, Maurício Loureiro Gama e outros, o jornal *Roteiro*”.⁷⁹

Outro momento registrado na imprensa que acrescenta elementos no sentido da escolha dessas pessoas como representantes de um coletivo maior, ou ao menos do jornal *Roteiro*, foi quando uma delegação da “Casa do Estudante” de Pernambuco e da Faculdade de Direito de Recife visitou a cidade de São Paulo:

Após a visita oficial às autoridades desta capital, para as quais trouxeram recomendações do governo pernambucano, estiveram os membros da delegação na redação de *Roteiro*, quinzenário de cultura a ser lançado nos primeiros dias deste mês pelos moços escritores de S. Paulo, onde, com o redator chefe da publicação, combinaram planos de intercâmbio intelectual com os órgãos acadêmicos de Pernambuco.

⁷⁷ MINEIROS recordam a morte de A. Queiróz. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1973, p. 15. Apesar de mencionado como um dos fundadores de *Arlequim*, Amadeu de Queiróz não figura em nenhuma das primeiras vinte edições do periódico como diretor ou gerente, cargos de destaque na hierarquia da revista, informações que são apresentadas no Expediente, na segunda página de cada edição. Os outros dois nomes mencionados como fundadores, Sud Mennucci e Maurício Goulart, são apresentados como diretores (juntamente com uma terceira pessoa, Américo R. Netto). No elenco de colaboradores, Amadeu de Queiróz aparece apenas na edição de número 9, como “A. De Queiróz”, apesar de já ter contos publicados em volumes anteriores, casos das edições de número 2, 4 e 6. Acervo consultado: Universidade de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Website: <http://www.brasiliana.usp.br> (acesso em 15 mar. 2016).

⁷⁸ MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário, 1954, p. 146.

⁷⁹ NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 177.

À noite, cerca de 23 horas, acompanhados dos srs. Fernando Góes, Joaquim Maciel Filho e Edgard Cavalheiro, visitaram a redação desta folha [...] com quem mantivemos demorada palestra.⁸⁰

Conforme se verifica, a delegação visitou a redação de *Roteiro* e depois encaminhou-se para a redação de *O Estado de S. Paulo*, acompanhada de integrantes do jornal *Roteiro*. Entre esses integrantes, o redator chefe, Joaquim Maciel Filho, Góes, e Cavalheiro, esses dois últimos incluídos nesta tese como representantes do Grupo da Baruel. O ciceroneamento da delegação pernambucanas às dependências do “Estadão”, por parte dos integrantes de *Roteiro*, pode indicar trânsito naquele jornal, proeminência desses integrantes de *Roteiro*, as duas coisas ou, em última caso, nenhuma delas. Mas o registro foi feito, o que ilustra, novamente, alguma possibilidade de assertividade quando se escolhe Fernando Góes e Edgard Cavalheiro para figurarem nesta tese como espécie de representantes.

Com relação a outro dos escolhidos como representantes da Baruel, Maurício Loureiro Gama, a maior disponibilidade de fontes de informação sobre sua pessoa, fontes oriundas de herdeiros e também de seu acervo que foi doado ao Museu Paulo Setúbal, no município de Tatuí-SP – acervo consultado por esta pesquisa, foram determinantes para sua eleição como um dos representantes do Grupo da Baruel, nesta pesquisa. Adicionalmente, Loureiro Gama foi ativo na redação de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, tendo assumido algumas funções dentro desse veículo. Um testemunho dessa atividade é encontrado em uma carta sua a Mário de Andrade, quando Maurício se assina “Redator-Secretário”:

Estou secretariando o jornal “Roteiro” e resolvemos comemorar o centenário do velho Machado. Este bilhetinho – vou dizendo logo sem mais rodeios... – tem este objetivo: pedir uma colaboração sua. Pedir, não. Exigir. Exigir com o prestígio de quem é ardente e sincero amigo de Mário de Andrade. Você foi pro Rio mas continua mais do que nunca nosso. Todos os domingos, compro o “Diário de Notícias” e dou uma boa prosa com o genial criador de Macunaíma. [...] Olhe, Mário, vou ficar à espera de sua colaboração. Nos ajude. Mário de Andrade garante o brilho da comemoração [...].

Bom, até logo. Mande logo, hein? E mande no “Roteiro” também.⁸¹

A escolha de representantes para o Grupo da Baruel também é mais ou menos arbitrária, é bem verdade: da ampla listagem de nomes exibida, outros indivíduos poderiam também representar o Grupo da Baruel, oferecendo igualmente vantagens e desvantagens. Dos nove selecionados também se obteve maior disponibilidade de fontes documentais, o que

⁸⁰ ESTUDANTES pernambucanos em São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 8, 1 abr. 1939.

⁸¹ Datada 1 jun. 1939, a carta pode ser localizada em Universidade de São Paulo, no Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CPL3440. Ao que parece, a solicitação de Maurício Loureiro Gama foi atendida pois, na edição de número 4 de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, edição especial sobre Machado de Assis e datada 21 jun. 1939, foi publicado o artigo intitulado Machado de Assis, de autoria da Mário de Andrade, com a observação, ao final do artigo: “Do *Diário de Notícias*, de 11 do corrente”.

ademaís auxiliou na eleição dessas pessoas como possíveis representantes do Grupo como um todo, sendo algumas dessas fontes entrevistas inéditas, casos de Ruth Guimarães e Maurício Loureiro Gama. Além disso, foram obtidos depoimentos de familiares de primeiro grau de alguns desses representantes, o que permitiu o acesso aos arquivos dos escritores e que se encontram atualmente em posse das famílias ou de instituições. Esses são os casos de Amadeu de Queiróz (cujo acervo de manuscritos e também de fortuna crítica encontra-se na Biblioteca da Academia Paulista de Letras, material organizado e anotado pela filha do escritor, Margarida de Queiróz), Edgard Cavalheiro, Maurício Loureiro Gama, Mário Donato e Ruth Guimarães.

A frequência na menção ao nome de uma pessoa como sendo participante do Grupo da Baruel também foi considerada determinante na escolha dela como representativa do coletivo. Nesse caso estão os demais escolhidos: Fernando Góes, Jamil Almansur Haddad, Mário da Silva Brito e Rossine Camargo Guarnieri. São raras as menções ao Grupo da Baruel na bibliografia ou na imprensa, mas quando existem normalmente apresentam alguns desses nomes, o mesmo ocorrendo com os cinco nomes anteriores.

Há casos também em que essas pessoas se autorreferenciam como integrantes do Grupo da Baruel em escritos memorialísticos. Isso ocorre com praticamente todos os selecionados. No momento da existência mesma do Grupo, no entanto, apesar de aquela roda de amigos ter fomentado a fundação de um jornal cultural, que era também um empreendimento comercial, uma pessoa jurídica chamada Editorial Roteiro Limitada, o olhar retrospectivo de hoje, diante do que se descobriu, permite a interpretação de que não tinham uma autoconsciência coletiva muito desenvolvida. Ou então que não trabalhavam em benefício da sua promoção, não enquanto Grupo, enquanto coletivo, fora uma ou outra ocorrência nos limites mesmo das páginas de seu jornal. *Roteiro* anunciava pequenas tiras publicitárias em jornais de grande circulação como a *Folha da Manhã*, mas do Grupo da Baruel, até onde se sabe, não há menções naquele momento (as citações são todas retrospectivas, de memória). Nas páginas de *Roteiro* o pessoal de Baruel promoveu, ele próprio, uma ou outra foto de seu cotidiano com finalidade documental do jornal apenas, não do grupo da Baruel – material que será reproduzido ao final desta tese, nos Anexos; tal como o fizera o famoso coletivo inglês do qual a romancista Virginia Woolf fazia parte, o Bloomsbury, ainda no início da década de 30, retratando-se a si próprios como coletivo intelectual, e não como despretensiosos colegas, “representando uma extensiva narrativa de

vida”, enfocando também a amigos, durante anos, preenchendo álbuns⁸². Essa discussão, apenas tangenciada no momento, pode mesmo levar ao ponto fulcral do questionamento definitivo a respeito da existência, ou não, do Grupo da Baruel no sentido de uma unidade artística ou literária, haja visto seu aparente grande grau de informalidade em locais de convivência essencialmente não institucionais.

Retornando para as informações relevantes na determinação de pessoa representativa no grupo, os próprios cargos que tais assumiram no empreendimento símbolo e fruto do Grupo da Baruel, o jornal *Roteiro*, também foram levados em consideração. Como se poderá verificar mais adiante, neste trabalho, o estudo das edições localizadas desse periódico indicou que Mário Donato e Fernando Góes nele atuaram como redatores chefes, enquanto Maurício Loureiro Gama, Fernando Góes e Mário da Silva Brito foram secretários da redação, isso na primeira fase de existência do jornal – assunto a ser discutido no capítulo 6 desta tese.

Mário da Silva Brito, outro dos integrantes do grupo e aqui selecionado como um dos seus representantes, recordou dos tempos da Baruel. Em uma dessas recordações, uma crônica intitulada *A Drogaria Baruel*, Mário fez imprimir:

Foi há muitos anos, mas deixe-me dizer que não faz tanto tempo assim.

São Paulo já era aglomerado urbano de aturdir. Aliás, na época, o poeta, em mais de um poema, documentava o seu pasmo exclamando: “Ó cidade de casas violentas com seus vinte andares de oitenta janelas!”. Na rua, os *camarões* anunciavam, fagueiros, que aquele era o maior parque industrial da América do Sul.

Na verdade, porém, São Paulo não passava de um burgo desvairado, de uma província megalômana, com essa mania de grandeza que, hoje, atingiu o paroxismo dos negócios imobiliários, dos automóveis de luxo arrogante, do tubaronato em grande gozo, enfim. Tanto era província que tinham os jovens intelectuais uma botica onde exercer o ócio maldizente, a perfídia festiva e a admiração incontida pelos que supunham os valores reais da inteligência. Tal como nas pequenas cidades do interior, uma farmácia estava à disposição de um grupo de moços caipiras, deslumbrados com a capital do dinheiro, com os rompantes da técnica e do conforto, moços ainda tímidos e medrosos diante desse mundo novo de iniciativas e agitações e, por isso mesmo, hostil às suas pretensões intelectuais inocentes, desprevenidos, sem compromissos com as tramas da vida.

Era a *Drogaria Baruel*, hoje demolida pela famosa e incansável picareta do progresso. Ficava ali no cotovelo da Praça da Sé com a Rua Direita e, nesse ponto de paz, reinava a malícia mineira do romancista Amadeu de Queiróz, homem que escrevia em boa língua e policiava os escritos dos moços, compreendia-lhes os arroubos e ímpetos.

Pela Drogaria, passavam – uns com regularidade diária, outros de quando em

⁸² HUMM, Maggie. My own ghost met me': Woolf's 1930s photographs, death and Freud's Acropolis. In: POTTS, Gina & SHAHRIARI, Lisa (Orgs.). *Virginia Woolf's Bloomsbury, Vol. 1 – Aesthetic theory and literary practice*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 86.

quando, – o Edgard Cavalheiro, sempre com pressa porque dava expediente no Banco do Estado, mas em plena euforia de estar biografando Fagundes Varela; o romancista Antônio Constantino, barulhento e escandaloso; o jornalista Fernando Góes, serelepe da inteligência, um dialético temível e autor de lindos contos jamais escritos; o poeta Jamil Almansur Haddad, de olho nos prêmios da Academia Brasileira de Letras; Leão Machado, recém-vindo do interior com trabalhos especializados sobre a organização burocrática da administração paulista e vários romances na gaveta; o estreante Maurício de Moraes, feliz com a publicação de *Quando as estrelas descenderem*; o didata Hildebrando de Lima, preparando verbetes para o *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* que, com Joaquim Maciel Filho e Rossine Camargo Guarnieri, discorria sobre o marxismo e tudo analisava sob o ângulo do materialismo histórico; o repórter Maurício Loureiro Gama, que anunciava o romance *Vida, paixão e morte do funcionário público*; o escritor Mário Donato, que fazia versos, jornalismo e textos de propaganda na *Eclética* ao lado de Orígenes Lessa, pouco assíduo este às tertúlias; João de Araújo Nabuco, que prometia uma biografia de Líbero Badaró; o misterioso Mauro de Alencar sobraçando estranhas revistas; o caladão Edmundo Rossi, que escrevia um romance à Chesterton, afora uns poemas tristíssimos e revoltados; a romancista Ruth Guimarães, às voltas com um estudo folclórico sobre o Diabo; Oswald de Andrade, que queria fundar a *Academia Baruel* e fazer dela uma espécie de Goncourt bandeirante que ofuscassem a Academia Paulista de Letras; e mais Paulo César da Silva, Nelson Palma Travassos, James Amado, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Milliet e Mário de Andrade, que aparecia raramente, mas mandava cartas ao velho Amadeu, uma das últimas consultando-o sobre a “técnica de poço”, de que precisava de informações para um conto que escrevia⁸³. Compareciam também, entre tanta gente que frequentava a farmácia, cada grupo com seu inflexível horário, algumas veneráveis figuras que os jovens irreverentemente alcunhavam os “canastrões do Instituto Histórico”...

Formávamos uma comunidade entusiasta, preparando-se para o futuro, planejando, sonhando, compartilhando projetos e ilusões.

Porém, o tempo foi passando e, como se diz em linguagem conservadora, “tomamos rumo na vida”, o que significa – ó dolorosa verificação! – que nos fizemos fantasmas dos nossos sonhos. Cada um foi para o seu lado, a Drogaria sumiu do mapa, Amadeu foi para o Cemitério, seguiram-no vários outros, o grupo dissolveu-se. Mas, felizmente, ficou, em cada um de nós, uma parcela ponderável daqueles dias de antanho.

O que salvou muitos de nós, no envolver do nosso destino, foi mesmo o nosso lado Baruel.⁸⁴

⁸³ A correspondência está depositada no Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Em algumas dessas cartas, trata-se da grafia e do significado de expressões pitorescas do mundo rural, com Amadeu esclarecendo pontos àquele que ele trata como “meu caro mestre e amigo Mário de Andrade”. A carta com informações do poço possui a referência MA-C-CPL-6019, de novembro de 1942. A linguagem de Amadeu de Queiróz ficou explicitamente registrada como fonte de pesquisa em obra de outro frequentador da Baruel, David Antunes, que fez imprimir: “Glossário das palavras contidas nesse livro / Fontes consultadas: / Amadeu Amaral – *O dialeto caipira* / Amadeu de Queiróz – *João* / Calda Aulete – *Dicionário contemporâneo*” e mais seis nomes. IAGO JOÉ [David Antunes]. *Briguela: Romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945, p. 5.

⁸⁴ BRITO, Mário da Silva. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 82-84. Publicado anteriormente, com alterações, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, em 26 fev. 1964, p. 40. A transcrição preservou os destaques impressos em livro.

Muitos dos nomes citados como sendo pertencentes à roda da Baruel são de difícil identificação atualmente, possuindo escassa biobibliografia; outros dos nomes citados carecem de confirmação de uma participação mais efetiva no Grupo, inclusive alguns deles nem mesmo residiam em São Paulo, casos de Pedro Calmon e Rosário Fusco, por exemplo. Certamente esses são casos de elementos “de passagem” no Grupo, segundo a definição de Amadeu de Queiróz, reproduzida linhas acima.

Havia também o que se poderia chamar de “sócio-correspondente”; como exemplo, Nelson Werneck Sodré que, residindo fora de São Paulo, a partir da edição de número 3 de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, torna-se o responsável pela coluna de crítica literária do jornal, seção intitulada “Da capa ao índice”.⁸⁵

Segundo o jornalista e escritor Silveira Peixoto, nos encontros da Baruel

Fala-se do último romance posto nas montras das livrarias. Comenta-se um artigo de crítica literária. Proferem-se anátemas contra os medalhões. E a palestra desenvolve-se, pontilhada de ironias, entremeada de perversidades, animada pelo constante bom humor de Amadeu de Queiroz. Depois... O grupo começa a dispersar-se... E há sempre alguém que quer ficar por último, naturalmente com receio da língua dos outros...⁸⁶

Verifica-se a constância pela qual o nome de Amadeu de Queiróz é citado nas memórias do grupo da Baruel, e é lembrado também por gente que, aparentemente, não frequentou aquelas reuniões na farmácia, caso do escritor Paulo Dantas, em comentário que também auxilia na compreensão do espaço dividido entre remédios e cultura:

Outro escritor nosso que foi farmacêutico no interior de Minas, aí tendo escrito um livro de contos folclóricos usando o tipo do prático em farmácia que receitava como um “doutor”, desempenhando na região o papel simpático de médico, com o nome pitoresco de “carimbamba”, foi Amadeu de Queiróz, que vindo para São Paulo se tornou gerente de uma famosa drogaria, onde pontificou literariamente, o que veio mais uma vez demonstrar não ser o clima das drogas incompatível com o cultivo das letras.⁸⁷

Outra pessoa que não frequentou a roda da Baruel mas dela teve notícias foi Franklin de Oliveira. Em artigo que compara Amadeu de Queiróz a Gontcharov, registra Oliveira:

Em torno de sua figura, em dado momento, constituiu-se um dos inquietos focos da vida literária paulista, foco tão intenso que Oswald de Andrade pensou em formar a **Academia Baruel**, espécie de **front** contra os trogloditas mentais da época. Em seu *Diário intemporal*, ainda inédito, Mário da Silva Brito recorda, com ternura e emocionada beleza, esse tempo, em que as figuras novas da inteligência paulista se aninhavam sobre as asas

⁸⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 191.

⁸⁶ PEIXOTO, Silveira. Correio literário de São Paulo. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 22-23, 28 mar. 1940.

⁸⁷ DANTAS, Paulo. Variações em torno de farmacêuticos e escritores. *Álbum Drogasil*, São Paulo, 1954, p. 234.

de Amadeu de Queiróz.⁸⁸

O farmacêutico e escritor José Warton Fleury registrou opinião sobre a importância de Amadeu na roda literária no centro de São Paulo e no impacto de sua ação na trajetória de terceiros:

(Amadeu de Queiróz) foi, há cerca de 15 ou 20 anos, responsável técnico pela farmácia da tradicional Casa Baruel, sediada então na confluência das ruas Direita e 15 de Novembro e da Praça da Sé. Ali, Amadeu de Queiróz estabeleceu o seu quartel general, fazendo-se não apenas querido e popular como ainda o centro das rodas literárias da Capital. De uma simplicidade de boticário e de uma bondade extrema de artifícios, predicados que transluzem no seu estilo correntio, enxuto e aparentemente fácil – pode Amadeu de Queiróz, nos seus verdes e joviais oitenta anos, orgulhar-se de todas aquelas vocações e valores literários que a sua bondade e compreensão estimularam, encorajaram e salvaram.⁸⁹

Paulo Zingg, outro citado na listagem dos 95 nomes, menciona a roda da Baruel em escrito motivado pelo falecimento de Edgard Cavalheiro, em 1958:

Edgard Cavalheiro, nosso velho e querido amigo, partiu para sempre. Vínhamos acompanhando o seu estado [...] e os dias se passaram, na angústia da próxima partida do velho companheiro das rodinhas da Baruel, em torno de Amadeu de Queiroz; do *Roteiro*; da intensa atividade literária; dos congressos de intelectuais...⁹⁰

O fim da Drogaria Baruel e a dissolução do Grupo parecem coincidir com o momento aproximado em que Amadeu de Queiróz arruma um emprego público e torna-se chefe de gabinete do reitor da Universidade de São Paulo, Lineu Prestes, durante o mandato deste, entre 1947 e 1949⁹¹. Lineu Prestes era originalmente professor da Faculdade de Farmácia, curiosamente a atividade exercida, ainda que de forma prática, por Amadeu de Queiróz. Em 1950 Amadeu de Queiróz desliga-se da Universidade de São Paulo.⁹²

⁸⁸ OLIVEIRA, Franklin de. Literatura soterrada (III). *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 16, 16 out. 1967. Na transcrição, preservou-se os destaques originais do texto.

⁸⁹ FLEURY, José Warton. De São Paulo. *Revista de Farmácia e Odontologia*, Niterói-RJ, ano 21, n. 169, mar. 1955.

⁹⁰ ZINGG, Paulo. Adeus a Edgard Cavalheiro. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1958.

⁹¹ Amadeu comenta essa passagem de sua vida em carta: “O meu velho e particular amigo dr. Lineu Prestes, atual Reitor da nossa Universidade, me convidou para trabalhar no seu Gabinete. A princípio não pude concordar, por inúmeros motivos: primeiro não me julgo competente... Ficam prejudicados todos os outros. Mas o amigo insistiu, e como eu não podia de modo nenhum conciliar uma negativa com a minha gratidão a ele, aceitei. Eis-me, pois, Chefe do Gabinete do Reitor da Universidade... Puxa! Já tomei posse e estou funcionando, encabuladíssimo, como tinha de ser. Diante de tal acontecimento, no fim da vida, depois de um longo, voluntário e salutar retraimento, estou me sentindo assim meio triste, com aquela expressiva melancolia de Enéas deixando a pátria e os campos onde Troia existiu, como em latim quer dizer 'et campos ubi Troia fuit'... Viu como já estou ficando pedante?”. QUEIRÓZ, Amadeu de. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 28 de julho de 1947 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, Obras Raras doc. 65). No ano seguinte, 1948, outro dos antigos frequentadores da Baruel integra o corpo dirigente da USP, Rui Bloem, tornado secretário geral da Universidade. Fonte: MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário, 1954, p. 98.

⁹² UMA HISTÓRIA de farmacêutico contada por um farmacêutico. *Jornal da Farmácia: Suplemento do Boletim Informativo do CRF-8 (Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo)*, São Paulo, jun.

Conforme se discutiu poucas páginas antes desta, por volta de 1946 passam a ser veiculados anúncios na imprensa que dão conta de que a Drogaria Baruel não mais existe, os textos mencionam informações de localização como sendo o local da “antiga Drogaria Baruel”.

Atualmente, no lugar onde existia o Edifício Baruel há um prédio cujo grande térreo é ocupado por uma loja de varejo chamada “Nelson das Bolsas”, instalada naquele local há décadas.

2.1. O Grupo da Baruel e outros grupos

Elaborou-se um gráfico ilustrativo e ele será exibido a seguir. A imagem destaca a participação de integrantes do Grupo da Baruel em outros grupamentos de sociabilidade, em época próxima daquele primeiro. Trata-se, apenas, de exercício ilustrativo que pode apontar possíveis descendências geracionais.

Dos grupos destacados, não se buscou nomear todos os seus integrantes, mas apenas aqueles que foram indicados como tendo sido integrantes do Grupo da Baruel, portanto todos os nomes destacados na imagem a seguir são de pessoas consideradas integrantes do Grupo da Baruel, foram todas mencionadas na listagem de 95 nomes apresentada anteriormente, conforme o previamente estabelecido. Procurou-se dispor os grupos de forma a indicar em que unidade da federação (cidade ou Estado) ocorriam e em que ano ou época ocorreram.

Nos casos em que uma mesma pessoa integrou dois ou mais dos grupos aqui selecionados, não houve nenhum tipo de explicitação, por meio de linha e seta indicativa, para não tornar o gráfico obscuro. As indicações portanto, as linhas com uma seta na extremidade, foram utilizadas exclusivamente para sinalizar o movimento de uma pessoa antes ou depois do Grupo da Baruel. Duas exceções foram feitas pela ligação entre os grupos “Verde-amarelo” e “Anta”, por um lado, e “Pau-Brasil” e “Antropofagia”, por outro. Tal se deu em consonância com o que registrou o estudioso do Modernismo, Mário da Silva Brito. No suplemento literário do jornal *Minas Gerais*, Silva Brito registrou, de forma didática, em certa passagem de um artigo: “Verde-amarelo vira Anta; Pau-Brasil vira Antropofagia”, apontando como se podem compreender as gerações envolvendo esses quatro grupos ou tendências intelectuais: são continuidades.

Ainda no sentido da sucessão, da continuidade, há, no gráfico a seguir, a tentativa de uma representação cronológica, o sentido das linhas e suas extremidades em setas propõem sucessões: Baruel teria sido formada pelo que veio antes e, também, ajudou a formar o que veio depois. Não se compreenda, no entanto, que o propósito aqui vá além de simplesmente evidenciar a trajetória percorrida pelas pessoas listadas: não se quer dizer, por exemplo, “porque existiu o grupo de Klaxon então existiu o grupo da Baruel”, ou “Baruel é uma continuidade, uma fase posterior e amadurecida do grupo da Antropofagia” – não é disso que se trata. Tão somente se quer ilustrar, por meio do gráfico, o que as informações disponíveis permitem tecer em termos de ilações ou mesmo constatações, por exemplo “antes de integrar o grupo da Baruel, o escritor Mário de Andrade integrou o grupo de Klaxon”. Ou: “Nos anos 1920, Oswald de Andrade integrou o grupo da Antropofagia. Já nos anos 1940, frequentava o Grupo da Baruel”.

Os grupos foram numerados para posterior complementação de informações, em legenda detalhada apresentada em seguida. Na falta de melhor denominação, alguns dos grupos são nomeados pelos próprios nomes dos veículos de imprensa que os congregavam.

A legenda também apresenta os nomes dos demais participantes de todos os grupos exibidos na imagem e que, portanto, não integraram o Grupo da Baruel. Não se buscou uma listagem completa e definitiva de todos os nomes dos integrantes desses grupos, apenas foram selecionadas pessoas que pudessem ser tomadas como representantes ou que, segundo outros critérios – arbitrários e subjetivos (indicações de proximidade com o Grupo da Baruel, por exemplo, em fontes pesquisadas, ou disponibilidade de informações), podem indicar mais traços de sociabilidade entre essas e outras pessoas e grupos.

A legenda foi elaborada a partir de um sem número de referências e pesquisas, não sendo possível, para o momento, apontar individualmente quem sugeriu ou de onde se confirmou a presença de tal ou qual pessoa em determinado grupo dos apresentados a seguir.

Legenda

- 0) **Café Guarany**: LOBATO, Monteiro; MARQUES, Gabriel.
- 1) **(sem nome)**: AMARAL, Amadeu; CAMBARÁ, Vadozinho; CARVALHO, Cândido de; CÉSAR, Júlio; MENDES, Ângelo; SOUZA, Alberto; VIOTTI, Manuel.
- 2) **Vila Kyrial**: ANDRADE, Oswald de; GUIMARAENS, Alphonsus de; SEGALL, Lasar.
- 3) **Sábado Literário**: BARBOSA, Arlindo; BARCELOS, Joinville; COUTO, Ribeiro; FELIZARDO, João; FLOREAL, Sylvio; SEABRA, Justo; PATI, Francisco.
- 4) **Klaxon**: ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Camargo; BARROS, Couto de; MORAES, Rubens Borba de.
- 5) **Revista do Brasil**: AGUIAR, Indalécio; AMARAL, Amadeu; ANDRADE, Oswald de; BARRETO, Plínio; CINTRA, Assis; CIPICCHIA, Ricardo; CORREIA, Quinzinho; DELFINE, Jacomino; FIGUEIREDO, Antônio; FLOREAL, Sylvio; FONTOURA, Cândido; FREITAS, Raul de; GÓIS, Jairo de; LOBATO, Monteiro; LOPES, Felinto; LOPES, Manequinho; MOREIRA, Roberto; NEIVA, Artur; PIMENTA, Gelásio; PINTO, Simões; PIRES, Cornélio; SERVA, Mário Pinto; SETÚBAL, Paulo; SILVA, Júlio César da; PEREIRA, Adalgiso; PINHEIRO JÚNIOR; PIZA, Moacir; REBOUÇAS, André; RODRIGUES, Armando; RODRIGUES, Wasth; TÁCITO, Hilário; THIOLLIER, René; VAZ, Léo; VOLTOLINO.
- 6) **Pau Brasil**: ANDRADE, Oswald de.
- 7) **Farmácia Literária, Musical e Artística**: ALVES, Luiz Gonzaga; CAVALHEIRO, Edgard; FRAZÃO, Erastótenes; MAGALHÃES NETTO, Couto de; SILVA, Euclides Ferreira da; VAINER, Nelson.
- 8) **Antropofagia**: AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Oswald de; BOPP, Raul; CÂMARA, Jaime Adour da; MACHADO, Antônio de Alcântara.
- 9) **Pensão Pereira**: CAMPOS, Cleómenes; CAVALHEIRO, Edgard; DONATO, Mário; GÓES, Fernando.
- 10) **Solar Prestes Maia**: ALENCAR, Mauro de; ALMEIDA, Guilherme de; AMORA, Antônio Soares; BRECHERET, Victor; BUENO, Cunha; COUTINHO, Galeão; EMEMDÁBILE, Galileu; FIGUEIREDO, Fidelino; GODÓI, Alzira; HADDAD, Jamil Almansur; KUBITSCHECK, Juscelino; KUBITSCHKE, Sara; MESQUITA FILHO, Júlio de; MOTTA, Cristina; NOVAES, Israel Dias; PICCHIA, Menotti Del; PINTO,

Carvalho; PRADO, Ian de Almeida; QUADROS, Jânio; REBOLO, Francisco; SCHENBERG, Mário; SILVEIRA, Helena.

- 11) **Cervejaria Franciscano:** ANDRADE, Mário de; BARBOSA, José Almiro Rolmes; BRITO, Mário da Silva; CAVALHEIRO, Edgard; DUARTE, Benedito Junqueira; MORAES, Rubem Borba de; SAIA, Luiz; RUGGERO JÚNIOR, Antônio; SILVA, Euclides Ferreira da.
- 12) **Choperia Heidelberg (depois da guerra rebatizada como “Harmonia”):** CAVALHEIRO, Edgard; DONATO, Mário; DUARTE, Benedito Junqueira; GÓES, Fernando; RUGGERO JÚNIOR, Antônio; SILVA, Euclides Ferreira da.
- 13) **Clube dos Artistas e Amigos da Arte - Clubinho:** AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Oswald de; BARROS, O MULATO; CAVALHEIRO, Edgard; DI CAVALCANTI, Emiliano; DONATO, Hernâni; DONATO, Mário; GRACIANO, Clóvis; HADDAD, Jamil Almansur; JORGE, Fernando; MARTINS, Aldemir; MILLIET, Sérgio; REBOLO, Francisco; SILVA, Quirino da; SILVEIRA, Helena; VIEIRA, José Geraldo.
- 14) **Livraria “O Colégio”:** CORBISIER, Roland; DUARTE, Paulo; SALES, Almeida; SILVEIRA, Alcântara.
- 15) **Pensão Humaitá:** ARROYO, Leonardo; AZEVEDO, Fernando de; CHATEAUBRIAND, Assis; DUARTE, Paulo; FERREIRA, Octalles Marcondes; LOBATO, Monteiro; MAIA, Prestes; MARCONDES FILHO, Alexandre; MARTINS, Luis Arrobas; MATARAZZO SOBRINHO, Francisco; MIRANDA, José Tavares de; MOURA, Olyntho de; PRADO, Yan de Almeida; SANTOS, Sérgio de Paula; SCATIMBURGO, João de; THIOLLIER, Renée.
- 16) **Casa de Heraldo Barbuy:** BARBUY, Heraldo; BOMFIM, Paulo.
- 17) **Proust Clube:** ADONIAS FILHO; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Ciro dos; CÂMARA, Jayme Adour da; CARREIRA, Violeta de Alcântara; CONDÉ, José; FRANCO, Afonso Arinos de Melo; HOLANDA, Sérgio Buarque de; IVO, Ledo; LEAL, José Simeão; LIMA, Jorge de; LINS, Álvaro; MEYER, Augusto; MONTELO, Josué; MORAES NETO, Prudente de; PEREIRA, Lúcia Miguel; QUINTANA, Mário; REGO, José Lins do; ROSEMBLATT, Maurício; SANTA ROSA, Tomás; SCHMIDT, Augusto Frederico; SILVEIRA, Alcântara; TELLES, Lygia Fagundes.
- 18) **Clima:** BARBUY, Heraldo; CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio de Sales; MACHADO, Lourival Gomes; MESQUITA, Alfredo; NEME, Mário; PRADO, Décio de Almeida; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; SALES, Almeida.

- 19) **Para Ler *O Capital*, de Karl Marx:** CARDOSO, Fernando Henrique; ZINGG, Paulo.
- 20) **Cervejaria “O Corvo”:** AMARAL, Amadeu; ARANHA, Carvalho; ARAÚJO, Adolfo; GONORY, Rafael; LUSO, João; PACHECO, Juvenal; REZENDE, S. de; UIU; VIOTTI, Manuel.
- 21) **(sem nome):** AGUIAR, Indalécio; ANDRADE, Oswald de; GONÇALVES, Ricardo.
- 22) **Primeiro Grupo Modernista:** ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; COUTO, Ribeiro; DI CAVALCANTI, Emiliano.
- 23) **Dos Cinco:** AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; DEL PICCHIA, Menotti; MALFATTI, Anita.
- 24) **Vila Fortunata:** ANDRADE, Oswald de; PENTEADO, Olivia Guedes; THIOLLIER, René.
- 25) **Verde-amarelo:** MOTTA FILHO, Cândido; PICCHIA, Menotti Del; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio.
- 26) **Anta:** PICCHIA, Menotti Del; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio.
- 27) **Ginásio Oswaldo Cruz:** BRITO, Mário da Silva; DUARTE, Benedito Junqueira; CAVALHEIRO, Edgard; NABUCO, Araújo; PIVETA, Leôncio; SILVA, Euclides Ferreira da; VIEIRA, Manuel.
- 28) **Quarteirão:** ANDRADE, Oswald de.
- 29) **Planalto:** GIOVANINI, Luís; NABUCO, Araújo; NEME, Mário; SAIA, Luís; SALES, Almeida.
- 30) **Livraria Jaraguá:** Grupo de *Clima*; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; XAVIER, Lívio; GRACIANO, Clóvis; VOLPI, Alfredo; GOBBIS, Vittorio; GONZALEZ, Reboló; OSIR, Paulo Rossi; BONADEI, Aldo; TÉRCIO; MILLIET, Sérgio; NONÊ; MAGALHÃES, Osiris; SAIA, Luís; LACERDA, Carlos.
- 31) **De Jaú:** ANTUNES, David; VAZ, Léo.
- 32) **Festa:** BRANDÃO, Wellington; SILVEIRA, Tasso da.
- 33) **Aliados Monóculos e Lunetas:** FERREIRA, Ruy; MENDES, Cleso de Castro; LOBO, Pelágio.
- 34) **De Emílio de Meneses:** ANDRADE, Oswald de; BILAC, Olavo; EDMUNDO, Luis; João do Rio; LOPES, Oscar; MARIANO, Olegário; MENESES, Emílio de; OLIVEIRA, Alberto de; PONTES, Elói.

- 35) **Praça José Bonifácio:** CAMPOS, Cleómenes; COUTO, Ribeiro; CORREA JÚNIOR; FLOREAL, Sylvio; GONÇALVES, Paulo; LOPES, Álvaro Augusto; MONTENEGRO, Fábio; RIBEIRO, Benedicto; SCHMIDT, Afonso.
- 36) **De A Revista:** ALMEIDA, Martins de; ALPHONSUS, João; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyro dos; CAMPOS, Alberto; CAMPOS, Milton; CANEDO, Gregoriano; CAPANEMA, Gustavo; CASASANTA, Mário; CÉSAR, Guilhermino; DEODATO, Alberto; DRUMMOND, Magalhães; LOPES, Ascânio; MOURA, Emílio; NAVA, Pedro; PASSOS, Gabriel; PINHEIRO FILHO, João; RENAULT, Abguar; REZENDE, Henrique de.
- 37) **Sexta-feira:** BRITO, Luis Tenório de; CAMARGO, Joaquim Álvaro de Sousa; CHRISTIANI, Fritz; DUARTE, Francisco; FERREIRA JÚNIOR, Antônio; FERREIRA, Ruy; FONSECA, José; GÓES, Luis Gonzaga de; HADDAD, Francisco; HELLWIG, Oscar; IGLESIAS, Francisco; LAGROTA, Nicolau; LAUBENSTEIN, Reynaldo; LEME, José Dias; MAGALHÃES, Tasso de; MARTINS, Aurélio; MENDES, Cleso de Castro; MILANI, Adolpho; MONTEIRO, Mário; PENTEADO, Francisco Camargo; SIQUEIRA, Mário; TIBIRIÇÁ, Joaquim.
- 38) **Academia dos Dez Unidos:** AGUIAR, José da Costa; BRAGA, Mendonça; CALDAS, Zaneli; CARDOSO, Renato; CÉSAR SOBRINHO; GOMES, Hildebrando Oséas; ISGOROGOTA, Judas; JORGE, Paulino de Araújo; LIMA JÚNIOR, Félix; MACIEL FILHO, Joaquim; MELO, Astério Machado; PALMEIRA, João Soares; PAURÍLIO, Carlos; SANTOS, Amarílio.
- 39) **Noiva da Colina:** ANDRADE, Tales de; FERRAZ, Breno; MENNUCCI, Sud; VAZ, Léo.
- 40) **Verde:** CÉSAR, Guilhermino; FUSCO, Rosário; LOPES, Ascânio; PEIXOTO, Francisco Inácio.
- 41) **Cadernos da Hora Presente:** ADONIAS FILHO; ARRUDA, Ruy; ATHAYDE, Tristão de; FARIA, Otávio de; SALES, Almeida; SALGADO, Plínio; SILVEIRA, Tasso da.
- 42) **Revista Acadêmica (reuniam-se também na “Taberna da Glória”):** ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BANDEIRA, Manuel; BRAGA, Rubem; CASTRO, Moacir Werneck de; LACERDA, Carlos; LIMA, Jorge de; MACHADO, Aníbal; MARTINS, Luís; MILLIET, Sérgio; MIRANDA, Murilo; PORTINARI, Cândido; RAMOS, Graciliano; RANGEL, Lúcio; REGO, José Lins do.

- 43) **Pesquisistas:** MARCHI, Francisco de; NUNES, Cassiano; ROSA, Roldão Mendes; SILVEIRA, Cid; SILVEIRA, Miroel.
- 44) **Sabadoyle:** ANDRADE, Carlos Drummond de; AZEVEDO, Vicente de; BOPP, Raul; BRITO, Mário da Silva; CÉSAR, Guilhermino; DOYLE, Plínio; FRANCO, Afonso Arinos de Mello; GUIMARAENS, Alphonsus de; HOLLANDA, Aurélio Buarque de; LACOMBE, Américo; LIMA, Raul; LISPECTOR, Clarice; MOREIRA, Marcílio Marques; NAVA, Pedro; PEREGRINO JÚNIOR; QUINTANA, Mário; REBELLO, Marques; SARNEY, José; SENNA, Homero; TELES, Gilberto Mendonça; TELLES, Lygia Fagundes; VIANA, Hélio.
- 45) **Clube dos Baixinhos:** MORAIS, Maurício de.

3. Perfil biobibliográfico do Grupo da Baruel

3.1. O segmento representante

Apresentar-se-á, a seguir, dos indivíduos selecionados conforme critério apresentado no capítulo anterior, ou seja, das indicações na imprensa e em depoimentos da importância da atuação dessas pessoas nas atividades do Grupo e do jornal *Roteiro*, e maior disponibilidade de fontes documentais; apresentar-se-á informações que possam auxiliar no delineamento do Grupo da Baruel e das inter-relações dessas pessoas entre si e com pessoas e grupos externos.

Informações individualizadas de todas as 95 pessoas citadas como integrantes do Grupo da Baruel e os destaques da produção escrita de cada autor serão apresentados no item 3.2, deste capítulo.

3.1.1. Amadeu de Queiróz

Amadeu de Queiróz (1873-1955), nascido em Pouso Alegre-MG, ocupou posição de destaque no Grupo da Baruel, o que justifica uma análise mais detida.

Ocupante da cadeira de número 5 da Academia Paulista de Letras, Amadeu não fizera, no entanto, estudos regulares. Aprendera a ler e a escrever com o avô paterno, Policarpo Teixeira de Almeida Queiróz, primo irmão do escritor português Eça de Queirós.⁹³

⁹³ A FAMÍLIA de Eça de Queiróz no Brasil. *A Gazeta*, São Paulo, 20 mar. 1948.

Antes de se transferir definitivamente para a capital de São Paulo, Amadeu de Queiróz atua como vereador e juiz em Pouso Alegre⁹⁴ mas, tendo se aproximando das lides

farmacêuticas dentro da “Pharmacia Queiróz” de propriedade paterna, logo passa a dirigir essa drogaria na cidade natal, como farmacêutico prático – “carimbamba”, como ele próprio se denominava⁹⁵. No interior de Minas Gerais, carimbamba é o nome pelo qual se designam as pessoas que exercem a Medicina sem proveito direto. Ao mesmo

tempo, dirige o jornal *Cidade de Pouso Alegre* e funda o jornal *O Pouso Alegre*⁹⁶. Depois, já residindo na capital de São Paulo desde 1916, inaugura sua própria “Pharmacia Queiróz” no centro da cidade, à Avenida Vergueiro, 237.

Na década de 1920 Amadeu é citado em jornais como membro efetivo e participante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao lado de pessoas como Affonso de Freitas, Alcântara Machado, Américo Brasiliense, Paulo Setúbal e Plínio Ayrosa⁹⁷.

Publicando seu primeiro livro em 1927⁹⁸, considera Amadeu que esse é também o início da roda da Drogaria Baruel.

Para descrever a pessoa de Amadeu de Queiróz, o próprio autor auxilia:

Em 1873 nasceram Santos Dumont, Santa Teresa e Caruso, o que nada significa, pois também nasci eu em Pouso Alegre, no sul de Minas. Sou um homem agoniado. Ouço um silêncio muito grande à noite. E dentro desse silêncio pode haver ladrões e fico inquieto. Domino-me, mas percebo que sou agoniado, pois fico imaginando coisas inumeráveis. Só gosto da comida que minha mulher faz – a Vicentina Queiróz, tão jovem como eu – seja lá o que for, mas feito por ela. Não sou um retraído. Sou apenas um homem desacostumado do convívio social. Perdi o hábito da sociedade, mas gosto de estar rodeado por moços. Muitos têm falado da minha “incrível modéstia”, do meu retraimento, do meu “afastamento do mundo literário”, do “mineiro arredo”, que sou. Quem me conhece sabe que sou assim naturalmente, que não frequento casa de ninguém, que não vou a festas, a manifestações, a enterros, a teatros; sabe também que não me preocupo com posições sociais, com renome, e não sou muito vaidoso. Mas quem me conhece só de nome, ouvindo tão repetidas referências, e não acreditando que haja gente como eu, poderá julgar que tudo isso não passa de singularidade planejada, estudada e executada, uma forma de reles cabotinismo, enfim... Não juro por Deus que

⁹⁴ SUBSÍDIOS para a história da cadeira nº 5. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, mar. 1957, p. 205.

⁹⁵ Website: <http://www.mgsulnews.com.br/historia/filhos-ilustres.html> (acesso em 6 jul. 2012).

⁹⁶ UMA HISTÓRIA... op. cit., jun. 1973.

⁹⁷ NO INSTITUTO HISTÓRICO. *Diário Nacional*, São Paulo, 9 fev., 13 maio e 22 jun. 1928.

⁹⁸ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Praga do amor*. São Paulo: Empresa Divulgação Literária, 1927.

não será assim porque não acredito em juramento nem em Deus. Enquanto espero pela morte e não espero a imortalidade, continuo o serôdio escritor de muitas tretas e poucas letras. Confesso que sou alcoolista; mas o meu alcoolismo não passa de um cálice de aguardente ao almoço e outro ao jantar. Acho que o vinho e a cerveja tomam-se inadvertidamente, sem medida; são como as mulheres; perturbam também os sentidos e favorecem as rixas. O meu jeito é esse e não desejo apanhar outro.⁹⁹

Esses escritos deixam antever algumas das características fundamentais da obra ficcional de Amadeu de Queiróz, que é francamente marcada pelo conflito natureza versus civilização, além do tom humorístico que parece ser atávico ao homem Amadeu de Queiróz e sua obra. Seus contos e romances apresentam simultaneamente tonalidades românticas e também modernas, mas podem ser considerados essencialmente regionalistas, pois preocupa ao autor, antes de mais nada, retratar o vínculo humano com seu local de origem, sua cidade natal, sua região original, o seio materno, enfim, vínculo sem o qual o homem torna-se uma pessoa angustiada e sem horizontes. Ecoam conceitos de Jean-Jacques Rousseau. A análise psicológica, portanto, faz-se também presente, e muito já se apontou nesse sentido, a respeito da obra de Amadeu de Queiróz, ele mesmo expressa isso em entrevista: de que sua obra não é uma obra de ação, não há muitos acontecimentos sensacionais em suas obras, e na vida de muitos dos seus personagens, são obras de contemplação e reflexão, antes de tudo. A respeito dessa característica, assim se manifestou o crítico e historiador da literatura Mário da Silva Brito, referindo-se a um dos romances de Amadeu de Queiróz: “é propositadamente composto dentro da chatice, do simples, do humilde, do medíocre enfim”.¹⁰⁰

A linguagem empreendida em sua obra é simples, singela até. Segundo o estudioso do idioma Francisco da Silveira Bueno¹⁰¹, a linguagem de Amadeu de Queiróz seria “claríssima, simples, cuidadíssima, com uma rara maestria e parcimônia no uso dos adjetivos, com certa leveza clássica de frase”¹⁰². Para o crítico Antonio Candido, são construções “quase audaciosas nessa tentativa de manter quanto possível a lição castiça dentro duma concepção liberta”.¹⁰³

⁹⁹ QUEIRÓZ, Amadeu de. Auto-retrato. *Jornal de Piracicaba – Suplemento Literário*, Piracicaba-SP, 12 abr. 1953, p. 2. Publicado também em MENEZES, Raimundo de. *História pitoresca de quarenta cadeiras*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976, p. 46-7.

¹⁰⁰ BRITO, Mário da Silva. Apontamentos de leitura. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 set. 1944.

¹⁰¹ Outro dos “rapazes” da Baruel.

¹⁰² BUENO, Silveira. Praga do amor. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1928.

¹⁰³ CANDIDO, Antonio. Entre o campo e a cidade. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 set. 1944.

Amadeu atuou de forma central na roda da Baruel, por mérito e talvez um pouco por direito, afinal seria natural que os mais moços se espelhassem na trajetória daquele que era cerca de trinta e cinco anos mais velho, escritor experimentado, antigo vereador e juiz de direito, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo desde 1928, e dono já de respeitado rol de estudos literários e históricos impressos em livros e periódicos.

Pelos anos de 1931, juntamente com pessoas como Amando Caiuby, Aureliano Leite (integrante da Baruel), Edgard Braga, Flaminio Fávero, Pandiá Calógeras, José Carlos de Macedo Soares, Herbert Moses, Luciano Gualberto, Manuel Viotti (também integrante da Baruel), e outros, Amadeu de Queiróz funda em São Paulo a Academia de Ciências e Letras, para servir de opção à Academia Paulista de Letras – tão criticada pelos intelectuais da época, cujos estatutos, regimento interno e recibos da contribuição paga pelos acadêmicos, podem ser consultados na Biblioteca da Academia Paulista de Letras.¹⁰⁴

Quatro títulos de sua obra romancística, certamente uma das partes de sua produção intelectual que mais auxiliaram na projeção do nome Amadeu de Queiróz, serão apresentados de forma sumária a seguir, por ordem cronológica de publicação.

*Praga do amor*¹⁰⁵: estreia literária em livro de Amadeu de Queiróz. Trata de um marido que, após assassinar a própria esposa, recusa-se a se considerar criminoso, esforçando-se, ao analisar sua própria trajetória de vida, para compreender as circunstâncias que o levaram a tal ato, em busca por uma absolvição terrena e divina.

A obra apresenta seu enredo cindido em duas partes, antes e depois do crime, uma solar e outra noturna, e seu autor, já maduro e experimentado, em pleno domínio de suas habilidades.

*A voz da terra*¹⁰⁶: conta a história de um rapaz desmotivadamente desestimulado pela vida, que não empreende nem aproveita as chances de mudança. É uma vida simples, em uma história simples ainda que construída com perspicácia e rica em pitorescos.

¹⁰⁴ *ACADEMIA DE Ciencias e Letras – São Paulo – Estatutos e Regimento Interno*. 2. ed. São Paulo: Typografia Hennies Irmãos & Cia., 1934 (Biblioteca da Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.7, doc. 100). Convidado a integrar este grêmio literário, Mário de Andrade declina em carta a Saturnino Barbosa, um dos fundadores, em janeiro de 1931 (Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CAL1).

¹⁰⁵ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Praga do amor*. São Paulo: EDL, 1927.

¹⁰⁶ QUEIRÓZ, Amadeu de. *A voz da terra*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1938.

*O quarteirão do meio*¹⁰⁷: disfarçada de uma história urbana que narra os esforços de um casal, em sua constante mudança de endereços, na tentativa de viverem sem a condenação da sociedade – pois são amasiados, o romance é, na verdade, um manifesto contra o preconceito e a maledicência, uma homenagem à tolerância e ao respeito.

*João*¹⁰⁸: narra a história de um caboclo que, após passar extensos dissabores durante a sua existência, em sua vida pessoal, psicológica, amorosa, profissional e financeira, casa-se com uma viúva, o que lhe permite voltar a ser o que era antes, retomando sua vida cotidiana de modesto empregado. Amadeu explora novamente o tema do malefício que pode causar ao homem o isolamento de suas origens. Sobre essa obra manifestou-se o crítico Edgard Cavalheiro: “A integração do homem à terra, processada quase inconscientemente, resultado do contato com o chão semeado na faina gloriosa de fecundá-la, integração que o torna um desenraizado, um inquieto quando longe dela”¹⁰⁹. O crítico Álvaro Lins expressa, no entanto, ponto de vista mais agudo em relação a *João*, algo que talvez pudesse ser estendido para grande parte da obra de Amadeu de Queiróz. Na visão de Lins, não se pode fazer romances descritivos, sem o concurso dos grandes eventos: “não há romance dentro da normalidade, porque romance implica dramaticidade e história”¹¹⁰.

3.1.2. Edgard Cavalheiro

Escritor, jornalista e editor, Edgard Cavalheiro (1911-1958) veio de Espírito Santo do Pinhal-SP para a capital de São Paulo em 1927¹¹¹. Publicou biografias de relevo, sendo uma delas a de Monteiro Lobato, de quem foi amigo pessoal, publicada em 1955. Colaborou em mais de 80 periódicos nacionais sendo também, de alguns desses veículos, cofundador e conselheiro editorial. Dirigiu, no início dos anos 40, o departamento editorial da Livraria Martins Editora¹¹², depois foi gerente, por 13 anos, da Livraria do Globo em São Paulo e, em seguida, participou da constituição das editoras Cultrix e Codil. Foi um dos fundadores da Sociedade dos Escritores Brasileiros (SEB), da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) e

¹⁰⁷ QUEIRÓZ, Amadeu de. *O quarteirão do meio*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

¹⁰⁸ QUEIRÓZ, Amadeu de. *João*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

¹⁰⁹ CAVALHEIRO, Edgard. O romancista Amadeu de Queiróz. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1938.

¹¹⁰ LINS, Álvaro. Romances. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 maio 1946.

¹¹¹ Conforme atesta a Ficha de Aluno n. 245, da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, FECAP-SP, documento que possui como anexos a carta de recomendação, e solicitação de transferência, de sua antiga escola, em Campinas-SP, onde cursou o primeiro semestre de 1927, e também a documentação relativa a 1928.

¹¹² BRITO, Mário da Silva. *Martins: 30 anos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967, p. XIX.

também da Câmara Brasileira do Livro (CBL). Nesta, sob sua presidência, foi criado o prêmio literário Jabuti.

Edgard Cavalheiro foi pessoa atuante nas questões relativas aos problemas do livro e aquelas relacionadas com a melhoria das condições do trabalho intelectual como, por exemplo, a questão do pagamento de direitos autorais.

Sem estudos secundários concluídos, sua obra escrita compreende oito livros de autoria própria, a participação em 51 obras de autoria coletiva, quatro traduções e cerca de 930 artigos em periódicos nacionais¹¹³.

Em seu livro mais importante, a biografia de Monteiro Lobato, Cavalheiro fez imprimir a dedicatória a Amadeu de Queiróz¹¹⁴. Em outra de suas biografias, imprimiu dedicatória a outros dois participantes da roda da Baruel: Araújo Nabuco e Mário Donato.¹¹⁵

3.1.3. Fernando Góes

Fernando Ferreira de Góes (1915-1979) nasce na capital da Bahia, cria-se no Rio de Janeiro e em 1930 transfere-se para São Paulo. Autodidata dedicado às letras, muito cedo é ativo jornalista na imprensa paulista, atuando em várias funções, tornando-se profissional de carreira, além de cronista e contista. Foi redator dos periódicos *Alvorada*, *Jornal de Notícias*, *Jornal da Manhã* e *Correio Paulistano*, e colaborador de *Niger* e *O Estado de S. Paulo*. Secretariou a *Tribuna Negra* e a revista *Hoje* assim que ela foi encampada pela Editora Brasiliense, periódico então dirigido por Artur Neves¹¹⁶. Escreveu sobre a condição dos negros em São Paulo além de relevantes estudos na crítica da historiografia literária; foi professor de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica e na Faculdade Cásper Líbero, ambas em São Paulo. Membro dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo e da Bahia, foi também membro da Academia Paulista de História. Ocupou a cadeira 32 da Academia Paulista de Letras.¹¹⁷

¹¹³ D'ONOFRIO, op. cit., 2012, p. 53.

¹¹⁴ CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – Vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Amadeu de Queiróz foi uma das pessoas que revisaram a biografia de Monteiro Lobato antes da publicação. Auxiliaram também na revisão: Francisco de Assis Barbosa, Paulo Rónai e Mário Donato. Fonte: CAVALHEIRO, Edgard. *Cartas a Francisco de Assis Barbosa*. São Paulo, [1955] e 12 ago. 1955. Universidade de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

¹¹⁵ CAVALHEIRO, Edgard. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

¹¹⁶ CAVALHEIRO, Edgard. *Correio literário de São Paulo*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 6 maio 1944.

¹¹⁷ OLIVEIRA, Eduardo. *Quem é quem na negritude brasileira*. São Paulo: Edição do Autor, 1998, p. 109.

Fernando Góes constituiu a Comissão de Convênios Culturais e Ensino da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo em 1955¹¹⁸, e o júri do prêmio Fábio Prado, da União Brasileira de Escritores, em 1962, neste particular em companhia de Helena Silveira e Leonardo Arroyo.¹¹⁹

Em seu livro de crônicas *O tecedor do tempo*, Fernando Góes lembra de passagens e pessoas de sua memória, entre eles algumas pessoas da Baruel. Neste livro, fez imprimir a dedicatória a um dos antigos rapazes de Baruel, Maurício Loureiro Gama. Gama e Góes foram merecedores de uma obra de Mário de Andrade, dedicada aos dois: trata-se de *Os filhos da Candinha*¹²⁰, curiosamente, livro considerado pelo próprio Mário de Andrade como “o seu livro mais ‘bem escrito’”, dentro do seu estilo “normal” de escrita.¹²¹

Próximo de Mário de Andrade, Fernando Góes correspondeu-se com o autor de *Macunaíma*¹²² e dele recebeu a seguinte menção em meio ao elogio da altivez negra frente a uma sociedade racista – o que pode dar uma ideia adicional sobre quem foi e sobre a atuação de Fernando Góes:

Não basta verificar o complexo de inferioridade e recomendar a todos que o vençam. Positivamente um rapaz novo, lúcido, voluntarioso, audaz em suas afirmativas, reivindicações e maneira de agir, como Fernando Góes, não sofre mais do complexo de inferioridade, ou se o sofre o sabe vencer.¹²³

Em *A vida comovida*, obra que retira seu título de um verso de Mário de Andrade (e verso que serve-lhe de epígrafe), Góes faz imprimir a dedicatória a Mário da Silva Brito.

Dirigiu o *Jornal de Notícias*, onde Fernando Jorge, entrevistado por esta pesquisa¹²⁴, publicou os artigos que depois vieram a compor a biografia de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, obra ganhadora do prêmio Jabuti.

Fernando Góes, Edgard Cavalheiro e Mário Donato, todos recém-chegados a São Paulo, no início dos anos 1930, aparentemente se conhecem numa pensão no centro da cidade, local onde residiam e onde também residia o experiente escritor Cleómenes Campos, nascido em 1895, outro dos “não tão rapazes” do Grupo da Baruel e espécie de padrinho literário dos

¹¹⁸ *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 jul. 1955. Nota sem título e sem assinatura de autor. Outros integrantes da Comissão: Antônia Fernanda de Almeida Coulter, Luís Washington Vita, Afonso Bassi e Nicanor Miranda.

¹¹⁹ ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p. 43-44.

¹²⁰ ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943, p. 5.

¹²¹ MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/IEB, 2000, p. 660-662. Na carta onde comenta o livro, datada 20 de abril de 1942, Mário de Andrade categoriza seu estilo de escrita em tipologia tripla, sendo os dois demais o “poético heroico” e o “falado”.

¹²² Material sob guarda do Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

¹²³ GRILLO, Ângela Teodoro. A Conferência “Cinquentenário da Abolição” de Mário de Andrade. In: *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, Morrinhos/GO, v. 8, n. 2, mai./ago. 2017 – ISSN 2179-6386, p. 117.

¹²⁴ JORGE, Fernando. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 16 jan. 2016.

moços recém-chegados à capital. Cleómenes tinha também experiência em rodas literárias: no final da década de 1910, em Santos, litoral paulista, ele frequentava uma na Praça José Bonifácio onde se reuniam outros literatos ou a caminho de o serem – Paulo Gonçalves, Álvaro Augusto Lopes, Afonso Schmidt, Sylvio Floreal, Ribeiro Couto, entre outros¹²⁵). Estreado em livro em 1923, na mesma década Cleómenes é eleito membro da Academia Paulista de Letras. As histórias dos “três mosqueteiros da Pensão Pereira” são contadas em alguns artigos de jornal por Edgard Cavalheiro¹²⁶ e também por Mário Donato, em *Vamos lembrar Edgard Cavalheiro*¹²⁷. Em 1968 Fernando Góes publica um artigo de jornal rememorando fatos, lembrando Cleómenes e os antigos companheiros. É um texto que elucida alguns traços da união existente entre essas pessoas.

Hoje é dia de São Cleómenes Campos. Debalde procurareis, leitor curioso, tal nome no hagiológico ou em qualquer um dos sessenta e tantos volumes do “Acta Santorum”. Que São Cleómenes é santo nosso e de casa, nasceu em Sergipe, viveu em Santos e aqui em São Paulo, onde morreu. Talvez até que o conhecestes, tantas vezes passastes por ele na rua e o parastes para um bate-papo, para um cafezinho no bar da esquina, sem de fato saberdes quem ele era, na sua infinita bondade e humildade ainda maior.

Hoje, entretanto, Cleómenes Campos terá a sua festa, à noite, na Academia Paulista de Letras, quando Mário Gracioti, que ali o substituirá, dirá do homem que ele foi e da sua poesia, um dos cantos líricos mais belos e puros que já tivemos.

De mim confesso que não sei o que dizer sobre o artista do *Coração encantado*, tanto eu teria o que dizer sobre ele. Recordações dos meus tempos de iniciação literária, quando o tive como primeiro mestre e mestre maior. Era ali na rua Dom José de Barros, no modesto quarto de uma pensão, a Pensão Pereira, onde ele morava. Éramos Edgard Cavalheiro, Mário Donato e eu que o procurávamos para que ele lesse os nossos escritos canhestros. E ele nos orientava com sabedoria e paciência, e nos incutia não só o amor da literatura mas também a sua dignidade. Depois, as cartas que enviava de São Luís do Maranhão, onde viveu uma temporada, numa espécie de exílio burocrático, e afinal os últimos anos, na sua casa de Pinheiros, que era, também, a casa dos seus amigos.

Lírico e nos últimos tempos quase místico, Cleómenes Campos era tido e havido por todos nós que com ele convivemos e o amamos, como um santo. Não um santo aborrecido, untuoso, de olhos derretidos, denegrindo o mundo e os homens e só faltando as belezas do céu. Mas um santo pela limpeza, pela pureza, pela dignidade do seu estilo de vida, o que não o impedia de rir, de gostar da vida e de execrar a morte, de narrar anedotas e fatos maliciosos, de verberar o comportamento daqueles que empregam o “vale-tudo” na vida literária e na vida comum.

Isolado na sua casa de Pinheiros, era lá que, nas tardes de sábado, os seus

¹²⁵ COUTO, Ribeiro. O romance de Sylvio Floreal. *Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, out. 1928, p. 57-59.

¹²⁶ Cleómenes Campos: poeta indireto. *Vanitas*, São Paulo, v. 4, n. 48, p. 14, mar./abr. 1935; O regresso de um poeta. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mar. 1940.

¹²⁷ Rio de Janeiro: Tagore, 1990, p. 4.

amigos iam procurá-lo para fruir da sua companhia, ouvir-lhe a opinião sobre livros, homens e coisas, quase sempre generosa, mas jamais exagerada. E, sobretudo, como sabia ser amigo dos amigos nas horas amargas. Nesses momentos todos podiam falhar, todos, até os santos do céu, não atendendo a rogos e promessas, menos Cleómenes Campos, que não havia chuva ou sol que impedisse de levar ao amigo o consolo da sua presença e o auxílio do seu prestígio e o da sua bolsa.

Fui seu discípulo, o menor deles, não consegui ser o que ele esperava de mim. Em compensação, ninguém me excede na admiração, no carinho que tive por ele, na veneração que por ele tenho, depois de morto.

Hoje à noite irei ouvir Mário Gracioti falar sobre Cleómenes Campos na Academia. E será como tê-lo perto de mim mais uma vez, através da oração de quem foi tão seu amigo e sente tão profundamente a magia dos seus versos.¹²⁸

3.1.4. Jamil Almansur Haddad

Jamil Almansur Haddad (1914-1988) nasceu em São Paulo, formou-se em Medicina em 1938 na Universidade de São Paulo, e foi livre docente de Literatura Brasileira na mesma universidade com a tese *O Romantismo brasileiro e as sociedades secretas do tempo* (1945)¹²⁹. Dirigiu o Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, presidiu a Casa de Castro Alves de São Paulo, colaborou em diversos diários de São Paulo e é considerado um dos principais poetas da primeira metade do século 20 no Brasil. Foi também crítico, ensaísta, historiador, teatrólogo, antologista e tradutor.

Colaborou com *O Estado de S. Paulo* e com diversos periódicos literários do Brasil. Na área de tradução, fez a primeira integral das *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, para a língua portuguesa (1958); traduziu o *Livro de Jângal*, de Rudyard Kipling (Companhia Editora Nacional, 1941), *O Cancioneiro* de Petrarca (José Olympio, 1945), as *Odes* de Anacreonte (José Olympio, 1951), a *Lírica* de Safo (Edições Cultura, 1942), o *Decameron* de Bocaccio (Edições Ipê), entre outras.

Membro da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), foi delegado de São Paulo no Segundo Congresso Brasileiro de Escritores (1947). É patrono de uma das bibliotecas do município de São Paulo.

Ambos frequentadores da roda da Baruel, Jamil Haddad teve boa amizade com Oswald de Andrade, mas, pessoa por quem era sempre satirizado. O escritor Fernando Jorge

¹²⁸ GÓES, Fernando. Em tom de conversa – São Cleómenes Campos. *Diário da Noite*, São Paulo, 22 nov. 1968.

¹²⁹ MELO, op. cit., 1954, p. 277. A tese impressa pode ser consultada na área de teses da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo a partir da referência “T Haddad, Jamil Almansur 1945”.

comenta esse fato rememorando que, em determinada ocasião, perguntou a Oswald de Andrade o motivo da postura sempre com a cabeça pendendo para o lado, do poeta Jamil Almansur. O autor de *O rei da vela* assim teria respondido: “É o peso da orelha”. Em outra situação, continua Fernando, perguntaram a Oswald: “- Oswald, você já viu poetas burros em São Paulo?”, ao que ele respondeu: “- Já! Mil!”.¹³⁰

Cansado dos episódios de gozação, Jamil Haddad acertou as contas com Oswald de Andrade por escrito, publicamente, em 23 dez. 1952 no *Última Hora*. O próprio jornal considerou este artigo: “A maior coleção de xingamentos jamais registrada talvez na história da nossa imprensa”. Jamil chamou-lhe: verme, bufão, lorpa, ladrabás, mané coco, pulguento, manazola, elefantino, javardo, excrementício, hipopótamo, necrosado, abandonado, deteriorado, estraçalhado, engulhoso, sanioso, nojoso, carunchoso, ruvinhoso. A Fernando Jorge, que era seu amigo, Oswald lera o artigo de Jamil às gargalhadas, e afirmara: “No afã de me achincalhar, o Jamil andou catando palavras obsoletas nos dicionários da língua portuguesa, os léxicos do Caldas Aulete, do Cândido de Figueiredo, do Laudelino Freire, do Antonio de Moraes Silva. Ele deveria ser grato a mim, pois contribuí para dar um pouco mais de vigor ao seu vocabulário anêmico, pernibambo, urgentemente necessitado de uma transfusão de sangue, e de um par de muletas”.¹³¹

A produção lírica de Jamil Almansur esteve normalmente envolvida por uma atmosfera de incompreensão¹³², talvez esse um dos álibis do criador de João Miramar para espezinhar o poeta Jamil, para além das ressalvas de classe e étnicas. Sendo considerada por alguns como prolixa e passadista, e por outros como liberal demais e orientalista¹³³, a obra de Jamil Almansur reflete seu próprio momento histórico e cultural. Quem sugere é a biógrafa de Jamil Haddad, Christina Stephano de Queiroz, que intitula um dos capítulos de sua tese como “O poeta é barroco, mas o crítico, vanguardista”:

A imagem de um pêndulo que oscila entre dois polos foi usada por críticos como Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet para descrever as mudanças de rumo da poesia produzida no Brasil entre 1922 e 1950, período no qual Jamil se constituiu como poeta, tradutor e crítico literário. A figura sugere que, em um dos lados, estão os ideais do Modernismo e, no outro extremo, se situa a Geração de 1945, enquanto a década de 1930 se caracteriza por um aspecto de transição.¹³⁴

¹³⁰ JORGE, Fernando. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 16 jan. 2016.

¹³¹ JORGE, Fernando. O Oswald de Andrade que eu conheci. (s.n.t).

¹³² QUEIROZ, Christina Stephano de. *O caixeiro viajante da poesia, ou um estrangeiro inventado: ensaio biográfico sobre o poeta libano-brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988)*. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Letras - Orientação: Michel Sleiman) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 49-50.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Idem.

Jamil Almansur Haddad é dono de uma extensa produção escrita, com muitos livros e algumas láureas recebidas por eles. É lembrado por Alfredo Bosi na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, por Massaud Moisés em *História da Literatura Brasileira* e em *A literatura do Brasil*, esta organizada por Afrânio Coutinho.

3.1.5. Mário da Silva Brito

Nascido em Dois Córregos-SP (1916-?), passou a primeira infância em Campinas, seguindo ainda pequeno para a capital paulista, onde estudou e bacharelou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ainda universitário, ingressou no jornalismo, colaborando em jornais paulistas. Trabalhou em algumas editoras, entre elas a Livraria Martins Editora, chegando a diretor na Civilização Brasileira. Foi um dos fundadores da Câmara Brasileira do Livro e presidiu a seção paulista da União Brasileira de Escritores e o Clube de Poesia.

No início da carreira jornalística foi “foca” no *Diário de S. Paulo*, jornal do grupo de Assis Chateaubriand, depois foi Secretário de Redação em *Roteiro: Quinzenário de Cultura* (o jornal do grupo da Baruel); integrou o Conselho de Redação e depois foi redator chefe de *Atualidades Literárias* por mais de dois anos, periódico inicialmente pertencente à Sociedade Livro-do-Mês Ltda. e que depois se tornou o veículo de comunicação oficial da Câmara Brasileira do Livro, logo após a fundação desta, em 1946.

Em entrevista concedida em 2002, Silva Brito revela que passou a infância lendo e isso causou uma situação curiosa na vida adulta, com detalhes que interessam a essa pesquisa por elucidar um pouco mais o nível de relação entre indivíduos que pertenceram à roda da Baruel e também entre eles e pessoas externas ao grupo. Sabendo desse passado de muita leitura,

(João) Guimarães Rosa ia na editora (Civilização Brasileira, onde Mário trabalhava) e começava a me desafiar para saber o que eu tinha lido. Queria saber quem tinha lido mais, ele ou eu. Citava aquelas coisas horrorosas, de Teixeira César, *Tardes de um pintor*. Ninguém conhecia, mas ele tinha lido [...] Um dia o Guimarães chegou e disse: “Hoje li um livro que vou te dar de 10 a 0”. Perguntei: “Que livro é?”. Ele respondeu: “*João*, de Amadeu de Queiróz”. Eu respondi: “Você perdeu de 20 a 0, porque eu li o original desse romance. Antes de mandar para Porto Alegre o Amadeu me deu o original para ler”. Amadeu era uma figura maravilhosa que havia em São Paulo. Gerente da Drogaria Baruel, lá reunia todos os dias um grupo de jovens escritores - Edgard Cavalheiro, Fernando Góes e vários outros. Nós íamos lá receber lições do velho Amadeu, um encanto de pessoa, terrivelmente inteligente, conhecedor do idioma, não digo da gramática, mas do bom gosto da estilística. Guimarães Rosa achava o *João* um dos maiores romances da literatura brasileira de todos os tempos. Isso ele disse a mim. Só um sujeito

do mais alto estilo o poderia fazer. Comercialmente foi um fracasso total, o País não merecia ainda esse livro, admiravelmente escrito, comparável ao *Memorial de Aires*. Franklin de Oliveira publicou uma vez um artigo sobre Amadeu de Queiróz.¹³⁵

A obra poética de Mário da Silva Brito registra, entre outros, *Três romances da idade urbana* (1946, ilustrado por Tarsila do Amaral); *Biografia* (1952); *Universo* (1961, Prêmio Jabuti); *PoeMário da Silva Brito* (1966); *Suíte em dor maior* (1978). Publicou ainda: *História do Modernismo brasileiro – Antecedentes da Semana de Arte Moderna*; *Noite de Natal*; *Poesia do Modernismo*; *O fantasma sem castelo*; *Conversa vai, conversa vem*; *Jogral do frágil e do efêmero*; *Cartola de mágico*; *Diário intemporal*; *Martins 30 anos*; *Desaforismos*.

Em 1976 recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Conquistara, antes, um troféu Jabuti com um livro de poemas. Ainda assim, sua obra poética é usualmente considerada medíocre, sendo seu grande mérito, realmente, a parte historiográfica de sua produção.

Crítico, ensaísta e historiador literário, Mário da Silva Brito dedicou-se com afinco às letras, tornando-se uma das principais referências acerca do movimento modernista paulista. A esse respeito, registrou o editorial da revista *Literatura e Sociedade*:

O volume em questão é dedicado a Mário da Silva Brito, poeta, crítico e historiador da literatura, pelo estudo de ponta dedicado ao modernismo local, cujas matrizes se enredam na sociedade e na vida cultural do país. O debate que Mário da Silva Brito proporciona ao leitor é fruto do aprofundamento sobre a matéria, lastro de vários anos de estudo, devedor da pesquisa criteriosa das fontes primárias, de depoimentos e conversas com expoentes do movimento, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, de documentação valiosa como a que lhe chegou através de Carlos Drummond de Andrade. Por essas e outras razões de relevo, seu trabalho minucioso e analítico mantém-se atual, e continua sendo referência básica aos estudiosos do período.¹³⁶

Ainda no mesmo sentido, tentando abarcar a importância do trabalho de Mário da Silva Brito como analista do Modernismo, assim escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade: “O que hoje se conhece da Semana de Arte Moderna repousa infalivelmente na informação e na crítica de Mário da Silva Brito”.¹³⁷

¹³⁵ BRITO, Mário da Silva. A literatura ensinou-me a viver – Entrevista concedida a Maria Augusta Fonseca e Telê Ancona Lopez. *D.O. Leitura*, São Paulo, n. 11, p. 18, nov. 2002. Segundo o escritor mineiro Manuel Casasanta, “Guimarães Rosa, que com Oswald e Mário de Andrade, tanto prezou a Amadeu de Queiróz, conforme depoimento recente de um dos gambás da Baruel, Mário da Silva Brito, reservemos lugar para a leitura do artista de *Praga do amor*. Rosa e Queiróz sustentaram o mesmo tema, a gente simples de nossa Minas rural. Um, estrepitoso, escolheu a claridade ofuscante do meio-dia. Outro, sereno, inclinou-se às cores discretas do entardecer”. CASASANTA, Manuel. Um romancista do sul de Minas. *Minas Gerais – Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 10 mar. 1973.

¹³⁶ *Literatura e Sociedade (DTLLC/FFLCH/USP)*, São Paulo, n. 7, p. 5, 2003-2004.

¹³⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Posfácio. In: BRITO, Mário da Silva. *O fantasma sem castelo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

3.1.6. Mário Donato

Mário Donato (1915-1992), paulista de Campinas-SP, foi jornalista, historiador, crítico, biógrafo e romancista.

Possivelmente influenciado pelo pai, o gráfico Luís Donato, ex-diretor da antiga editora de Monteiro Lobato¹³⁸, Mário iniciou-se como tipógrafo e artista gráfico e assim permaneceu até os 19 anos. Formado técnico em contabilidade, tornou-se funcionário concursado dos Correios e Telégrafos por dois anos, daí saindo para ingressar, em 1937, na redação de *O Estado de S. Paulo*, onde permaneceu por cerca de dez anos.

Sua estreia literária foi com o livro de poemas *Terra*, de 1938. É autor de vasta obra literária, inclusive infanto-juvenil, que inclui títulos como *Galatéia e o fantasma*, *Madrugada sem Deus*, *Sargentinho* e *Domingo com Cristina*. Seu livro *Presença de Anita*, de 1948, foi filmado em 1951 e inspirou uma minissérie televisiva. Por ter sido considerado ofensiva, a obra ocasionou a excomunhão do autor pela Igreja Católica e desta recebeu a tarja de “romance proibido”. Outro de seus livros, *Partidas dobradas*, romance publicado em 1978, rendeu-lhe o Prêmio Jabuti.¹³⁹

Integrou a Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, juntamente com outros colegas de Baruel, no início da década de 1960.

Mário Donato foi um dos fundadores da Sociedade dos Escritores Brasileiros, da Associação Brasileira de Escritores e também da União Brasileira de Escritores, participando ativamente dessas entidades, inclusive como diretor. Ocupou a cadeira de número 39 na Academia Paulista de Letras.

Mário Donato demonstra ter atuado, desde o início, como um dos principais articuladores do Grupo da Baruel. Na imprensa aparece como representante para explicar o surgimento de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, no expediente desse figura como diretor, igualmente quando os jornais, inclusive externos à capital paulista, fizeram menção a *Roteiro*, o nome de Mário Donato era um dos mais comumente lembrados pela iniciativa jornalística mas também como um dos integrantes do grupo de “novos” que empreendeu no lançamento do jornal. Era, portanto, figura proeminente do círculo de pessoas que se reunia na Baruel e que levou à frente o empreendimento de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*.

¹³⁸ HALLEWELL, op. cit., 2005, p. 472.

¹³⁹ DONATO, Palma. Entrevistas concedidas a Sílvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 18 fev. 2014 e 27 jul. 2015.

3.1.7. Maurício Loureiro Gama

Maurício Loureiro Gama (1912-2004) nasceu em Tatuí-SP e mudou-se para a capital de São Paulo com 12 anos. Estudou no Liceu Franco Brasileiro, depois chamado Liceu Pasteur, no Colégio Rio Branco e no Ginásio do Estado de São Paulo (na década de 1920 só havia esse ginásio na Capital). Dessa época, teve entre seus amigos: Lucas Nogueira Garcez, que mais tarde se tornaria governador de São Paulo, Auro de Moura Andrade, depois senador da República, e Walter Moreira Salles, futuro embaixador do Brasil em Washington. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo mas já abraçara a profissão de jornalista desde os 16 anos de idade, quando iniciou sua carreira no jornal *O Progresso de Tatuí*, mais tarde escreveu também no jornal *Integração*, também de Tatuí.¹⁴⁰

Em 1933 ingressou nos *Diários Associados*, onde permaneceu por 35 anos como jornalista político e cronista dos *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite*, do qual foi diretor. Escreveu também em outros jornais, como *Correio Paulistano*, *A Gazeta*, *O Tempo* e outros. Assinou também artigos em *O Clarín*, da Argentina, e jornais do Uruguai.

No rádio, escreveu crônicas políticas e da atualidade nacional e internacional transmitidas pelas rádios Difusora, Tupi, Record, Bandeirantes, Gazeta e Capital. Muitas dessas crônicas eram lidas por um radialista famoso, Homero Silva, na rádio Tupi, todas as noites, sob o título de “Ponta de Lança”. No advento da televisão, em 18 de setembro de 1950, foi o primeiro jornalista a fazer um comentário político na então TV Tupi, que também pertencia ao grupo dos “Diários Associados”. Foi também o primeiro âncora em programas de entrevistas do Brasil e de toda a América Latina. Também no início da televisão, lançou um programa diário chamado “Edição Extra”, na TV Tupi e, à noite, um noticiário intitulado “Diário de São Paulo na TV”. O programa político “Pinga Fogo” também foi inaugurado por ele. Como âncora, entrevistou políticos, presidentes do Brasil e de outros países, e também primeiros ministros. Alguns deles: Juscelino Kubitschek de Oliveira, Jânio da Silva Quadros, João Goulart, John Kennedy, Charles de Gaulle, Giovanni Gronchi, Nikita Kruchov, Fidel Castro, entre outros.¹⁴¹

Durante seu tempo de atuação na Televisão, Maurício foi correspondente internacional também, como na visita do Papa Paulo VI a Nova Iorque, algumas coberturas de eleições americanas e também a conferências ocorridas na Organização das Nações Unidas.

¹⁴⁰ Arquivo Maurício Loureiro Gama (Prefeitura de Tatuí-SP, Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude, Museu Histórico Paulo Setúbal).

¹⁴¹ GAMA, Luciana. Entrevistas concedidas a Sílvio Tamasso D'Onofrio. Várias datas, 2011-2017.

Escreveu dois livros, uma biografia artística do escultor *Galileu Emendabili*¹⁴² e *Risonha e Franca*, em homenagem à sua mãe e educadora Anésia Loureiro Gama, membro da Academia Paulista de Educação.

Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Lions Club e da Academia Paulista de Jornalismo. Foi um dos membros fundadores do Sindicato dos Jornalistas em 1937, sua carteira de jornalista era a de número 29.

Trabalhou no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, na gestão do prefeito Fábio Prado, na década de 1930, com o então diretor da cultura, Mário de Andrade, de quem foi assessor. A obra *Os filhos da Candinha*, escrita por Mário de Andrade, é dedicada a Maurício Loureiro Gama e ao jornalista Fernando Góes.¹⁴³

Recebeu o título de “Cidadão Paulistano”. Diversas cidades do interior do Estado também o agradeceram: Limeira, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Piracicaba e outras.

Recebeu a medalha “Anchieta” e foi condecorado no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Do México, foi-lhe conferido o título de “Comendador”.

Maurício passou pelos anos de censura na sua carreira jornalística, seja no período 1937-1945, seja de 1964 a 1985, neste ano subiu no palanque das “Diretas Já”, na Praça da Sé, em São Paulo, ao lado de Ulisses Guimarães, Franco Montoro, Mário Covas e José Serra.

Faleceu aos 92 anos, em 2 de agosto de 2004.

3.1.8. Rossine Camargo Guarnieri

Rossine Camargo Guarnieri (1914-?), natural de Tietê-SP, irmão do maestro Mozart Camargo Guarnieri, foi um poeta com trajetória marcadamente antifascista em atos públicos em suas obras, o que lhe valeu perseguições e fichamentos de toda ordem. Fez parte do movimento renovador da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Foi colaborador regular do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* e conselheiro de redação da revista *Fundamentos* (SP). Integrou a Comissão Julgadora dos Prêmios Literários de Incentivo à Cultura da Prefeitura de São Paulo¹⁴⁴. É patrono de escola estadual em São Paulo.

Segundo documentação depositada no Arquivo do Estado de São Paulo, nos Arquivos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo - DEOPS, em 5 de fevereiro de 1949 “o intelectual comunista” Rossine Camargo Guarnieri esteve em Santos-SP

¹⁴² GAMA, Maurício Loureiro. *Galileo Emendabili*. Prefácio de P. M. Bardi. São Paulo: Instituto Italiano de Cultura/Museu de Arte de São Paulo, 1987.

¹⁴³ ANDRADE, op. cit., 1943, p. 5.

¹⁴⁴ Decreto nº. 2881, de 26 de maio de 1955.

para tratar da vitória de Caio Prado Júnior nas eleições para presidente da Associação dos Escritores que ocorreriam em breve. Já em 9 de agosto de 1952 outro reporte dá conta de que Rossine teve “negada permissão para sua entrada a bordo do navio italiano 'Giulio Cesare' , onde, em companhia de outros elementos comunistas, pretendia levar sua solidariedade ao comunista Pablo Neruda, exilado de seu país, por ser elemento extremista”. Rossine foi processado, indiciado e preso por atividades subversivas, além disso teve vários de seus trabalhos literários dedicados ao Partido Comunista Brasileiro.¹⁴⁵

O crítico Antonio Candido, em seu prestigioso rodapé na *Folha da Manhã*, saudou Rossine Camargo Guarnieri como “grande poeta”, e rematou: “Sua obra já realizada lhe dá o direito de ser considerado o maior poeta moço de São Paulo e um dos maiores do Brasil”¹⁴⁶. Ressalte-se novamente a aparição da palavra “moço”, nesta tese, demonstrando o quanto, a todo instante, estavam em disputas as gerações intelectuais naquela primeira metade do século 20.

O estilo de Rossine Camargo Guarnieri foi assim avaliado por Mário de Andrade em crítica à obra *Porto inseguro*, obra que Mário prefaciou e guardou exemplar com dedicatória manuscrita do autor em seu Arquivo Mário de Andrade¹⁴⁷: “Sob o ponto de vista linguístico, é incontestável que este poeta surge dotado de um estilo excepcional pela harmonia e suavidade. Um Frei Luís de Sousa do nosso tempo”.¹⁴⁸

Parte de sua obra foi feita em frutífera parceria com o irmão Mozart Camargo Guarnieri, responsabilizando-se pela parte escrita de algumas composições¹⁴⁹. Segundo o jornalista Claver Filho, “Rossine escreveu textos para algumas das melhores canções do irmão”.¹⁵⁰

3.1.9. Ruth Guimarães

Ruth Guimarães Botelho (1920-2014) nasceu em Cachoeira Paulista-SP e ainda na infância passa a morar em São Paulo. Volta para o interior e, alguns anos mais tarde, em 1938, retorna definitivamente para a capital. Forma-se em Letras Clássicas pela Universidade

¹⁴⁵ *Relatório sobre atividades comunistas do chefe do Arquivo Geral do DEOPS para o delegado de Ordem Social*, São Paulo, 25 maio 1949 (Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS).

¹⁴⁶ CANDIDO, Antonio. Longitude – Notas de crítica literária. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 jul. 1944.

¹⁴⁷ Atualmente sob a responsabilidade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

¹⁴⁸ ANDRADE, Mário de. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 maio 1939.

¹⁴⁹ REGRESSOU DA EUROPA o maestro Camargo Guarnieri. *Folha da Noite*, São Paulo, 9 dez. 1939. Outro frequentador da Baruel também empregou poemas seus em composições do maestro Camargo Guarnieri: Cleómenes Campos (fonte: *A Noite*, São Paulo, 10 jan. 1944).

¹⁵⁰ CLAVER FILHO. Guarnieri e o dodecafonismo. *Correio Brasiliense*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1977.

de São Paulo e passa a colaborar em periódicos com artigos de crítica, reportagens, crônicas e contos. Seu primeiro texto publicado na grande imprensa ocorre pelas mãos de Edgard Cavalheiro, colega de Baruel. A autora rememora o fato: “ele estava inventando um jornal, um jornal literário (*Roteiro: Quinzenário de Cultura*), e ele foi a primeira pessoa que escreveu alguma coisa minha porque ele publicou uma poesia”¹⁵¹. Em outro momento, mas ainda sobre o seu início de carreira e a figura de Edgard Cavalheiro, acrescentou Ruth Guimarães:

Parecia que levava a sério o que eu escrevia, não ensaiava para dizer que isso ou aquilo não prestava, e foi o primeiro a publicar versos meus, no antigo *Roteiro* [...] (posteriormente) *Roteiro* continuou a publicar coisas minhas que estavam com o Edgard Cavalheiro.¹⁵²

Edgard Cavalheiro também encaminha trabalhos de Ruth Guimarães para a Livraria do Globo, que publica o primeiro romance dela em 1946, *Água Funda*, e para a Editora Cultrix, editoras nas quais a autora vale paraibana passa a colaborar com frequência e também deságua novos livros: de própria autoria, traduzidos ou revisados, somando mais de 40 livros publicados que levam o seu nome na capa ou na ficha técnica. De fato, Ruth tornou-se funcionária dessas duas editoras.

Entre os veículos de comunicação que Ruth Guimarães colaborou encontram-se: *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Folha de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *A Gazeta*, *Diário de São Paulo*, *Noite Ilustrada*, *O Globo*, *Revista do Globo* e *Quatro Rodas*.

Ruth Guimarães foi profícua tradutora além de especialista em pesquisas folclóricas e estudos da região do Vale do Paraíba; foi professora em colégios e faculdades da capital e do interior de São Paulo, membro da União Brasileira de Escritores e também da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira de número 22.

3.2. Perfil biobibliográfico geral

Apresentar-se-á, à seguir, informações sumarizadas de todas as pessoas mencionadas como integrantes do Grupo da Baruel. Muitas informações, mesmo as mais básicas em alguns casos, ainda não foram localizadas pela pesquisa, portanto representam ausência de confirmação. Essas lacunas serão representadas pelo caractere hífen, “-”, na tabela a seguir.

¹⁵¹ Intitulado “Caboclo”, o poema referido pela autora foi impresso à página 9 da edição de número 1 de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, de 5 de maio de 1939. GUIMARÃES, Ruth. Entrevistas concedidas a Silvio Tamasso D’Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010 e Cachoeira Paulista-SP, 31 jan. 2013.

¹⁵² RUTH Guimarães – A revelação literária de 1946. *Jornal de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1946. Entrevista concedida a (?).

Quando houver a confirmação de ausência de uma informação, isso será indicado (por exemplo, confirmou-se que determinada pessoa não cursou o ensino superior: ao invés de sinalizar com hífen o campo correspondente, será sinalizado com a palavra “não”, ou seja, confirma-se que não frequentou o ensino superior). Quando se confirmarem a utilização de pseudônimos eles serão apresentados em linha adicional da tabela. Os indivíduos serão apresentados por ordem alfabética de prenome e nomeados com a tipologia em caixas altas para indicar a forma pela qual são mais comumente conhecidos ou foram indicados no decorrer da pesquisa. Homenagens públicas e póstumas, a nomeação de um logradouro municipal, por exemplo, serão aqui apresentadas como traços de reconhecimento dessas pessoas. Os campos apresentados na tabela abaixo foram inspirados pelos estudos de Sérgio Miceli sobre intelectuais e classes dirigentes no Brasil.¹⁵³

A lista dos periódicos em que os abaixo elencados participaram como fundadores, diretores, redatores, colaboradores ou ilustradores, foi obtida pela consulta ao banco de dados desta tese mediante a seguinte instrução SQL (exemplificada aqui com o nome de um dos integrantes do Grupo da Baruel “CAVALHEIRO” – portanto a consulta ao *database* teve que ser feita manualmente 95 vezes, cada vez com o nome de uma pessoa): “SELECT DISTINCT * FROM periodicos WHERE fundador LIKE “%CAVALHEIRO%” OR direcao LIKE “%CAVALHEIRO%” OR redacao LIKE “%CAVALHEIRO%” OR colaboracao LIKE “%CAVALHEIRO%” OR ilustracao LIKE “%CAVALHEIRO%” ORDER BY nome ASC”.

01. AFONSO DE TAUNAY [Afonso d'Escagnolle Taunay]							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1876 Nossa Senhora do Desterro-SC (atual Florianópolis)	1958 São Paulo	Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Engenharia Civil (1900)	Professor da USP; Diretor do Museu Paulista	-	1919	Acad. Brasileira de Letras; Acad. Paulista de Letras	-
Biografia	Historiador, bandeirologista, biógrafo, ensaísta, lexicógrafo, romancista, heráldico e professor brasileiro. Nomeia biblioteca pública na cidade de São Paulo.						
Principais obras	<i>História da cidade de São Paulo</i> . São Paulo: Arquivo Histórico, 1956. <i>História geral das bandeiras paulistas: 11 vols. (1924-1950)</i> . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1949.						
Associações	Instituto Histórico de Ouro Preto; Instituto Histórico e Geográfico.						
Periódicos	<i>Digesto Econômico</i> ; <i>Novíssima</i> ; <i>Revista do Instituto do Café</i> .						

¹⁵³ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

12. CÂNDIDO FONTOURA da Silveira							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1885 Bragança Paulista-SP	1974 São Paulo	-	-	-	1915	-	-
Biografia	Farmacêutico e empresário. Nomeia hospital infantil na capital de São Paulo.						
Principais obras	<i>A saúde pública e as farmácias</i> . São Paulo: Instituto Medicamenta, 1915. <i>A profissão farmacêutica</i> . São Paulo: Santa Efigênia, 1921. <i>A saúde pública e as farmácias</i> . 2. ed. São Paulo: Instituto Medicamenta, 1928.						
Associações	Academia Nacional de Farmácia; Associação Brasileira de Farmacêuticos; Sociedade de Farmácia e Química; União Farmacêutica de São Paulo.						
Periódicos	<i>Revista Farmacêutica</i> .						

13. CARLOS BURLAMAQUI KOPKE							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1916 Rio de Janeiro	1988 São Paulo	Direito (1934)	-	-	1943	-	-
Biografia	Professor, crítico, ensaísta.						
Principais obras	<i>Antologia da poesia moderna brasileira: 1922-1947</i> . São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1953. (Coleção Documentos, 1). <i>São Paulo e quatro séculos de literatura</i> . São Paulo: Pêgaso, 1955. <i>Do ensaio e suas várias direções</i> . São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1964. (Coleção Ensaio, 31).						
Associações	Sociedade de Estudos Filológicos.						
Periódicos	<i>A Noite; Colégio; O Estado de S. Paulo; Poesia; Revista Brasileira de Poesia; Vamos Ler!</i> .						

22. FRANCISCO AZZI

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1888 Casa Branca-SP	1956 São Paulo	Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito (1920)	Professor da rede pública	-	1916	-	-
Biografia	Diretor de Ensino, advogado, professor de Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, professor no Colégio Caetano de Campos. Nomeia rua em São Paulo.						
Principais obras	<i>Educação Cívica</i> . São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1916. AZZI, Francisco; AZEVEDO, Fernando de. <i>Páginas latinas: Pequena história da literatura romana pelos textos</i> . São Paulo: Melhoramentos, 1926. <i>Normas de direção e inspeção escolar</i> . São Paulo: Diretoria de Ensino, 1934.						
Periódicos	<i>O Commercio de São Paulo; Revista do Brasil</i> .						

23. Francisco da SILVEIRA BUENO

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1898 Atibaia-SP	1989 São Paulo	Seminário Provincial de São Paulo, cursos de Direito, Filosofia e Teologia (1917)	Professor no Ginásio do Estado; Professor da FFCL-USP	-	1924	-	-
Biografia	Cronista, professor, poeta, jornalista, lexicógrafo, filólogo, ensaísta e tradutor. Nomeia escola pública em Atibaia-SP.						
Principais obras	<i>Entardecer: Poema</i> . São Paulo: Cia. Editora Monteiro Lobato, 1924. <i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> . São Paulo: Saraiva, 1944. <i>O Grande Dicionário Etimológico - Prosódico da Língua Portuguesa</i> . São Paulo: Saraiva, 1956.						
Pseudônimo	Frei Francisco da Simplicidade.						
Associações	Clube do Livro.						
Periódicos	<i>A Tarde</i> ; <i>Arlequim</i> ; <i>Cadernos da Hora Presente</i> ; <i>Civilização</i> ; <i>Diário Paulista</i> ; <i>Feira Literária</i> ; <i>Folha da Manhã</i> ; <i>Folha da Noite</i> ; <i>Jornal do Commercio</i> ; <i>Platéia</i> .						

24. Francisco ILDEU da Fonseca BRANDÃO

[illegible]

27. HELI MENEGALE							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1903 Juiz de Fora-MG	1982 Rio de Janeiro	Agronomia	Professor	-	1926	Acad. Mineira de Letras	-
Biografia	Poeta, contista, ensaísta, professor, técnico em educação, funcionário público.						
Principais obras	<i>Amphora do sonho: Poemas</i> . Rio de Janeiro: Casa Aurora, 1926. <i>Aldeia: Poesia</i> . São Paulo: EDART, 1966. <i>Permanência do azul e outros poemas</i> . Porto Alegre: Livraria do Globo, 1979.						
Pseudônimo	Ricardo Martins.						
Periódicos	<i>Cadernos da Hora Presente</i> ; <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i> .						

28. HERALDO BARBUY							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1913 São Paulo	1979 São Paulo	Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia	Professor da FEA-USP	1936	1936	Acad. de Ciências e Letras	-
Biografia	Professor de literatura francesa e história; colaborador efetivo em grandes jornais.						

41. JOÃO LÚCIO Brandão							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1875 Ouro Fino-MG	1848 Belo Horizonte	Faculdade de Farmácia pela Escola de Ouro Preto (1895)	Inspetor Técnico do Ensino em Minas Gerais	-	1903	Acad. Mineira de Letras	Prêmio Acad. Brasileira de Letras (1912)
Biografia	Filólogo e latinista. Poeta, romancista, contista, jornalista, farmacêutico. Pai do escritor Ildeu Brandão.						
Principais obras	<i>Pontes & Cia.: Romance</i> . S.l.: s.n., 1912. <i>Bom viver: Romance</i> . Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917. <i>O livro de Elza</i> . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1965.						
Periódicos	<i>Comércio de São Paulo</i> ; <i>Feira Literária</i> ; <i>Gazeta de Ouro Fino</i> ; <i>Revista da Academia Mineira de Letras</i> .						

42. JOÃO LUSO [Armando Erse de Figueiredo]							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1874 Lousã-Portugal	1950 Rio de Janeiro	-	-	1894	1909	Acad. Brasileira de Letras – Sócio Correspondente	Prêmio em concurso de contos de <i>A Semana</i>
Biografia	Jornalista, contista e escritor.						
Principais obras	<i>O sol e a neve</i> . Rio de Janeiro: Garnier, 1909. <i>Alegria e ternura</i> . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. <i>Orações e palestras</i> . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1941.						
Pseudônimos	Clara Lúcia; J. L. (em <i>Revista da Semana</i>); João Luso; Leopoldo Maia.						
Associações	Associação Brasileira de Imprensa; Associação Paulista dos Críticos Teatrais.						
Periódicos	<i>A Imprensa</i> ; <i>A Noite</i> ; <i>A Novela Semanal</i> ; <i>A Semana</i> ; <i>Correio Paulistano</i> ; <i>Diário</i> ; <i>Diário Popular</i> ; <i>Jornal do Commercio</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Paulicéia</i> ; <i>Revista Literária</i> ; <i>Revista da Semana</i> .						

43. JOAQUIM Vieira MACIEL FILHO							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1902 Murici-AL	-	-	-	-	-	Academia dos Dez Unidos	-
Biografia	Jornalista. Nomeia rua em São Paulo.						
Obra	-						
Associações	Clube de Cinema de São Paulo; Círculo de Interpenetração Americana.						
Periódicos	<i>Bacurau</i> ; <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i> .						

44. JOEL SILVEIRA							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1918	2007	-	-	-	1939	-	“Machado de Assis”, da Acad.

Lagarto-SE	Rio de Janeiro						Brasileira de Letras (1998); Prêmios Líbero Badaró, Esso Especial, Troféu Jabuti e Golfinho de Ouro
Biografia	Jornalista.						
Principais obras	<i>Onda raivosa</i> . São Paulo: Rumo, 1939. <i>A milésima segunda noite da avenida Paulista e outras reportagens</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2003. <i>A feijoada que derrubou o governo</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.						
Periódicos	<i>Correio da Manhã</i> ; <i>Diretrizes: Política, Economia, Cultura</i> ; <i>Diário da Noite</i> ; <i>Diário de Notícias</i> ; <i>Diários Associados</i> ; <i>Dom Casmurro</i> ; <i>Esfera: Revista de Letras, Artes e Ciências</i> ; <i>Jornal do Commercio</i> ; <i>Manchete</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Problemas: Revista Mensal de Cultura</i> ; <i>Revista Brasileira</i> ; <i>Seiva</i> ; <i>Ultima Hora</i> .						

45. JORGE CANAAN

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1890 -	1965 São Paulo	Direito	-	-	-	-	-
Biografia	Advogado, consultor jurídico. Nomeia rua em São Paulo.						
Obra	-						
Associações	Centro Brasileiro de Cultura Árabe.						

46. José Almiro ROLMES BARBOSA

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1914 São Paulo	1999 São Paulo	não	-	-	1942	-	Prêmio Observador Econômico e Financeiro; Prêmio União Cultural Brasil-Estados Unidos
Biografia	Crítico, jornalista e antologista.						
Principais obras	<i>As obras-primas do conto universal</i> . São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942. (Obras-primas, 2). <i>Escritores norte-americanos e outros</i> . Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. <i>Réquiem para os vivos</i> . Porto Alegre: Livraria do Globo, 1956.						
Associações	Associação Brasileira de Escritores; Associação dos Cronistas de Rádio do Estado de SP; Sindicato dos Jornalistas de SP; Sociedade Paulista de Escritores.						
Periódicos	<i>Clima</i> ; <i>Correio Paulistano</i> ; <i>Correio de S. Paulo</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Planalto: Quinzenário de Cultura</i> ; <i>Rotogravura O Estado de S. Paulo</i> .						

47. José Benedito SILVEIRA PEIXOTO

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1909 São Paulo	2006 -	Direito	Procurador da Prefeitura do Município de São Paulo. Funcionário do Dep. de Assistência ao Cooperativismo	1925	1941	Acad. Paulista de Letras; Acad. Cristã de Letras	Prêmio Washington Luís; Cidadão Emérito Paulistano

Biografia	Acadêmico, advogado, romancista, crítico, tradutor, biógrafo, historiador, jornalista, professor.
Principais obras	<i>Falam os escritores...</i> Porto Alegre: Guaíra, 1941. <i>A tormenta que Prudente de Moraes venceu</i> . Curitiba: Guaíra, 1942. <i>Os pioneiros da Rochdale</i> . São Paulo: Departamento de Assistência ao Cooperativismo, 1944.
Periódicos	<i>A Gazeta</i> ; <i>A Razão</i> ; <i>Carioca</i> ; <i>Correio da Manhã</i> ; <i>Diário Nacional</i> ; <i>Folha da Manhã</i> ; <i>Folha da Noite</i> ; <i>Jornal de Notícias</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Planalto</i> : <i>Quinzenário de Cultura</i> ; <i>Polônia</i> ; <i>Vamos Ler!</i> .

48. JOSÉ BENTO Faria Ferraz

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1912 Pouso Alegre-MG	2005 São Paulo	Escola de Biblioteconomia de São Paulo	Funcionário do Departamento de Cultura do Município de SP, do IPHAN e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP)	-	-	Academia Ribeirãopretana de Letras	-
Biografia	Ensaísta, poeta, cronista, historiador e professor.						

49. José Bento MONTEIRO LOBATO

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1882 Taubaté	1948 São Paulo	Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito (1904)	Promotor público	-	1918	Acad. Paulista de Letras	-
Biografia	Fazendeiro, desenhista, empresário, industrial, editor, contista, ensaísta e tradutor. Nomeia logradouros públicos pelo país, biblioteca em São Paulo.						
Principais obras	<i>Urupês</i> . São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Ltda., 1918. <i>Ideias de Jeca Tatu</i> . São Paulo: Revista do Brasil, 1919. <i>Narizinho arrebitado</i> . São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Ltda., 1920.						
Pseudônimos	Antão de Magalhães; B. de Pinho; B. do Pinto; Bertoldo; Deviky; Enoch Vila-Lobos; Guy D'Hã; Hélio Bruma; Josben; Lobatoyawsky; Manoel de Souza; Marcos Turim; Matinho Dias; Mem Bugalho; Nero de Aguiar; Nhô Dito; Olga de Lima; Oswaldo; Pascalon o Engraçado; She; Yan Sada Yako.						
Associações	Sociedade Livro-do-Mês; União Jornalística Brasileira.						
Periódicos	<i>A Novela Semanal</i> ; <i>A Pátria</i> ; <i>A Tribuna</i> ; <i>Arcádia</i> ; <i>Correio Paulistano</i> ; <i>Correio da Manhã</i> ; <i>Cultura</i> ; <i>Fon-Fon</i> ; <i>Fundamentos</i> ; <i>Gazeta de Notícias</i> ; <i>La Nación</i> ; <i>Le Prensa</i> ; <i>Novíssima</i> ; <i>O Estadinho</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>O Jornal</i> ; <i>O Minarete</i> ; <i>O Patriota</i> ; <i>O Povo</i> ; <i>O Queixoso</i> ; <i>Onze de Agosto</i> ; <i>Papel e Tinta</i> ; <i>Planalto</i> : <i>Quinzenário de Cultura</i> ; <i>Revista do Brasil</i> .						

50. José BRITO BROCA

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1903 Guaratinguetá-SP	1963 Rio de Janeiro	-	Funcionário do DIP	1923	1944	-	Prêmio Paula Brito, da Secr. da Educ. do RJ (1956); "Sílvio Romero", da ABL (1956); "Fábio

64. MÁRIO DONATO							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1915 Campinas-SP	1992 São Paulo	-	Correios e Telégrafos	1935	1938	Acad. Paulista de Letras	Troféu Jabuti (1979)
Biografia	Jornalista, romancista, poeta, tradutor.						
Principais obras	<i>As cigarras emigram: Poesia</i> . Curitiba: Guaíra, 1944. <i>Presença de Anita: Romance</i> . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948. <i>Madrugada sem Deus</i> . São Paulo: Livraria José Olympio, 1954.						
Associações	Associação Brasileira de Escritores; Associação dos Profissionais de Imprensa; Clube dos Artistas e Amigos da Arte; Comissão Estadual de Literatura; Sindicato dos Jornalistas de SP; Sociedade dos Escritores Brasileiros; União Brasileira de Escritores.						
Periódicos	<i>A Gazeta</i> ; <i>Ariel</i> ; <i>Folha da Manhã</i> ; <i>O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Planalto</i> ; <i>Quinzenário de Cultura</i> ; <i>Revista da ABDE</i> ; <i>Roteiro</i> ; <i>Quinzenário de Cultura</i> ; <i>Rotogravura O Estado de S. Paulo</i> ; <i>Ujotabê Jornal</i> .						

65. MÁRIO Raul DE Moraes ANDRADE							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1893 São Paulo	1945 São Paulo	Conservatório Dramático e Musical de São Paulo	Professor no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo; Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de SP; Diretor do Instituto de Artes da Universidade do DF, onde lecionou; Professor na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia	-	1917	Acad. Paulista de Letras	-
Biografia	Poeta, ficcionista, ensaísta, contista, folclorista, professor, crítico literário e de artes, romancista, historiador, biógrafo. Nomeia biblioteca pública em São Paulo.						
Principais obras	MÁRIO SOBRAL [Mário de Andrade]. <i>Há uma gota de sangue em cada poema</i> . São Paulo: Pocaí, 1917. <i>Pauliceia desvairada</i> . São Paulo: Casa Mayença, 1922. <i>Macunaíma, o herói sem nenhum caráter: Rapsódia</i> . São Paulo: Cupolo, 1928.						
Pseudônimos	Leocádio Pereira; Luís Antônio Marques; Luís Pinho; M. de A.; Mário Sobral.						
Associações	Associação Brasileira de Escritores; Sociedade de Etnografia e Folclore.						
Periódicos	<i>A Cigarra</i> ; <i>A Idéia Ilustrada</i> ; <i>Ala Arriba</i> ; <i>Cadernos da Hora Presente</i> ; <i>Clima</i> ; <i>Cultura</i> ; <i>Diário de Notícias</i> ; <i>Klaxon</i> ; <i>Problemas: Revista Mensal de Cultura</i> ; <i>Revista Nova</i> ; <i>Revista de Antropofagia</i> ; <i>Revista do Arquivo Municipal</i> ; <i>Revista do Brasil</i> ; <i>Roteiro</i> ; <i>Quinzenário de Cultura</i> .						

66. MAURÍCIO DE MORAES							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1915 Ouro Fino-MG	2000 Ouro Fino-MG	-	Instituto Agrônomo de Campinas	-	1939	Acad. Campinense de Letras; Acad. de Letras de Poços	“Orador Emérito”, da revista <i>Letras</i> (1954); Cidadão Emérito de

78. PAULO CÉSAR DA SILVA							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1912 São Paulo	1988 São Paulo	não	-	-	1952	-	-
Biografia	Poeta, teatrólogo, crítico, tradutor. Filho do poeta Júlio César da Silva.						
Obra	<i>Senhora do mar: Poesia</i> . São Paulo: Revista dos Tribunais, 1952.						
Associações	Clube de Leitura Oliveira Lima.						
Periódicos	<i>A Noite</i> ; <i>Diário Paulista</i> ; <i>Folha da Manhã</i> ; <i>Folha da Noite</i> ; <i>Gazeta de Limeira</i> ; <i>Letras da Província</i> ; <i>O Dia</i> ; <i>O Escolar</i> ; <i>O Malho</i> .						

79. PAULO ZINGG							
Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1915 São Paulo	1991 São Paulo	-	Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura de SP	1936	1940	-	-
Biografia	Professor, jornalista, ensaísta, tradutor, comentarista internacional. Nomeia escolas públicas em São Paulo e em Cotia-SP. Nomeia avenida em São Paulo. Cidadão honorário de Botucatu-SP.						

Obra	<i>A Europa em guerra: Origens e desenvolvimento (1870-1940)</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
Associações	Academia Paulista de Jornalismo; Associação Paulista de Imprensa; Associação Paulista de Propaganda; Fundação Para o Livro Escolar; Ordem dos Velhos Jornalistas; Sindicato dos Jornalistas de SP; Sociedade Paulista de Escritores; União Brasileira de Escritores.
Periódicos	<i>Clima; Correio Paulistano; Correio de S. Paulo; Cultura; Diário da Noite; Diário de S. Paulo; Esfera; Revista de Letras, Artes e Ciências; Folha da Manhã; Folha da Noite; Hoje; Ilustração; Jornal da Manhã; Jornal de S. Paulo; Leitura; Planalto; Quinzenário de Cultura; Revista do Globo; Roteiro: Quinzenário de Cultura.</i>

80. PEDRO CALMON Moniz de Bittencourt

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1902 Amargosa-BA	1985 Rio de Janeiro	Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do RJ (1924)	Diretor e professor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil; secretário do Ministro da Agricultura; Ministro da Educação	-	1923	Acad. Brasileira de Letras; Acad. de Ciências de Lisboa	Primeiro prêmio da ABL (1929)
Biografia	Professor, político, historiador, biógrafo, ensaísta e orador brasileiro.						
Principais obras	<i>O tesouro de Belchior: Romance histórico</i> . 1929. <i>História de Castro Alves</i> . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1947. <i>História de D. Pedro II</i> . 5 t. Brasília / Rio de Janeiro: INL, 1975.						
Associações	Instituto Histórico e Geográfico.						
Periódicos	<i>Diretrizes: Política, Economia, Cultura; O Cruzeiro; Revista Brasileira; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.</i>						

81. PEDRO SATURNINO Vieira de Magalhães

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1883 Cabo Verde-MG	1953 Curitiba	Letras; Ciências Naturais e Farmacêuticas, pela Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia (1906)	-	-	1922	Academia de Ciências e Letras; Academia de Letras "José de Alencar"	-
Biografia	Professor, poeta e filósofo. Nomeia rua em Curitiba, escola pública em Cabo Verde-MG e biblioteca pública em São João da Boa Vista-SP.						
Principais obras	<i>Grupiaras: Poema</i> . São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1922. <i>Boitatás</i> . São Paulo: Hélios, 1926. <i>Mãe-de-ouro: Poesia</i> . Curitiba: Seção de Artes Gráficas, 1951.						
Periódico	<i>Novíssima</i> .						

82. PLÍNIO SALGADO

Nasc.	Morte	Universidade	Funcionário público	Estreia jornal	Estreia livro	Academia literária	Prêmio
1895 São Bento do	1975 São Paulo	Direito	-	-	1926	Acad. Paulista de	-

4. O Grupo da Baruel e a imprensa paulista (1935-1950)

4.1. O segmento representante

Será apresentada a seguir imagem que pode auxiliar na visualização da atuação do selecionado grupo representativo, as nove pessoas mencionadas no capítulo anterior, da roda da Baruel na imprensa, seja como fundadores, diretores, redatores ou colaboradores¹⁵⁴. No entanto, na tentativa de valorizar as inter relações entre os integrantes do Grupo da Baruel, excluiu-se do gráfico a seguir as atuações individuais dos nove representantes. Portanto somente existem ligações de um membro a um veículo jornalístico quando esse veículo contou com no mínimo dois integrantes da Baruel (para evitar iniciativas individuais, empresas próprias e para valorizar os aspectos de sociabilidade entre essas pessoas), independente da época em que aí estiveram, porque até o fechamento desta tese não foi possível fazer o levantamento detalhado das datas em que essas pessoas trabalharam nos periódicos em questão.

Dessa forma, por exemplo, há uma ligação entre Amadeu de Queiróz e a revista *Arlequim* porque nesta existiu, em algum momento, o redator Léo Vaz, que também integrou o Grupo da Baruel. Léo Vaz não é exibido nesse gráfico porque é uma imagem destinada a ilustrar apenas a trajetória dos nove representantes da Baruel.¹⁵⁵

Portanto, reforçando, não se quer dizer com a imagem a seguir que os dois ou mais integrantes do Grupo da Baruel atuaram ao mesmo tempo nos jornais elencados, quer se apenas demonstrar que dois ou mais integrantes atuaram no mesmo periódico, a qualquer tempo.

¹⁵⁴ Imagens criada com o auxílio do recurso eletrônico gratuito disponível em <http://sankeymatic.com> (acesso em jan. 2017).

¹⁵⁵ Segundo justificativa apresentada no capítulo 2 desta tese.

4.2. O grupo completo

Imagem semelhante à da página anterior poderia ser produzida levando-se em conta o grupo como um todo, com suas 95 pessoas, e abrangendo a totalidade dos periódicos em que atuaram, um total de 304 órgãos noticiosos (filtrados esses totais pela quantidade de pessoas que efetivamente escreveu nos jornais, porque há casos, por exemplo, dentro desse espectro de 304 jornais, que um dos integrantes da Baruel foi diretor do periódico mas nele não publicou nenhum artigo), sete deles no estrangeiro. A dificuldade de tal empreitada, no entanto, relaciona-se à apresentação desse material, a impressão em papel, que pode tornar a leitura desse material algo dificultoso pela miríade de conexões. Foi tentada essa visualização, no entanto, e o resultado será apresentado em seguida. São 613 ligações sendo apenas uma ligação de pessoa a periódico, indicando única e exclusivamente sua colaboração ao jornal – portanto excluem-se as atividades quanto a uma possível redação, direção ou fundação e, ao mesmo tempo, não se contabiliza a quantidade de artigos publicados, ficando cada linha com o significado de que a colaboração existiu (e não por quantas vezes ocorreu), é o que indicam os números na parte lateral nos nomes das pessoas e dos periódicos.

Dos 95 integrantes do Grupo da Baruel, 84 foram “ligados” a algum veículo de imprensa¹⁵⁶. Daqueles que foram redatores ou colaboraram, o fizeram normalmente como críticos, muitos deles, possivelmente, aludidos de passagem em obra da década de 1960: (críticos) “que estão hoje na maturidade e representam a camada dominante da literatura”.¹⁵⁷

¹⁵⁶ O número foi obtido pelo cruzamento das tabelas Pessoas e Periódicos do banco de dados de suporte da tese, conforme apresentado no capítulo 1 (item 4) desta tese. A consulta ao banco de dados (que poderia ser formulada, facilitando a compreensão humana, pela pergunta: quais dos integrantes da Baruel exerceram atividade como fundador, diretor, redator, colaborador ou ilustrador na listagem de 304 periódicos?) foi efetuada pela seguinte instrução SQL: “SELECT pessoas.nome, periodicos.fundador, periodicos.direcao, periodicos.redacao, periodicos.colaboracao, periodicos.ilustracao FROM pessoas INNER JOIN periodicos ON periodicos.fundador LIKE '%' || pessoas.nome || '%' OR periodicos.direcao LIKE '%' || pessoas.nome || '%' OR periodicos.redacao LIKE '%' || pessoas.nome || '%' OR periodicos.colaboracao LIKE '%' || pessoas.nome || '%' OR periodicos.ilustracao LIKE '%' || pessoas.nome || '%'”.

¹⁵⁷ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira – III – Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968, p. 31.

Gráfico: Distribuição de publicação dos membros da Baruel em periódicos

O gráfico acima demonstra grande predominância de atuação na imprensa paulista, por parte dos membros do Grupo da Baruel.

Já os gráficos a seguir demonstram, com um círculo vermelho, quais integrantes do Grupo da Baruel exerceram atividades de direção e/ou redação em periódicos, e quais foram os periódicos envolvidos.

Para a elaboração dos gráficos não foi considerada a dimensão temporal, o que significa dizer, se uma pessoa foi redatora ou diretora de um determinado veículo ela passa a constar na imagem, independentemente de quanto tempo ela tenha permanecido na diretoria ou redação, independente também de quando ela ingressou ou saiu da empresa. Ainda assim, percebe-se pelos gráficos que ao menos em três veículos (*Correio Paulistano*, *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*), há a presença de dez ou mais integrantes do Grupo da Baruel. Não significa que trabalharam ao mesmo tempo nos mencionados veículos, haveria que se averiguar caso a caso para ter ciência disso. O gráfico demonstra que existe a possibilidade de terem trabalhado ao mesmo tempo na mesma empresa jornalística. Essas especulações não levaram em conta o jornal *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, por ser oriundo da roda da Baruel.

José B. Monteiro Lobato	A Ação	
	A Cigarra	
	A Garoa	
	A Gazeta	
José B. Silveira Peixoto	A Ofensiva	
	A Ordem	
José Brito Broca	A Plateia	
José Testa	A Razão	
	A Tribuna	
Leão Machado	Almanaque de Passos	
Léo Vaz	Boletim da Associação Comerc.	
Leonardo Arroyo	Cadernos da Hora Presente	
Manuel Vioti	Carioca	
Marganda Izar	Ciências e Letras	
Mário Casassanta	Comércio de Jaú	
Mário da Silva Brito	Comício	
Mário de Andrade	Correio de S. Paulo	
Mário Donato	Correio do Livro	
Maurício de Moraes	Correio Paulistano	
Maurício Loureiro Gama	Correio Popular	
Mauro de Alencar	Cultura	
Miruel Silveira	Cultura Política	
Nelson Lobo de Barros	Diário da Noite	
Nelson Palma Travassos	Diário de Notícias	
Nelson Werneck Sodré	Diário de S. Paulo	
Odilon Negreão	Diário Nacional	
Otacílio Gomes	Digesto Econômico	
Paulo César da Silva	Dom Quixote	
Paulo Zing	Feira Literária	
Plínio Salgado	Festa	
Rosário Fusco	Folha da Manhã	
Rossine Camargo Guarnieri	Folha da Noite	
Rui Bloem	Folha da Tarde	
Ruth Guimarães	Folha de S. Paulo	
Ruy Arruda	Fundamentos	
S. Galeão Coutinho	Hoje	
Sérgio Millet	Ilustração	
Tito Batini	Jornal da Manhã	
Wellington Brandão	Jornal de Letras	
	Jornal de Notícias	
	Jornal de S. Paulo	
	Kriterion	
	Le Carmel	
	Leitura	
	Minas Gerais	
	O Comentário	
	O Escolar	
	O Estado de S. Paulo	
	O Semanário	
	Opinião	
	Panorama	
	Patrimônio	
	Planalto	
	Problemas	
	Radar de São Paulo	
	Revista Brasileira de Poesia	
	Revista Brasileira	
	Revista da APL	
	Revista do Arquivo Municipal	
	Revista do Brasil	
	Revista do Globo	
	Revista do Instituto do Café	
	Revista dos Tribunais	
	Revista Nova	
	Roteiro: Quinzenário de Cultura	
	Terra Roxa & Outras Terras	
	Última Hora	
	Verde	

5. O Grupo da Baruel e as editoras paulistas (1935-1950)

Nesta seção serão apresentadas as principais editoras paulistas que tiveram algum nível de participação de integrantes do Grupo da Baruel. Buscar-se-á elucidar traços de sociabilidade que podem perpassar essas empresas.

A atividade editorial das 95 pessoas apontadas como tendo sido integrantes do Grupo da Baruel, seja publicando obras individuais, integrando obras coletivas, organizando, prefaciando, anotando, traduzindo e mesmo ilustrando¹⁵⁸, compreendeu um total de 315 casas. Desse total, 16 editoras tiveram em sua redação, diretoria, gerência ou presidência algum integrante do Grupo da Baruel, são elas: Ariel, Brasiliense, Companhia Distribuidora de Livros - CODIL, Companhia Editora Nacional, Cultrix, Cultura Brasileira, Donato, Editorial Hélios Ltda., Empresa de Divulgação Literária - EDL, Genauro Carvalho, Guaíra, Livraria do Globo, Livraria José Olympio Editora, Livraria Martins Editora, Monteiro Lobato & Cia. Ltda., Revista dos Tribunais, Rumo, Saraiva.

Conhecidas essas informações, e complementadas com dados cronológicos, seria possível fazer exercícios associativos sobre a bibliografia de alguns dos integrantes da Baruel, ou seja, especular sobre a obra produzida por essas pessoas e as possíveis relações dessas com o coletivo da Baruel, seus laços de cordialidade, seus interesses. Não se insinue que tais obras não viessem a lume caso inexistisse o Grupo da Baruel ou sua teia de relações, mas não se negue que alguns encadeamentos possam ser feitos, atestados por dados irrefutáveis tais como um emprego em uma editora e a data dos acontecimentos, o que, ainda que talvez minimamente, contribui com a historiografia da inteligência nacional. Uma investigação que poderia ser feita, por exemplo, relaciona-se com a estreia literária¹⁵⁹ de determinado autor.

¹⁵⁸ Há dois integrantes do coletivo que ilustraram livros: LOBATO, Monteiro. *Os negros*. Ilustrações de Ruy Ferreira. São Paulo: Olegário Ribeiro, 1920; CÉSAR, Guilhermino; PEIXOTO, Francisco Inácio. *Meia-pataca: Poesia*. Ilustrações de Rosário Fusco. Cataguases-MG: Verde, 1928.

¹⁵⁹ A busca por estreias literárias no banco de dados construído para auxiliar esta tese pode ser feita pelo comando SQL: “SELECT obra FROM pessoas WHERE obra LIKE '%estreia%””, instrução que pode ser compreendida como “selecionar obras da tabela Pessoas cujo nome possua a palavra estreia”. Se o banco de dados foi construído seguindo as informações apresentadas no capítulo 1 (item 4) desta tese, este seria o procedimento de busca, algo que o sistema leva apenas 5 milissegundos para apresentar a resposta. Ressalte-se que, para que essa funcionalidade seja bem sucedida, no momento de entrada dos dados na coluna “obra” (dentro da tabela Pessoas), deve-se assinalar com a palavra “estreia” a primeira publicação do autor, porque se essa palavra não foi inserida o sistema não consegue, não da forma como foi implementado, detectar qual a primeira obra editada. Ou seja, neste caso em específico, o sistema nada mais faz do que comparar caracteres em uma coluna que pode conter infinitas linhas de dados: onde ele encontrar a palavra “estreia” ele sinaliza. Se, ao invés de usar bancos de dados, fosse utilizada uma planilha eletrônica, por exemplo, o procedimento não seria muito diferente, há buscas simples em planilhas também. O banco de dados leva vantagem quando há cruzamento de colunas, ou buscas mais complexas, como uma que poderia ser feita, por exemplo, buscando a palavra “estreia” associada a uma editora específica, ou a um autor específico, ou um período de anos em que tal estreia se tenha dado (ou pesquisas com ainda maior complexidade). Nessas

Será que sua amizade e frequência aos encontros do Grupo da Baruel pode ter sido de auxílio em sua publicação e, no limite, em sua carreira? Em que medida? Haveria que se investigar mais atentamente. No entanto, um dos casos em que tais associações podem ser feitas é aquele que envolve a estreia literária da escritora Ruth Guimarães, e duplamente porque há evidências do que se passou tanto em seu início de publicação em livros quanto em jornais.¹⁶⁰

Outra associação que pode ser feita diz respeito à estreia literária de Amadeu de Queiróz, que parece ter relação com os empreendimentos editoriais de Herculano Vieira. Segundo Amadeu de Queiróz, em um dos excertos transcritos no início do capítulo 2 desta tese, as primeiras manifestações daquilo que poderia ser chamado o Grupo da Baruel teriam ocorrido por volta de 1927, possivelmente estimuladas por sua estreia literária, obra que julga ter causado algum impacto na intelectualidade de então. Essa estreia fora proporcionada pela editora recém-inaugurada de Herculano Vieira, a Empresa de Divulgação Literária – EDL. Essa editora foi a responsável pela publicação do mensário *Feira Literária*, também em 1927, periódico apontado no excerto de Amadeu como tendo sido espécie de celeiro do Grupo da Baruel, não por acaso, aliás, afinal basta uma rápida consulta aos sumários das edições iniciais dessa revista para se constatar que muitas pessoas depois apontadas como integrantes do Grupo da Baruel, incluindo Herculano Vieira, colaboram com *Feira Literária* desde o seu nascedouro. Lá estão: Amadeu de Queiróz, Aureliano Leite, David Antunes, Flávio Pires de Campos, Galeão Coutinho, João Felizardo, João Lúcio, José Testa, Manuel Viotti, Padre José Bueno de Castro Nery, Plínio Salgado, Rui Bloem, Silveira Bueno e Wellington Brandão.¹⁶¹

Datado de janeiro de 1927, no prefácio da edição número 1 de *Feira Literária* Herculano Vieira defende que sua editora “desejando contribuir, tanto quanto possível, para uma divulgação mais ampla das manifestações artísticas do pensamento jovem do Brasil, pensou em editar uma coletânea mensal de trabalhos inéditos”, o que aponta, novamente, para a questão geracional, de onde se pode vislumbrar certo esforço de uma parcela da intelectualidade para a superação dos paradigmas.

Herculano também alega ineditismo no empreendimento, a publicação periódica de inéditos, justificando sua necessidade ante a “dezenas” de publicações assemelhadas na Europa, mencionando aquelas sob a responsabilidade de Pitigrilli e Fayard. Mostra-se, ainda,

situações, enquanto o bando de dados permite operações automatizadas, a planilha eletrônica normalmente obriga o operador a fazer minuciosamente o levantamento e a comparação de cada pedaço de informação.

¹⁶⁰ Há detalhes nos capítulos 2 e 3 (item 9) desta tese.

¹⁶¹ Das 14 pessoas listadas, 4 integraram, em anos posteriores, a Academia Paulista de Letras e uma a Academia Mineira de Letras.

otimista de que tal publicação auxiliaria na reflexão e no acompanhamento do “prodigioso” desenvolvimento das letras nacionais.

O prefácio parece um diagnóstico mas também uma investidura. O fato é que tais arregimentações sugerem relações pessoais que abrangeriam interesses comerciais, portanto políticos, envolvendo essas pessoas.

Gráfico: Distribuição de publicação dos membros da Baruel em editoras

Detecta-se a clara predominância de atuação dos membros do Grupo da Baruel em publicações oriundas do estado de São Paulo.

O gráfico que será apresentado a seguir exhibe os anos de nascimento e falecimento dos integrantes do Grupo da Baruel, também o ano de suas respectivas estreias literárias em livro foi sinalizado. A imagem pode auxiliar na compreensão da trajetória dos indivíduos e do coletivo, na forma como se estabeleceu suas cronologias.

Para os anos de nascimento e morte, devem ser considerados os valores indicados na parte superior das barras (ou seja, oposta ao eixo cartesiano), ou seguindo a notação indicativa, espécie de “métrica anual” disposta na borda do gráfico, na parte superior da página.

A cor laranja indica os dados relativos a nascimento, a cor azul indica os valores para falecimento (quer dizer, o período de vida de cada pessoa é indicado pela área azul do gráfico) e os círculos vermelhos indicam o ano de estreia literária em livro editado, portanto estes não têm relação com estreia literária em periódicos.

A ausência de determinadas informações justifica a existência de lacunas nos seguintes casos: em que se desconhece a data de nascimento, portanto sem indicação na barra alaranjada (caso de João Felizardo, por exemplo); quando se desconhece a data de falecimento – daí a não apresentação da barra azul (caso de Gabriel Marques, por exemplo); quando se desconhecem, ao mesmo tempo, as datas de nascimento e morte, impedindo, portanto, a indicação das barras laranja e azul ao mesmo tempo (caso de Rubem Rocha). Quando não há o círculo vermelho relacionado a determinada pessoa, presume-se que seja autor de livro nenhum ou obra desconhecida.

6. O periódico do Grupo da Baruel: Roteiro

Roteiro está excelente, por certo melhor que Dom Casmurro. Parabéns e abraços pros amigos que tenho nele!¹⁶²

¹⁶² ANDRADE, Mário de. *Carta a Mauricio Loureiro Gama*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1939 (Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CAR232). Dom Casmurro foi jornal literário contemporâneo a *Roteiro*, caracterizado por CANDIDO e CASTELLO (1968: 29) como “expressivo e ágil”.

6.1. O estudo de periódicos literários modernos

Há quase meio século, no Brasil, o estudo dos periódicos literários ganhou grande impulso com o auxílio de dois professores da Universidade de São Paulo. Supervisionando trabalhos de pós-graduação, José Aderaldo Castello¹⁶³ e Alfredo Bosi ampliaram a fortuna crítica sobre periódicos Modernistas, ou do momento estético imediatamente anterior, aproveitando o grande acervo de jornais e revistas literárias que a universidade amealhou no decorrer dos anos, como o caso daqueles constantes da Coleção Mário de Andrade, por um lado; e demonstrando a importância da análise dos periódicos para uma compreensão mais acurada, posto que locais privilegiados para a veiculação crítica e ideológica de determinado movimento estético, por outro. Esse trabalho foi continuado por dois ex-orientandos de Castello, tornados também professores e orientadores de pós-graduandos que, por sua vez, também estudaram outros periódicos literários: Cecília de Lara e Neroaldo Pontes. Nesse sentido, apenas referentes ao trabalho desses quatro profissionais, até 1980 haviam sido publicadas 32 teses de doutorado e dissertações de mestrado no Instituto de Estudos Brasileiros e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas¹⁶⁴, entidades pertencentes à Universidade de São Paulo.¹⁶⁵

Esse esforço pela compreensão do grande volume de periódicos empreendido por Castello e Bosi amadureceu um projeto de estudos de periódicos, especialmente literários, em que diretrizes básicas foram estabelecidas para a orientação de pesquisadores interessados na análise periodística. Dessa maneira, explicitamente derivados do amplo projeto de estudos de periódicos literários idealizado por José Aderaldo Castello, e portanto basilares em termos de estudos sobre o Modernismo, foram concluídos estudos sobre os periódicos *Festa*¹⁶⁶, *Rosa-*

¹⁶³ CAVALCANTE, Neuma; LIMA, Yêdda Dias; LOPEZ, Telê Ancona; MATOS, Edilene (Orgs.). *A presença de Castello*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Instituto de Estudos Brasileiros, 2003, p. 26. Em 2011, professor supervisor e aluno autor da presente tese contataram o professor José Aderaldo Castello na tentativa de obtenção de um depoimento para esta pesquisa. Infelizmente a passagem do tempo impediu a realização da entrevista naquele fatídico ano.

¹⁶⁴ Detalhes a respeito desses 32 trabalhos podem ser obtidos em: SILVA, Margaret A. Wood da. O Projeto de Estudo de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, São Paulo, 1979, ed. 21, p. 117-122.

¹⁶⁵ Adicionais continuadores do projeto inicial de Castello e Bosi, por fato ou direito, cite-se os professores Antonio Dimas (também orientando de José Aderaldo Castello e Alfredo Bosi) e Paulo Teixeira Iumatti, este último desenvolvendo projeto voltado ao estudo da literatura de cordel. Coordena também a construção de inovador portal para acervo de documentos bibliográficos, textuais, visuais e sonoros relativos ao cordel.

¹⁶⁶ CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo, 1970, 169 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na área de teses da Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP.

Cruz¹⁶⁷, *Via Láctea*¹⁶⁸, *Movimento Brasileiro*¹⁶⁹, sobre a segunda fase da *Revista do Brasil*¹⁷⁰, sobre *Arco & Flexa*¹⁷¹, *Clima*¹⁷², *Cadernos da Hora Presente*¹⁷³, *Revista Brasileira de Poesia*¹⁷⁴, e *Revista Nova*¹⁷⁵, para nomear apenas algumas dessas monografias.

¹⁶⁷ DIMAS, Antonio. *Rosa-Cruz: Contribuição ao estudo do Simbolismo*. São Paulo, 1970, 129 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História, do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 926A.

¹⁶⁸ KIEL, Zita. *Via Láctea – Uma revista bahiana*. São Paulo, 1970, 111 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na área de teses da Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP.

¹⁶⁹ BOAVENTURA, Maria E. Da Gama Alves. *Movimento Brasileiro (Contribuição ao estudo do Modernismo)*. São Paulo, 1975, 248 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 163N.

¹⁷⁰ IKEDA, Marilda A. Balieiro. *Revista do Brasil – 2a. fase: Contribuição para o estudo do Modernismo brasileiro*. São Paulo, 1975, 159 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 85N.

¹⁷¹ ALVES, Ívia Iracema Duarte. *Arco & Flexa (Contribuição para o estudo do Modernismo)*. São Paulo, 1976, 168 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 208N.

¹⁷² CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. *Clima: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo, 1978, 250 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na área de teses da Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH-USP.

¹⁷³ NISHIKAWA, Iracema Eiko Karazawa. *Cadernos da Hora Presente: Contribuição da Linha Espiritualista para o Estudo da Literatura Brasileira*. São Paulo, 1978, 184 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 493N.

¹⁷⁴ ALVES, Maria Marcelita Pereira. *Revista Brasileira de Poesia – Periódico pós-modernista: Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. São Paulo, 1979, 141 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 471N.

¹⁷⁵ KREINZ, Glória Aparecida Rodrigues. *Revista Nova: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo, 1979, 192 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira - Orientação: José Aderaldo Castello) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Exemplar original disponível para consulta na Biblioteca de Teses do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), do Departamento de História da FFLCH-USP, sob o número de tomo 466N.

6.2. Sobre as fontes de *Roteiro*

Esta pesquisa localizou, até o presente momento, 15 edições de *Roteiro*, em um total de 13 volumes (dois volumes saíram duplos, cada um deles contendo duas edições na mesma encadernação: casos dos números 10-11 e 75-76). Dessas 15 edições, nove são da primeira e seis da segunda fase do periódico. Do total, três edições estão sob guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, integrando a biblioteca particular do escritor Mário de Andrade. Essas edições são a de número 3 e a dupla de número 10-11. Ambas são do primeiro ano de existência do periódico, em sua primeira fase de publicação. Estão em bom estado de conservação, possibilitando ampla leitura apesar de existirem áreas ilegíveis/perdidas por rasgos e dobras. O papel de suporte está fragilizado, o que dificulta o manuseio e faz deste motivo de deterioração do material, por quebradiço. Aliás este é também o panorama das demais edições consultadas, independente das instituições onde elas se encontram¹⁷⁶. Em algumas das edições consultadas há recortes feitos provavelmente com tesoura, prejudicando a leitura do conteúdo.

As edições 4 e 6 estão no Arquivo Edgard Leuenroth, do Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, e outras duas, números 1 e 9, também da primeira fase, estão sob guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo. As nove edições restantes estão depositadas no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Três dessas são da primeira fase, edições 7, 8 e a “repetida” 9 (encontrada anteriormente no Arquivo Mário de Andrade), e as restantes seis edições são da segunda fase: 75-76 (dupla no mesmo volume), 77, 78, 80 e 85. Datas e detalhes dessas publicações serão apresentados adiante, nesta tese.

Há, ainda, um exemplar da edição de número 3 de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* na Hemeroteca Júlio Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.¹⁷⁷

De forma avulsa, dois artigos publicados em diferentes edições de *Roteiro* foram encontrados como parte integrante do arquivo pessoal do escritor Edgard Cavalheiro¹⁷⁸, um

¹⁷⁶ Papel de baixa qualidade era utilizado pelas editoras na tentativa de reduzir custos, isso pode auxiliar na compreensão do estado de conservação das edições remanescentes. Para mais informações sobre redução de custo e qualidade do papel da época, consultar HALLEWELL, op. cit., 2005, p. 352.

¹⁷⁷ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho: Catálogo da Hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, 1975. Tese (Doutorado em História - Orientação: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

¹⁷⁸ Acervo atualmente sob guarda do Centro de Documentação Alexandre Eulálio, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

dos responsáveis pelo jornal. Um deles é o artigo de sua autoria intitulado “Os mortos ressurgem”, publicado na edição não localizada de número 2 do jornal, datada 20 de maio de 1939. Esse artigo será reproduzido ao final desta tese, como Anexo.

Há casos também de conteúdos publicados em *Roteiro* que não foram localizados avulsos nem nos exemplares de origem, mas são artigos cuja existência pode ser presumida posto que registrados pela bibliografia. Há, por exemplo, uma entrevista concedida por Nelson Werneck Sodré, comentada por ele em um de seus livros¹⁷⁹, material que teria sido impresso em uma das edições de maio de 1939 de *Roteiro*. Como das duas edições que provavelmente foram publicadas nesse mês, uma foi localizada, exatamente a de número 1, possivelmente a alegada entrevista tenha sido publicada na edição de número 2, não localizada. Diante disso, apesar de não localizado esse texto ou essa edição, sabe-se um pouco mais a respeito de conteúdo que teria sido publicado no periódico.

Nenhuma outra edição do jornal foi encontrada para consulta em território nacional. Internacionalmente, o sistema eletrônico da Biblioteca do Congresso Norte Americano aponta a existência de edições de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* em seu acervo, no entanto nenhuma informação adicional foi obtida: solicitada a busca, a instituição acusou material não localizado. O número de edições mantidas e também as datas de publicação dos exemplares desse acervo são informações que não puderam ser esclarecidas por aquela instituição.¹⁸⁰

6.3. Apresentação e Histórico

O nome *Roteiro* foi utilizado algumas vezes no jornalismo brasileiro para intitular periódicos diversos, ao menos desde o início do século 20¹⁸¹. Quer se referir aqui ao paulista *Roteiro*, de subtítulo *Quinzenário de Cultura*, em um primeiro momento, e *Documentário do Pensamento Democrático*, numa segunda fase. Esse periódico foi criado no âmbito do Grupo da Baruel e seu primeiro número foi publicado com data de 5 de maio de 1939.¹⁸²

¹⁷⁹ SODRÉ, op. cit., 1988, p. 191. Registre-se que a edição de número 3, publicada em 5 de junho de 1939, apresenta uma entrevista, praticamente em página cheia, de Nelson Werneck Sodré. Pela indisponibilidade de exemplares da edição de número 5 para a consulta, não se descobriu se foram publicadas duas ou apenas uma entrevista de Nelson Werneck Sodré.

¹⁸⁰ <http://lccn.loc.gov/45027661> (acesso em 21 de abril de 2015). Duplication Services order #20150407104238.

¹⁸¹ Cronologicamente o mais próximo jornal homônimo provavelmente é o carioca *Roteiro*, sem subtítulo, dirigido por Daniel C. da Silva e surgido em 1950, semelhante em termos da faixa etária de seu corpo editorial (também propalado como veículo feito por “novos”), e na predileção pelos assuntos culturais. Em 1951 há também um *Roteiro*, vinculado ao Partido Republicano Paulista (PRP) de Piracicaba-SP.

¹⁸² Um exemplar da edição inicial de *Roteiro* encontra-se no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS, Arquivo Quirino Pucca.

Roteiro teve duas fases distintas, a inicial mais cultural, a seguinte mais político-partidária, na medida em que tais distinções possam ser feitas. Os motivos e o momento de mudança da primeira para a segunda fase são desconhecidos. Exclusivamente por meio dos exemplares localizados do jornal, o *corpus* desta pesquisa (constituído por dois conjuntos, um exclusivamente de edições do ano 1939 e outro exclusivamente de publicações de 1945 – no primeiro caso todos os exemplares são de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, no segundo conjunto todos os volumes são de *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*), o que se constata é que em 1939 o nome do periódico é *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, e em 1945 torna-se *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*, agora com periodicidade semanal. Não se localizou informação adicional que pudesse esclarecer ou justificar a existência dessas duas fases nem sobre seus períodos de circulação – o que se sabe é que o jornal começou a ser publicado no quinto dia do mês de maio de 1939 e que ainda circulava em 1945, porém em outra fase.

Alguns materiais obtidos na tentativa de esclarecimento dessas duas fases, material constituído por escritos memorialísticos, notícias e crônicas jornalísticas, serão apresentados a seguir, nesta pesquisa.

Utilizar-se-á doravante, nesta tese, a designação de “primeira fase” para *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, e “segunda fase”, para *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*.

A confirmação de que os dois nomes referem-se a um único veículo jornalístico pode ser encontrada nos exemplares da segunda fase. Nas edições localizadas de *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*, todas publicadas em 1945, pode-se ler no Expediente: “Ano VII” e “Fundado em 5 de maio de 1939”, data coincidente com a edição inaugural de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*. O diretor do jornal, cujo nome é expresso também no Expediente de todas as edições, é o mesmo em ambas as fases do periódico: Genauro de Carvalho.¹⁸³

Adicionalmente, na edição publicada em maio de 1945, edição dupla, de números 75-76, dois novos dados corroboram a informação de que se trata do mesmo jornal de 1939: à página 5 é impresso um texto sem assinatura, de caráter editorial, com o título: “O 6.º aniversário de *Roteiro*”¹⁸⁴, o que remete à data inaugural de 1939. A segunda informação é a

¹⁸³ Genauro Wanderley de Carvalho (28/01/1915 – 23/09/1999) foi advogado, jornalista e editor. Formou-se nas arcadas do Largo de São Francisco em 1944 e era o proprietário de “Roteiro Editorial Ltda.”, empresa responsável pela edição e comercialização do jornal *Roteiro*. Editou ao menos dois títulos de livros sob o selo “Genauro Carvalho”, edições que apresentaram como endereço dessa editora a Rua dos Gusmões, 147 – São Paulo. Membro da Associação Brasileira de Imprensa, representou o jornal carioca *Diretrizes* em São Paulo.

¹⁸⁴ Texto reproduzido nos Anexos, ao final desta tese.

publicação, à página 11, da transcrição de uma mensagem do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses, à redação de *Roteiro*, apresentando felicitações pelo transcorrimento do sexto aniversário do jornal, confirmando a informação de que, se em 1945 o jornal fazia o seu sexto aniversário, ele fora lançado em 1939.

Tentando localizar quem seriam os responsáveis por *Roteiro*, verifica-se que a seção com o expediente da primeira edição do jornal, impresso à página 2, apresenta como “diretor gerente: Genauro Carvalho”. *O Correio Paulistano*¹⁸⁵, no entanto, apresenta como diretores “Genauro Carvalho, Mário Donato e Francisco Maciel Filho”. Apesar desses dois últimos nomes figurarem no Expediente da primeira edição como “redator chefe” e “redator secretário”, respectivamente, a nota do *Correio Paulistano* pode sinalizar a importância da atuação de Donato e Maciel na constituição de *Roteiro*.

Em 11 de outubro de 1940, o jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua página 6, noticia o recebimento das “Publicações” – este o nome da seção que divulga o lançamento de uma nova edição de *Roteiro*, iniciando o texto da seguinte maneira: “ROTEIRO – N. 13, de 10 de Outubro de 1940. Apreciada folha editada nesta capital sob a direção do sr. Genauro W. Carvalho, dedicada à cultura, economia e política”, em seguida, *O Estado de S. Paulo* enumera artigos e autores constantes no volume de *Roteiro* sem, no entanto, esclarecer se tratar de *Roteiro* em primeira ou segunda fase¹⁸⁶. O *corpus* disponível para análise, aquele que foi localizado por esta pesquisa, no entanto, leva a crer que, diante da exposição dos autores e dos assuntos que constariam nessa edição de número 13, nesse momento *Roteiro* ainda está em sua primeira fase, é ainda *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, por quatro evidências (ressalte-se: evidências tributárias ao conjunto documental que se teve acesso, ou seja, diante do conjunto documental acessado para o desenvolvimento da pesquisa, quando se compara os números iniciais 1, 3, 6, com outros seis anos mais velhos, edições de número 78, 80 ou 85 por exemplo – bastante distantes cronologicamente, surgem indícios que parecem evidenciar que o jornal, em sua edição de número 13, ainda está na primeira fase): há muitos artigos

¹⁸⁵ São Paulo, 6 maio 1939.

¹⁸⁶ Este o conteúdo restante da notícia divulgada por *O Estado de S. Paulo* em 11 de outubro de 1940: “Traz, como nos números anteriores, interessantes trabalhos entre os quais destacam-se os seguintes: 'A ilusão lírica', André Malraux; 'Humanismo e pessoa humana', Antônio Osmar Gomes; 'Aquele caboclo Tobias', Arthur Coelho; 'Poesia sob as Arcadas', Fernando Mello Bueno; 'Museus ambulantes', Paulo de Almeida; 'Lamento das águas fartas', Breno Acioli; 'Cruzada santa...', Carlos de Aragão; 'Da capa ao índice', J. Pereira Marques; 'A colaboração judaica em prol do Brasil', Fernando Levinsky; 'Eis-me no Rio', Ciro dos Anjos; 'Troços, traços... e traças', João Sem Terra; 'Momento num café', Manuel Bandeira; 'A inútil mensagem', Emílio Moura; 'A arte dos malogrados', Amadeu Amaral Júnior; 'O livro da vida e da morte', J. Escobar Faria; 'A pintura paulista em Porto Alegre', Cardoso Filho; 'O nu e as convenções', Hernâni de Irajá; 'Um animador', Roberto Simonsen; 'O combate pela paz', Mauro de Alencar e 'Conversa com a gente moça de Recife', Paulo Cavalcanti”.

assinados, o triplo da média de artigos assinados na segunda fase, *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*; 2) pelo título dos artigos subentende-se assunto eminentemente cultural e/ou literário, o que é bastante discrepante dos artigos da segunda fase do jornal, na qual o conteúdo literário é suprimido quase que em sua totalidade; 3) de forma semelhante à nota anterior, os autores destacados como colaboradores dessa edição de número 13 são mais afeitos à primeira fase do jornal, são notadamente do meio literário e cultural, e não político-partidário – esses mais próximos da segunda fase; 4) pelo que se lê na nota do “estadão”, haveria a seção “Da capa ao índice”, dedicada à crítica literária, descontinuada na segunda fase do jornal (ao menos nos exemplares pesquisados).

Outra informação relevante dessa notícia, se é que não houve algum equívoco por parte de *O Estado e S. Paulo*, é o fato de que *Roteiro* estaria apenas em sua décima terceira edição em outubro de 1940. Em se confirmando essa informação, surpreende porque a edição de número 11, publicada em numeração dupla, juntamente com a edição de número 10, e localizada por esta pesquisa, essa edição 11 apresenta a data de 5 de outubro de 1939, de onde se conclui que a circulação de *Roteiro* entre outubro de 1939 e outubro de 1940 foi praticamente interrompida, possivelmente tendo sido colocado em circulação apenas um número durante todo esse intervalo de um ano: a edição 12 – e o jornal era proposto como um quinzenário.

Já em 15 de outubro de 1940, noticia o *Correio Paulistano* à sua página 4:

Está em circulação mais um número do interessante periódico *Roteiro*, que se publica nesta capital sob a direção dos srs. Genauro W. Carvalho e Mauro de Alencar. Publica diversos trabalhos sobre cultura, economia e política. Literatura em prosa e verso. Vários clichés. Enfim, um número copioso e bem colaborado

Essa notícia, reproduzida aqui na íntegra, novamente não esclarece se tratar da primeira ou segunda fase de *Roteiro*. Leva a pensar que já se trata da segunda fase o fato de, quase dois anos depois, em 23 de agosto de 1942, o mesmo *Correio Paulistano* menciona *Roteiro* no noticiário de publicações agora grafando o subtítulo *Documentário do Pensamento Democrático*, ou seja, o jornal em sua segunda fase, tendo por diretor Genauro Carvalho, acompanhado do mesmo Mauro de Alencar referido em 1940. Os termos expressos em 1942 são os seguintes: “Publicações – Inteiramente dedicado ao Estado da Bahia, está circulando o número de agosto de *Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático*, dirigido pelos srs. Genauro W. Carvalho e Mauro de Alencar”. Portanto se Mauro de Alencar em 1942 é identificado como diretor na segunda fase de *Roteiro*, sem que ele apareça na primeira fase, leva a crer que já em outubro de 1940, data da publicação da primeira nota do *Correio*

Paulistano aqui referida, já em outubro de 1940 *Roteiro* está em sua segunda fase, porque nesse momento Mauro de Alencar consta como codiretor do jornal. Seguindo esse raciocínio, poder-se-ia pensar que, realmente, em outubro de 1940 *Roteiro* está em sua segunda fase, um indício seria a paralisação quase absoluta na circulação do jornal entre outubro de 1939 e outubro de 1940, paralisação que as fontes parecem indicar ter realmente ocorrido.

O nome dessa pessoa, Mauro de Alencar, coincidência ou não, parece um indício também, ainda que muito precário, de certa modificação na linha editorial porque, do *corpus* localizado de *Roteiro* em suas duas fases, conjunto documental que será melhor apresentado no próximo subitem deste capítulo da tese, esse *corpus* composto por 13 volumes e 15 edições (duas são duplas, publicadas em volume único), sendo nove edições da primeira fase e seis da segunda, em nenhuma das seções de Expediente, ou em qualquer outro local dessas edições, aparece o nome Mauro de Alencar: esse nome simplesmente não existe nas edições localizadas, apenas é mencionado nessa notícia de outro veículo, referida acima, quando se trata, aparentemente, da segunda fase de *Roteiro*. O que se sabe sobre Mauro de Alencar é que ele integra a longa lista de nomes de pessoas que comporiam o Grupo da Baruel, lista já apresentada nesta tese; no entanto, suas ligações com *Roteiro* são pouco esclarecidas.

Nas revistas cariocas *Careta*, *Fon-Fon* e *O Malho*, entre os anos de 1930 e 1940, há poemas e crônicas assinadas por Mauro de Alencar e por Francisco Martins Capistrano. Capistrano foi um jornalista e escritor radicado no Rio de Janeiro, autor de *Mara* (1937), do premiado *Vertigem* (1930), e redator chefe de *Fon-Fon* por anos. Em uma edição de *Fon-Fon* de março de 1947, um texto não assinado e intitulado “Mauro de Alencar” apresenta as seguintes informações:

Uma carta dirigida à redação de *Fon-Fon* [...] reclama a presença de Mauro de Alencar na última página desta revista, onde, semanalmente, vem publicado UM POEMA DE AMOR PARA VOCÊ...

Alegam as missivistas galantes que a ausência de Mauro de Alencar, nesta página, constitui uma falha insanável, pois seu substituto, Martins Capistrano, não consegue suprir as vibrações da arte e do sentimento daquele... E solicitam, amavelmente, a volta de Mauro ou, pelo menos, o seu reaparecimento número sim, número não, revezando-se com o romancista de *Mara*, que agrada menos do que o outro...

Consultamos, sobre o assunto, nosso companheiro Martins Capistrano, a quem foi entregue a última página de *Fon-Fon*, desde que nasceu UM POEMA DE AMOR PARA VOCÊ...

E ele nos deu, com um sorriso, a explicação que as missivistas desejam:

– O Mauro de Alencar dos poemas de amor resolveu, agora, usar o PSEUDÔNIMO de Martins Capistrano, para não confundir-se com o seu homônimo de São Paulo, que faz crítica e ensaio, na imprensa bandeirante...

Como vê, a página de UM POEMA DE AMOR PARA VOCÊ... não mudou de autor. Este é que mudou de nome, para não deixar mal o outro Mauro de Alencar...

Satisfazemos, assim, à curiosidade das jovens leitoras reclamantes, já que não podemos contrariar a decisão do nosso Mauro de Alencar...¹⁸⁷

A interpretação imediata desse texto é de que uma pessoa chamada Mauro de Alencar decidiu assinar seus textos como Martins Capistrano. Ocorre que, nas três revistas citadas, são dezenas de vezes mais frequentes as menções ao nome de Martins Capistrano, em comparação com Mauro de Alencar, inclusive há diversos registros fotográficos daquele, ao passo que de Mauro de Alencar não se localizou uma fotografia. Por exemplo, Martins Capistrano aparece em foto com demais dirigentes da Associação Brasileira de Imprensa¹⁸⁸, discursando na inauguração da herma de Olegário Mariano em logradouro público do Rio de Janeiro¹⁸⁹, e recebendo a nomeação para o cargo de Chefe do Serviço de Educação Cívica do Departamento de Educação Nacionalista da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal¹⁹⁰, Capistrano que era professor do Colégio Pedro II e também da Universidade do Rio de Janeiro. Ademais, uma enciclopédia de literatura brasileira também aponta o uso do pseudônimo “Mauro de Alencar” pelo escritor Martins Capistrano¹⁹¹. Diante disso, o mais adequado seria considerar o texto transcrito acima como irônico, afirma algo quando quer dizer o contrário. Ademais, o poder público não nomearia um pseudônimo para Chefe de Serviço de Educação, ou para professor universitário. Martins Capistrano, portanto, utiliza-se do nome Mauro de Alencar, e não o inverso, e decide abandonar esse pseudônimo para evitar confusões com o paulista Mauro de Alencar “para não confundir-se com o seu homônimo de São Paulo, que faz crítica e ensaio, na imprensa bandeirante”.

Seria legítimo perguntar-se se o paulista Mauro de Alencar, aquele relacionado com o jornal *Roteiro*, pessoa próxima dos assuntos cinematográficos, um dos donos da Paradigma Filmes, por algum momento funcionário da Câmara Municipal de São Paulo, não seria a mesma pessoa que esse Mauro de Alencar carioca, ainda que sendo pseudônimo de Martins Capistrano, em espécie de vida dupla. A hipótese parece pouco provável.

As informações coligidas parecem levar a crer que existiu um Mauro de Alencar paulista, esse de nosso interesse – de *Roteiro*, e um Mauro de Alencar carioca, contemporâneo

¹⁸⁷ MAURO de Alencar. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, p. 66, 22 mar. 1947. Destaques mantidos como no original.

¹⁸⁸ *O Malho*, Rio de Janeiro, p. 6, 20 maio 1933.

¹⁸⁹ *O Malho*, Rio de Janeiro, p. 15, 14 jul. 1938.

¹⁹⁰ *O Malho*, Rio de Janeiro, p. 40, jun. 1942.

¹⁹¹ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. t. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

do primeiro, porém este segundo não passou de um personagem, um pseudônimo do escritor Martins Capistrano.

Retornando à discussão relativa às fases de *Roteiro*, registre-se que informações constantes na *Revista da Academia Paulista de Letras* auxiliam no sentido da conclusão de que *Roteiro*, em dezembro de 1940, ainda está em sua fase inicial – contrariando, portanto, as indicações do *Correio Paulistano* e indo de acordo com o sugerido pela nota em *O Estado de S. Paulo*. A *Revista da APL* faz menção a uma edição do jornal *Roteiro* datado de dezembro de 1940, onde se teria publicado artigo tratando de assunto fundamentalmente literário: uma crítica literária de obra publicada por um dos principais integrantes do Grupo da Baruel – Amadeu de Queiróz. Como o *corpus* de *Roteiro* localizado por esta tese, e disponível para consulta, indica serem raras as críticas literárias na segunda fase desse jornal, a informação pode sugerir que em dezembro de 1940 *Roteiro* estava ainda em sua primeira fase, seria ainda *Quinzenário de Cultura*.¹⁹²

Diante da ausência de informações a respeito da transição entre a primeira fase de *Roteiro* e a segunda, e diante da aparente discrepância nas referências, e para concluir essa etapa da investigação, o mais seguro até o momento, baseado no *corpus* disponível para análise, é afirmar que as edições de 1 a 11, todas de 1939, referem-se à primeira fase de *Roteiro*. E, de maio até julho de 1945, *Roteiro* está em sua segunda fase. Isso é o que o *corpus* localizado permite afirmar. Para além disso, pode-se especular que o jornal entrou em sua segunda fase nos anos iniciais da década de 1940, talvez até no próprio ano de 1940. Franca especulação, no entanto.

Aparentemente houve algum tipo de desacordo ou ruptura entre os envolvidos com a organização de *Roteiro*, ainda em seus primeiros meses de existência, o que pode ter impulsionado a passagem da primeira para a segunda fase do jornal. Denunciam esses fatos os termos utilizados por Fernando Góes em missiva a Mário de Andrade:

Roteiro tem saído com uns números ruinzinhos, eu sei, mas não leve isso a mal. Agora é que estamos começando a tomar pé na coisa e você vai ver que desse número que vai sair no dia 20 em diante ele vai melhorar bastante. E depois, você sabe, nenhum de nós tem prática de fazer jornais, e a tipografia do bicho fica lá nos infernos, fica lá em Curitiba, e não há meio de nós nos livrarmos dessa paginação provinciana e acanhada. Mas vou dar um jeito. A turma aqui nos abandonou, Mário isso é, nós brigamos uns com os outros, você sabe como é essa coisa. [...] Tenho a lhe dizer agora que vamos dedicar o nosso número do próximo dia 20 à turma de Minas, que lá há um punhado de gente interessante e sadia que você sabe, e assim nós vamos dedicar uma edição de 20 páginas pra ela. Peço então a você qualquer coisa, se houver tempo e você nos quiser ajudar, qualquer coisa sobre Minas ou sobre esses

¹⁹² *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, março de 1957, n. 62, p. 205.

escritores matracas que vêm de lá ou estão lá. Imagine que esses canalhinhas daqui nos abandonaram [...]. Enfim, lhe peço também para falar com o Drummond de Andrade, com Murilo Mendes e mais alguns mineiros que você conhece aí, e lhes fale desse nosso número dedicado a Minas, e lhes peça umas coisas, faça essa força por nós, Mário.¹⁹³

Fernando Góes não menciona nomes, mas aparentemente as relações estremece dentro da redação e um novo ordenamento funcional se estabelece. Um mês depois, Maurício Loureiro Gama, em meio a uma extensa carta também a Mário de Andrade, menciona rapidamente a questão: “O 'Roteiro' creio que não sai mais. Houve uma porção de encrencas, eu me afastei do jornal”¹⁹⁴, e confirma a permanência de Fernando Góes no empreendimento. Góes teve artigos publicados nas duas fases de *Roteiro*.

Pelo que esta pesquisa localizou, sendo *Roteiro* um quinzenário, algo estranho ocorreu porque a edição de número 9 foi posta em circulação em 5 de setembro, e a edição de número 10 saiu apenas em 5 de outubro, tendo sido publicada em edição dupla, com indicação de que se tratava da edição “10-11”, apesar de contar com o número tradicional de páginas, 16.

Nenhuma edição posterior de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* foi encontrada. A primeira edição seguinte localizada já mostrava o jornal em sua segunda fase.

Portanto, constatada a existência da segunda fase do jornal a partir do *corpus* disponível, percebe-se a adoção de novo subtítulo na edição de *Roteiro* datada 7 de maio de 1945, a mais antiga edição localizada desse jornal que ostenta o subtítulo “Documentário do Pensamento Democrático”. Mais do que transformação de nomenclatura, a análise do material demonstra que, de fato, o jornal entrou em nova fase, apresentando substanciais alterações. Pelo que se apurou, entre o final do ano de 1939 (ano da última edição localizada com o subtítulo de “Quinzenário de Cultura”) e 1942 (citada referência do *Correio Paulistano*, que afirma nesse momento *Roteiro* ser “Documentário do Pensamento Democrático”), o jornal passa por uma transformação em sua linha editorial que o encaminha no sentido de priorizar assuntos político-partidários e econômicos frente aos culturais e artísticos, com nítida diminuição do número de artigos assinados, mudança gráfica da logomarca, entre outras características que serão apresentadas adiante, nesta tese.

Roteiro tem, então, duas fases bem marcadas, uma mais cultural, outra mais político-partidária. Esta tese é dedicada especificamente ao estudo da primeira fase do jornal, possivelmente mais aproximada do Grupo da Baruel, momento em que há mais artigos

¹⁹³ GÓES, Fernando. *Carta a Mário de Andrade*. São Paulo, 16 de agosto de 1939 (Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CPL3475).

¹⁹⁴ GAMA, Maurício Loureiro. *Carta a Mário de Andrade*. São Paulo, 17 de setembro de 1939 (Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CPL3441).

assinados e, portanto, maior frequência na ocorrência dos nomes elencados nesta tese como representantes desse coletivo.

Para tratar do início, dos primeiros momentos do jornal, uma carta de Amadeu de Queiróz revela informações de primeira ordem, não encontradas em outro local, e mais: acrescida da crítica desse que foi um dos principais elementos constitutivos do Grupo da Baruel. Trata-se de uma carta de maio de 1939, mês de lançamento de *Roteiro*, para David Antunes, também integrante da roda literária, cujo trecho de interesse é o seguinte:

Não temos notícias que valham a pena. O que há sobre letras, você conhece pela imprensa... Por falar nisso, mandei remeter a você um número de *Roteiro*, um jornal literário que acaba de sair aqui. É de nosso amigo Maciel¹⁹⁵ e de outros rapazes muito talentosos, novos e ardentes, no meio dos quais devo fazer uma bela figura, com a minha careca, os meus óculos e mais badulaques espirituais que constituem os haveres dos sessenta e muitos...

Mas o jornal deveria ter ficado melhor, pelo menos esperavam por isso; contudo, para primeiro número, não está mau. Tomara que o número seguinte saia como desejamos.

O dr. Plácido e Silva, que tem uma editora em Curitiba¹⁹⁶, incumbiu-se da parte comercial do jornal, isto é, os cobres, e por esse lado os rapazes estão sossegados. O nosso Maciel parece que agora se encaminha. O dr. Plácido vai estabelecer aqui uma editora – Rumo Editora¹⁹⁷, que já está funcionando em Curitiba, de cuja gerência técnica se incumbirá o Maciel, recebendo bom ordenado e porcentagem nos lucros. Um dos primeiros livros a ser editado vai ser o romance de Leão Machado, o que foi premiado pela Academia.¹⁹⁸

Se os negócios forem por diante e o Maciel se aprumar de uma vez, estaremos com o nosso amigo arranjado e com uma editora amiga.

[...] Em tempo: é escusado lembrar que as colunas de *Roteiro* estão às suas ordens e que, para nós, a sua colaboração será motivo de orgulho e satisfação¹⁹⁹

Apesar de Amadeu de Queiróz ser sempre apontado como redator, em *Roteiro*, a carta parece demonstrar a participação dele também em nível mais gerencial, na direção do periódico. É o que se depreende do que foi apresentado acima, veja-se: o primeiro ponto a se destacar é que, logo no início, Amadeu de Queiróz coloca-se como integrante do grupo de

¹⁹⁵ Joaquim Maciel Filho, que consta na primeira edição de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* como “redator secretário”.

¹⁹⁶ Editora Guaíra, promotora da coleção Caderno Azul.

¹⁹⁷ Uma das primeiras anunciantes do jornal e que ocupa local de grande destaque, no alto da página e em ambos os lados, nas primeiras edições.

¹⁹⁸ Trata-se do livro *Espigão da Samambaia*, publicado pela editora Guaíra, de Curitiba, em 1942. A história recebeu o prêmio “Romance de 1937”, da Academia Brasileira de Letras.

¹⁹⁹ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 17 de maio de 1939 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 46).

Maciel e dos outros responsáveis pelo jornal, “no meio dos quais” portava seus mais de sessenta anos de idade.

No segundo parágrafo ele deseja que a edição (então) futura do jornal saia “como desejamos”, o que significa dizer: ou Amadeu é simpatizante do jornal ou, efetivamente, um dos responsáveis por ele, já que anseia pelo sucesso da publicação.

No terceiro parágrafo surge importante informação dos bastidores de *Roteiro*: o jornal teria um investidor, espécie de mecenas, o que permitiria que os redatores e responsáveis pelo conteúdo da publicação não tivessem que cuidar, diretamente, da parte comercial do negócio a que estavam se dedicando, a veiculação de um jornal – que deve cumprir metas e gerar lucro para sobreviver: “por esse lado os rapazes estão sossegados”, afirma Amadeu. Trata-se de informação importantíssima e sequer mencionada em momento algum nos materiais pesquisados. A grande presença propagandística da Editora Rumo, conforme nota expressa na página anterior, em *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, já sinalizara um relevante nível de proximidade da empresa com esse jornal, mas com as informações oriundas da missiva, novos contornos são visualizados dessa relação.

Já o último parágrafo demonstra, de fato, grande proximidade de Amadeu de Queiróz com a gerência do negócio, sinalizando poder de influência no conteúdo do jornal. Pode levar a crer que Amadeu de Queiróz não era apenas redator em *Roteiro: Quinzenário de Cultura*., mas pessoa também envolvida no nível estratégico do empreendimento.

Para conferir os detalhes das publicações de Amadeu de Queiróz nesse jornal, bem como as publicações dos demais colaboradores, nos anexos, ao final da tese, será apresentado o índice anotado de artigos publicados na primeira fase de *Roteiro*, e um índice mais sumarizado da segunda fase, daqueles exemplares que a pesquisa logrou êxito ao localizar, o que pode auxiliar na compreensão da mudança pela qual o jornal passou. Quando possível, tentar-se-á comparar as duas fases do jornal com o objetivo de melhor elucidar as diferenças entre esses dois momentos de sua existência.

Retornando à questão da direção e gerência de *Roteiro*, chama a atenção o fato de que, dos três principais cargos da empresa jornalística responsável por esse jornal, dois eram preenchidos por pessoas oriundas do estado de Alagoas. E, ao incluir a pessoa de Plácido e Silva na análise, ele que, aos olhos do leitor do jornal, não figura como um dos responsáveis pela gestão estratégica e gerencial da empresa jornalística que edita *Roteiro*, - afinal, é propagandeado como autor de romances (quando, de acordo com a carta transcrita poucos parágrafos acima, ele foi o patrocinador e mecenas ao menos da primeira edição de *Roteiro*:

Quinzenário de Cultura), constata-se que são três alagoanos nos quatro postos chave do jornal. Todo o restante dos nomes arrolados no Expediente desse jornal são redatores e, ao pensar no Grupo da Baruel como um todo, daquela listagem ampla de 95 nomes, desses todos apenas cinco pessoas são nascidas em Alagoas.

Quer dizer, entre 95 pessoas há 5 alagoanos. No jornal, de quatro cargos aparentemente os mais importantes senão os únicos dentro da empresa do jornal, três são preenchidos por alagoanos, repetindo: Plácido e Silva como financiador, Genauro Carvalho como diretor proprietário e Joaquim Maciel Filho como secretário da redação (redator chefe, nas edições posteriores). O que isso significa? Será que se conheciam previamente? Será que combinaram algo antes, firmaram um acordo que colocaria as Alagoas na direção literária paulistana? Sobre essas questões, por hora, pouco se poderá acrescentar. O que se constatou é que, dos três, dois não nasceram no mesmo município alagoano. Da terceira pessoa em foco não se obteve informações que pudessem asseverar a cidade de seu nascimento.

Voltando a *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, este foi um periódico literário e cultural posterior a tantos outros importantes, especialmente revistas, apesar de com essas perceber o mesmo momento estético e artístico nacional, se considerado de forma ampla: *Klaxon*, *Terra Roxa & Outras Terras*, *Revista de Antropofagia*, entre outras da fase heroica do momento Modernista. De forma semelhante, *Roteiro* tem relação também com periódicos mais contemporâneos a ele, *Cadernos da Hora Presente*, por exemplo, e posteriores, como *Clima* e a *Revista Brasileira de Poesia*. São todos periódicos essenciais, cada qual a seu modo, para o conhecimento das vertentes pelas quais transitou o modernismo brasileiro.²⁰⁰

Com relação ao alcance ou impacto de *Roteiro*, à sua presença e permanência no decorrer do tempo, algumas considerações podem ser feitas. É notável como esse jornal raramente se apresenta como fonte de referência bibliográfica em trabalhos ou estudos posteriores. Parte da explicação para isso pode repousar na baixa qualidade do papel utilizado na confecção de *Roteiro*, o chamado “papel da guerra”, de baixa qualidade pelo momento de racionamento de recursos que o mundo atravessava e a dificuldade pela importação de papel, fato que fez com que os exemplares se deteriorassem rapidamente – algo que também pode ajudar a explicar a dificuldade para encontrar edições do jornal nos dias de hoje, e todos os exemplares consultados demonstram grande fragilidade no manuseio pelo fato de o papel ser quebradiço.

²⁰⁰ CASTELLO, José Aderaldo. Prefácio. In: CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971, p. 5.

Insistindo na questão da inexpressiva utilização de *Roteiro* como fonte bibliográfica, pode-se questionar também quanto à tiragem do periódico – informação não expressa em local nenhum das edições consultadas. Dessa maneira, e por enquanto, torna-se difícil estimar o quão disponível para o público esse jornal esteve em sua época.

De toda maneira, foi mais uma oportunidade em que um grupo de intelectuais parece ter acreditado que no Brasil poderia haver um panorama cultural semelhante ao francês, por exemplo, que possuía, na mesma época, centenas de periódicos culturais. A esse respeito, escreveu Mário da Silva Brito, integrante da roda da Baruel, em 1947 – portanto depois da existência de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*: “Eis uma afirmativa que se converteu em lugar-comum: o Brasil é um país pobre de revistas culturais [...] São Paulo, especialmente, não tem tido sorte com as suas revistas. Aparecem à custa de sacrifícios pessoais e, logo depois, morrem”²⁰¹. Saliente-se que, nesses escritos, Silva Brito cita o título de oito revistas culturais que, segundo ele, eram de boa qualidade, mas entre esses nomes não se encontra *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, talvez por não ser exatamente um periódico apresentado no formato revista, mas como jornal mesmo, em termos de dimensões físicas (tabloide) e qualidade do papel. Do ponto de vista da referência aos “sacrifícios pessoais” e ao curto período de circulação, a descrição parece adequar-se perfeitamente ao que se conhece, até o momento, sobre *Roteiro: Quinzenário de Cultura*.

Segundo Christina Barros Riego, “até mais ou menos 1935 os intelectuais buscaram, nas páginas dos periódicos que criaram, consolidar as bases do projeto modernista, refletir, criticar, agitar e transformar o 'passadismo' em 'futurismo’”²⁰². Ressalvando a cautela que parece ser necessária na avaliação do termo utilizado “futurismo”, e apesar de localizada cronologicamente um pouco depois de 1935, pode-se considerar essa afirmação como válida também para *Roteiro*, afinal continha entre seus sustentáculos pessoas que tiveram contato direto com os “heróis” de 1922 e, se pensarmos em um espectro mais amplo, alguns dos próprios promotores da Semana de Arte Moderna estavam, não se sabe exatamente em que nível, aproximados do Grupo da Baruel, afinal tiveram seus nomes citados em meio aos integrantes, em listagem já apresentada anteriormente nesta tese. E se *Roteiro* era do Grupo da Baruel, ou foi utilizado por alguns dos elementos desse grupo para ser o veículo de comunicação desses membros ou do Grupo da Baruel como um todo, tem-se configurada uma situação que permite aproximar o ideário modernista da linha editorial de *Roteiro*, ainda que

²⁰¹ BRITO, Mário da Silva. Uma revista de poesia. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 21 dez. 1947.

²⁰² RIEGO, Christina Barros. *Do futuro de da morte do teatro brasileiro: uma viagem pelas revistas literárias e culturais do período modernista (1922-1942)*. São Paulo: Hedra, 2010, p. 11.

para o contradizer ou negar, eventualmente, mesmo assim o gérmen Moderno parece integrar indelevelmente a constituição do jornal.

Portanto, além da aproximação de figuras proeminentes da Semana de 22, como Sérgio Milliet²⁰³, Oswald e Mário de Andrade, de *Roteiro*, houve também no desenvolvimento do jornal o concurso da geração intelectual seguinte aos de 1922, um desses, por exemplo, que logrou da proximidade com os primeiros modernistas a vantagem do acesso a informações privilegiadas e de primeira mão, foi Mário da Silva Brito, também integrante da Baruel e também promotor de *Roteiro*. Também por essa convivência, Silva Brito notabilizou-se pela publicação de obra considerada incontornável para o estudo e compreensão da estética moderna nacional, a *História do Modernismo Brasileiro*²⁰⁴, ainda que o volume aparente ser menos a história propriamente dita do Movimento do que uma coletânea de depoimentos e artigos jornalísticos enfocando o tema, permeado por discussões do autor.

Tal qual Mário da Silva Brito, muitos dos outros integrantes do Grupo da Baruel (e, portanto, de *Roteiro*) tiveram, intencionalmente ou não, a marca de explicador e difusor do Modernismo em suas trajetórias, mas cuja análise detalhada extrapola os objetivos imediatos desta tese, ao menos por esse momento. O levantamento de *Roteiro*, portanto, contribui para uma revisão da história dos estilos estéticos no Brasil, especialmente o Modernismo, posto que seus idealizadores estava diretamente imbricados naquele movimento, seja por via direta, sendo eles próprios alguns dos promotores de 1922, seja indiretamente, pelo contato e testemunho dos antecessores.

Para a apresentação de *Roteiro*, procurou-se apreender, em cada item, suas variáveis definidoras mas que apontassem também para definição do periódico como um todo, num esforço de organicidade.

Em 5 de maio de 1939 é impresso o número fundador de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, uma propriedade da Editorial Roteiro Limitada²⁰⁵. A redação e a administração

²⁰³ Sérgio Milliet dirigiu a seção de artes plásticas nas primeiras edições de *Roteiro*, sendo substituído por Lasar Segall e, depois, por Barros, o Mulato. No diário intitulado “Autógrafos – Rosa”, de propriedade de Rosa Goldemberg Motta, local em que ela colhia dedicatórias dos visitantes ilustres do escritório da Livraria do Globo, onde Rosa trabalhava, há duas dedicatórias com a mesma data, de dois integrantes da Baruel - Sérgio Milliet e Fernando Góes, algo que poderia indicar uma visita conjunta (Acervo Rosa Goldemberg Motta).

²⁰⁴ BRITO, op. cit., 1958.

²⁰⁵ O Contrato Social da firma, registrado na Junta Comercial do Estado de São Paulo, apresenta as seguintes informações: DENOMINAÇÃO SOCIAL: Editorial Roteiro Ltda.; SEDE SOCIAL-DOMICÍLIO-ENDEREÇO: Capital; FILIAIS: -; DATA DA CONSTITUIÇÃO: 31-3-1945; TIPO SOCIAL: Por quotas; CAPITAL SOCIAL: Cr\$ 40.000,00; CONTRATO SOCIAL NÚMERO: 78.888; SESSÃO: 27-4-1945; REGISTRO DE FIRMA: -; DISTRATO SOCIAL: -; OBJETO: Jornal periódico “Roteiro”; PRAZO DE DURAÇÃO: Indeterminado; NOME DOS SÓCIOS NA DATA DA CONSTITUIÇÃO-QUALIDADE-NACIONALIDADE-CAPITAL: Genauro Wanderley de Carvalho – Quotista – Brasileiro – Cr\$ 30.000,00;

estavam localizadas à Praça da República, número 60, no edifício Cássio Muniz, primeiro andar, em duas salas com janelas voltadas para a Rua do Arouche²⁰⁶. Aos sábados, segundo se divulgou, o escritório ficava aberto aos visitantes, a fim de servir de ponto de reunião e um “café sabatino” depois que o jornal era publicado.²⁰⁷

Segundo o crítico Antonio Candido, o nome *Roteiro* seria um tanto ambicioso e “sério” (aspas dele), característica semelhante à de outros títulos de periódicos da época, tais como *Rumo e Problemas*.²⁰⁸

A explicação a respeito do nome *Roteiro* foi fornecida pelo redator chefe, Mário Donato, em entrevista: “Não existia um roteiro para a nossa geração. Foi preciso criá-lo”²⁰⁹. Depois, pormenoriza os motivos fundadores:

Roteiro tinha que existir, senão por originalidade, por ser necessário. Precisávamos de um caminho: traçamos um roteiro. E nós temos, realmente, um roteiro, uma norma de trabalho, uma linha de conduta. [...] O jornal nasceu da necessidade de individualização de um grupo, e não da precariedade de órgãos de publicação para os que o formaram. É preciso que se frise isto: o jornal não é recurso de que lança mão um bando de literatos boicotados, que nele pretendem desovar os seus versos e artigos recusados. O seu jornal, a *Folha*, sabe disso. Lá escrevem Edgard Cavalheiro e Fernando Góes, e eu mesmo já tive versos e prosa publicados nas suas colunas amigas. E nós é que fizemos *Roteiro*. Odilon Negrão, que pertence ao nosso grupo e dele é parte destacada, não é um ilustre desconhecido. Pelo contrário: o seu nome merece respeito. Nelson Lobo de Barros, com um romance na gaveta – um belo romance, eu lhe asseguro! –, só não escreve nos jornais porque estes não gostam de pagar aos novos. E nem sempre se tem disposição para rapapés graciosos à publicidade. Amadeu de Queiróz, do número dos nossos amigos, empresta ao jornal o brilho do seu nome bastante divulgado por dois lindos romances. Rossine Camargo Guarnieri, o autor de *Porto inseguro*, todos sabem quem é: um talento estupendo e a mais fina sensibilidade de poeta dos nossos dias, em todo o Brasil. Lygia Fagundes²¹⁰, que há poucos meses estreou com *Porão e sobrado*, fará

Arnaldo Antonio Serroni – Quotista – Brasileiro – Cr\$ 10.000,00. A ficha cadastral simplificada pode ser consultada por meio do endereço eletrônico <http://www.jucesponline.sp.gov.br>, sob o Número de Identificação do Registro de Empresas (NIRE Matriz) 35204994356 e Autenticidade: 71553135. Por esse registro ser de 1945, sendo que o jornal era impresso desde 1939, é possível que tenha existido outra empresa anterior responsável pelo jornal, no entanto o registro dessa empresa anterior não foi localizado. É possível também que tenha relação com a reabertura democrática ou, ainda, com a entrada de *Roteiro* em sua segunda fase.

²⁰⁶ O edifício atualmente tem por endereço “Rua do Arouche, 23”.

²⁰⁷ MELO, op.cit., 1954, p. 146; NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 177; OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939.

²⁰⁸ CANDIDO, Antonio. Revistas. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1946.

²⁰⁹ Note-se a possível conexão entre as proposições de Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropófago: “Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.” (*Revista de Antropofagia*, São Paulo. Ed. 1, p. 3, maio de 1928) e, mais adiante, “Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas”, conclui. É como se *Roteiro*, com o auxílio de Oswald de Andrade – integrante do Grupo da Baruel, respondesse a algumas das questões propostas pelo mesmo Oswald cerca de dez anos antes.

²¹⁰ Apesar da afirmação, não se localizou edição contendo o nome de Lygia Fagundes Telles. Entrevistada por esta pesquisa, a escritora não forneceu detalhes sobre seu envolvimento com *Roteiro* e o Grupo da Baruel.

também parte integrante do jornal e dirigirá a Página da Mulher, com a colaboração de Margarida Izar e Alice Guarnieri. Note-se que essas moças não são o elemento decorativo de *Roteiro*: todas elas têm no jornal uma atuação definida e necessária, segundo a sua especialidade redatorial ou, como no caso daquela contista, capacidade criadora...

O jornal é paulista, porque é brasileiro. Uma coisa porque outra. Não fará distinção entre talentos nortistas, centristas e sulistas. Não nos preocupa a posição geográfica dos Estados de onde virão os intelectuais. Preocupa-nos apenas a posição que esses espíritos novos assumirem diante das nossas coisas como elas são, sem ufânias verde-amarelistas ou morrinheiros derrotismos. *Roteiro* – licença para a figura! – só medirá latitudes espirituais. A inteligência aberta às ideias novas, servida por uma compreensão clara e honesta dos homens do mundo de nossos dias, será sempre *persona grata* da casa... Quem tiver talento e for sincero, que se chegue a *Roteiro*, o que vale por dizer que cérebro e coração são o santo e a senha desta casa²¹¹

O destaque dado pelo entrevistado à seção feminina do jornal pode sinalizar questões de interesse para aquele momento.

Na publicidade de *Roteiro* em outros jornais, lê-se: “Leiam *Roteiro*: *Quinzenário de Cultura*. Grande quinzenário de cultura, de São Paulo para o Brasil. Em todas as bancas e livrarias do país. 12 páginas. 300 réis”.²¹²

A anteriormente aludida informalidade do Grupo da Baruel pode ter aqui no jornal *Roteiro* uma de suas confirmações: a impressão que se obtém da análise das edições localizadas é a de que o jornal trabalha baseado em colaborações, algo muito comum na época, mas que o reveste com um aspecto de improviso, precariedade e cordialidade, utilizando para esta última característica a notação de Sérgio Buarque de Holanda, nas *Raízes do Brasil* (1932), ou seja, quando fatores como amizade e afinidade podem sobrepor-se ao mérito e à competência.

Tendo por referência as edições localizadas de *Roteiro*, material que serviu de base para os estudos efetuados na presente tese, pode-se ilustrar seu histórico de publicação e a localização do acervo remanescente da seguinte maneira:

TELLES, Lygia Fagundes. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 15 jan. 2010.

²¹¹ OS ESCRITORES novos... Artigo citado. 23 abr. 1939.

²¹² *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 maio 1939.

ANO	FASE	EDIÇÃO Nº	DATA	LOCALIZAÇÃO
ANO I	I <i>Quinzenário de Cultura</i>	1	5 maio 1939	Arq. Público Do Estado de SP
		2	20 maio 1939	não localizada
		3	5 jun. 1939	IEB USP / IHGSP
		4	21 jun. 1939	AEL IFCH UNICAMP
		5	5 jul. 1939	não localizada
		6	20 jul. 1939	AEL IFCH UNICAMP
		7	5 ago. 1939	CEDEM UNESP
		8	20 ago. 1939	CEDEM UNESP
		9	5 set. 1939	Arquivo Público Do Estado de SP / CEDEM UNESP
		10-11	5 out. 1939	IEB USP
ANO VII	II <i>Documentário do Pensamento Democrático</i>	75-76	7 maio 1945	CEDEM UNESP
		77	14 maio 1945	CEDEM UNESP
		78	21 maio 1945	CEDEM UNESP
		80	4 jun. 1945	CEDEM UNESP
		85	11 jul. 1945	CEDEM UNESP

6.4. Características externas e internas

Segundo o redator chefe, Mário Donato, a tipografia responsável pela impressão de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* era do próprio jornal. Na edição 3, de 5 de junho de 1939, anúncio apresentado à página 4 registra: “Marinheiro Cinini e Companhia – Gravadores de *Roteiro* – Rua Vitória, 435, São Paulo”.

Em sua primeira fase, *Roteiro* apresentava cadernos medindo aproximadamente 57,5 cm por 49,5 cm e mancha de impressão com medidas de 54 x 42 cm, cada página com conteúdo dividido em seis colunas de textos com aproximados 4,2 cm de largura cada uma: essa a formatação em praticamente todo o jornal, não respeitada apenas em um ou outro local, muito raramente, normalmente por conta da apresentação de algum anúncio publicitário.

Sua publicação ocorreu todo dia 5 e 20 de cada mês. Custava 300 réis a edição avulsa para o público final em São Paulo, e 400 réis nos demais Estados.

As edições consultadas, números 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10-11 apresentam, todas, 12 páginas, exceção feita à edição 10-11, com 16 páginas. Esta última foi uma edição especial, “dedicada especialmente à nova literatura de Minas Gerais”, segundo se imprimiu em anúncio à p. 4 da edição 9, acrescentando que o número contaria com 20 páginas e estaria disponível no dia 20 do

mesmo mês. Não saiu no dia 20 prometido, mas apenas no quinto dia do mês posterior (ao menos esta é data que foi impressa na capa da edição – ou seja, o volume 10-11 chegou ao mercado apenas um mês depois do anterior – não conseguiram manter a periodicidade quinzenal nesse caso), e também não foram impressas as prometidas 20 páginas mas 16, conforme se verifica na própria edição consultada, que não aparenta ter perdido página alguma e apresenta a última página, a de número 16, com o layout tradicional de última página, semelhante ao atestado nas outras edições, ou seja, com o topo de página diferenciado e com a exibição da logomarca pequena e centralizada; a impressão, em letras grandes, do total de páginas da edição, o preço do exemplar, informações inclusive inexistentes nas páginas internas do jornal, são impressas apenas na capa e na quarta capa. O que poderia atestar também a quantidade de páginas do volume seria um índice de artigos porém, dos exemplares consultados, nenhum apresenta semelhante informação, nem na primeira, nem na segunda fase do jornal.

Em termos de cronologia de publicação, sabendo-se que a primeira edição do jornal foi colocada em circulação em 5 de maio de 1939, e que a programação do jornal, anunciada no próprio exemplar previa a circulação nos dias 5 e 20 de cada mês, ainda que não localizadas em sua integralidade as edições de número 2 e 5 (porque um artigo de cada uma dessas duas edições foi localizado), pode-se considerar que, ao menos até a edição de número

9, houve regularidade em termos de impressão e distribuição, respeitando a previsão inicial de quinzenalidade.

Depois da edição 10-11 há uma referência a um possível exemplar de *Roteiro* que teria sido colocado em circulação em dezembro de 1940²¹³. Falta, no entanto, elementos que permitam apontar mais assertivamente o número total de edições impressas de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* e também o período correto de atividade desse periódico. O que se descobriu é que circulou pela primeira vez em maio de 1939 e que provavelmente teve 11 edições, ao menos em sua fase inicial.

Não se localizou detalhes a respeito da interrupção das atividades do jornal, e há lacunas pouco esclarecidas. Por exemplo, em 1940 uma nota foi veiculada na imprensa como sendo de responsabilidade de Joaquim Maciel Filho, um dos principais nomes do empreendimento *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, apontado como redator secretário e depois redator chefe do jornal. O texto dedicava-se a um rápido compêndio dos principais acontecimentos literários do ano de 1939. No meio do artigo, as seguintes informações:

Ainda no terreno literário tivemos a tentativa de *Roteiro*, que se apresentou em São Paulo com uma séria envergadura de um quinzenário de cultura, mas logo fracassado pela apatia do meio e a falta de compreensão de alguns de seus realizadores²¹⁴

Surpreendem as informações porque foram publicadas apenas 13 meses depois da estreia de *Roteiro*, e o que se depreende dos escritos é que, nesse momento, o jornal já não existe mais. Surpreende porque, conforme discussão já apresentada nesta tese, há a possibilidade de *Roteiro* ter existido ainda em sua primeira fase, depois desse depoimento de Joaquim Maciel Filho. E certamente existiu até 1945, ao menos em sua segunda fase.

Diante de tal texto, pode-se considerar que a irregularidade na numeração das edições de *Roteiro* – apontada por esta pesquisa (irregularidade detectada por meio de notas jornalísticas de outros veículos de imprensa, posto que não se localizaram edições de *Roteiro* que pudessem servir de prova), pode ser sintoma de uma efetiva interrupção de atividades – momento a que as palavras de Joaquim Maciel se referem – e posterior retomada, afinal o jornal foi editado até 1945, pelo menos, ainda que em sua segunda fase.

Avançando um bocado no tempo, ao que parece em 1950 o jornal já não existe mais, nem mesmo em sua segunda fase. É o que se pode alegar depois da leitura destas linhas de uma carta de agosto daquele ano:

Fiquei animado e contente com a sua opinião sobre o escrito que saiu no

²¹³ SUBSÍDIOS para a história..., op. cit. 1957, p. 205.

²¹⁴ MACIEL FILHO, Joaquim. Retrato intelectual do Brasil em 1939. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1940.

Jornal de S. Paulo, e muito obrigado por isso. Mas o jornal publicou o conto sem a minha autorização e nem ao menos me consultar - coisa muito comum numa terra em que ninguém respeita direitos autorais, quanto mais políticos! O jornal reproduziu do malogrado *Roteiro*, onde foi publicado com aquela mesmíssima ilustração²¹⁵

A referência ao “malogrado *Roteiro*”, na carta, pode ter alguns significados, o mais provável deve ser aquele que remete ao fim do jornal.

Em termos de apresentação, na primeira capa: são impressos os elementos completos de identificação bibliográfica, local, data, ano, número, quantidade de páginas, periodicidade, valor e propriedade. A logomarca do jornal, com o nome *Roteiro* grafado em letra cursiva, ocupa grande parte da metade superior da página, cerca de 40% desse espaço, em largura equivalente a quatro colunas de texto.

Na parte superior da capa, em todas as edições localizadas e em ambos os lados, normalmente são apresentadas duas charges de conteúdo político e, abaixo delas, dois anúncios de livros em lançamento. Na edição 10-11 há apenas as charges na parte superior, sem propaganda embaixo. Além disso as primeiras capas apresentam artigos assinados. Não há índice ou qualquer outra indicação do conteúdo interno do jornal.

Páginas internas: A numeração das páginas aparece sempre na parte superior da página, intercalando a localização, quase sempre, uma à esquerda, outra à direita. O Expediente é impresso normalmente na parte lateral inferior da página 2.

Há algumas regularidades na apresentação do conteúdo interno do jornal, entre elas: todo topo de página apresenta publicidade de livros, nos dois cantos da página, ocupando uma coluna de texto cada. Esses anúncios são praticamente todos do mesmo tamanho e são envolvidos por uma grossa linha preta, que os destaca e harmoniza com os títulos das páginas, também envolvidos em linha preta, e normalmente grafados em grandes letras, normalmente em caixas altas.

Também é possível perceber certa regularidade na disposição da matéria que compõe o jornal *Roteiro*, ao menos em sua fase inicial, como *Quinzenário de Cultura*, ou seja, há a aparência de um esforço pela divisão dos assuntos seguindo, normalmente, a ordem: política internacional, ciência, notícias, literatura, arte, filosofia, economia, política internacional e entrevistas. A exceção a esse formato, e que prejudica na tentativa de compreensão da disposição do conteúdo interno do jornal, fica por conta dos números especiais, das edições temáticas ou comemorativas, que ocorrem em dois momentos dentro do *corpus* disponível

²¹⁵ QUEIRÓZ, Amadeu de. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 21 de agosto de 1950 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 71).

para esta pesquisa: a edição de número 4, comemorativa do centenário de nascimento de Machado de Assis, e a de número 10-11, dedicada aos intelectuais do estado de Minas Gerais. Nessas edições quase todas as seções desaparecem.²¹⁶

A página 1 de *Roteiro* parece ser o local privilegiado para a abordagem de temas da política internacional, sempre pelo viés antifascista, com títulos de grandes dimensões, normalmente a maior tipologia apresentada na capa, excetuando-se a logomarca do jornal, e apresentando grandes fotografias em matérias sem seção definida, assinadas por nomes nacionais e estrangeiros, ou mesmo sem assinatura. É a chamada de capa do jornal.

Página: 1		
Autor	Título do artigo	Edição
- não consta	De como Hitler interpreta Perrault	1
Donald Furthman Wickets	Porque Mussolini combate os judeus	3
- não consta	- não consta	4
- não consta	A França pacífica é forte	6
Américo Albuquerque	Carta aos mutilados de catorze	7
Freire de Moraes	A América e os totalitários	8
Antônio Osmar Gomes	Orientação humanista da cultura	9
- não consta	- não consta	10-11

Inconstante, ocorrendo em 30% das edições localizadas de *Roteiro*, havia a seção “Urtigas e mandacarus”, coluna cultural noticiosa de fundo irreverente, sendo de responsabilidade de Maurício Loureiro Gama, redator secretário e depois secretário da redação de *Roteiro*. Este é o quadro de ocorrências dessa seção:

Seção: “Urtigas e mandacarus” – Responsável: Maurício Loureiro Gama		
Título principal	Edição	Pg.
“A louca do Juqueri” e outros loucos – Nota da redação	1	6
As “Redondilhas” do sr. Marques da Cruz	3	2
- não consta	4	-
Venenos mortais e outros venenos / Bilhetinho a Marques Rebelo	6	2

²¹⁶ A publicação de edições especiais *Roteiro* em homenagem a intelectuais de outros Estados da federação parece ter tido ao menos uma outra ocorrência na trajetória desse jornal, é o que indica o *Correio Paulistano* de 23 de agosto de 1942, ocasião em que este anuncia a publicação de edição do jornal *Roteiro* focalizando a produção intelectual baiana. Não fica explícito, no entanto, o número dessa edição de *Roteiro* e nem se o periódico estava em sua primeira ou segunda fase. Na segunda fase do periódico, sempre levando-se em consideração apenas o *corpus* disponível para análise, ocorrem também edições temáticas, enfocando aspectos gerais da economia, cultura e sociedade de municípios paulistas, inclusive com veiculação de anúncios publicitários das praças em destaque, são os casos de Marília (ed. 75-76), Bauru (ed. 77) e Campinas (ed. 78).

- não consta	7	-
- não consta	8	-
- não consta	9	-
- não consta	10-11	-

Também seção bastante inconstante, na página 3 normalmente é apresentado um dos integrantes do próprio jornal ou mesmo do Grupo da Baruel, expondo traços biobibliográficos. Essa seção, assinada por Odilon Negrão, tem por título “Água-forte”. São os seguintes os personagens enfocados pela seção nos números disponíveis (nas outras edições, ainda que não comemorativas ou especiais, casos das edições 7, 8 e 9, a seção não foi impressa):

Seção: “Água-forte” – Responsável: Odilon Negrão			
Pessoa em foco	Cargo ou função em <i>Roteiro</i>	Edição	Pg.
Joaquim Maciel Filho	Redator secretário depois redator chefe	1	3
Maurício Loureiro Gama	Redator secretário depois secretário da redação	3	3
- não consta	- não consta	4	-
Heraldo Barbuy	- não consta	6	3
- não consta	- não consta	7	-
- não consta	- não consta	8	-
- não consta	- não consta	9	-
- não consta	- não consta	10-11	-

Ainda (normalmente) na página 3 outra seção aparece com certa regularidade, muito parecida com a seção vizinha, exposta acima, com a distinção de que esta, não assinada e intitulada “Tem a palavra o autor”, apresenta transcrições de entrevistas com os personagens enfocados (estes, de forma semelhante à seção anterior, ou são de *Roteiro* mesmo ou, ao menos, do Grupo da Baruel (há uma exceção, exposta abaixo). Aqui, da mesma maneira, a seção desaparece nas edições comemorativas ou especiais.

Seção: “Tem a palavra o autor”			
Pessoa em foco	Cargo ou função em <i>Roteiro</i>	Edição	Pg.
Aristides Ávila	- não consta / não integra a roda da Baruel	1	6
Antônio Constantino	- não consta / integrante da Baruel	3	3
- não consta	- não consta	4	-
Amadeu de Queiróz	Redator / integrante da Baruel	6	3

João Dornas Filho	Redator / integrante da Baruel	7	3
Joel Silveira	- não consta / integrante da Baruel	8	3
De Plácido e Silva	Redator / integrante da Baruel	9	3
- não consta	- não consta	10-11	-

A página 5 destaca, no alto de sua página: “Crítica”, crítica literária, em colunas assinadas por mais de uma pessoa. Quando essa seção ganha o subtítulo de “Da capa ao índice”, ela é assinada inicialmente por Edgard Cavalheiro e, depois, por Nelson Werneck Sodré. Em outras situações, outros são os autores. Parece, no entanto, que de uma forma mais fixa, a única “subseção” dessa área é mesmo “Da capa ao índice”. A seção ocupa praticamente meia página, no restante dessa página há uma seção intitulada “Bibliografia”, provavelmente do responsável pela coluna imediatamente anterior mas sem assinatura e de tamanho variável, que apresenta pequenas resenhas e noticiário de livros publicados, e o espaço restante da página é completado com um artigo assinado.

Seção: “Crítica”			
Responsável	Título	Edição	Pg.
Edgard Cavalheiro	Da capa ao índice	1	5
Edgard Cavalheiro	Da capa ao índice – Os mortos ressurgem	2	-
Nelson Werneck Sodré	Da capa ao índice	3	5
Nelson Werneck Sodré	Da capa ao índice	6	5
Moacir Arcoverde	Forma da Filosofia	7	5
Tulo Host. Montenegro	“Calabar”	8	5
Nelson Werneck Sodré	Da capa ao índice	9	5
Nelson Werneck Sodré	Da capa ao índice – Gentes de Minas	10-11	5

Note-se que o artigo referente à edição de número 2 não apresenta número de página. Trata-se do único texto encontrado dessa edição, o conteúdo restante do exemplar é desconhecido. Esse artigo foi guardado no arquivo pessoal do escritor Edgard Cavalheiro e mantido por sua família até os dias atuais. Ele terá o seu conteúdo reproduzido integralmente ao final desta tese, na área dos Anexos.

A cobertura de artes plásticas em seção específica para esse assunto, dentro do jornal, apresenta-se de forma irregular em termos de publicação, título, pessoa responsável e página. O quadro abaixo apresenta as informações obtidas das edições consultadas.

Seção de Artes Plásticas			
Responsável	Título	Edição	Pg.
Sérgio Milliet	Artes plásticas	1	8
- não consta	- não consta	3	-
- não consta	- não consta	4	-
Sérgio Milliet	Momento artístico	6	6
Lasar Segall e Barros, o Mulato	Momento artístico	7	6
Charles Rosuel e Barros, o Mulato	Momento artístico	8	6
Otávio Sérgio	Momento artístico	9	6
Camille Manclair, Jacques Mathey e Barros, o Mulato	Momento artístico	10-11	6

Poesia também é um assunto apresentado de forma mais ou menos fixa em *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, em algumas edições os poemas aparecem soltos, esparsos por entre as páginas, em outras eles ganham espaço de página inteira, sendo apresentados de forma conjunta. Não havia um responsável pela seção. O quadro abaixo ilustra a situação.

Poesia em <i>Roteiro: Quinzenário de Cultura</i>					
Seção definida?	Título da Seção	Autores	Poemas	Edição	Pg.
sim	- não consta	5	5	1	1, 5, 7 e 9
não	- não consta	2	2	3	7 e 8
não	- não consta	1	1	4	11
não	- não consta	1	1	6	10
não	- não consta	2	2	7	9 e 10
não	- não consta	4	4	8	2, 6, 9 e 10
sim/não	Poemas de Cleómenes Campos	4	15	9	2, 6, 7 e 9
sim/não	Poesia	15	17	10-11	2, 7, 12 e 16

Nas duas últimas edições apresentadas no quadro acima ocorrem tanto seções fixas de poesia com poemas esparsos, distribuídos por entre diferentes páginas, por isso a denominação de “sim/não” na coluna “Seção definida?”.

O conto literário também é assunto que merece destaque no jornal, especialmente na apresentação das produções dos contistas, muitas delas inéditas. Normalmente os contos aparecem em páginas específicas para eles, seja ocupando a totalidade do espaço disponível na página ou não, e há uma área específica para contos nacionais e outra para estrangeiros. O quadro abaixo detalha sumariamente essa questão.

Seção: O conto literário				
Título da Seção	Autor do conto	Título do conto	Edição	Pg.
Literatura mexicana	Mário Pavon Flores	Diário lírico de um professor	1	2
Conto nacional	Eliézer Burla	Tortura	1	6
Conto estrangeiro	André Maurois	Um caso de consciência	3	4
Conto nacional	Joel Silveira	Natal com Margarida	3	11
Conto de M. de Assis	Machado de Assis	Teoria do medalhão	4	16
Conto nacional	Ernani Fornari	Porque matei o violinista	6	8
Conto estrangeiro	Federico de Ibarzabal	A última viagem	7	4
Conto nacional	David Antunes	A feiticeira	7	8
Conto nacional	Gilberto O. Andrade	Corina fugiu com um bugre	7	8
O conto nacional	José Mallet Roque	Rosa louca	8	8
O conto estrangeiro	Máximo Gorki	Uma moeda de dez copécs	8	10
O conto nacional	Aristides Ávila	Juízo final	9	8
O conto estrangeiro	Robert Neumann	Menino está cansado de viver	9	10
O conto estrangeiro	Maria Raquel	Fulaninha, na mansarda	10-11	8
- não consta	Nazareno Alphonsus	A montanha da estrelinha humilde	10-11	13
- não consta	João Alphonsus	Galinha cega	10-11	13
O conto nacional	Aníbal Machado	Morte da porta estandarte	10-11	15
O conto nacional	João Dornas Filho	Vamos acabar com isto	10-11	15

Outra seção do jornal que contou com certa regularidade foi a “Página da Mulher”, impressa em quatro das nove edições localizadas de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*. Em duas dessas colunas, na parte superior da página, logo abaixo do grande título “Página da Mulher” aparecem, em conjunto, o nome das redatoras responsáveis pela seção. No entanto, artigos assinados por outras pessoas são também impressos nessa seção, inclusive nomes masculinos. O quadro abaixo apresenta mais informações sobre a veiculação dessa coluna.

Seção: “Página da Mulher”				
Redatoras	Título do artigo	Autor do artigo	Edição	Pg.
Alice Guarnieri, Margarida Izar e Olga Biar	“Amanhecer”	Margarida Izar	1	7
	Palavras à juventude	Mário de Andrade		
	Eu partirei, amor...	Jurema Yara Ferreira		
	Minha amiga, Apópolis	Abguar Bastos		
	Epistolário da “Grã-fina”	Olga Biar		

Margarida Izar e Olga Biar	Mulher anônima das massas	Margarida Izar	3	7
	Mulher versus tradição	- não consta		
	Eles... e o tempo	- não consta		
	Epistolário da “Grã-fina”	Olga Biar		
	Alguém	Efigênia		
- não consta	- não consta	- não consta	4	-
- não consta	Teoria da distância	Maslowa Gomes Venturi	6	10
	Pela caserna...	Ruth Guimarães		
	Tenho um desejo infantil...	Philemon Assumpção		
- não consta	Diário inútil	DJÊNANE [Maria Farah]	7	10
	Mal me quer... Bem me quer...	Nilo Aparecida Pinto		
	Epistolário da “Grã-fina”	Olga Biar		
	Considerações ligeiras	Adail Pereira Ribeiro		
- não consta	- não consta	- não consta	8	-
- não consta	- não consta	- não consta	9	-
- não consta	- não consta	- não consta	10-11	-

As páginas finais de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, conforme se apresenta no *corpus* disponível para análise, são dedicadas à filosofia, economia, política internacional e entrevistas. Abordando os temas da filosofia em três das edições consultadas está Heraldo Barbuy. Aparentemente, no entanto, não é uma coluna ou seção fixa, regular, com título próprio, apesar de que o local é sempre na página 11. Na edição de número 6 o título é “Filosofia da forma”, na edição 8 o título é “Metafísica da arte”, e, em 9, “De rebus pluribus”. Parece contribuir com o tema, e faz interlocução, alguns artigos de Moacir Arcoverde.

Economia também apresenta-se sem seção definida em *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, normalmente é assunto de Abguar Bastos, Alberto Rapozo e Cyro T. De Pádua, e é impressa com diferentes títulos e em diferentes páginas.

Política internacional é apresentada no início e no final de *Roteiro*, por vários autores, inclusive pessoas não apontadas como participantes do Grupo da Baruel e também estrangeiros. Quando mais ao final do jornal, surge uma seção mais bem definida e dedicada ao assunto. O quadro a seguir apresenta informações sumárias sobre “O mundo em marcha”, seção que não apresenta um responsável definido.

Seção “O mundo em marcha”			
Autor	Artigo	Edição	Pg.

Paulo Zingg	Os sucessos do eixo Roma-Berlim-Tóquio e a reação das democracias	1	10
Nabor Caires de Brito	Liga das nações armadas	3	11
- não consta	- não consta	4	-
Nabor Caires de Brito	Dantzig: Waterloo da paz ou prestígio dos ditadores	6	7
Nabor Caires de Brito	Na hora das negociações secretas	7	7
Nabor Caires de Brito	A paz não tem mais fronteiras	8	7
- não consta	- não consta	9	-
- não consta	- não consta	10-11	-

A edição inicial de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, apresenta, em sua última página, um ambicioso projeto de entrevistas literárias a ser desenvolvido na seção intitulada “Os grandes inqueritos literários”. O responsável pela seção, autor também da introdução a esse projeto, texto intitulado “Prelúdio”, é Fernando Góes, um dos redatores de *Roteiro*, ele faz uma breve introdução e esclarece os planos para aquela seção. Afirma se tratar de uma enquete no âmbito da arte literária, para tanto já enviara 18 cartas convidando críticos literários, o primeiro grupo a ser focado no projeto, a participarem da seção, e lista os nomes. Entre eles, gente como Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck, Otávio Tarquínio de Souza, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, entre outros.

A partir do material consultado, duas edições dessas entrevistas foram localizadas. Além disso, outra dessas entrevistas foi encontrada no acervo particular de Edgard Cavalheiro, de uma edição não localizada de *Roteiro*, a de número 5, provavelmente posta em circulação em 5 de julho de 1939. Essa entrevista o próprio Cavalheiro forneceu a Fernando Góes, no entanto, no material remanescente, não se localizou o número da página onde a entrevista fora impressa. O conteúdo integral dessa entrevista foi transcrito na parte dos Anexos, nesta tese, como forma de recuperar um vestígio, o único artigo que se conseguiu guardar da edição de número 5 desse jornal, edição não localizada em sua integridade. Com essas informações, pode-se compor o seguinte quadro elucidativo:

Seção “Os grandes inqueritos literários” – Responsável: Fernando Góes		
Entrevistado	Edição	Pg.
Rubens do Amaral	1	12
Nelson Werneck Sodré	3	9
Edgard Cavalheiro	5	-

Ainda na última página, como uma quarta capa, é apresentado um cabeçalho diferenciado, mais estreito, com a logomarca *Roteiro* em dimensões reduzidas, se comparada àquela existente na primeira capa, e a ênfase na quantidade de páginas e no valor do exemplar, informações impressas no topo da página, respectivamente nos cantos esquerdo e direito. Entre essas informações e a logomarca do jornal, novamente aqui, dois anúncios de livros em lançamento.

Aparentemente há apenas dois ilustradores trabalhando com *Roteiro*, seus nomes estão na sessão “Expediente” porém, em todo o corpus analisado, apenas na edição de número 3. São eles Paulo Camilher Florençano e Carlos Scliar. Demais fotos e grafismos impressos em todas as edições aparentam ser reprodução. Mesmo as charges do alto da primeira capa e as poucas ilustrações internas de maiores dimensões, das quais duas delas apresentam assinatura, uma de Paulo (possivelmente Florençano) e outra de Érico (?).

Inexistem grafismos adicionais em *Roteiro*, *bullets* ou decorativos de qualquer espécie, mesmo em pequenos detalhes.

Os anunciantes jornalísticos e editoriais nas edições consultadas de *Roteiro*, são: Editora Rumo Ltda., Companhia Editora Nacional, *Seiva*, *Cultura: Mensário Democrático*, Livraria José Olympio Editora, *Moços: Revista Mensal de Literatura e Crítica*, *Diretrizes*, Companhia Brasil Editora, *O Universitário*, *Dom Casmurro*, Edições Cultura Brasileira, Edições L.E.R., Vecchi Editor, Editora Minerva, *Problemas: Revista Mensal de Cultura*, União Jornalística Brasileira, Casa Editora Vallardi, *Marie Claire*, Edições Aurora, A Noite S.A. Editora, Livraria do Globo, Livraria Editora Record, Getúlio Costa Editor, Mandarinino Molinari Ltda. Editores.

Anúncios literários sem crédito de empresa editorial, constam: CAMPOS, Calazans de. *Marcha heroica – poemas*; DE PLÁCIDO E SILVA. *Tratado do mandato e prática das procurações*; PETTINATI, Francisco. *O elemento italiano na formação do Brasil*; MILLIET, Sérgio. *Ensaio*; DE PLÁCIDO E SILVA. *Histórias do Macambira*; ZAMA, César. *História dos três grandes capitães da antiguidade – Biografias*; JACINTHA, Maria. *O gosto da vida (1o. Prêmio da Academia Brasileira de Letras)*.

Os livros anunciados em *Roteiro*, nas publicidades de topo de página, quase todos da Editora Rumo, veiculam autores de “fora” do Grupo da Baruel mas também integrantes do coletivo e até colaboradores.

Livrarias anunciantes, não editoras: Empresa Cultura Ltda. (Salvador); Livraria Elo (São Paulo); Livraria Imperial (Rio de Janeiro).

Bares e restaurantes anunciantes: Pan-Americano Bar e Restaurante (São Paulo), Restaurante Monte Carlo (São Paulo), Bar Esplanada (São Paulo).

Demais anunciantes: Creme Rugol, Creme de Alface “Brilhante”, Loção Brilhante, Vigonal, Auto Viação Paranaense, Marinheiro Cinini & Cia. Ltda., Honoré Ltda. Arte e Moda, Aulas de Piano Professora Olga Teixeira Setti, Casa Wenceslau Braz, Wagons-Lits//Cook, Park Hotel Poços de Caldas, Casa Bento Loeb, Casa Hanau Joalheiros, Casa Liberty, Casa Charles Guimann, Hermes-Dunhill Relojoaria Fina, Chargeurs Reunis – Sud-Atlantique – Companhias Francesas de Navegação, Cássio Muniz & Cia., Air France, Casa Salus, Casa Ferrão, Dolder Keller & Cia., Secretaria das Finanças do Estado de Minas Gerais, Alfaiate Aversa, Verdier & Cia. Ltda., Tecidos Lutecia, A Casa dos Tapetes, Souza Cruz, Casa Jean Richard Relojoeiros, Dr. Nelson Caires de Brito, Casa Hasson, Associação Paulista de Propaganda, Banco do Estado de São Paulo, Tecelagem Francesa, Caixa Econômica Federal, Ford Motors do Brasil, América Film, Casa Fonseca, Agência Excelsior, Engenheiro Pierre Saby Construções Metálicas, Casa Glenard, Loção Meirelles, Pílulas Barros, Xarope Leonam, Suco de Ameixas.

6.5. Colaboradores

Os colaboradores das edições da primeira fase do jornal, nas edições consultadas (1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10 e 11), são os seguintes: Abguar Bastos, Adail Pereira Ribeiro, Adauto Pontes, Adhemar Manarini, Agripino Grieco, Afrânio Peixoto, Alberto Barreto de Melo, Alberto Raposo, Alice Guarnieri, Alfonso Reyes, Alphonsus Guimarães Filho, Altamirando Júnior, Álvaro Albuquerque, Américo Albuquerque, André Maurois, Aníbal Machado, Antônio Constantino, Antônio Osmar Gomes, Araújo Nabuco, Aristides Ávila, Arlindo Cândido Barbosa, Arnaldo de Farias, Arruda Câmara, Artur Coelho, Austen Amaro, Barreto de Araújo, Barros O Mulato, Brasil Gerson, Brito Broca, Camille Manclair, Carlos Drummond de Andrade, Celestino Leal, Célio Gojata, Charles Rosuel, Charly Clerc, Cláudio Tavares Barbosa, Clóvis de Gusmão, Cyro dos Anjos, Cyro T. de Pádua, Cláudio Tavares Barbosa, Cleómenes Campos, David Antunes, David Serra, De Plácido de Silva, Dirceu de Matos, Djênane [Maria Farah], Donald Furthman Wickets, Edgar Neves, Edgard Cavalheiro, Edmundo Rossi, Eduardo Frieiro, Efigênia, Eliézer Burla, Ernani Fornari, Fernando Mendes de Almeida, Francisco Campos, Franklin Magalhães, Frederico de Ibarzabal, Gabriel Tondella, Genauro Carvalho, Georges Raeders, Geraldino Campista, Gilberto Osório de

Andrade, Guilhermino César, Guimarães Menegale, Gustavo Capanema, Heli Menegale, Henriqueta Lisboa, Heraldo Barbuy, Humberto Bastos, Ignazio Silone, J. Etienne Filho, Jacques Mathey, Jamil Almansur Haddad, Jaime Balão Júnior, João Accioli, João Alphonsus, João Anatólio Lima, João de Siqueira, João Dornas Filho, Joaquim Ribeiro, José Carlos Lisboa, José Lins do Rego, José Mallet Roque, José Maria Belo, José Polono, José Sampaio, Julieta Bárbara, Jurema Iara Ferreira, Lauro de Almeida, Lasar Segall, Leão Machado, Ledo Ivo, Lício Marcondes do Amaral, Lúcia Miguel Pereira, Luiz Amaral, Luiz Edmundo, Luso Ventura, M.A.A.V., Machado de Assis, Manoel Diégues Jr., Margarida Izar, Maria Jacintha, Maria Raquel, Mário Casasanta, Mário da Silva Brito, Mário de Andrade, Mário Dionísio, Mário Donato, Mário Matos, Mário Pavon Flores, Maslowa Gomes Venturi, Maurício Loureiro Gama, Máximo Gorki, Medeiros Lima, Menotti Del Picchia, Miroel Silveira, Moacir Arcoverde, Nabor Caires de Brito, Nazareno Alphonsus, Nelson Lobo de Barros, Nelson Werneck Sodré, Nilo Aparecida Pinto, O. Lage Filho, Odilon Negrão, Olavo Bilac, Olga Biar, Omer Mont'Alegre, Oscar Mendes, Oswaldo Alves, Otávio Sérgio, Paulo Cavalcanti, Paulo Saraiva, Paulo Zingg, Philemon Assumpção, Renato Vieira de Melo, Robert Chenevier, Robert Neumann, Rodrigues de Miranda, Rômulo Argentiére, Rossine Camargo Guarnieri, Rui Facó, Ruth Guimarães, Ruth Lange de Morretes, Saul de Navarro, Sérgio Milliet, Sílvia Chalreo, Stefan Zweig, Sud Mennucci, Tulo Hostílio Montenegro, Vitor Radiante, Vulmar Coelho, Walter Campos de Carvalho. São 152 pessoas listadas.

A serem consideradas as pessoas mencionadas por *O Estado de S. Paulo*²¹⁷ por ocasião do lançamento da edição de número 13 (não localizada por esta pesquisa) de *Roteiro*, jornal que naquele momento tudo parece indicar que ainda estava em sua primeira fase, então são mais 14 pessoas que não haviam colaborado antes com *Roteiro*²¹⁸, somando 166 colaboradores.

Os colaboradores das edições da segunda fase do jornal, nas edições consultadas (75, 76, 77, 78, 80 e 85), são os seguintes: A.C., A. Rodrigues Filho, A.S., Adhemar Manarini, Afonso Schmidt, Arnaldo Serroni, Bráulio Sanchez-Sáez, Caio Prado Júnior, Charles Melton, Edith de Carvalho Negraes, Eduardo Maffei, Elias Chaves Neto, Fernando Góes, Flório Alves Teixeira, Gerardo Seguel, Gilberto de Andrada e Silva, H. Singer, Ilya Ehremburg, Jacob Bazarian, José Menezes Campos, Luíza Pessanha Camargo Branco, M. Kalinin, Mário Schenberg, Maurílio Pacheco, Orígenes Lessa, Ramón Prieto, Randolfo Pacciardi, Roberto

²¹⁷ Edição de 11 de outubro de 1940.

²¹⁸ São eles: Amadeu Amaral Júnior, Breno Acioli, Cardoso Filho, Carlos de Aragão, Emílio Moura, Fernando Levinsky, Fernando Mello Bueno, Hernâni de Irajá, J. Escobar Faria, J. Pereira Marques, Manuel Bandeira, Mauro de Alencar, Paulo de Almeida e Roberto Simonsen.

Maia, Roberto Pinto de Sousa, Rossine Camargo Guarnieri, S. Staretz, Sílvio de Macedo, Tito Batini.

Verifica-se a clara diminuição no número de colaboradores entre a fase 1 e a fase 2 do jornal, vale notar: sem a diminuição do número de páginas das edições. Tal pode ser explicado pelo aumento do número de artigos sem autoria expressa, na segunda fase do jornal: há muitos artigos que integram a parte interna do jornal com aparência editorial, como se fossem artigos de opinião do próprio periódico.

Alguns colaboradores aparecem nas páginas do jornal em ambas as fases: Adhemar Manarini, Afonso Schmidt, Bráulio Sanchez-Sáez, Fernando Góes, Mário Schenberg, Orígenes Lessa e Rossine Camargo Guarnieri.

Com relação à seção em que se registram as informações oficiais dos responsáveis pelo jornal, o Expediente – não nomeado no caso de *Roteiro*, várias são as alterações de nomes e formatos durante as edições. Apenas para ilustrar reproduzir-se-ão as informações expostas nas edições inicial e final, daquelas localizadas. Na edição de número 1 as informações são as seguintes (apresentadas nesta ordem): Diretor gerente: Genauro Carvalho. Redator Chefe: Mário Donato. Redator secretário: Joaquim Maciel Filho. Redatores: Amadeu de Queiroz, De Plácido e Silva, Edgard Cavalheiro, Fernando Góes, Leão Machado, Nelson Lobo de Barros, Odilon Negrão, Paulo Zingg e Rossine Camargo Guarnieri. Redatores nos Estados: Pernambuco: Paulo Cavalcanti; Alagoas: Humberto Bastos; Espírito Santo: Tulo Hostílio Montenegro; Minas Gerais: João Dornas Filho; Santos: Miroel Silveira; Paraná: Moacir Arcoverde. Nota: A Redação não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados. Preço: Número avulso: 300; Número atrasado e Interior: 600; Assinatura anual: 7000; Assinatura sob registro: 20000.

No Expediente da edição 10-11 há as seguintes informações: Diretor: Genauro Carvalho. Redator chefe: Fernando Góes. Secretário da redação: Mário da Silva Brito. Redatores: Adhemar Manarini, Carlos Burlamaqui Kopke, De Plácido e Silva, João Accioli, Luís de Azevedo Soares e Nelson Werneck Sodré. Chefe de publicidade: Edgard Sage. Redatores nos estados – Alagoas: Humberto Bastos; Bahia: Barreto de Araújo; Espírito Santo: Tulo Hostílio Montenegro; Maranhão: Dr. Inácio Rangel; Minas Gerais: João Dornas Filho; Pará: Daniel Coelho de Souza; Paraná: Moacir Arcoverde; Pernambuco: Paulo Cavalcanti; Rio de Janeiro: Maria Jacintha; Distrito Federal: Dias da Costa e Omer Mont'Alegre; Santos: Miroel Silveira; Sergipe: Alberto Barreto de Melo; Mato Grosso: Gervásio Leite Pereira;

Ceará: Antônio Girão Barbosa e Fran Martins. Representantes no exterior – Estados Unidos da América: Artur Coelho.

6.6. Ideias e atitudes

Em termos de atitudes, uma delas ressalta da análise das fontes obtidas: em nenhum momento é abordada a questão dos direitos autorais. Não se sabe, portanto, a postura de *Roteiro* frente a essa questão. Importantíssima questão, diga-se, já que vários dos “fundadores” desse periódico foram notórios defensores dos direitos dos trabalhadores intelectuais. Edgard Cavalheiro, por exemplo, no famoso Primeiro Congresso Brasileiro de Editores, realizado em 1945 e prenunciando a queda da ditadura de Getúlio Vargas, integrou exatamente a Comissão de Direitos Autorais, que foi, possivelmente, a mais importante do encontro, pleiteando regulamentação urgente dos direitos dos autores, a fim de que estes pudessem se proteger legalmente de eventuais abusos dos editores, auferir melhores ganhos e se estabilizarem como profissionais das letras.²¹⁹ Esse assunto era usual em seu *métier*, tendo-o enfocado várias vezes na imprensa.²²⁰

Outros integrantes da roda da Baruel, e principalmente pessoas bastante envolvidas com o controle de *Roteiro*, participam, em março de 1942 da fundação da Sociedade dos Escritores Brasileiros, primeira associação voltada para a defesa dos escritores e da liberdade de expressão, sociedade que “tem por objetivo a defesa dos direitos autorais de escritores e jornalistas e o controle da produção nacional de livros”²²¹. Na primeira diretoria dessa entidade, composta por Sérgio Milliet e Mário de Andrade, integram uma das comissões nada menos dos que quatro dos “rapazes” da Baruel, dois “donos” de *Roteiro*: Edgard Cavalheiro, Mário Donato, José Almiro Rolmes Barbosa e Silveira Peixoto.

Da realidade brasileira daquele momento, em especial do mercado cultural mais erudito de São Paulo, percebe-se que o grande capital disponível circunda em torno de aspectos como o nome e o prestígio dos escritores. Então se era praxe no mercado, até mesmo por ausência de regulamentação, a fragilidade da prática de pagamento sobre a propriedade intelectual, de alguma maneira, ainda assim, havia ganhos, como o prestígio, inclusive porque

²¹⁹ LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. São Paulo, 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social – Orientação: Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

²²⁰ CAVALHEIRO, Edgard. Não será um conclave acadêmico. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1945.

²²¹ SOCIEDADE DOS Escritores Brasileiros. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, p. 131, mar. 1942.

muitas vezes esse era o meio privilegiado, ou até exclusive, de ingresso nos coletivos intelectuais que aproximavam os autores novatos aos escritores consagrados.²²²

6.7. Índice geral de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*

O trabalho de leitura e compreensão de *Roteiro*, cujos resultados serão apresentados nas próximas páginas, exigiu o fichamento das edições consultadas para uma melhor caracterização e apresentação do periódico. Esse trabalho foi balizado pela sistematização proposta por José Aderaldo Castello em seu projeto de estudos de periódicos literários denominado “Roteiro de pesquisa para o estudo de um periódico como expressão de 'Grupo' ou de Movimento”²²³. É sob essa luz que se dispuseram as informações do índice a seguir.

As categorias foram listadas por ordem alfabética, quando ocorrem. Se uma edição, por exemplo, não contém crônica em suas páginas, o item “Crônica” é suprimido do índice daquela edição.

A numeração indicada nos itens abaixo inicia-se pelo número da edição apresentada. Os números seguintes são ordinais, indicando a sucessão dos subitens e a hierarquia relativa a eles é exibida quando há subitens internos a essas categorias.

1. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 1, 12 p., 5 maio 1939.

1.1. APRESENTAÇÃO

1.1.1. DONATO, Mário. *Roteiro* existe. (p. 1 e 2).

1.1.2. s.n. Documentário para a nossa história. (p. 3).

1.1.3. s.n. Nos domínios da cultura nacional: A obra de difusão das grandes editoras brasileiras. Fala o decano da nossa revolução editorial, Octales Marcondes Ferreira, diretor da Companhia Editora Nacional. (p. 4).

1.1.4. s.n. Tem a palavra o Aristides Ávila nos fala de seu romance *A teoria da distância*. (p. 6).

1.1.5. GÓES, Fernando. Os grandes inquéritos literários: Prelúdio – *Roteiro* realizará um inquérito com os grandes intelectuais. (p. 12).

1.2. ARTE

²²² O sociólogo Pierre Bourdieu discute influências opositoras na atividade da produção cultural em *As regras da Arte* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

²²³ CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira. In: NAPOLIS, Roseli de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970, p. 5-12.

1.2.1. MILLIET, Sérgio. Artes Plásticas: “Da realidade”. (p. 8).

1.2.2. S. M. Exposições. (p. 8).

1.2.3. s.n. Do mundo inteiro. (p. 11).

1.3. BIBLIOGRAFIAS E RESENHAS LITERÁRIAS

1.3.1. NEGRÃO, Odilon. Água-forte. (p. 3).

1.3.2. s.n. Bibliografia. (p. 5).

1.4. CONTO

1.4.1. FLORES, Mário Pavon. Literatura Mexicana – Diário lírico de um professor. (p. 2).

1.4.2. SILVEIRA, Miroel. O apóstolo e a pecadora. (p. 3).

1.4.3. BURLA, Eliezer. Conto Nacional: Tortura. (p. 6).

1.5. CRÍTICA

1.5.1. CAVALHEIRO, Edgard. Da capa ao índice. (p. 5).

1.5.2. IZAR, Margarida. *Amanhecer*. (p. 7).

1.5.3. MONTENEGRO, Tulo Hostílio. O pernambucano Mário Sette. (p. 8).

1.5.4. ALMEIDA, Fernando Mendes de. Os metrônomos antropoides. (p. 8).

1.6. CRÔNICA

1.6.1. s.n. Urtigas e mandacarus: *A louca do Juqueri* e outros loucos. (p. 6).

1.6.2. BASTOS, Abguar. Minha amiga Apópolis... (p. 7).

1.6.3. BIAR, Olga. Epistolário da “Grã-fina”. (p. 7).

1.6.4. ALBUQUERQUE, Américo. Perfil do anônimo. (p. 1).

1.7. ECONOMIA

1.7.1. PÁDUA, Cyro T. de. Economia. (p. 11).

1.8. ENSAIO

1.8.1. CLERC, Charly. A literatura no país de três línguas diferentes. (p. 5).

1.8.2. CARVALHO, Genauro de. O Homo Economicus e a paz universal. (p. 5).

1.8.3. GUARNIERI, Alice; IZAR, Margarida; BIAR, Olga. Página da mulher: Palavras à juventude. (p. 7).

1.8.4. SILVA, De Plácido e. O sentido da literatura objetiva. (p. 9).

1.9. HISTÓRIA

1.9.1. GERSON, Brasil. Nassau ainda não foi compreendido. (p. 1).

1.10. NOTÍCIAS

1.10.1. s.n. A Associação Brasileira de Imprensa e o Aparelhamento de *Roteiro*. (p. 3).

1.10.2. s.n. Editora Rumo Limitada. (p. 6).

1.11. POESIA

1.11.1. GUARNIERI, Rossine Camargo. Irmãos, me ajudem! (p. 1).

1.11.2. ROSSI, Edmundo. Nós. (p. 5).

1.11.3. FERREIRA, Jurema Iara. Eu partirei, amor... (p. 7).

1.11.4. GUIMARÃES, Ruth. Caboclo. (p. 9).

1.11.5. ACCIOLI, João. Desbarrancado. (p. 9).

1.12. POLÍTICA

1.12.1. ALTAMIRANDO JÚNIOR. A penetração germânica no Brasil e Sílvio Romero. (p. 2)

1.12.2. ZINGG, Paulo. O mundo em marcha: Os sucessos do eixo Roma-Berlim-Tóquio e a reação das democracias. (p. 10).

1.12.3. s.n. Checoslováquia: Razões econômicas da sua conquista. (p. 10).

1.12.4. WICKETS, Donald Furthman. Porque Mussolini combate os judeus. (p. 1).

1.13. ROMANCE

1.13.1. BARROS, Nelson Lobo de. *A noite ia longe...*: Três instantâneos do romance de Nelson Lobo de Barros. (p. 9).

3. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 3, 12 p., 5 jun. 1939.

3.1. APRESENTAÇÃO

3.1.1. NEGRÃO, Odilon. Água-forte. (p. 3).

3.1.2. s.n. Tem a palavra o Antônio Constantino fala de seu romance *A casa sobre a areia*. (p. 3).

3.1.3. s.n. Documentário de *Roteiro*: Algumas notas sobre o nosso aparecimento. (p. 3).

3.1.4. GÓES, Fernando. Os grandes inqueritos literários: Prelúdio n. 2 – O que diz Nelson Werneck Sodré, um dos mais modernos historiadores da literatura brasileira. (p. 9).

3.1.5. LIMA, Medeiros. Intercâmbio Pan-Americano. (p. 10).

3.2. CONTO

3.2.1. MAUROIS, André. Conto estrangeiro: Um caso de consciência. (p. 4).

3.2.2. SILVEIRA, Joel. Conto Nacional: Natal com Margarida – Do livro *Onda raivosa*, de Joel Silveira, que breve será lançado pela Editora Rumo Limitada. (p. 11).

3.3. CRÍTICA

3.3.1. SODRÉ, Néelson Werneck. Da capa ao índice. (p. 5).

3.3.2. CÂMARA, Arruda. A revolução no conteúdo da poesia brasileira. (p. 5).

3.3.3. CARVALHO, Walter Campos de. *Manchas de sombra e luz*. (p. 5).

3.4. CRÔNICA

3.4.1. ALBUQUERQUE, Américo. Perfil do anônimo. (p. 1).

3.4.2. GAMA, Maurício Loureiro. Urtigas e mandacarus: As *Redondilhas* do sr. Marques da Cruz. (p. 2).

3.4.3. s.n. [GAMA, Maurício Loureiro] Esse Joel Silveira!... (p. 2).

3.4.4. s.n. [GAMA, Maurício Loureiro]. A confusão era geral. (p. 2).

3.4.5. s.n. [GAMA, Maurício Loureiro] Uma carta do sr. Afrânio Peixoto. (p. 2).

3.4.6. IZAR, Margarida. Página da Mulher: Mulher anônima das massas. (p. 7).

3.4.7. BIAR, Olga. Epistolário da “Grã-fina”. (p. 7).

3.4.8. MACHADO, Leão. As meias da princesa. (p. 9).

3.4.9. s.n. Um apelo vibrante. (p. 8).

3.5. HISTÓRIA

3.5.1. GERSON, Brasil. Nassau ainda não foi compreendido. (p. 1).

3.5.2. FARIAS, Arnaldo de. Paillet, mestre da prudência. (p. 8).

3.6. NOTÍCIAS

3.6.1. ARAÚJO, Barreto de. Oportunidade de um livro. (p. 4).

3.6.2. s.n. Registro Bibliográfico. (p. 5).

3.6.3. s.n. “Pasteur”: Verdadeiro palácio flutuante. (p. 6).

3.7. POESIA

3.7.1. Efigênia. Alguém. (p. 7).

3.7.2. HADDAD, Jamil Almansur. Olhos mortos. (p. 8).

3.7.3. REYES, Alfonso. Cantata en el tumba de Federico Garcia Lorca. (p. 10).

3.8. POLÍTICA

- 3.8.1. WICKETS, Donald Furthman. Porque Mussolini combate os judeus. (p. 1).
- 3.8.2. BASTOS, Abguar. Economia: Uma palavra de ordem no Conselho de Comércio Exterior. (p. 10).
- 3.8.3. BRITO, Nabor Caires de. O mundo em marcha: Liga das Nações Armadas. (p. 11).
- 3.8.4. CHENEVIER, Robert. A Espanha em face de seu novo destino. (p. 12).

4. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 4, 16 p., 21 jun. 1939.

4.1. APRESENTAÇÃO

- 4.1.1. s. n. Nossa homenagem a Machado de Assis. (p. 1).
- 4.1.2. s. n. Machado de Assis, filósofo bonomista. (p. 2).

4.2. CONTO

- 4.2.1. ALPHONSUS, João. Reportagem à Machado de Assis. (p. 10).
- 4.2.2. ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. (p. 16).

4.3. CRÍTICA

- 4.3.1. ALMEIDA, Fernando Mendes de. O teatro e a poesia de Machado de Assis. (p. 3).
- 4.3.2. GUIMARÃES, Ruth. Machado de Assis. (p. 4).
- 4.3.3. GRIECO, Agripino. Machado de Assis. (p. 6).
- 4.3.4. MENEGALE, Guimarães. Machado de Assis. (p. 6).
- 4.3.5. ALBUQUERQUE, Álvaro. Machado de Assis. (p. 7).
- 4.3.6. CAVALHEIRO, Edgard. A crítica literária na obra de Machado de Assis. (p. 7).
- 4.3.7. PEIXOTO, Afrânio. O “humor” de Machado de Assis. (p. 7).
- 4.3.8. MENNUCCI, Sud. Machado de Assis e seus médicos póstumos... (p. 9).
- 4.3.9. BELO, José Maria. Machado de Assis, o poeta. (p. 9).
- 4.3.10. CONSTANTINO, Antônio. Braz Cubas, o grande lascivo. (p. 16).

4.4. ENSAIO

- 4.4.1. CASASANTA, Mário. O instinto batalhador. (p. 2).
- 4.4.2. De Plácido e Silva. Machado, intérprete do sofrimento... (p. 3).
- 4.4.3. ANDRADE, Mário de. Machado de Assis. (p. 3).

- 4.4.4. ARCOVERDE, Moacir. Por falar em Machado... (p. 4).
- 4.4.5. ROSSI, Edmundo. Machado de Assis e o senso da ousadia. (p. 4).
- 4.4.6. MONT'ALEGRE, Omer. Machado de Assis e a posteridade. (p. 6).
- 4.4.7. DORNAS FILHO, João. Machado de Assis, o monstro amável. (p. 7).
- 4.4.8. PICCHIA, Menotti Del. Como eu vejo Machado de Assis. (p. 9).
- 4.4.9. MATOS, Mário. Machado de Assis, comediógrafo. (p. 10).
- 4.4.10. RIBEIRO, Joaquim. Compreensão de Machado de Assis. (p. 11).

4.5. FILOSOFIA

- 4.5.1. CAMPISTA, Geraldino. Machado de Assis e sua filosofia desigual. (p. 13).

4.6. HISTÓRIA

- 4.6.1. PEREIRA, Lúcia Miguel. Machado de Assis, o operário. (p. 4).
- 4.6.2. MACHADO, Leão. Machado de Assis, o burocrata. (p. 7).
- 4.6.3. EDMUNDO, Luiz. Reminiscências. (p. 10).

4.7. ORATÓRIA

- 4.7.1. BILAC, Olavo. Machado de Assis. (p. 11).

4.8. POESIA

- 4.8.1. ANJOS, Cyro dos. Machado de Assis, mal e remédio. (p. 11).

6. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 6, 12 p., 20 jul. 1939.

6.1. APRESENTAÇÃO

- 6.1.1. s.n. Os laureados de *Roteiro*. (p. 1).
- 6.1.2. s.n. Tem a palavra o autor. (p. 3).
- 6.1.3. s.n. Pão e vinho de Silone. (p. 7).
- 6.1.4. s.n. Os prêmios da Academia. (p. 9).
- 6.1.5. s.n. O discurso que Cecília Meireles não pronunciou na Academia Brasileira. (p. 12).

6.2. ARTE

- 6.2.1. MILLIET, Sérgio. Posição do artista. (p. 6).

6.3. BIBLIOGRAFIAS E RESENHAS LITERÁRIAS

- 6.3.1. VENTURI, Maslowa Gomes. Teoria da distância. (p. 10).

6.4. CONTO

6.4.1. FORNARI, Ernani. Por que matei o violinista. (p. 8).

6.4.2. GUIMARÃES, Ruth. Pela caserna... (p. 10).

6.5. CRÍTICA

6.5.1. BARROS, Nelson Lobo de. Somerset Maughan, romancista e biógrafo. (p. 1).

6.5.2. SODRÉ, Nelson Werneck. Crítica: Da capa ao índice. (p. 5).

6.5.3. NABUCO, Araújo. O tormento dos poetas. (p. 5).

6.5.4. MONT'ALEGRE, Omer. Tobias Barreto: considerações *post-final*. (p. 9).

6.6. CRÔNICA

6.6.1. GAMA, Maurício Loureiro. Urtigas e mandacarus. (p. 2).

6.7. ENSAIO

6.7.1. NEGRÃO, Odilon. Água forte. (p. 3).

6.7.2. ARGENTIÉRE, Rômulo. Mestres e discípulos. (p. 4).

6.7.3. AMARAL, Lício Marcondes do. Justiça também para Sílvio Romero. (p. 7).

6.8. FILOSOFIA

6.8.1. MELO, Alberto Barreto de. Espírito da época e das gerações. (p. 6).

6.8.2. BARBUY, Heraldo. Filosofia da forma. (p. 11).

6.9. MEMÓRIAS

6.9.1. GUSMÃO, Clóvis de. Os portugueses e o mar. (p. 4).

6.9.2. LIMA, Medeiros. Estudos históricos. (p. 6).

6.10. NOTÍCIAS

6.10.1. s.n. Os intelectuais vencem. (p. 7).

6.11. ORATÓRIA

6.11.1. s.n. Palavras de Guilhermino César a Marques Rebelo. (p. 3).

6.12. POESIA

6.12.1. ASSUMPÇÃO, Philemon. Tenho um desejo infantil... (p. 10).

6.13. POLÍTICA

6.13.1. s.n. A França pacífica é forte. (p. 1).

6.13.2. BRITO, Nabor Caires de. O mundo em marcha: Dantzig será o Waterloo da paz ou do prestígio dos ditadores. (p. 7).

6.13.3. ROMANCE

6.13.4. MACHADO, Leão. Espigão da samambaia. (p. 8).

7. Roteiro: *Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 7, 12 p., 5 ago. 1939.

7.1. APRESENTAÇÃO

7.1.1. s.n. Tem a palavra o João Dornas Filho fala sobre o seu último livro: *A escravidão no Brasil*. (p. 3).

7.2. ARTE

7.2.1. SEGALL, Lasar. Artes, artistas e público. (p. 6).

7.2.3. BARROS, O MULATO. As Exposições. (p. 6).

7.3. CONTO

7.3.1. IBARZABAL, Federico de. Conto Estrangeiro: A última viagem. (p. 4).

7.3.2. ANTUNES, David. Conto Nacional: A feiticeira. (p. 8).

7.3.3. ANDRADE, Gilberto Osório de. Corina fugiu com um bugre. (p. 8).

7.4. CRÍTICA

7.4.1. RADIANTE, Vitor. Amadeu Amaral ou “O anseio ascensional de uma fé que não verga”. (p. 2).

7.4.2. COELHO, Artur. De Nova York: Três autores; três feitos. (p. 4).

7.4.3. MONTENEGRO, Tulo Hostílio. Alinhavos sobre Lawrence. (p. 9).

7.5. CRÔNICA

7.5.1. ALBUQUERQUE, Américo. Carta aos mutilados de catorze. (p. 1).

7.5.2. BALÃO JÚNIOR, Jaime. Sem rumo. (p. 3).

7.5.3. DJÊNANE [Maria Farah]. Página da Mulher: Diário inútil. (p. 10).

7.5.4. BIAR, Olga. Epistolário da Grã-fina. (p. 10).

7.6. ENSAIO

7.6.1. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Danças negras no Nordeste. (p. 1).

7.6.2. MELO, Renato Vieira de. A consoladora utopia de Mr. Streit. (p. 3).

7.6.3. BRITO, Nabor Caires de. O mundo em marcha: Na hora das negociações secretas. (p. 7).

7.6.4. NEVES, Edgar. Wells, professor da humanidade. (p. 9).

7.6.5. VENTURA, Luso. Jornais de cultura. (p. 9).

7.6.6. RIBEIRO, Adail Pereira. Considerações ligeiras. (p. 10).

7.7. FILOSOFIA

7.7.1. ARCOVERDE, Moacir. Crítica: Forma da Filosofia. (p. 5).

7.8. POESIA

7.8.1. DIONÍSIO, Mário. Solidariedade. (p. 9).

7.8.2. PINTO, Nilo Aparecida. Mal me quer... Bem me quer... (p. 10).

7.9. POLÍTICA

7.9.1. RAPOSO, Alberto. Pioneiros da paz. (p. 7).

7.10. SOCIOLOGIA

7.10.1. CAVALCANTI, Paulo. Os mocambos do Recife. (p. 12).

8. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 20 ago. 1939, 12 p.

8.1. APRESENTAÇÃO

8.1.1. s.n. Tem a palavra o Joel Silveira fala sobre o seu livro de contos *Onda raivosa*. (p. 3).

8.1.2. SILVEIRA, Miroel. Ainda os prêmios da Academia Brasileira. (p. 3).

8.1.3. RAEDERS, Georges. Alguns novos livros franceses. (p. 5).

8.1.4. SÍLVIA [Sílvia Chalreo]. Maria Jacintha, prêmio de teatro. (p. 6).

8.1.5. COELHO, Artur. O que é a Feira Mundial de Nova York. (p. 12).

8.2. ARTE

8.2.1. BARROS, O MULATO. As Exposições. (p. 6).

8.2.2. ROSUEL, Charles. Pal Molnar, famoso pintor e gravador húngaro. (p. 6).

8.3. BIBLIOGRAFIAS E RESENHAS LITERÁRIAS

8.3.1. BARROS, Nelson Lobo de. Contistas. (p. 11).

8.4. CONTO

8.4.1. BORGES, José Carlos. A vela na sala dava uma chama serena. (p. 1).

8.4.2. ROQUE, José Mallet. O Conto Nacional: Rosa louca. (p. 8).

8.4.3. IVO, Ledo. Menina de tranças. (p. 9).

8.5. CRÍTICA

8.5.1. MONTENEGRO, Tulo Hostílio. Crítica: *Calabar*. (p. 5).

8.6. CRÔNICA

8.6.1. CARVALHO, Walter Campos de. Canaan. (p. 9).

8.7. ENSAIO

8.7.1. PERALVA, Osvaldo. Duas gerações. (p. 1).

8.7.2. ARGENTIÉRE, Rômulo. Rabelais, cirurgião da renascença. (p. 1).

8.7.3. M.A.A.V. Eva no Século XX. (p. 6).

8.8. FICÇÃO

8.8.1. SILONE, Ignazio. *Novela: Simplicio*. (p. 4).

8.9. FILOSOFIA

8.9.1. ARCOVERDE, Moacir. *Voltando à forma da Filosofia*. (p. 3).8.9.2. BARBUY, Heraldo. *Metafísica da arte*. (p. 11).

8.10. MEMÓRIAS

8.10.1. GORKI, Máximo. *O Conto Estrangeiro: Uma moeda de dez copécs*. (p. 10).

8.11. POESIA

8.11.1. ALENCAR, Gastão de. *Os pássaros morrem chorando...* (p. 2).8.11.2. CONSTANTINO, Antônio. *Adoração*. (p. 6).8.12.3. BASTOS, Abguar. *Em Viena num baile de máscaras*. (p. 9).8.12.4. SAMPAIO, José. *Evasão*. (p. 10).

8.13. POLÍTICA

8.13.1. MORAIS, Freire de. *A América e os totalitários*. (p. 1).8.13.2. ROUBAUD, André. *Vagner e Nietzsche falsificados por Goebbels*. (p. 1).8.13.3. MELLO NETTO, Archimedes de. *Os estudantes brasileiros e o turismo cultural*. (p. 2).8.13.4. RAPOSO, Alberto. *As lutas econômicas em nosso continente: Paraguai e Bolívia*. (p. 7).8.13.5. BRITO, Nabor Caires de. *O mundo em marcha: A paz não tem mais fronteiras*. (p. 7).9. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 9, 12 p., 5 set. 1939.

9.1. APRESENTAÇÃO

9.1.1. COELHO, Artur. *De Nova York: Sete ranchos de sapé*. (p. 1).9.1.2. MORRETES, Ruth Lange de. *Porque morremos*. (p. 10).9.1.3. s.n. *Dois dedos de prosa com Haeckel Tavares*. (p. 12).

9.2. ARTE

9.2.1. SÉRGIO, Otávio. *Momento Artístico: A arte de Abel Salazar*. (p. 6).

9.3. BIBLIOGRAFIAS E RESENHAS LITERÁRIAS

9.3.1. ZWEIG, Stefan. Tolstoi. (p. 1).

9.3.2. s.n. Tem a palavra o De Plácido e Silva fala sobre o seu livro *Histórias do Macambira*. (p. 3).

9.4. CONTO

9.4.1. SILONE, Ignazio. Novela: Simplício. (p. 4).

9.4.2. ÁVILA, Aristides. O Conto Nacional: Juízo final. (p. 7).

9.4.3. NEUMANN, Robert. O Conto Estrangeiro: Um menino está cansado de viver. (p. 10).

9.5. CRÍTICA

9.5.1. SODRÉ, Néelson Werneck. Crítica: Da Capa ao Índice. (p. 5).

9.5.2. SERRA, David. Freitas Nobre e *O criador da poesia popular*. (p. 6).

9.5.3. BASTOS, Humberto. As contradições na obra de Humberto de Campos. (p. 9).

9.5.4. MIRANDA, Rodrigues de. A cidadela. (p. 12).

9.6. CRÔNICA

9.6.1. MATOS, Dirceu de. Amputou a própria mão... (p. 2).

9.6.2. SIQUEIRA, João de. Os moleques e o “Paraíso dos namorados”. (p. 6).

9.6.3. ALMEIDA, Lauro de. Cinco minutos depois. (p. 10).

9.7. ENSAIO

9.7.1. ARGENTIÈRE, Rômulo. A guerra, o pacifismo e a solidariedade humana. (p. 2).

9.7.2. PONTES, Adauto. Onomatopeias. (p. 3).

9.7.3. NAVARRO, Saul de. O teatro e o cinema. (p. 3).

9.7.4. MIRANDA, Rodrigues de. Cadê o biógrafo de Euclides? (p. 10).

9.8. FILOSOFIA

9.8.1. GOMES, Antônio Osmar. Orientação humanista da cultura. (p. 1).

9.8.2. TONDELLA, Gabriel. Grãos de areia... (p. 1).

9.8.3. ARCOVERDE, Moacir. Gênio. (p. 3).

9.8.4. BARBUY, Heraldo. De rebus pluribus. (p. 10).

9.9. POESIA

9.9.1. BRITO, Mário da Silva. Momento. (p. 2).

9.9.2. FACÓ, Rui. Noturna da cidade do Salvador. (p. 6).

9.9.3. CAMPOS, Cleómenes. Alguns poemas de Cleómenes Campos. (p. 7).

9.9.4. MATOS, Dirceu de. Inverno. (p. 9).

10. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, ed. 10-11, 16 p., 5 out. 1939.

10.1. APRESENTAÇÃO

10.1.1. s.n. O porque desta homenagem. (p. 3).

10.1.2. s.n. Quais os cinco maiores poetas brasileiros vivos? (p. 3).

10.1.3. REGO, José Lins do. Carta a Oswald de Andrade. (p. 4).

10.1.4. ETIENNE FILHO, J. Moços de Minas. (p. 12).

10.1.5. BROCA, Brito. Ouvindo o romancista de *Banguê*. (p. 12).

10.1.6. LIMA, João Anatólio. A função educativa da Fazenda Escola Florestal. (p. 16).

10.1.7. s.n. Um exemplo a ser imitado em todo o país. (p. 16).

10.2. ARTE

10.2.1. MANCLAIR, Camille. Paixão e genialidade musical de Schumann. (p. 6).

10.2.2. BARROS, O MULATO. As Exposições. (p. 6).

10.2.3. MATHEY, Jacques. As obras primas de Corot. (p. 6).

10.3. BIBLIOGRAFIAS E RESENHAS LITERÁRIAS

10.3.1. s.n. Tradução e Notas: SILVA, De Plácido e. “Confraternité Universelle Balzacienne”. (p. 10).

10.4. CONTO

10.4.1. CÉSAR, Guilhermino. Possidônio se dissolve. (p. 1).

10.4.2. RAQUEL, Maria. O Conto Estrangeiro: Fulaninha, na mansarda. (p. 8).

10.4.3. ALPHONSUS, Nazareno. A montanha da estrelinha humilde. (p. 13).

10.4.4. ALPHONSUS, João. Galinha cega. (p. 13).

10.4.5. MACHADO, Aníbal. O Conto Nacional: A morte da porta estandarte. (p. 15).

10.4.6. MENEGALE, Heli. Asas de arminho. (p. 16).

10.5. CRÍTICA

10.5.1. CASASANTA, Mário. Romance do Sul. (p. 1).

10.5.2. MENDES, Oscar. Um clássico moderno. (p. 1).

10.5.3. GRIECO, Agripino. Escritores nossos. (p. 2).

10.5.4. SODRÉ, Néelson Werneck. Crítica: Da Capa ao Índice: Gentes de Minas. (p. 5).

10.5.5. JACINTHA, Maria. *Amanhecer*. (p. 5).

10.5.6. s.n. Contribuição para um estudo sobre Oswald de Andrade. (p. 9).

10.5.7. MANARINI, Adhemar. A poesia de Rossine Camargo Guarnieri. (p. 11).

10.5.8. POLONO, José. Rubem Braga e outras coisas que sugiro. (p. 11).

10.6. CRÔNICA

10.6.1. BRITO, Mário da Silva. Eu e a Inconfidência Mineira. (p. 2).

10.6.2. ANJOS, Cyro dos. A arte de tocar sinos. (p. 14).

10.6.3. DORNAS FILHO, João. Vamos acabar com isto. (p. 15).

10.7. ENSAIO

10.7.1. AMARAL, Luiz. Intelectualidade mineira. (p. 1).

10.7.2. LEAL, Celestino. Casamento e profissão. (p. 3).

10.8. ORATÓRIA

10.8.1. CAMPOS, Francisco. Discurso pronunciado pelo Dr. Francisco Campos na inauguração do monumento à Civilização Mineira. (p. 9).

10.9. POESIA

10.9.1. LISBOA, José Carlos. Quando os teus braços caírem num desalento. (p. 2).

10.9.2. ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia: Ode ao cinquentenário do poeta brasileiro Manuel Bandeira. (p. 7).

10.9.3. SARAIVA, Paulo. A pátria e o pequeno homem. (p. 7).

10.9.4. LISBOA, Henriqueta. Inspiração que se perdeu. (p. 7).

10.9.5. HADDAD, Jamil Almansur. Oração violenta. (p. 7).

10.9.6. GUIMARÃES FILHO, Alphonsus. Os orfanatos na madrugada. (p. 7).

10.9.7. ALVES, Oswaldo. Destino. (p. 7).

10.9.8. AMARO, Austen; COELHO, Vilmar; BARBOSA, Arlindo Cândido; BARBOSA, Cláudio Tavares; MAGALHÃES, Franklin; GOIATÁ, Célio. Poetas de Minas Gerais. (p. 12).

10.10. POLÍTICA

10.10.1 CAPANEMA, Gustavo. Finalidades da educação. (p. 3).

10.10.2. FRIEIRO, Eduardo. Estadistas mineiros que passaram pelo jornalismo. (p. 9).

10.11. SOCIOLOGIA

10.11.1. LAGE FILHO, O. Minas e as raças. (p. 4).

6.8. Índice anotado de artigos de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*

Serão listadas, a seguir, as referências aos artigos com autoria expressa publicados em *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, ou seja, o jornal em sua fase inicial (do *corpus* localizado e disponível para a pesquisa, todas as edições veiculadas são do ano de 1939). Na listagem também poderão ser encontrados artigos sem assinatura ou autoria definida, ou de caráter editorial, entrevistas introduzidas por textos anônimos e um ou outro caso julgado de interesse, como um inquérito literário, por exemplo.

Juntamente com o nome do autor, quando houver, e o título do artigo, cada referência será acompanhada de uma nota da pesquisa contendo a análise tópica sinóptica obtida pela leitura do artigo em questão, objetivando proporcionar ao leitor da tese um breve resumo do conteúdo.

Será repetida aqui, quando existente no original, a indicação “para *Roteiro*”, junto ao nome do autor do artigo. Essa indicação sinaliza que o texto era inédito até aquele momento ou foi produzido especialmente para constar nas colunas de *Roteiro*. Há casos, no entanto, em que se sabe que os textos eram inéditos e, ainda assim, foram impressos sem a indicação “para *Roteiro*”, possivelmente significando com isso que o texto existia anteriormente e não foi produzido sob encomenda para constar nas páginas desse periódico. Um desses casos, presente já na edição príncipe do jornal, é o poema de Ruth Guimarães intitulado “Caboclo”, editado à página 9. Em entrevistas e depoimentos Ruth Guimarães asseverou que sua estreia literária havia sido pelas páginas de *Roteiro*, publicando um poema – este em questão, e que não conta com a sinalização “para *Roteiro*” apesar de ser inédito. Há outros casos, em situação semelhante, constatados pela análise do *corpus*, no entanto, nas informações que serão exibidas a seguir, respeitou-se fielmente as informações que foram ou não apresentadas no jornal.

Texto noticioso e sem assinatura, propaganda etc, não será apresentado a seguir, o que explica a ausência de indicação de algumas páginas na listagem que se fará, são casos em que

as folhas do jornal são integralmente cobertas por propaganda comercial, dispensando sua referência neste local.

Roteiro: *Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, páginas 1 e 2.

Autor: DONATO, Mário.

Título: *Roteiro* existe.

Nota da pesquisa: Redator chefe de *Roteiro* escreve espécie de manifesto fundador do periódico. Afirmar que pessoas com “vinte e poucos anos” receberam de geração anterior um mundo mais instável em decorrência da eclosão da primeira grande guerra, enfraquecendo convicções e contribuindo para o distanciamento das gerações. Desamparados espiritualmente, os jovens titubeiam em seus caminhos, ensaiando timidamente, desorientadamente. A esterilização da obra de arte, decorrência natural da incompreensão dos problemas de seu tempo, é a tese central do texto. Procurando desenvolver essa tese, analisa a produção escrita posterior à Semana de Arte Moderna, caracterizando-a como artificial e inadequadamente iconoclasta ao transformar “soneto em libelo social”.

“Mas a febre passou”, afirma o redator. Restabelecido o pensamento nacional, verifica-se pouco avanço nos rumos traçados. *Roteiro* surge como apoio para uma sensata comunhão estética do presente com o passado, propugnando o sentimento e o bom gosto pela exploração da linguagem limpa em composição bem cuidada, um programa “revolucionário aos olhos dos liberais, e moderador aos olhos dos conservadores”.

Roteiro preconiza seu espaço no campo literário nacional, renuncia à pecha de refúgio de jovens boicotados, pois possuem livros editados e colaboram em grandes diários, e sinaliza “solidariedade geracional” aglutinadora fundada na tolerância e na honestidade. Se, vinte anos antes, os destruidores do passado artístico buscaram na Europa as bases para um novo Brasil, em 1939, com a Europa em clima de decadência espiritual, é pelas Américas que os novos construtores, “os moços de *Roteiro*”, semearão o entendimento recíproco.

O conteúdo integral deste artigo foi reproduzido anteriormente, no início da área de Anexos, nesta tese.

Autor: GUARNIERI, Rossine Camargo.

Título: Irmãos, me ajudem!

Nota da pesquisa: Poema incita à união dos esforços.

Autor: ALTAMIRANDO JÚNIOR.

Título: A penetração germânica no Brasil e Sílvio Romero.

Nota da pesquisa: Autor sugere que Brasil corre risco pelo elevado número de municípios com população formada, em grande medida, por imigrantes alemães. Essa configuração permitiria o rápido avanço de ideais nazistas nas Américas, culminando com a capitulação do continente ao poderio hitlerista nos moldes do que teria sido aventado pelo escritor Sílvio Romero em *Alemanismo no sul do Brasil*, obra publicada no Rio de Janeiro, em 1906.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 2.

Autor: FLORES, Mário Pavon.

Título: Literatura Mexicana – Diário lírico de um professor (conto inédito).

Nota da pesquisa: Noivo conta a história de seu abandono pela noiva em um ensolarado dia de outono.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 3.

Autor: NEGRÃO, Odilon.

Título: Água-forte.

Nota da pesquisa: Breve apresentação de coluna, intitulada “Água-forte”, dedicada à biobibliografia. Biobibliografia de Joaquim Maciel Filho.

Autor: SILVEIRA, Miroel.

Título: O apóstolo e a pecadora.

Nota da pesquisa: Conto que narra o encontro confessional entre moça e religioso, em local ermo da cidade, com duração de algumas horas.

Autor: s.n.

Título: A Associação Brasileira de Imprensa e o Aparelhamento de *Roteiro*.

Nota da pesquisa: Reprodução fac-similar de carta de Herbert Moses, presidente da ABI, ao diretor de *Roteiro*, saudando o lançamento do periódico.

Autor: s.n.

Título: Documentário para a nossa história.

Nota da pesquisa: Reprodução fotográfica e apresentação de dez pessoas elencadas como redatores de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 4.

Autor: s.n.

Título: Nos domínios da cultura nacional: A obra de difusão das grandes editoras brasileiras. Fala o decano da nossa revolução editorial, Octales Marcondes Ferreira, diretor da Companhia Editora Nacional.

Nota da pesquisa: Breve apresentação da Companhia Editora Nacional seguida de entrevista com seu diretor. Elenca autores, edições e coleções.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 5.

Autor: CAVALHEIRO, Edgard.

Título: Da capa ao índice.

Nota da pesquisa: Inicia coluna literária quinzenal abordando aspectos do trabalho do crítico literário. Afirma não querer fazer balanço da crítica canônica nem deseja escrever a história da crítica brasileira. Enfatiza que objetivo da seção é auxiliar autores e leitores, esclarecer conceitos mas sem a intenção de esgotar todos os detalhes de uma obra. É coluna de opinião e síntese, em busca do “essencial”, conforme preconizara Mário de Andrade, explica.

Autor: CLERC, Charly.

Título: A literatura no país de três línguas diferentes.

Nota da pesquisa: Aborda a inusitada situação de autores e leitores em um país de tradição trilingue como a Suíça. Estuda o caso de Francisco Chiera, C.F. Ramuz e Gottfried Keller.

Autor: ROSSI, Edmundo.

Título: Nós.

Nota da pesquisa: Poema que evoca o porvir, a transformação.

Autor: s.n.

Título: Bibliografia.

Nota da pesquisa: Texto sintético destaca lançamentos editoriais.

Autor: CARVALHO, Genauro de.

Título: O Homo Economicus e a paz universal.

Nota da pesquisa: Ensaia sobre os motivos da mobilização social humana e sua relação com os aspectos econômicos.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 6.

Autor: BURLA, Eliezer.

Título: Conto Nacional: Tortura.

Nota da pesquisa: Conto em que narrador, em situação de encarceramento, faz planos para uma possível vida futura, longe da prisão. Em seguida descreve a tortura a que é submetido, aparentemente sem fim.

Autor: s.n.

Título: Editora Rumo Limitada.

Nota da pesquisa: Notícia fundação de casa editora enumerando primeiras publicações.

Autor: s.n. (“Notas da redação”).

Título: Urtigas e mandacarus: *A louca do Juqueri* e outros loucos.

Nota da pesquisa: Primeira parte do texto (aparentemente assinada por Maurício Loureiro Gama) destaca lançamento literário e questiona capacidade estilística do autor. Segunda parte critica redação do edital do Prêmio Antônio de Alcântara Machado, de responsabilidade da Academia Paulista de Letras. A terceira parte do

texto critica procedimentos na apuração de prêmio literário instituído pela Academia Brasileira de Letras.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor: Aristides Ávila nos fala de seu romance *A teoria da distância*.

Nota da pesquisa: Apresenta brevemente o autor, sua obra e o entrevista.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 7.

Autor: IZAR, Margarida.

Título: *Amanhecer*.

Nota da pesquisa: crítica literária destacando romance de Lúcia Miguel Pereira.

Autor: GUARNIERI, Alice; IZAR, Margarida; BIAR, Olga.

Título: Página da mulher: Palavras à juventude.

Nota da pesquisa: Reprodução declarada de oração proferida por Mário de Andrade no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Texto destaca críticas desferidas a iniciativas culturais que se provam plenamente necessárias e exitosas.

Autor: FERREIRA, Jurema Iara.

Título: Eu partirei, amor...

Nota da pesquisa: Poema de despedida amorosa.

Autor: BASTOS, Abguar.

Título: Minha amiga Apópolis...

Nota da pesquisa: Hermética crônica contendo alusões a fatos e acontecimentos socioculturais.

Autor: BIAR, Olga.

Título: Epistolário da “Grã-fina”.

Nota da pesquisa: Espécie de resposta a crítica anterior, texto apresenta-se como carta em defesa de eventos sociais exuberantes, de aparência filantrópica e beneficente, patrocinados pela sra. Getúlio Vargas.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 8.

Autor: MONTENEGRO, Tulo Hostílio.

Título: O pernambucano Mário Sette.

Nota da pesquisa: Crítica literária enfocando quatro obras de Mário Sette.

Autor: MILLIET, Sérgio.

Título: Artes Plásticas: “Da realidade”.

Nota da pesquisa: Constatando controvérsias existentes entre “antigos e modernos”, autor faz retrospectiva da História da Arte sobre a finalidade das artes plásticas.

Autor: F. M. (provável erro de impressão, deve ser S.M., de Sérgio Milliet).

Título: Exposições.

Nota da pesquisa: Destaca a trajetória recente de cinco artistas plásticos destacados em eventos especializados.

Autor: ALMEIDA, Fernando Mendes de.

Título: Os metrônomos antropoides.

Nota da pesquisa: Reclama a existência de regentes especializados para o aprimoramento das orquestras sinfônicas nacionais.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 9.

Autor: GUIMARÃES, Ruth.

Título: Caboclo.

Nota da pesquisa: Poema que enaltece a figura e o modo de vida do caboclo.

Autor: SILVA, De Plácido e.

Título: O sentido da literatura objetiva.

Nota da pesquisa: Ensaio e crítica literária defendendo que a literatura de ficção perde espaço diante da ascensão do romance documental.

Autor: ACCIOLI, João.

Título: Desbarrancado.

Nota da pesquisa: Poema que evoca paisagens e lembranças.

Autor: BARROS, Nélon Lobo de.

Título: *A noite ia longe...*: Três instantâneos do romance de Nélon Lobo de Barros.

Nota da pesquisa: Reprodução de três excertos do romance do autor.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 10.

Autor: ZINGG, Paulo.

Título: O mundo em marcha: Os sucessos do eixo Roma-Berlim-Tóquio e a reação das democracias.

Nota da pesquisa: Detalhada análise da conjuntura internacional que procura compreender movimentos políticos e sociais ocorrendo em diversos países europeus. Defende a tomada de posturas mais firmes ante a crescente onda fascista.

Autor: s.n.

Título: Checoslováquia: Razões econômicas da sua conquista.

Nota da pesquisa: Reprodução de artigo publicado no periódico francês *L'Illustration* que procura explicar a real motivação alemã para a incorporação do território Tcheco.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 11.

Autor: PÁDUA, Cyro T. de.

Título: Economia.

Nota da pesquisa: Artigo inaugural que busca justificar a sua necessidade dentro de um jornal cultural. Lista amplas questões como espécie de roteiro a ser seguido pela coluna, apontando a necessidade de uma reestruturação econômica.

Autor: s.n.

Título: Do mundo inteiro.

Nota da pesquisa: Pequenas notas com comentários focalizando assuntos relativos às artes plásticas ao redor do planeta.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 maio 1939, ano 1, número 1, página 12.

Autor: GÓES, Fernando.

Título: Os grandes inquéritos literários: Prelúdio – *Roteiro* realizará um inquérito com os grandes intelectuais.

Nota da pesquisa: Artigo inaugural de coluna literária contendo entrevistas, procura justificar sua existência e aponta influência intelectual do projeto em trabalhos anteriores realizados por João do Rio. Afirma que haverá ciclos de entrevistas (com críticos, poetas, romancistas, contistas, ensaístas etc) e lista nomes dos primeiros convidados a depor. Objetivo é obter dos escritores suas opiniões a respeito dos “problemas e casos que preocupam a literatura brasileira”. Personalidade inquirida da edição é Rubens do Amaral.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 1.

Autor: GERSON, Brasil.

Título: Nassau ainda não foi compreendido.

Nota da pesquisa: Artigo reclama novos estudos sobre a história do Brasil, elogiando a iniciativa de Vianna Moog na reavaliação do personagem Maurício de Nassau.

Autor: WICKETS, Donald Furthman.

Título: Porque Mussolini combate os judeus.

Nota da pesquisa: Tradução de artigo publicado em local não informado que procura apresentar os motivos pelos quais o Duce tornou-se antissemita.

Autor: ALBUQUERQUE, Américo (para *Roteiro*).

Título: Perfil do anônimo.

Nota da pesquisa: Crônica de conteúdo crítico sobre a política interna e externa brasileira que procura disfarçar atrás de notas leves sobre assuntos ligeiros.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 2.

Autor: GAMA, Maurício Loureiro.

Título: Urtigas e mandacarus: As *Redondilhas* do sr. Marques da Cruz.

Nota da pesquisa: Analisa diversas passagens de livro de poemas reeditado pela terceira vez, questionando qualidade estética da obra.

Autor: s.n. [GAMA, Maurício Loureiro]

Título: Esse Joel Silveira!...

Nota da pesquisa: Anuncia para breve novo livro de contos de autoria de Joel Silveira.

Autor: s.n. [GAMA, Maurício Loureiro].

Título: A confusão era geral.

Nota da pesquisa: Reproduz comentário irônico veiculado por Sérgio Milliet.

Autor: s.n. [GAMA, Maurício Loureiro]

Título: Uma carta do sr. Afrânio Peixoto.

Nota da pesquisa: Relata episódio de viagem de Afrânio Peixoto aos Estados Unidos e reproduz trecho de carta que este teria enviado de lá.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 3.

Autor: NEGRÃO, Odilon.

Título: Água-forte.

Nota da pesquisa: Biografia do jornalista Maurício Loureiro Gama e entrevista.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor: Antônio Constantino fala de seu romance *A casa sobre a areia*.

Nota da pesquisa: Apresentação de lançamento literário de Antônio Constantino seguido de depoimento deste autor sobre sua nova obra.

Autor: s.n.

Título: Documentário de *Roteiro*: Algumas notas sobre o nosso aparecimento.

Nota da pesquisa: Reprodução de três notas jornalísticas sobre o surgimento desse quinzenário de cultura.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 4.

Autor: MAUROIS, André.

Título: Conto estrangeiro: Um caso de consciência.

Nota da pesquisa: Conto que retrata passagens da vida amorosa de uma viúva.

Autor: ARAÚJO, Barreto de.

Título: Oportunidade de um livro.

Nota da pesquisa: Comenta lançamento literário de Hermes Lima, incluído na coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, que biografava a figura de Tobias Barreto.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 5.

Autor: SODRÉ, Nélson Werneck.

Título: Da capa ao índice.

Nota da pesquisa: Autor assume sessão de crítica literária iniciada no número 1 do periódico, apresentando seus objetivos de trabalho.

Autor: CÂMARA, Arruda (para *Roteiro*).

Título: A revolução no conteúdo da poesia brasileira.

Nota da pesquisa: Ensaio sobre o necessário e o desnecessário na obra poética.

Autor: CARVALHO, Walter Campos de.

Título: *Manchas de sombra e luz*.

Nota da pesquisa: Crítica literária enfocando a obra do poeta Pereira Brasil, com destaque para o livro intitulado *Manchas de sombra e luz*.

Autor: s.n.

Título: Registro Bibliográfico.

Nota da pesquisa: Notícia lançamento de periódico literário paulista, destacando autores, e aniversário de outro periódico cultural, *Dom Casmurro*.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 6.

Autor: s.n. (para *Roteiro*).

Título: “Pasteur”: Verdadeiro palácio flutuante.

Nota da pesquisa: Reportagem sobre o maior transatlântico em linha na América do Sul entrevista o diretor das Companhias Chargeurs Réunis e Sud Atlantique.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 7.

Autor: IZAR, Margarida.

Título: Página da Mulher: Mulher anônima das massas.

Nota da pesquisa: Crônica de enaltecimento da mulher trabalhadora.

Autor: Efigênia.

Título: Alguém.

Nota da pesquisa: Poema que sugere a existência de alguém a desejar o eu-lírico.

Autor: BIAR, Olga.

Título: Epistolário da “Grã-fina”.

Nota da pesquisa: Crônica em formato carta discorre sobre a inauguração das Lojas Mappin, no centro de São Paulo e o esnobismo.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 8.

Autor: HADDAD, Jamil Almansur (para *Roteiro*).

Título: Olhos mortos.

Nota da pesquisa: Poema que evoca as sensações provocadas pela observação dos olhos da figura amada.

Autor: s.n.

Título: Um apelo vibrante.

Nota da pesquisa: Republicação creditada de artigo do *Journalist Defense Fund – New York*, relata a tragédia de um jovem migrante judeu na França que assassina o secretário da embaixada alemã.

Autor: FARIAS, Arnaldo de (para *Roteiro*).

Título: Paillet, mestre da prudência.

Nota da pesquisa: Retrata a vida e a obra do advogado francês Afonso Gabriel Vitor Paillet, que viveu no século 19.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 9.

Autor: GÓES, Fernando (para *Roteiro*).

Título: Os grandes inquéritos literários: Prelúdio n. 2 – O que diz Nélon Werneck Sodré, um dos mais modernos historiadores da literatura brasileira.

Nota da pesquisa: Autor rebate críticas recebidas por coluna anterior, apresenta entrevistado da edição corrente e depois transcreve entrevista. Esta gira em torno do trabalho do crítico literário, da evolução literária nacional antes e depois da Semana de Arte Moderna e da situação política global pouco antes da segunda grande guerra.

Autor: MACHADO, Leão (para *Roteiro*).

Título: As meias da princesa.

Nota da pesquisa: Crônica em formato carta endereçada à princesa Elizabeth, da Inglaterra, no dia de aniversário desta, lamentando que o império inglês, sua herança, em terras da Índia, Austrália, África, Arábia e Canada, começa a lutar por liberdade.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 10.

Autor: LIMA, Medeiros.

Título: Intercâmbio Pan-Americano.

Nota da pesquisa: Analisa nova fase de colaboração intelectual e editorial entre Brasil e Argentina, destacando a criação do Círculo de Interpenetração Americana.

Autor: BASTOS, Abguar.

Título: Economia: Uma palavra de ordem no Conselho de Comércio Exterior.

Nota da pesquisa: Analisa discurso do presidente da República e comenta últimas decisões do Conselho em favor da defesa dos recursos naturais nacionais.

Autor: REYES, Alfonso.

Título: Cantata en el tumba de Federico Garcia Lorca.

Nota da pesquisa: Poema lamenta a morte do poeta espanhol.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 11.

Autor: SILVEIRA, Joel.

Título: Conto Nacional: Natal com Margarida – Do livro *Onda raivosa*, de Joel Silveira, que breve será lançado pela Editora Rumo Limitada.

Nota da pesquisa: Conto que narra episódio de casal passeando na noite de Natal.

Autor: BRITO, Nabor Caires de (para *Roteiro*).

Título: O mundo em marcha: Liga das Nações Armadas.

Nota da pesquisa: Análise da conjuntura internacional e dos movimentos bélicos.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 jun. 1939, ano 1, número 3, página 12.

Autor: CHENEVIER, Robert.

Título: A Espanha em face de seu novo destino.

Nota da pesquisa: Analisa a situação da Espanha após declaração de término da Guerra Civil.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 1.

Autor: s. n.

Título: Nossa homenagem a Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Editorial apresenta número especial em homenagem ao centenário de nascimento de Machado de Assis.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 2.

Autor: s. n.

Título: Machado de Assis, filósofo bonomista.

Nota da pesquisa: Conclusão do editorial iniciado na página 1.

Autor: CASASANTA, Mário.

Título: O instinto batalhador.

Nota da pesquisa: Ensaio no qual o autor defende a postura paciente, justa, serena de Machado de Assis frente às adversidades, atitude considerada sábia, e de melhores resultados em longo prazo, do que desgastantes e abertos combates.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 3.

Autor: De Plácido e Silva.

Título: Machado, intérprete do sofrimento...

Nota da pesquisa: Investiga aproximação entre sabedoria expressa em passagens da obra de Machado de Assis a postulados psicológicos e filosóficos.

Autor: ALMEIDA, Fernando Mendes de (para *Roteiro*).

Título: O teatro e a poesia de Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Defende que a obra poética e dramática de Machado de Assis é toda ela, excetuando-se reduzida parcela, de qualidade discutível.

Autor: ANDRADE, Mário de.

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Considera que Machado de Assis requer maturidade para ser bem apreciado, pois o considera o artista maior da escrita nacional.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 4.

Autor: ARCOVERDE, Moacir (para *Roteiro*).

Título: Por falar em Machado...

Nota da pesquisa: Questiona qualidade das avaliações da pessoa e da obra machadiana.

Autor: GUIMARÃES, Ruth (para *Roteiro*).

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Aponta para a ausência da descrição que tematiza as belezas da cidade do Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 5.

Autor: PEREIRA, Lúcia Miguel.

Título: Machado de Assis, o operário.

Nota da pesquisa: Investiga a juventude de Machado de Assis e seus primeiros contatos com o mundo tipográfico-editorial.

Autor: ROSSI, Edmundo.

Título: Machado de Assis e o senso da ousadia.

Nota da pesquisa: Autor apresenta fatos que contrariam o senso comum de que Machado de Assis teria um temperamento tímido.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 6.

Autor: MONT'ALEGRE, Omer.

Título: Machado de Assis e a posteridade.

Nota da pesquisa: Enaltece a pessoa de Machado de Assis e defende a elevação de sua obra cada vez mais.

Autor: GRIECO, Agripino.

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Destaca o artifício de Machado de Assis que, de seu posto de arguto observador, soube traçar a psicologia do ser humano do seu tempo.

Autor: MENEGALE, Guimarães.

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Tece considerações sobre aspectos psicológicos de Machado de Assis, seus contemporâneos e personagens.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 7.

Autor: ALBUQUERQUE, Álvaro.

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Procura compreender a importância e o reconhecimento de Machado de Assis traçando paralelos com outros autores e comentando críticos.

Autor: CAVALHEIRO, Edgard (para *Roteiro*).

Título: A crítica literária na obra de Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Analisa dois volumes das obras completas de Machado de Assis dedicados à coleção, feita por Mário de Alencar, de seus escritos de crítica.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 8.

Autor: DORNAS FILHO, João (para *Roteiro*).

Título: Machado de Assis, o monstro amável.

Nota da pesquisa: Assinala o descompasso entre o que se conhece e escreve sobre a obra de Machado de Assis e o autor Machado de Assis, situação incentivada, segundo o articulista, pelo próprio Machado ao fugir, resolutamente, de qualquer nota particular.

Autor: MACHADO, Leão (para *Roteiro*).

Título: Machado de Assis, o burocrata.

Nota da pesquisa: Procura analisar aspectos de Machado de Assis enquanto funcionário público, tema pouco estudado.

Autor: PEIXOTO, Afrânio.

Título: O “humor” de Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Aborda a faceta humorística de Machado de Assis escorando-se em excertos poéticos e prosaicos desse autor.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 9.

Autor: MENNUCCI, Sud (para *Roteiro*).

Título: Machado de Assis e seus médicos póstumos...

Nota da pesquisa: Crítica a atitude, aparentemente disseminada entre os analistas de Machado de Assis, de a tudo justificarem, em sua obra, pelas moléstias do autor.

Autor: BELO, José Maria.

Título: Machado de Assis, o poeta.

Nota da pesquisa: Com ressalvas e destaques para uma ou outra composição poética, articulista assegura não ser Machado de Assis grande poeta, apesar de mestre da prosa.

Autor: PICCHIA, Menotti Del (para *Roteiro*).

Título: Como eu vejo Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Expressa a visão de que Machado de Assis foi antes de tudo um humanista de agudíssimo senso crítico que, em sua imobilidade, só pode contemplar.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 10.

Autor: MATOS, Mário.

Título: Machado de Assis, comediógrafo.

Nota da pesquisa: Articulista é da opinião que a escrita dramática de Machado de Assis seria mais uma espécie de auto cobrança do autor às sugestões do meio em que

viveu, do que tendência inata – por isso sua obra teatral seria ligeira em carente de teatralidade.

Autor: ALPHONSUS, João.

Título: Reportagem à Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Conto irreverente que narra um falecimento.

Autor: EDMUNDO, Luiz.

Título: Reminiscências.

Nota da pesquisa: Rememora passagens bem humoradas protagonizadas por Machado de Assis na roda literária da livraria Garnier.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 11.

Autor: BILAC, Olavo.

Título: Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Transcrição de discurso proferido por Olavo Bilac em cerimônia de inauguração de placa de bronze na casa em que faleceu Machado de Assis, em 1912. Externa palavras elogiosas ao autor e à obra, citando poemas e ditos machadianos.

Autor: RIBEIRO, Joaquim.

Título: Compreensão de Machado de Assis.

Nota da pesquisa: Repercute arrazoado causado por obra de Peregrino Júnior sobre a personalidade de Machado de Assis. Julga obra de Peregrino uma “pesquisa valiosíssima”.

Autor: ANJOS, Cyro dos.

Título: Machado de Assis, mal e remédio.

Nota da pesquisa: Poema que evoca personagens e passagens machadianas.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 13.

Autor: CAMPISTA, Geraldino.

Título: Machado de Assis e sua filosofia desigual.

Nota da pesquisa: Argumento que o fenômeno literário de Machado de Assis deriva de sua filosofia metade epicurista, metade estoicista.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 21 jun. 1939, ano 1, número 4, página 16.

Autor: ASSIS, Machado de.

Título: Teoria do medalhão.

Nota da pesquisa: Conto de Machado de Assis.

Autor: CONSTANTINO, Antônio (para *Roteiro*).

Título: Braz Cubas, o grande lascivo.

Nota da pesquisa: Sugere que, ao transformar sua vida em matéria cinzenta, Braz Cubas almeja como último e supremo prazer a sua devoração pelos vermes.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 1.

Autor: s.n.

Título: A França pacífica é forte.

Nota da pesquisa: Defende o argumento de que a França soerguerá, utilizando-se, para isso, de análises da política internacional, bem como dados do trabalhismo e do mercado financeiro francês.

Autor: s.n.

Título: Os laureados de *Roteiro*.

Nota da pesquisa: Artigo de aspecto editorial rebate eventuais críticas ao jornal e afirma que ele continua firme e forte. Elenca alguns de seus premiados colaboradores.

Autor: BARROS, Nelson Lobo de (para *Roteiro*).

Título: Somerset Maughan, romancista e biógrafo.

Nota da pesquisa: Analisa lançamento literário de Somerset Maughan, sem versão em língua portuguesa, enaltecendo as qualidades da biografia *Of human bondage*.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 2.

Autor: GAMA, Maurício Loureiro.

Título: Urtigas e mandacarus.

Nota da pesquisa: Dividida em cinco partes, coluna quinzenal faz espécie de crônica irônica, sobre temas da cultura literária nacional Dessa vez tratou de Marques Rebelo, da chamada literatura engajada, de Machado de Assis e do crítico Afrânio Peixoto.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 3.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor.

Nota da pesquisa: Amadeu de Queiróz sobre seu romance *A voz da terra*, precedido por breve introdução com pedaço da biobibliografia de Amadeu.

Autor: s.n.

Título: Palavras de Guilhermino César a Marques Rebelo.

Nota da pesquisa: Transcrição de discurso proferido em Belo Horizonte. Guilhermino ressalta as qualidades da escrita de Marques Rebelo, homenageado do dia.

Autor: NEGRÃO, Odilon.

Título: Água forte.

Nota da pesquisa: Conta, em tom jocoso, como foi o início da vida de Heraldo Barbuy, quando este se aventurou pelo caminho dos conventos: queria ser frade.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 4.

Autor: ARGENTIÉRE, Rômulo.

Título: Mestres e discípulos.

Nota da pesquisa: Alerta para os riscos da leitura transversa que pode ser feita de certas teorias sociais, não nomeadas, e das consequências históricas de tais atos.

Autor: GUSMÃO, Clóvis de.

Título: Os portugueses e o mar.

Nota da pesquisa: Faz breve apanhado histórico em derredor do poderio naval na história do povo português.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 5.

Autor: SODRÉ, Nelson Werneck.

Título: Crítica: Da capa ao índice.

Nota da pesquisa: Comenta as homenagens aos três autores centenários daquele ano: Machado de Assis, Tobias Barreto e Tavares Bastos.

Autor: NABUCO, Araújo (para *Roteiro*).

Título: O tormento dos poetas.

Nota da pesquisa: Espécie de crônica em que narra primeiros contatos com a poesia de Judas Isgorogota, quando recortava os poemas dos jornais para os guardar. Compara essas produções com o que foi publicado em livro, e finaliza com breve crítica.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 6.

Autor: MILLIET, Sérgio.

Título: Posição do artista.

Nota da pesquisa: Articulista comenta que, nas artes plásticas, os artistas estão cada vez mais intelectualizados, o que de nada vale se a obra por ele produzida não cativa. Utiliza singelos desenhos de Matisse para argumentar que, por vezes, a singeleza vale mais.

Autor: LIMA, Medeiros (para *Roteiro*).

Título: Estudos históricos.

Nota da pesquisa: Comenta o movimento de renovação do interesse pelos estudos históricos no Brasil, possivelmente motivados, crê o autor, na obra de Gilberto Freyre.

Autor: MELO, Alberto Barreto de (para *Roteiro*).

Título: Espírito da época e das gerações.

Nota da pesquisa: Ensaio de caráter filosófico que examina as dificuldades para a compreensão mútua entre as gerações.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 7.

Autor: BRITO, Nabor Caires de (para *Roteiro*).

Título: O mundo em marcha: Dantzig será o Waterloo da paz ou do prestígio dos ditadores.

Nota da pesquisa: Comenta a aparente calma no cenário internacional e traça prognósticos para os próximos passos das lideranças nacionais europeias.

Autor: s.n.

Título: Os intelectuais vencem.

Nota da pesquisa: Elenca últimos intelectuais que se tornaram funcionários públicos de alto escalão na administração pública.

Autor: s.n.

Título: Pão e vinho de Silone.

Nota da pesquisa: Comenta último lançamento, traduzido para o português, de Ignazio Silone.

Autor: AMARAL, Lício Marcondes do (para *Roteiro*).

Título: Justiça também para Sílvio Romero.

Nota da pesquisa: Reclama a valorização da figura de Sílvio Romero, na esteira das comemorações pelo centenário de Tobias Barreto, posto que as duas obras possuem conexões.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 8.

Autor: MACHADO, Leão.

Título: Espigão da samambaia.

Nota da pesquisa: Capítulo do romance homônimo de Leão Machado com episódios de Joaquim Mandú.

Autor: FORNARI, Ernani.

Título: Por que matei o violinista.

Nota da pesquisa: Conto de aspecto policial do autor gaúcho.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 9.

Autor: s.n.

Título: Os prêmios da Academia.

Nota da pesquisa: Artigo de aparência editorial que volta as artilharias, novamente, contra os procedimentos e as comissões julgadoras dos prêmios da ABL.

Autor: MONT'ALEGRE, Omer (para *Roteiro*).

Título: Tobias Barreto: considerações *post-final*.

Nota da pesquisa: Biografia Tobias Barreto e justifica o empreendimento considerando Tobias um modelo de escritor, já que viveu apenas do próprio pensamento.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 10.

Autor: VENTURI, Maslowa Gomes (para *Roteiro*).

Título: Teoria da distância.

Nota da pesquisa: Crítica literária sobre livro homônimo de Aristides Ávila.

Autor: GUIMARÃES, Ruth (para *Roteiro*).

Título: Pela caserna...

Nota da pesquisa: Conto com muitos diálogos passado no ambiente de um quartel.

Autor: ASSUMPÇÃO, Philemon (para *Roteiro*).

Título: Tenho um desejo infantil...

Nota da pesquisa: Poema em que o eu lírico deseja chorar, já que é perdida a ilusão.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 11.

Autor: BARBUY, Heraldo.

Título: Filosofia da forma.

Nota da pesquisa: Ensaio de temática filosófica.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 jul. 1939, ano 1, número 6, página 12.

Autor: s.n.

Título: O discurso que Cecília Meireles não pronunciou na Academia Brasileira.

Nota da pesquisa: Vencedora do mais recente concurso de poemas da ABL, Cecília Meireles teve seu discurso tão recortado, censurado, que resolveu não o pronunciar, porque foi descaracterizado por completo. *Roteiro* publica, então, o discurso na íntegra.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 1.

Autor: DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (para *Roteiro*).

Título: Danças negras no Nordeste.

Nota da pesquisa: Analisa a influência dos povos africanos na cultura popular brasileira. Aborda manifestações como o Coco, o Frevo, o Quilombo, entre outros.

Autor: ALBUQUERQUE, Américo (para *Roteiro*).

Título: Carta aos mutilados de catorze.

Nota da pesquisa: Autor escreve crônica de lamentação pela guerra que se aproxima, lembra da infância na guerra de 1914 e deseja que não haja mais guerras.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 2.

Autor: RADIANTE, Vitor (para *Roteiro*).

Título: Amadeu Amaral ou “O anseio ascensional de uma fé que não verga”.

Nota da pesquisa: Crítica literária que analisa a obra de Amadeu Amaral, no geral, e a obra *Espumas*, no particular.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 3.

Autor: BALÃO JÚNIOR, Jaime (para *Roteiro*).

Título: Sem rumo.

Nota da pesquisa: Crônica rememora infância do narrador, seus familiares e as impressões de suas passagens pela Serra do Mar.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor: João Dornas Filho fala sobre o seu último livro: *A escravidão no Brasil*.

Nota da pesquisa: Breve apresentação do autor e de sua obra, seguida de seu depoimento tratando do processo de elaboração de sua obra.

Autor: MELO, Renato Vieira de (para *Roteiro*).

Título: A consoladora utopia de Mr. Streit.

Nota da pesquisa: Ensaio que enfoca o cidadão norte-americano chamado Clarence Streit, disputado personagem daqueles dias por conta de suas palestras e conferências radiofônicas pregando a paz mundial. Sua tese era baseada na criação de um único país global, nos moldes dos Estados Unidos da América, ou seja, uma administração central de Estados grandemente independentes.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 4.

Autor: IBARZABAL, Federico de.

Título: Conto Estrangeiro: A última viagem.

Nota da pesquisa: Narra a história de um marinheiro que, após décadas de vida dentro de uma única embarcação, fica impossibilitado de acompanhar o navio para sempre, o que o faz tomar uma trágica decisão.

Autor: COELHO, Artur (para *Roteiro*).

Título: De Nova York: Três autores; três feitos.

Nota da pesquisa: Crítica literária enfocando Amadeu de Queiróz, Heraldo Barbuy e Menotti Del Picchia.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 5.

Autor: ARCOVERDE, Moacir (para *Roteiro*).

Título: Crítica: Forma da Filosofia.

Nota da pesquisa: Artigo em que autor dialoga com Heraldo Barbuy, cujo texto, publicado na edição anterior de *Roteiro*, parece incomodar Moacir Arcoverde. Defende postura do filósofo como “gente que faz”, que vai para as ruas e vive, contrariamente ao estudioso enclausurado em gabinetes cheios de livros.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 6.

Autor: SEGALL, Lasar.

Título: Artes, artistas e público.

Nota da pesquisa: Comenta atualidade das discussões sobre o belo na arte.

Autor: BARROS, O MULATO.

Título: As Exposições.

Nota da pesquisa: Apresenta sete artistas plásticos em exposição.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 7.

Autor: BRITO, Nabor Caires de (para *Roteiro*).

Título: O mundo em marcha: Na hora das negociações secretas.

Nota da pesquisa: Ensaio analisa estratégia político-militar da Alemanha.

Autor: RAPOSO, Alberto (para *Roteiro*).

Título: Pioneiros da paz.

Nota da pesquisa: Defende a ação imediata de uma “frente de paz” para fortalecer a democracia mundial e erradicar os perigos do que chama de imperialismo vermelho.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 8.

Autor: ANTUNES, David (para *Roteiro*).

Título: Conto Nacional: A feiticeira.

Nota da pesquisa: Narra as aventuras de Balduino em suas lembranças de juventude, das disputas entre o PRP e o PC.

Autor: ANDRADE, Gilberto Osório de.

Título: Corina fugiu com um bugre.

Nota da pesquisa: Mais um conto nacional.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 9.

Autor: MONTENEGRO, Tulo Hostílio.

Título: Alinhavos sobre Lawrence.

Nota da pesquisa: Crítica literária que enfoca algumas das obras de D. H. Lawrence. Apresenta também traços biográficos desse autor.

Autor: NEVES, Edgar.

Título: Wells, professor da humanidade.

Nota da pesquisa: Ensaio que enfoca o autor da *História Universal* destacando sua capacidade para retratar tudo de bom, e de mau, que a humanidade é capaz de fazer em sua busca pela adaptação ao meio.

Autor: DIONÍSIO, Mário (para *Roteiro*).

Título: Solidariedade.

Nota da pesquisa: Poema que conclama à união e à resistência.

Autor: VENTURA, Luso.

Título: Jornais de cultura.

Nota da pesquisa: Ensaio em que autor assinala as dificuldades da vida literária: do grande analfabetismo ao custo do papel, do gosto discutível do público às tentativas dos periódicos nacionais por se estabelecerem.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 10.

Autor: DJÊNANE [Maria Farah]

Título: Página da Mulher: Diário inútil.

Nota da pesquisa: Crônica que simula a escrita em um diário, descreve a série de alguns dias de encontros com uma vizinha.

Autor: PINTO, Nilo Aparecida.

Título: Mal me quer... Bem me quer...

Nota da pesquisa: Poema em formato de soneto decassílabo que explora o romantismo popular do desfolhar a rosa enquanto se questionam os desígnios amorosos.

Autor: BIAR, Olga.

Título: Epistolário da Grã-fina.

Nota da pesquisa: Crônica que simula uma carta de conteúdo dubio para uma destinatária de espírito aparentemente frívolo.

Autor: RIBEIRO, Adail Pereira (para *Roteiro*).

Título: Considerações ligeiras.

Nota da pesquisa: Ensaio elenca diversos autores e personagens com a aparente intenção de valorizar o poder de influência que a obra de arte, especialmente a escrita, tem sobre a humanidade.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 ago. 1939, ano 1, número 7, página 12.

Autor: CAVALCANTI, Paulo (para *Roteiro*).

Título: Os mocambos do Recife.

Nota da pesquisa: Reportagem destaca as condições desfavoráveis de vida nos arredores de Recife, exibe números de enfermidades e cobra auxílio das autoridades.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 1.

Autor: PERALVA, Osvaldo (para *Roteiro*).

Título: Duas gerações.

Nota da pesquisa: Resposta a ataque intelectual desferido por Peregrino Júnior; afirma que este errou de vocação.

Autor: ARGENTIÉRE, Rômulo.

Título: Rabelais, cirurgião da renascença.

Nota da pesquisa: Esboço biográfico do humorista projetou a libertação do homem por meio do riso.

Autor: MORAIS, Freire de (para *Roteiro*).

Título: A América e os totalitários.

Nota da pesquisa: Análise dos últimos movimentos alemães e italianos na conquista por novos territórios.

Autor: ROUBAUD, André.

Título: Vagner e Nietzsche falsificados por Goebbels.

Nota da pesquisa: Ensaio que analisa as estratégias da empulhação nazista de seu próprio povo.

Autor: BORGES, José Carlos (para *Roteiro*).

Título: A vela na sala dava uma chama serena.

Nota da pesquisa: Conto sobre um encontro familiar trivial ao redor da mesa de jantar.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 2.

Autor: MELLO NETTO, Archimedes de (para *Roteiro*).

Título: Os estudantes brasileiros e o turismo cultural.

Nota da pesquisa: Ensaio defende que o turismo dos estudantes pelo interior do Brasil deve ser uma política pública de importância. Destaca resoluções do último Congresso Nacional dos Estudantes nesse sentido.

Autor: ALENCAR, Gastão de (para *Roteiro*).

Título: Os pássaros morrem chorando...

Nota da pesquisa: Poema com o título alusivo a uma obra de Rossine Camargo Guarnieri, a quem este poema é dedicado, como que parodia os cantos otimistas e de tonalidade heroica de Rossine: estes são tristes e desesperançados.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 3.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor: Joel Silveira fala sobre o seu livro de contos *Onda raivosa*.

Nota da pesquisa: Pequena nota biobibliográfica seguida de entrevista com esse autor.

Autor: SILVEIRA, Miroel.

Título: Ainda os prêmios da Academia Brasileira.

Nota da pesquisa: Autor reproduz carta enviada à ABL em que pleiteia a revisão do julgamento do concurso de “contos e fantasias” de 1938.

Autor: ARCOVERDE, Moacir (para *Roteiro*).

Título: Voltando à forma da Filosofia.

Nota da pesquisa: Prossegue o debate com o autor Heraldo Barbuy a respeito de suas visões particulares do que seja a Filosofia.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 4.

Autor: SILONE, Ignazio.

Título: Novela: Simplício.

Nota da pesquisa: Narrativa ficcional.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 5.

Autor: MONTENEGRO, Tulo Hostílio (para *Roteiro*).

Título: Crítica: *Calabar*.

Nota da pesquisa: Crítica literária sobre a obra do escritor Romeu de Avelar, notadamente sobre seu lançamento: *Calabar*, livro que procura reescrever passagens da história colonial brasileira.

Autor: RAEDERS, Georges (para *Roteiro*).

Título: Alguns novos livros franceses.

Nota da pesquisa: Apresenta e critica lançamentos editoriais franceses.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 6.

Autor: ROSUEL, Charles.

Título: Pal Molnar, famoso pintor e gravador húngaro.

Nota da pesquisa: Biografia rapidamente e transcreve trechos de depoimentos do artista plástico.

Autor: BARROS, O MULATO.

Título: As Exposições.

Nota da pesquisa: Destaca três exposições acontecendo em São Paulo.

Autor: M.A.A.V.

Título: Eva no Século XX.

Nota da pesquisa: Ensaio destaca a dualidade a que está submetida a mulher do seu tempo: inspirada e influenciada pelas antigas gerações e movida pelas novas.

Autor: CONSTANTINO, Antônio (para *Roteiro*).

Título: Adoração.

Nota da pesquisa: Poema que sugere o poder da memória na vida das pessoas.

Autor: SÍLVIA [Sílvia Chalreo] (para *Roteiro*).

Título: Maria Jacintha, prêmio de teatro.

Nota da pesquisa: Comenta vitória da teatróloga em concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras, em 1938. Autora dirigiu a revista carioca *Esfera*, na qual Maria Jacintha era redatora.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 7.

Autor: BRITO, Nabor Caires de (para *Roteiro*).

Título: O mundo em marcha: A paz não tem mais fronteiras.

Nota da pesquisa: Ensaio que procura diagnosticar panorama político-militar de sua época, tanto em perspectiva internacional quando interna do Brasil.

Autor: RAPOSO, Alberto (para *Roteiro*).

Título: As lutas econômicas em nosso continente: Paraguai e Bolívia.

Nota da pesquisa: Ensaio que tece considerações de ordem econômica sobre as disputas comerciais envolvendo alguns países da América latina.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 8.

Autor: ROQUE, José Mallet (para *Roteiro*).

Título: O Conto Nacional: Rosa louca.

Nota da pesquisa: Conto de aspecto regionalista.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 9.

Autor: CARVALHO, Walter Campos de (para *Roteiro*).

Título: Canaan.

Nota da pesquisa: Crônica que procura compreender os motivos da atração que a cidade do Rio de Janeiro provoca nos grupos intelectuais nacionais.

Autor: IVO, Ledo (para *Roteiro*).

Título: Menina de tranças.

Nota da pesquisa: Conto que alude aos horrores da guerra e a busca do refúgio na arte.

Autor: BASTOS, Abguar (para *Roteiro*).

Título: Em Viena num baile de máscaras.

Nota da pesquisa: Poema em versos livres que narra a estranha aparição de um novo governante político.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 10.

Autor: GORKI, Máximo.

Título: O Conto Estrangeiro: Uma moeda de dez copécs.

Nota da pesquisa: Texto memorialístico com passagens da vida amorosa do narrador.

Autor: SAMPAIO, José (para *Roteiro*).

Título: Evasão.

Nota da pesquisa: Poema em versos livres que alude a uma retirada de guerra.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 11.

Autor: BARBUY, Heraldo (para *Roteiro*).

Título: Metafísica da arte.

Nota da pesquisa: Ensaio que procura compreender a individualidade, a moral e a forma na arte.

Autor: BARROS, Nelson Lobo de (para *Roteiro*).

Título: Contistas.

Nota da pesquisa: Análise de alguns lançamentos na área do Conto Literária com o destaque aos autores Joel Silveira e Dias da Costa, ambos publicados pela Editora Rumor.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 20 ago. 1939, ano 1, número 8, página 12.

Autor: COELHO, Artur (para *Roteiro*).

Título: O que é a Feira Mundial de Nova York.

Nota da pesquisa: Procura apresentar o evento norte-americano em plano geral, a temática central, os pavilhões estrangeiros e o espaço brasileiro.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 1.

Autor: GOMES, Antônio Osmar.

Título: Orientação humanista da cultura.

Nota da pesquisa: Ensaio filosófico que destaca aspectos do cristianismo.

Autor: COELHO, Artur (para *Roteiro*).

Título: De Nova York: *Sete ranchos de sapé*.

Nota da pesquisa: Crônica literária que anuncia o lançamento, nos Estados Unidos, de um livro dedicado à compreensão do Brasil.

Autor: TONDELLA, Gabriel (para *Roteiro*).

Título: Grãos de areia...

Nota da pesquisa: Ensaio filosófico que analisa conceitos de Fichte, Hume, Descartes, Hegel, Kant, entre outros.

Autor: ZWEIG, Stefan.

Título: Tolstói.

Nota da pesquisa: Perfil biobibliográfico do autor russo.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 2.

Autor: ARGENTIÉRE, Rômulo (para *Roteiro*).

Título: A guerra, o pacifismo e a solidariedade humana.

Nota da pesquisa: Ensaio procura compreender os motivos humanos que impulsionam os povos de todo o mundo para a segunda grande guerra.

Autor: BRITO, Mário da Silva (para *Roteiro*).

Título: Momento.

Nota da pesquisa: Poema em versos livres que aborda a ausência de inspiração poética.

Autor: MATOS, Dirceu de (para *Roteiro*).

Título: Amputou a própria mão...

Nota da pesquisa: Crônica transforma ato desesperado de recruta norte-americano que amputou a própria mão para não ir à guerra em o símbolo do pacifismo.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 3.

Autor: s.n.

Título: Tem a palavra o autor: De Plácido e Silva fala sobre o seu livro *Histórias do Macambira*.

Nota da pesquisa: Rápida nota biobibliográfica de De Plácido e Silva seguida de seu depoimento sobre como e porque escreveu o livro em destaque.

Autor: PONTES, Adauto (para *Roteiro*).

Título: Onomatopeias.

Nota da pesquisa: Ensaio em que autor procura analisar a ideia de que linguagem humana teria surgido das onomatopeias.

Autor: NAVARRO, Saul de (para *Roteiro*).

Título: O teatro e o cinema.

Nota da pesquisa: Autor ensaia sobre a tese de que o surgimento do cinema, e o consequente acesso a uma nova e enorme pletora de opções em termos de efeitos, enfraqueceu o teatro.

Autor: ARCOVERDE, Moacir.

Título: Gênio.

Nota da pesquisa: Ensaio que marca um novo capítulo no debate intelectual, que vinha ocorrendo nos números anteriores desse mesmo periódico, com o autor Heraldo Barbuy, a respeito das visões filosóficas desses dois autores.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 4.

Autor: SILONE, Ignazio.

Título: Novela: Simplício.

Nota da pesquisa: Continuação do texto impresso no número anterior do mesmo periódico. Conta a história de um funcionário de empresa agrícola.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 5.

Autor: SODRÉ, Néelson Werneck.

Título: Crítica: Da Capa ao Índice.

Nota da pesquisa: Crítica literária que procura contrariar a tese de que o Conto Literário é um gênero que gera pouco interesse e venda. Autor escora seus argumentos no estudo do então recente livro de contos de Joel Silveira.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 6.

Autor: SÉRGIO, Otávio.

Título: Momento Artístico: A arte de Abel Salazar.

Nota da pesquisa: Crítica de arte destaca a trajetória de um dos principais artistas plásticos portugueses da época.

Autor: SIQUEIRA, João de (para *Roteiro*).

Título: Os moleques e o “Paraíso dos namorados”.

Nota da pesquisa: Crônica que traça as origens de nome de logradouro público em cidade não identificada.

Autor: SERRA, David (para *Roteiro*).

Título: Freitas Nobre e *O criador da poesia popular*.

Nota da pesquisa: Crítica literária sobre livro que estuda o poeta Juvenal Galeno.

Autor: FACÓ, Rui (para *Roteiro*).

Título: Noturna da cidade do Salvador.

Nota da pesquisa: Poema em versos livres alude a episódio em que eu-lírico caminha ébrio pelas ruas da cidade.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 7.

Autor: CAMPOS, Cleómenes.

Título: Alguns poemas de Cleómenes Campos.

Nota da pesquisa: Texto (não assinado) introduz biobibliograficamente o autor. Em seguida, 12 poemas de sua autoria são reproduzidos.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 8.

Autor: ÁVILA, Aristides (para *Roteiro*).

Título: O Conto Nacional: Juízo final.

Nota da pesquisa: Conto filosófico em torno da finitude da existência.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 9.

Autor: BASTOS, Humberto (para *Roteiro*).

Título: As contradições na obra de Humberto de Campos.

Nota da pesquisa: Crítica literária que busca esclarecer aspectos problemáticos na obra do escritor de *Sombras que sofrem*. Aborda seu relacionamento com as mulheres, sua inquietação política, a relação com escritores portugueses, entre outras questões.

Autor: MATOS, Dirceu de (para *Roteiro*).

Título: Inverno.

Nota da pesquisa: Poema em versos livres que alude à solidão sentimental provocada pelo dia de inverno e garoa.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 10.

Autor: NEUMANN, Robert.

Título: O Conto Estrangeiro: Um menino está cansado de viver.

Nota da pesquisa: Conto de aspecto memorialístico que narra episódio em que criança passa dias de veraneio com a família.

Autor: MIRANDA, Rodrigues de (para *Roteiro*).

Título: Cadê o biógrafo de Euclides?

Nota da pesquisa: Ensaio que, constatando o momento de grande ascensão pelos estudos biográficos (cita exemplos disso), cobra o aparecimento de uma biografia de Euclides da Cunha.

Autor: BARBUY, Heraldo (para *Roteiro*).

Título: De rebus pluribus.

Nota da pesquisa: Artigo que é novo turno na discussão com o escritor Heraldo Barbuy, polêmica que atravessou os últimos números desse periódico.

Autor: ALMEIDA, Lauro de (para *Roteiro*).

Título: Cinco minutos depois.

Nota da pesquisa: Crônica que ironiza com o conceito de progresso - algo que só tornaria a vida das pessoas cada vez mais complicada e estressante.

Autor: MORRETES, Ruth Lange de (para *Roteiro*).

Título: Porque morremos.

Nota da pesquisa: Artigo científico que explica pormenorizadamente o necrosamento dos organismos vivos.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 set. 1939, ano 1, número 9, página 12.

Autor: s.n.

Título: Dois dedos de prosa com Haeckel Tavares.

Nota da pesquisa: Reportagem que reproduz entrevista com o maestro e compositor de música brasileira Haeckel Tavares.

Autor: MIRANDA, Rodrigues de (para *Roteiro*).

Título: A cidadela.

Nota da pesquisa: Crítica literária que enfoca o livro *A cidadela*, de A. J. Cronin.

* * *

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 1.

Autor: CASASANTA, Mário (para *Roteiro*).

Título: Romance do Sul.

Nota da pesquisa: Crítica literária sobre romance de Guilhermino César intitulado *Sul*.

Autor: AMARAL, Luiz (para *Roteiro*).

Título: Intelectualidade mineira.

Nota da pesquisa: Ensaio parte da tese de que os intelectuais mineiros apresentam especial sucesso nas Letras Jurídicas para tentar compreender melhor a gente de Minas.

Autor: CÉSAR, Guilhermino (para *Roteiro*).

Título: Possidônio se dissolve.

Nota da pesquisa: Conto de influências psicológicas em que as ações se desenvolvem quase que exclusivamente dentro da consciência do narrador.

Autor: MENDES, Oscar (para *Roteiro*).

Título: Um clássico moderno.

Nota da pesquisa: Crítica literária dedicada ao estudo do livro *Au Grand Saint-Christophe*, de autoria de Eugenio D'Ors.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 2.

Autor: GRIECO, Agripino.

Título: Escritores nossos.

Nota da pesquisa: Ensaio que analisa as Letras Mineiras por meio da seleção de alguns autores representativos.

Autor: BRITO, Mário da Silva (para *Roteiro*).

Título: Eu e a Inconfidência Mineira.

Nota da pesquisa: Crônica relata episódios da juventude do autor e a sua fixação por alguns dos temas do universo mineiro.

Autor: LISBOA, José Carlos (para *Roteiro*).

Título: Quando os teus braços caírem num desalento.

Nota da pesquisa: Poema de versos livres que evoca o poder de transformação da vida.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 3.

Autor: LEAL, Celestino (para *Roteiro*).

Título: Casamento e profissão.

Nota da pesquisa: Ensaio busca compreender as múltiplas interfaces existentes entre o casamento e a profissão, elencando consequências.

Autor: s.n.

Título: O porque desta homenagem.

Nota da pesquisa: Artigo de aspecto editorial busca esclarecer os motivos pela publicação da presente edição do periódico que homenageia os intelectuais de Minas Gerais.

Autor: CAPANEMA, Gustavo.

Título: Finalidades da educação.

Nota da pesquisa: Ensaia o Ministro da Educação sobre uma eventual nova fase na educação nacional, destacando aspectos positivos.

Autor: s.n.

Título: Quais os cinco maiores poetas brasileiros vivos?

Nota da pesquisa: Breve inquérito literário com rápida apresentação e o depoimento de pessoas como: Alphonsus de Guimarães Filho, Murilo Rubião, Mário Casasanta, João Lúcio, Nazareno Alphonsus, Amadeu de Queiróz, entre outros.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 4.

Autor: LAGE FILHO, O.

Título: Minas e as raças.

Nota da pesquisa: Ensaio que procura traçar a origem étnica e social de Minas Gerais.

Autor: REGO, José Lins do.

Título: Carta a Oswald de Andrade.

Nota da pesquisa: Carta aberta que questiona as últimas atitudes do escritor modernista junto aos novos de profissão.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 5.

Autor: SODRÉ, Néelson Werneck (para *Roteiro*).

Título: Crítica: Da Capa ao Índice: Gentes de Minas.

Nota da pesquisa: Destaca o amadurecimento de núcleos literários espalhados por algumas unidades da federação e, tratando especificamente do núcleo mineiro, cita autores e obras que merecem destaque.

Autor: JACINTHA, Maria (para *Roteiro*).

Título: *Amanhecer*.

Nota da pesquisa: Crítica literária que parte do pressuposto de que o romance nacional é muito pouco explorado por mulheres. Nesse sentido, destaca um dos poucos casos de sucesso, a escritora Lúcia Miguel Pereira, e analisa seu lançamento, *Amanhecer*.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 6.

Autor: MANCLAIR, Camille.

Título: Paixão e genialidade musical de Schumann.

Nota da pesquisa: Estudo aborda a obra de juventude de Schumann, especialmente a sua obra para piano.

Autor: BARROS, O MULATO.

Título: As Exposições.

Nota da pesquisa: Com pequenos textos de apresentação de autores e obras, destaca quatro exposições de artes plásticas.

Autor: MATHEY, Jacques.

Título: As obras primas de Corot.

Nota da pesquisa: Ensaio busca associar traços biográficos à produção do pintor que viveu no século 19.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 7.

Autor: ANDRADE, Carlos Drummond de (para *Roteiro*).

Título: Poesia: Ode ao cinquentenário do poeta brasileiro Manuel Bandeira.

Nota da pesquisa: Longo poema de versos livres que busca a confraternização dos sentimentos, simulando recordar pequenas passagens de convívio.

Autor: SARAIVA, Paulo (para *Roteiro*).

Título: A pátria e o pequeno homem.

Nota da pesquisa: Poema de recusa à guerra: conclama os homens ao amor.

Autor: LISBOA, Henriqueta (para *Roteiro*).

Título: Inspiração que se perdeu.

Nota da pesquisa: Poema que tematiza a procura pela poesia.

Autor: HADDAD, Jamil Almansur (para *Roteiro*).

Título: Oração violenta.

Nota da pesquisa: Poema em formato de oração pelo fim de todas as injustiças.

Autor: GUIMARÃES FILHO, Alphonsus (para *Roteiro*).

Título: Os orfanatos na madrugada.

Nota da pesquisa: Poema que enumera os destinos do homem sem rumo em sua incessante busca.

Autor: ALVES, Oswaldo (para *Roteiro*).

Título: Destino.

Nota da pesquisa: Poema soturno que evoca os momentos derradeiros da existência.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 8.

Autor: RAQUEL, Maria.

Título: O Conto Estrangeiro: Fulaninha, na mansarda.

Nota da pesquisa: Conto de memórias de eventos familiares.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 9.

Autor: CAMPOS, Francisco.

Título: Discurso pronunciado pelo Dr. Francisco Campos na inauguração do monumento à Civilização Mineira.

Nota da pesquisa: Discurso enaltece a memória do povo mineiro e o exulta a continuar a missão civilizatória que os antepassados legaram aos novos.

Autor: FRIEIRO, Eduardo.

Título: Estadistas mineiros que passaram pelo jornalismo.

Nota da pesquisa: Crônica que aproxima o trabalho jornalístico com o do governante, pois ambos devem se pautar pela democracia, elenca políticos jornalistas como Bernardo Vasconcelos, Cândido de Oliveira, Cesário Alvim, entre outros.

Autor: s.n.

Título: Contribuição para um estudo sobre Oswald de Andrade.

Nota da pesquisa: Crônica que analisa os últimos debates envolvendo o controverso autor modernista que, desta feita, envolve-se em uma suposta acusação de plágio. Sendo assim, artigo reproduz dois poemas que teriam gerado a questão, um deles de Julieta Bárbara, antiga esposa de Oswald, e outro de Rossine Camargo Guarnieri.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 10.

Autor: s.n. Tradução e Notas: SILVA, De Plácido e.

Título: “Confraternité Universelle Balzacienne”

Nota da pesquisa: Notas biobibliográficas sobre o autor de *A Comédia Humana*, acompanhado de longo descritivo a respeito de confraternização de instituto cultural de difusão literária que existe sob o signo de Balzac, fundado e mantido em Montevideú, Uruguai.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 11.

Autor: MANARINI, Adhemar (para *Roteiro*).

Título: A poesia de Rossine Camargo Guarnieri.

Nota da pesquisa: Crítica literária que apresenta um pouco da vida e muito da obra do poeta. Reproduz poemas e os analisa.

Autor: POLONO, José (para *Roteiro*).

Título: Rubem Braga e outras coisas que sugiro.

Nota da pesquisa: Crítica literária que enfoca o cronista Braga, caracterizando-o como poeta da prosa.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 12.

Autor: AMARO, Austen; COELHO, Vilmar; BARBOSA, Arlindo Cândido; BARBOSA, Cláudio Tavares; MAGALHÃES, Franklin; GOIATÁ, Célio.

Título: Poetas de Minas Gerais.

Nota da pesquisa: Reprodução de poemas dos autores mineiros.

Autor: BROCA, Brito.

Título: Ouvindo o romancista de *Banguê*.

Nota da pesquisa: Entrevista com o escritor José Lins do Rego.

Autor: ETIENNE FILHO, J.

Título: Moços de Minas.

Nota da pesquisa: Apresenta cerca de uma dúzia de autores mineiros que podem ser chamados de “nova geração”. Entre eles: Murilo Rubião, Milton Amado, Célio Goiatá, Maciel de Oliveira.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 13.

Autor: ALPHONSUS, Nazareno.

Título: A montanha da estrelinha humilde.

Nota da pesquisa: Conto de um homem que perdeu a sanidade.

Autor: ALPHONSUS, João (para *Roteiro*).

Título: Galinha cega.

Nota da pesquisa: Conto sobre uma galinha que perde a visão.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 14.

Autor: ANJOS, Cyro dos (para *Roteiro*).

Título: A arte de tocar sinos.

Nota da pesquisa: Crônica rememora infância do narrador, quando tocava os sinos da igreja.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 15.

Autor: MACHADO, Aníbal.

Título: O Conto Nacional: A morte da porta estandarte.

Nota da pesquisa: Narrativa dramática mas também humorística.

Autor: DORNAS FILHO, João (para *Roteiro*).

Título: Vamos acabar com isto.

Nota da pesquisa: Crônica que parece questionar os propósitos da existência.

Roteiro: Quinzenário de Cultura, São Paulo, 5 out. 1939, ano 1, números 10-11, página 16.

Autor: LIMA, João Anatólio (para *Roteiro*).

Título: A função educativa da Fazenda Escola Florestal.

Nota da pesquisa: Reportagem apresenta entidade que funciona como centro de integração dos fazendeiros de Minas Gerais.

Autor: s.n.

Título: Um exemplo a ser imitado em todo o país.

Nota da pesquisa: Reportagem noticia a fundação da ALA – Amigos da Literatura e da Arte, sediada em Minas Gerais, entidade que tem por objetivo estimular os trabalhos intelectuais em Minas Gerais. Elenca integrantes.

Autor: MENEGALE, Heli (para *Roteiro*).

Título: Asas de arminho.

Nota da pesquisa: Conto que narra desventuras de uma menina que perde parte de sua indumentária em dia de cerimônia cristã.

6.9. Índice remissivo de colaboradores de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*²²⁴

ACCIOLI, João – 1.9.	BASTOS, Humberto – 9.9.
ALBUQUERQUE, Álvaro – 4.7.	BELO, José Maria – 4.9.
ALBUQUERQUE, Américo – 3.1; 7.1.	BIAR, Olga – 1.7; 3.7; 7.10.
ALENCAR, Gastão de – 8.2.	BILAC, Olavo – 4.11.
ALMEIDA, Fernando Mendes de – 1.8; 4.3.	BORGES, José Carlos – 8.1.
ALMEIDA, Lauro de – 9.11.	BRITO, Mário da Silva – 9.2; 10.2.
ALPHONSUS, João – 4.10; 10.13.	BRITO, Nabor Caires de – 3.11; 6.7; 7.7; 8.7.
ALPHONSUS, Nazareno – 10.13.	BURLA, Eliézer – 1.6.
ALTAMIRANDO JÚNIOR – 1.1.	CÂMARA, Arruda – 3.5.
ALVES, Oswaldo – 10.7.	CAMPISTA, Geraldino – 4.13.
AMARAL, Lício Marcondes do – 6.7.	CAMPOS, Cleómenes – 9.7.
AMARAL, Luiz – 10.1.	CAMPOS, Francisco – 10.9.
AMARO, Austen – 10.12.	CAPANEMA, Gustavo – 10.3.
ANDRADE, Carlos Drummond de – 10.7.	CARVALHO, Genauro – 1.5.
ANDRADE, Gilberto Ozório de – 7.8.	CARVALHO, Walter Campos de – 3.5; 8.9.
ANDRADE, Mário de – 4.3.	CASASANTA, Mário – 4.2; 10.1.
ANJOS, Cyro dos – 4.11; 10.14.	CAVALCANTI, Paulo – 7.12.
ARAÚJO, Barreto de – 3.4.	CAVALHEIRO, Edgard – 1.5; 2.5; 4.7.
ARCOVERDE, Moacir – 4.4; 7.5; 8.3; 9.3.	CÉSAR, Guilhermino – 6.3; 10.1.
ARGENTIÈRE, Rômulo – 6.4; 8.1; 9.2.	CHENEVIER, Robert – 3.12.
ASSIS, Machado de – 4.15.	CLERC, Charly – 1.5.
ANTUNES, David – 7.8.	COELHO, Artur – 7.4; 8.12; 9.1.
ÁVILA, Aristides – 9.8.	COELHO, Vulmar – 10.12.
BALÃO JÚNIOR, Jaime – 7.3.	CONSTANTINO, Antônio – 4.16; 8.6.
BÁRBARA, Julieta – 10.9.	DIEGUES JÚNIOR, Manoel – 7.1.
BARBOSA, Arlindo Cândido – 10.12.	DONATO, Mário – 1.1.
BARBOSA, Cláudio Tavares – 10.12.	DORNAS FILHO, João – 4.8; 10.15.
BARBUY, Heraldo – 6.11; 8.11; 9.11.	DIONISIO, Mário – 7.9.
BARROS, Nelson Lobo de – 1.9; 6.1; 8.11.	DJÊNANE [Maria Farah] – 7.10.
BARROS, O MULATO – 7.6; 8.6; 10.6.	EDMUNDO, Luiz – 4.10.
BASTOS, Abgvar – 1.7; 3.10; 8.9.	EFIGÊNIA – 3.7.

²²⁴ A notação utilizada para indicar a localização do artigo é: [edição].[página]. Por exemplo: a referência 3.6. indica edição de número 3, página 6.

- ETIENNE FILHO, J. - 10.12.
- FACÓ, Rui – 9.6.
- FARIAS, Arnaldo de – 3.8.
- FERREIRA, Jurema Yara – 1.7.
- FLORES, Mário Pavon – 1.2.
- FORNARI, Ernani – 6.8.
- FRIEIRO, Eduardo – 10.9.
- GAMA, Maurício Loureiro – 3.2; 6.2.
- GERSON, Brasil – 3.1.
- GÓES, Fernando – 1.12; 3.9; 5.9.
- GOIATA, Célio – 10.12.
- GOMES, Antônio Osmar – 9.1.
- GÓRKI, Máximo – 8.10.
- GRIECO, Agripino – 4.6; 10.2.
- GUARNIERI, Alice – 1.7.
- GUARNIERI, Rossine Camargo – 1.1; 10.9.
- GUIMARÃES, Ruth – 1.9; 4.4; 6, 10.
- GUIMARÃES FILHO, Alphonsus – 10.7.
- GUSMÃO, Clóvis de – 6.4.
- HADDAD, Jamil Almansur – 3.8; 10.7.
- IBARZABAL, Federico de – 7.4.
- IVO, Ledo – 8.9.
- IZAR, Margarida – 1.7; 3.7.
- JACINTHA, Maria – 10.5.
- LAGE FILHO, O. – 10.4.
- LEAL, Celestino – 10.3.
- LIMA, João Anatólio – 10.16.
- LIMA, Medeiros – 3.10; 6. p. 6.
- LISBOA, Henriqueta – 10.7.
- LISBOA, José Carlos – 10.2.
- M.A.A.V. – 8.6.
- MACHADO, Aníbal – 10.15.
- MACHADO, Leão – 3.9; 4.8; 6.8.
- MAGALHÃES, Franklin – 10.12.
- MANARINI, Adhemar – 10.11.
- MANCLAIR, Camille – 10.6.
- MATHEY, Jacques – 10.6.
- MATOS, Dirceu de – 9.2; 9.9.
- MATOS, Mário – 4.10.
- MAUROIS, André – 3.4.
- MEIRELES, Cecília – 6.12.
- MELLO NETTO, Archimedes de – 8.2.
- MELO, Alberto Barreto de – 6.6.
- MELO, Renato Vieira de – 7.3.
- MENDES, Oscar – 10.1.
- MENEGALE, Guimarães – 4.6.
- MENEGALE, Heli – 10.16.
- MENNUCCI, Sud – 4.9.
- MILLIET, Sérgio – 1.8; 6.6.
- MIRANDA, Rodrigues de – 9.10; 9.12.
- MONT'ALEGRE, Omer – 4.6; 6.9.
- MONTENEGRO, Tulo Hostílio – 1.8; 7.9; 8.5.
- MORAIS, Freire de – 8.1.
- MORRETES, Ruth Lange de – 9.11.
- NABUCO, Araújo – 6.5.
- NAVARRO, Saul de – 9.3.
- NEGRÃO, Odilon – 1.3; 3.3; 6.3.
- NEUMANN, Robert – 9.10.
- NEVES, Edgar – 7.9.
- PÁDUA, Cyro T. De – 1.11.
- PEIXOTO, Afrânio – 4.8.
- PERALVA, Osvaldo – 8.1.
- PEREIRA, Lúcia Miguel – 4.5.
- PICCHIA, Menotti Del – 4.9.
- PINTO, Nilo Aparecida – 7.10.

POLONO, José – 10.11.
PONTES, Adauto – 9.3.
RADIANTE, Vitor – 7.2.
RAEDERS, Georges – 8.5.
RAPOSO, Alberto – 7.7; 8.7.
RAQUEL, Maria – 10.8.
REGO, José Lins do – 10.4.
REYES, Alfonso – 3.10.
RIBEIRO, Adail Pereira – 7.10.
RIBEIRO, Joaquim – 4.11.
ROQUE, José Mallet – 8.8.
ROSSI, Edmundo – 1.5; 4.5.
ROSUEL, Charles – 8.6.
ROUBAUD, André – 8.1.
SAMPAIO, José – 8.10.
SARAIVA, Paulo – 10.7.
SEGALL, Lasar – 7.6.
SÉRGIO, Otávio – 9.6.
SERRA, David – 9.6.
SILONE, Ignazio – 8.4; 9.4.
SILVA, De Plácido e – 1.9; 4.3; 9.3; 10.10.
SILVEIRA, Joel – 3.11.
SILVEIRA, Miroel – 1.3; 8.3.
SÍLVIA [Sílvia Chalreo] – 8.6.
SIQUEIRA, João de – 9.6.
SODRÉ, Nelson Werneck – 3.5; 6.5; 9.5; 10.5.
TONDELLA, Gabriel – 9.1.
VENTURA, Luso – 7.9.
VENTURI, Maslowa Gomes – 6.10.
WICKETS, Donald Furthman – 3.1.
ZINGG, Paulo – 1.10.
ZWEIG, Stefan – 9.1.

7. Depois da Baruel: Mercado intelectual

Seria arriscado, para o momento, falar-se em “legado”, ou “consequências diretas” da existência do Grupo da Baruel, tanto para seus integrantes, quanto para o mercado editorial, o campo literário nacional ou paulista, ou a cultura brasileira, de forma mais ampla. Não impede, no entanto, que se possa apontar caminhos seguidos pelos indivíduos, ou pela “camaradagem” que parece ter existido entre algumas daquelas relações.

Outra informação que se poderia mencionar, novamente deixando considerações pertinentes à representatividade ou importância das entidades mobilizadas para outro momento, advém da análise da biografia conhecida daquelas 95 pessoas, e tão somente se procede aqui, inicialmente, ao registro estatístico referente ao ingresso em academias literárias. Essas entidades funcionam como órgãos de legitimação de pessoas, trajetórias e obras, conforme adiantado, concorde-se com isso ou não, tenha isso validade ou não em determinados âmbitos, sejam ou não os acadêmicos merecedores ou não. O fato é que as academias literárias existem e têm o seu propósito.

Figura 3

60 pessoas ingressaram em academia literária, uma não ingressou e de 50 não se pode apurar.

Alguns dos integrantes da Baruel ingressaram em academias literárias consagradas, e alguns deles foram membros em mais de uma Academia ao mesmo tempo. Da Academia Brasileira de Letras três foram membros, além um membro correspondente. Da Academia Paulista de Letras foram 22 e na Mineira ingressaram 8. Já da Academia de Ciências e Letras de Lisboa dois foram membros²²⁵. A figura 3, ao lado, ilustra de que maneira os integrantes do Grupo da Baruel alcançaram as academias literárias.

Além disso houve, do grupo dos 95, quem ingressasse em academias de cidades do interior do país, na Academia Brasileira de Música e na Paulista de Jornalismo. Houve inclusive patronos e também fundadores de academias, como a Academia de Ciências e

²²⁵ No capítulo 3 (item 2) desta tese é possível conferir o nome de todos os integrantes da Baruel que foram membros de academias literárias e o nome das respectivas agremiações.

Letras, que existiu na capital de São Paulo entre os anos de 1931 e 1933, com estatutos registrados e tudo (aparentemente houve abertura de firma – não confirmada pela pesquisa).²²⁶

Por menos que se queira valorizar, ingressar em uma academia literária representa algo na sociedade, especialmente no âmbito literário, e pode significar certo reconhecimento de mérito de autor e/ou obra.

Pensando em termos de atuação e impacto no mercado editorial posterior ao Grupo da Baruel, em junho de 1944 constituiu-se a “Sociedade Livro-do-Mês Ltda.”, fundada com o objetivo indicar para o público leitor o lançamento literário de melhor qualidade, conforme juízo de um corpo de notáveis, o “Conselho de Críticos da Sociedade”, responsável pelas apreciações literárias. Esse conselho era composto por alguns dos remanescentes dos encontros na Baruel, entre outras pessoas e que, num segundo momento, foram acrescidas de ainda outras. Do primeiro grupo faziam parte: Monteiro Lobato, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Rui Bloem, Galeão Coutinho, Edgard Cavalheiro e Mário da Silva Brito, todos sócios no empreendimento²²⁷. Desses oito nomes, cinco foram indicados como pertencentes ao Grupo da Baruel (Lobato, Bloem, Cavalheiro, Coutinho e Brito), um deles, Lins do Rego, colaborou ao menos uma vez com *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, jornal da Baruel. Essas seis pessoas, de um total de oito sócios, que mantinham algum nível de relação em 1940, ao redor do Grupo da Baruel, quatro anos depois disso constituem uma empresa, é de se notar, sem querer com isso dizer que se não fosse a Baruel a nova sociedade não existiria.

Apesar do histórico de trabalhos, da divulgação de campanhas publicitárias e cobertura, até mesmo elogiosa²²⁸, da imprensa especializada, a Livro-do-Mês parece não ter causado impactos de grande monta, e a longo prazo, no mercado editorial ou na cultura, mesmo local. Sabe-se que promoveram certa agitação no mercado de traduções, promovendo o lançamento de vários títulos internacionais em traduções inéditas, graças a afinidades com pessoas do meio editorial.

A Livro-do-Mês teve também o seu próprio periódico, chamado *Atualidades Literárias*, cuja edição foi proibida de ser lançada por dois anos. Esclarece o texto de caráter editorial à página inicial da edição de número 1 dessa revista²²⁹: era intenção da Livro-do-Mês editar, assim que a sociedade foi composta, em 1944, sua *Atualidades Literárias*. O capitão

²²⁶ ACADEMIA de Ciencias e Letras. *A Gazeta*, São Paulo, p. 4, 29 jul. 1933.

²²⁷ O QUE é a Sociedade Livro-do-Mês Ltda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 59, 8 set. 1945. Para mais informações a respeito da Sociedade Livro-do-Mês, consultar D'ONOFRIO, op. cit., 2012, p. 21.

²²⁸ REVERBEL, Carlos. Livro de mês. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 18, 8 mar. 1947.

²²⁹ *Atualidades Literárias*, São Paulo, p. 1, jul. 1946.

Amílcar Dutra de Menezes, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do obtuso governo Getúlio Vargas, no entanto, impediu a circulação da revista. Outro capitão do Exército Brasileiro, oficial de sobrenome Arvoredo, classificou a empresa responsável por *Atualidades Literárias* como “uma organização fascista”. O primeiro número é finalmente editado em julho de 1946²³⁰ e, na edição de número 3 dessa revista, outro nome de ex-integrante da roda da Baruel é adicionado ao rol de sócios/notáveis e responsáveis pelas avaliações críticas dos livros: Léo Vaz.

Atualidades Literárias circulou por cerca de dois anos, tornou-se propriedade da Câmara Brasileira do Livro e teve entre seus colaboradores assíduos, além dos proprietários, Ênio Silveira, José Geraldo Vieira, Nelson Werneck Sodré, Orígenes Lessa, Sérgio Milliet e mais gente da Baruel: Fernando Góes e Ruth Guimarães. Foi um periódico que alcançou certa repercussão, auxiliada, eventualmente, pela divulgação de trabalhos inéditos de autores como Mário de Andrade, já falecido naquele momento, e outros. Essas publicações inéditas podem demonstrar o bom trânsito que a redação da revista tinha com pessoas representativas no meio cultural e literário da época, possivelmente relações advindas de alguns anos anteriores, ao redor do balcão de uma certa drogaria no centro de São Paulo.

A respeito da trajetória individual de alguns dos integrantes da Baruel após o encerramento dos encontros na farmácia, já se verificou que alguns conseguiram assento em academias literárias além de premiação literária conferida pela Academia Brasileira de Letras ou pela Câmara Brasileira do Livro, caso do troféu Jabuti. Novamente aqui não se pode debitar à roda da Baruel essas distinções, no entanto, parece impossível negar que essas pessoas passaram pela roda da Baruel, ainda que uma coisa não tenha relação direta com a outra, ou que não haja implicação imediata. Mas alguma coisa pode ter advindo dessa experiência. Relembre-se o que escreveu o poeta Paulo Bomfim, no prefácio de um livro que enfocava a figura de Edgard Cavalheiro, um dos membros mais destacados daquela roda literária e que Paulo Bomfim conheceu pessoalmente: “Pertencente à tábua redonda que se reunia na Drogaria Baruel em torno da figura de Amadeu de Queiróz, herdou desse convívio cordialidade e erudição”²³¹. A herança, mencionada pelo poeta, também comporta relações sociais, as pessoas travavam relações, não apenas na drogaria Baruel, e carregavam esses distintivos em suas vidas posteriores, abrindo e fechando portas.

²³⁰ GRIFO Sete. *Folha da Manhã*, São Paulo. 21 jul. 1946.

²³¹ BOMFIM, Paulo. Prefácio. In: D'ONOFRIO, Silvio C. T. *Crônicas pesquisas: Edgard Cavalheiro escreveu*. São Paulo: Scortecci, 2014.

O escritor Cassiano Nunes que, a exemplo de Paulo Bomfim, era mais jovem do que a média dos integrantes do Grupo da Baruel, o que os impediu de usufruir das tertúlias literárias na farmácia àquele tempo, Cassiano conheceu e trabalhou com alguns daqueles integrantes em anos posteriores à drogaria. Ele registrou um depoimento aludindo ao que houve com alguns dos antigos “moços” frequentadores da Baruel:

E – coisa curiosa! – quase posso dizer que o velho Amadeu, nos seus últimos anos, ligou-se mais a mim do que aos seus antigos companheiros da Baruel, de certo porque eu podia dedicar-lhe mais atenção do que eles, que já ocupavam posições de destaque nas rodas literárias, políticas e sociais. Leão Machado, por exemplo, fora nomeado secretário do governador Garcez. Edgard Cavalheiro dedicava-se de corpo e alma aos negócios da Editora Globo. Mário Donato dirigia uma estação de rádio²³². E mais ou menos o mesmo ocorria com os outros integrantes do grupo [...] Quem o visitasse, podia ter certeza de fruir uma conversa das mais vivas e sugestivas... Com que fulgor travesso nos olhos, contou-me, certa vez, as declarações que prestara a um delegado de polícia a respeito de um volante incendiário espalhado em São Paulo – e que fora justamente redigido pelo pacato gerente da conceituada Baruel... [...] líder da dispersa turma da Baruel²³³

Os moços cresceram e apareceram, para usar o senso comum. O tempo das bravatas e das ironias da juventude era já passado, agora eram todos homens formados cuidando de suas carreiras e famílias.

8. Grupos intelectuais, livrarias, livreiros e guardiães

Uma breve retrospectiva que possa subsidiar a busca pela definição de uma rede tão complexa de relações quanto aquela passível de existir num universo de dezenas de pessoas – número apontado como sendo o que seria, em sua integralidade, o Grupo da Baruel – poderia ser iniciada pela própria abordagem da sociedade comercial que existiu entre um dos donos da Casa Baruel, pessoa da qual não há indicativo de que teve relação com o grupo de intelectuais que se reunia em sua farmácia, com exceção de ele, F. Nicolau Baruel, ter sido sócio de um dos frequentadores daquele grupo, Cândido Fontoura, pessoa com quem fundou o Instituto Medicamenta na companhia de dois sócios adicionais²³⁴. O Instituto Medicamenta era a marca responsável pelo tradicional produto farmacêutico de nome Biotônico Fontoura. Cândido Fontoura, adicionalmente, foi amigo de Monteiro Lobato. Este teria sido o responsável pela

²³² Rádio Excelsior.

²³³ NUNES, op. cit., 28 maio 1957. No livro póstumo de Amadeu de Queiróz (*Dos 7 aos 77: Memórias*. São Paulo, Cupolo, 1956, p. 243-252) há a descrição de um evento que pode ser este mencionado por Cassiano Nunes, de um volante incendiário apócrifo (ao menos para a polícia), e da prestação de contas a um delegado.

²³⁴ *Scientia Medica*, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 546, set. 1927.

criação do famoso nome do tônico, além de pessoa também presente na lista de dezenas de nomes de pessoas que integrariam o Grupo da Baruel.

Tratando especificamente do Grupo da Baruel, ele pode ser considerado como uma espécie de epígono de uma tradição antiga no Brasil, qual seja, a da reunião dos homens para a conversa do dia, em qualquer local, de uma forma geral, mas especialmente nas tradicionais boticas, particularmente reunindo pessoas de mais elevado nível educacional, cultural ou mesmo de renda.

Um dos grupamentos sociais contemporâneos desse da Drogaria Baruel, igualmente formado pela nova geração de intelectuais paulistas, os “novos”, com pessoas na faixa dos trinta anos de idade, era o chamado “Grupo de *Clima*”, formado ao redor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Estudos como os de Neuma Cavalcante e Heloísa Pontes²³⁵ mostraram que o Grupo de *Clima* foi não apenas um grande interlocutor dos intelectuais da Semana Modernista de 1922, pela preocupação com o estudo do Brasil, mas também especializou-se na reflexão acerca da estética modernista, ao menos em sua faceta paulista, chegando mesmo a expandir o movimento, nacionalmente, com a redefinição dos limites do ensaísmo e da crítica, atualizados por eles com análises e metodologias oriundas de suas experiências acadêmicas²³⁶.

Por já ter sido alvo desses e de outros estudos de maior densidade, a compreensão da trajetória do coletivo formado pelos rapazes de *Clima* pode auxiliar numa melhor definição do Grupo da Baruel por aproximações e afastamentos, que existem em profusão. A própria existência dos periódicos “representantes” de cada um dos dois grupos é muito próxima: *Roteiro* iniciou-se em 1939, *Clima* em 1941.

Cada um desses grupos tinha por ponto de encontro um local do centro da cidade, o Grupo de *Clima* na Confeitaria Vienense e o pessoal da Baruel, na Drogaria.

Outro local que costumava reunir conversas mais intelectualizadas eram as livrarias, costume que pode ter sua origem mais ou menos bem definida, em se tratando de eixo Rio-São Paulo, no ano de 1846²³⁷, ou seja, com o estabelecimento no Rio de Janeiro da Livraria

²³⁵ CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. *Clima: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo, 1978, 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas – Orientação: José Aderaldo Castello) – FFLCH, USP; PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: O grupo Clima no sistema cultural paulista (1940-1968)*. São Paulo, 1996, 374 f. Tese (Doutorado em Sociologia – Orientação: Maria Arminda do Nascimento Arruda) – FFLCH, USP.

²³⁶ HEINZ, op. cit., 2006, p. 11.

²³⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil - Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua Livraria em São Paulo. In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Trad. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

Garnier, seguida da abertura da filial paulista da Casa Imperial do Rio de Janeiro, atividade cumprida em 1859 pelo caixeiro da Garnier, Anatole Louis Garroux: esse seria o início da Casa Garroux, que duraria até 1930.

Antes disso porém, em 1918, José Olympio Pereira Filho começa a trabalhar na seção de livros da Casa Garroux, deixando-a em 1930, quando adquire a biblioteca do bibliófilo Alfredo Pujol. Inicia-se então, como aponta Francisco de Assis Barbosa, “uma outra história: a da Livraria José Olympio Editora”.²³⁸

Em torno da Garnier, da Garroux e da José Olympio ocorre uma movimentação social, histórica e literária inédita no Brasil, ainda não esgotada em estudos compreensivos, e que produz uma série de reverberações que, por mais que se tenham alterado, permanecem até os dias atuais. Adicionalmente, editoras e livrarias, bem como alguns livreiros e editores, foram dispostores de boa parte da produção literária do Brasil, por dilatado período de tempo.

Reunindo informações que encontram-se esparsas em ensaios, livros de memórias, correspondências, bem como em crônicas e artigos de jornais, poder-se-á mapear as livrarias e os livreiros que foram não apenas veículos, mas vetores da indústria cultural brasileira antes e depois do Grupo da Baruel, o que vai de encontro com os depoimentos de autores que referem-se ao cotidiano das livrarias que frequentavam, da relação afetiva que mantinham com seus editores ou livreiros.

Como adverte Brito Broca na introdução de *A vida literária no Brasil-1900*²³⁹, há uma distinção entre “vida literária e literatura”, embora saliente o autor que “ambas se toquem e se confundam”. O fato é que as livrarias, bem como determinadas casas editoriais, estão inseridas no cotidiano da vida cultural nacional, através da figura de seus proprietários editores, e da movimentação de seus autores, que não se limitavam a uma relação comercial e hierarquizada, inclusive tendo-se em vista que a publicação, de qualquer natureza, era importante também para o reconhecimento mútuo dessas pessoas, essas relações podiam adquirir outras nuances mais difíceis de serem detectadas rapidamente²⁴⁰; livrarias e editoras forneciam, além dos seus balcões e estantes, espaços de convívio que por sua vez são fomentadores de costumes. O mesmo ocorria nas antigas boticas e drogarias.

²³⁸ Idem.

²³⁹ BROCA, op. cit., 1956, p. 30.

²⁴⁰ VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói-RJ, 2000. Tese (Doutorado em História Social - Orientação: Ângela de Castro Gomes) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, p. 7.

Esse convívio ao redor do livro e também da ciência, evidencia a importância desses locais para a memória cultural nacional. Subsidiariamente, ajuda também a distinguir vida literária de literatura.

O substrato cultural paulistano que precedeu e acompanhou o início do Grupo da Baruel, contemporâneos a eles e também um pouco posterior, pode-se detectar pelas entrevistas impressas nos Anexos desta tese.

Elaborou-se, por motivos ilustrativos, um mapa estilizado do centro de São Paulo à época do Grupo da Baruel, destacando os locais de maior frequência de muitos dos integrantes da Baruel, alguns de seus locais de trabalho e também de lazer. O gráfico será exibido a seguir.

- (1) Livraria Popular - Praça João Mendes
- (2) Livraria Brasil - Rua Benjamin Constant
- (3) Sebo Ornabi - Rua Benjamin Constant
- (4) Livraria Genoud - Rua Direita
- (5) Livraria Pioneira - Rua 15 de Novembro
- (6) Livraria LER - Rua 15 de Novembro
- (7) Livraria Civilização Brasileira - Rua 15 de Novembro
- (8) Livraria Freitas Bastos - Rua 15 de Novembro
- (9) Livraria Martins Editora - Rua 15 de Novembro
- (10) Lvraria S. Paulo - Rua S. Bento
- (11) Livraria Annunziato - Rua S. Bento
- (12) Choperia Ao Franciscano - Rua Líbero Badaró
- (13) Livraria Reixeira - Rua Líbero Badaró
- (14) Livraria Francisco Alves - Rua Líbero Badaró
- (15) Mappin Stores - Praça do Patriarca
- (16) Livraria do Globo - Rua Xavier de Toledo
- (17) Choperia Heildelberg - Rua Xavier de Toledo
- (18) Livraria Italiana - Rua Xavier de Toledo
- (19) Livraria AGIR - Rua Bláulio Gomes
- (20) Livraria Etaoim - Rua Bráulio Gomes
- (21) Livraria Brasiliense - Rua Br. de Itapetininga
- (22) Livraria Francesa - Rua Br. de Itapetininga
- (23) Livraria Parthenon - Rua Br. de Itapetininga
- (24) Livraria Triângulo - Rua Br. de Itapetininga
- (25) Livraria Transatlântica - Largo do Paissandu
- (26) Sede da ABDE - Rua do Arouche, 114
- (27) Redação de "Roteiro" - Praça da República, 60
- (28) Livraria Duas Cidades - Rua Bento Freitas
- (29) Livraria Kosmos - Rua Marconi
- (30) Livraria Jaraguá - Rua Marconi
- (31) Bar Columbia - Rua Marconi
- (32) Redação de "O Estado de S. Paulo" - R. Boa Vista, 30
- (33) Redação das "Folhas" - Largo de São Bento
- (34) Redação do "Correio Paulistano" - Rua Líbero Badaró

9. Considerações finais

A definição de um grupo de amigos, de um grupo de intelectuais, os exatos contornos que distinguem amizades de relações profissionais, são bastante difíceis de serem precisamente determinados. Procurou-se, como Tucídides fez a seu tempo, verificar as versões existentes para fatos e dados e depois tentar uma explicação, ou uma leitura, uma interpretação, adotando a linha de raciocínio que pareça mais lógica, diante das evidências que podem ou não concordar com as versões inicialmente apresentadas.

Inicialmente, constata-se que o Grupo da Baruel não foi, de fato, estudado por ninguém em nível acadêmico. Houve referências em entrevistas, escritas memorialísticas e notas esparsas na imprensa, como se procurou levantar à exaustão, mas aparentemente nem mesmo os próprios integrantes do Grupo buscaram analisar e compreender melhor do que se tratou esse coletivo de sociabilidade. Que dimensão tinham da importância daquele Grupo em suas vidas? Ou dos reflexos sociais, culturais e mesmo econômicos das atividades conjuntas? São perguntas para as quais não se encontram respostas fáceis.

Portanto já se justificaria, muito sumariamente – é certo, o estudo do Grupo da Baruel pelo aspecto inédito desses estudos em âmbito acadêmico, pelo caráter imaculado desse coletivo que ainda não sofreu nenhum escrutínio mais especializado. E, logicamente, devido a tantas repercussões desse coletivo e a inserção de seus membros num “campo literário brasileiro” (JOHNSON, 1995).

Símbolo máximo da união dessas pessoas, veículo para a expressão de suas ideias e seus talentos, o jornal literário *Roteiro* hoje se tornou bastante raro, com poucos exemplares localizados, o que torna a análise desse conjunto documental um tanto quanto canhestra, pois corre-se o risco de analisar tão poucas edições (foram 15 edições localizadas de um quinzenário que, segundo indicam as suas capas, teve seis anos de existência, e num segundo momento o jornal tornou-se semanal – mas tudo indica que houve interrupções, esses seis anos parecem não terem evoluído de forma tão linear quanto os números indicam) que, diante do que teria sido o acervo completo do jornal, corre-se o risco de analisar um percentual de edições muito pouco representativo, que não dá conta de apresentar ou explicar a publicação – e muito menos o seu grupo dirigente ou colaborador, por insuficiente volume disponível para análise.

Ainda assim, buscou-se uma sistematização desse conjunto documental com vistas a apresentar *Roteiro* ao público leitor especializado, procurando, na medida do possível,

aproximar esta tese a trabalhos semelhantes de estudo e análise de periódicos literários empreendidos no âmbito da Universidade de São Paulo, produções derivadas do inovador projeto dos professores Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello, empreendimento este que criou o importante acervo de estudos sobre periódicos literários. Afastando-se, no entanto, desse empreendimento dos anos 1960 e 70 que tinha por eixo de trabalho o estabelecimento de um padrão comum para a análise dos periódicos, a presente tese optou por criteriosamente indexar eletronicamente todos os conjuntos documentais colhidos para que se pudesse construir dinamicamente os instrumentos de pesquisa sobre o grupo, seu jornal e relações. Ou seja, tendo um sistema eletrônico com todas as informações inseridas em locais definidos, poder-se-ia fazer pesquisas que conjugassem essas informações na ordem desejada pelo pesquisador, e não em uma ordem pré-estabelecida ou um padrão comum, resultando em relatórios dos mais diversos. Ao final do percurso desta tese, no entanto, a opção por utilizar bancos de dados informatizados terminou por figurar muito mais neste trabalho como uma tentativa de formulação de uma nova metodologia instrumental de tratamento de informações associadas a grupos intelectuais, do que realmente uma ferramenta utilizada em sua potencialidade e com a produção de resultados extraordinários, isso ocorreu especialmente pelo esgotamento do tempo hábil para o desenvolvimento da pesquisa.

Parece claro que, para alguns tipos de pesquisa, no mundo atual não há mais espaço para o estudo discursivo, ou esse espaço não é mais exclusivo dos estudos discursivos, pois as ferramentas automatizadas de análise e processamento de informações ficam dia a dia mais poderosas e capazes de também apresentarem dados relevantes, senão exclusivos dessa espécie de mineração eletrônica.

Retornando aos pontos chave elencados no capítulo 1: ao menos para aqueles período de tempo considerado aqui como o auge do Grupo da Baruel, momento em que começa a veiculação de *Roteiro*, esses anos ao redor de 1939 e 1940, parece não ter havido grupo cultural, coletivo mais ou menos estabelecido ou formalizado que se comparasse ao Grupo da Baruel em quantidade de membros e, possivelmente, em atuação, publicação, acesso aos meios editoriais e jornalísticos, seja em nível diretivo ou gerencial, seja em colaboração, ao menos no panorama paulista. Se fosse uma competição poder-se-ia dizer que, entre 1939 e 1940, foram hegemônicos: não houve a quem os comparar nesse momento. Mas hegemônicos não no sentido gramsciano, como instrumento de dominação do grupo político então no poder (bem ao contrário, já que colocavam-se mais ou menos claramente, conforme a situação permitia, antigovernistas), responsáveis pela administração de uma “teia de crenças e relações

institucionais e sociais”²⁴¹ – incumbência de órgãos como o DIP e o DEIP, mas hegemônicos porque dominantes, latitude e longitude – ainda que com baixo pedigree social, ou maior “handicap”, nos termos de Sergio Miceli (2001), entre os grupos intelectuais e de sociabilidade daquele contexto histórico e social.

A presença do Grupo da Baruel no campo intelectual de seu tempo marcou os meios editoriais e jornalísticos a tal ponto que se torna tarefa trivial constatar o quanto essas pessoas conseguiram veicular produções nas páginas dos suplementos literários dominicais, nos mais importantes periódicos nacionais dos anos 1940 e 50. Há casos, inclusive, de páginas inteiras contendo apenas artigos assinados por remanescentes do Grupo da Baruel, sem espaço para mais ninguém.

Essa desenvoltura, e possível reflexo de suas relações anteriores, permitiram a esses indivíduos também atuar em associações como a Associação Brasileira de Escritores – depois União Brasileira de Escritores, e entidades afins (veja-se a grande quantidade deles que participou do Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945), em defesa dos interesses dos escritores, dos jornalistas, de vários sindicatos mas também em defesa dos editores, já que alguns integraram-se às gerências de grandes editoras e também auxiliaram na fundação e administração de entidades defensoras dos interesses editoriais, também, como a Câmara Brasileira do Livro. Sua atuação também espalhou-se pelo setor público, em diretorias e secretarias, especialmente nas áreas culturais.

A trajetória póster dos integrantes do Grupo da Baruel parece ter sido, em decorrência dos laços estabelecidos na convivência cotidiana à frente do balcão da farmácia, no centro de São Paulo, decisivamente impulsionada, apesar de que, levar isso em consideração cegamente é comprar com muita facilidade algumas das mitologias de Quentin Skinner, especialmente aquelas da coerência e da prolepse (SKINNER, 2002).

Ao final desta tese, pelos resultados obtidos, parece claro que os estudos de grupamentos intelectuais ganham se assessorados por um amplo e minucioso trabalho de elaboração de bancos de dados informatizados: são ferramentas poderosas que demandam muito em sua elaboração, mas que depois de prontas fornecem resultados e caminhos ímpares.

Finalmente este estudo pode provocar reflexões sobre a questão da memória, da importância das atividades do espírito na sociedade, em tempos de cientificismo. Comporta questionamentos legítimos sobre o sentido do chamado desenvolvimento humano, por quais caminhos ele segue, e até onde ele vai. Reconhecer os esforços de um trabalhador intelectual

²⁴¹ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d., p. 9.

por meio da nomeação de um logradouro público é necessário? Caso positivo, basta isso para saldar que o seu reconhecimento se estabeleça? Ou seria por meio de prêmios, homenagens, eleição para Academias literárias ou honrarias? Afinal qual a importância do trabalho intelectual? Seria ele necessário para o desenvolvimento humano ou basta o chamado trabalhador braçal mesmo, ou então o técnico especializado, capaz de projetar e construir equipamentos fabulosos e máquinas poderosas, este contribui mais ou menos com a humanidade? E, independente da resposta, merece ele ser lembrado, por sua possível contribuição? De que maneira? E lembrado mais ou menos do que o trabalhador da cultura, o homem da palavra e do argumento, das ideias? Aquele que defendeu o direito às liberdades mais fundamentais, aquele que se buscou o diálogo? Seria legítimo fazer esse tipo de questionamento?

10. Bibliografia

IMPRESSA E ELETRÔNICA

A FAMÍLIA de Eça de Queiróz no Brasil. *A Gazeta*, São Paulo, 20 mar. 1948.

ACADEMIA DE Sciencias e Letras – São Paulo – Estatutos e Regimento Interno. 2. ed. São Paulo: Typografia Hennies Irmãos & Cia., 1934 (Biblioteca da Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.7, doc. 100).

ACADEMIA de Sciencias e Letras. *A Gazeta*, São Paulo, p. 4, 29 jul. 1933.

ALTMAN, Janet G. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. In: *Yale French Studies*, Yale University Press-USA, n. 71, 1986, p. 19 (<http://www.jstor.com/stable/2930021> , acessado em 10 out. 2013).

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Caminhos de João Brandão*. São Paulo: Record: 2002.

_____. Posfácio. In: BRITO, Mário da Silva. *O fantasma sem castelo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ANDRADE, Mário de. *Carta a Maurício Loureiro Gama*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1939 (Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Mário de Andrade, ref. MA-C-CAR232).

_____. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 maio 1939.

_____. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*, São Paulo. Ed. 1, p. 3, maio de 1928.

ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

APOCALIPSE, Raul. O acadêmico Amadeu de Queiróz. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, out. 1960.

ARROYO, Leonardo. Pequena história de muitos gambás. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 mar. 1953.

ASSIS, Vivianny Bessão de. *A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a História da Literatura Infantil Brasileira*. Marília-SP, 2016, 298 f. Tese (Doutorado em Educação - Orientação: Maria do Rosário Longo Mortatti) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

- AUTÓGRAFOS Rosa. Caderno de dedicatórias manuscritas. Acervo Rosa Goldemberg Motta.
- BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1966.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil - Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua Livraria em São Paulo. In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Trad. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991, p. 156. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 50).
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOMFIM, Paulo. Prefácio. In: D'ONOFRIO, Silvio C. T. *Crônicas pesquisas: Edgard Cavalheiro escreveu*. São Paulo: Scortecci, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRITO, Mário da Silva. A literatura ensinou-me a viver – Entrevista concedida a Maria Augusta Fonseca e Telê Ancona Lopez. *D.O. Leitura*, São Paulo, n. 11, p. 18, nov. 2002.
- _____. Apontamentos de leitura. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 set. 1944.
- _____. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- _____. *Martins: 30 anos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.
- _____. Uma revista de poesia. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 21 dez. 1947.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. 3. São Paulo: Hucitec, 1954.
- BUENO, Silveira. Praga do amor. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1928.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDIDO, Antonio. A força do concreto. In: D'INCAO, Maria Ângela. *História e ideal: Estudos sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: UNESP/Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

- _____. Entre o campo e a cidade. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 set. 1944.
- _____. Longitude – Notas de crítica literária. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 jul. 1944.
- _____. Revistas. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1946.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira – III – Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado, 2003.
- CASASANTA, Manuel. Mário de Andrade e Amadeu de Queiróz. *Minas Gerais – Suplemento Literário*. Belo Horizonte, ano 1, n. 10, 5 nov. 1966.
- _____. Um romancista do sul de Minas. *Minas Gerais – Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 10 mar. 1973.
- CASTELLO, José Aderaldo. Prefácio. In: CACCSE, Neusa Pinsard. *Festa: Contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971.
- CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto; LIMA, Yêdda Dias; LOPEZ, Telê Ancona; MATOS, Edilene (Orgs.). *A presença de Castello*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Instituto de Estudos Brasileiros, 2003.
- CAVALHEIRO, Edgard. Carimbamba contou... *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 ago. 1939.
- _____. *Cartas a Francisco de Assis Barbosa*. São Paulo, [1955] e 12 ago. 1955 (Universidade de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin).
- _____. Cleómenes Campos: poeta indireto. *Vanitas*, São Paulo, n. 48, p. 14, mar./abr. 1935.
- _____. Correio literário de São Paulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 6 maio 1944.
- _____. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.
- _____. Lembranças do carimbamba Amadeu de Queirós e da Drogeria Baruel. *Álbum Drogasil*, São Paulo, 1954.
- _____. *Monteiro Lobato – Vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- _____. O regresso de um poeta. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mar. 1940.
- _____. O romancista Amadeu de Queiróz. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1938.
- _____. O velho Amadeu. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1956.
- _____. Não será um conclave acadêmico. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1945.
- CLAVER FILHO. Guarnieri e o dodecafonismo. *Correio Brasiliense*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1977.

- COUTO, Ribeiro. O romance de Sylvio Floreal. *Ilustração brasileira*, Rio de Janeiro, out. 1928.
- CORREIO Paulistano, São Paulo, 6 maio 1939.
- DANTAS, Paulo. Variações em torno de farmacêuticos e escritores. *Álbum Drogasil*, São Paulo, 1954.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001.
- DONATO, Mário. *Vamos lembrar Edgard Cavalheiro*. Rio de Janeiro: Tagore, 1990.
- D'ONOFRIO, Sílvio Tamasso. *Crônicas pesquisas: Edgard Cavalheiro escreveu*. São Paulo: Scortecci, 2014.
- D'ONOFRIO, Sílvio Tamasso. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. São Paulo, 2012, 394 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros – Orientação: Marcos Antonio de Moraes) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 30: Historiografia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FLEURY, José Warton. De São Paulo. *Revista de Farmácia e Odontologia*, Niterói-RJ, ano 21, n. 169, mar. 1955.
- FOLHA da Manhã, São Paulo, 5 maio 1939.
- FOLHA da Manhã, São Paulo, 24 jul. 1955.
- FRIEIRO, Eduardo. De carimbamba a romancista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1963.
- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Senac, 1998.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 2. ed. Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-América, 1984.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GÓES, Fernando. Em tom de conversa – São Cleómenes Campos. *Diário da Noite*, São Paulo, 22 nov. 1968.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

- GRIFO Sete. *Folha da Manhã*, São Paulo. 21 jul. 1946.
- GRILLO, Ângela Teodoro. A Conferência “Cinquentenário da Abolição” de Mário de Andrade. In: *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, Morrinhos/GO, v. 8, n. 2, mai./ago. 2017 – ISSN 2179-6386, p. 98-119.
- GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: Estética e ideologia na década de vinte. Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros*, 1987.
- GUIMARÃES, Ruth. Velho Amadeu, o carimbamba. *Website* <http://apoioerevisao.blogspot.com.br/2012/10/velho-amadeu-o-carimbamba.html> (acesso em 6 jul. 2012).
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HARRISON, Jane Ellen. *Myths of Greece and Rome*. New York: Forgotten Books, 1927. Fonte: <http://www.sacred-texts.com/cla/mgr/mgr03.htm>, acesso em ago. 2016.
- HARTOG, François. *Memories of Odysseus – Frontier tales from the ancient Greece*. Translated by Janet Lloyd. Chicago-USA: The University of Chicago Press, 2001.
- HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HUMM, Maggie. My own ghost met me': Woolf's 1930s photographs, death and Freud's Acropolis. In: POTTS, Gina & SHAHRIARI, Lisa (Orgs.). *Virginia Woolf's Bloomsbury, Vol. 1 – Aesthetic theory and literary practice*. London: Palgrave Macmillan, 2010.
- INAUGURADAS as instalações de 'Roteiro'. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 maio 1939.
- IAGO JOÉ [David Antunes]. *Briguela: Romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). *Revista da USP*, São Paulo, n. 26, p. 164-181, maio 1995.
- JORGE, Fernando. O Oswald de Andrade que eu conheci. (s.n.t).
- JORNAL de Notícias*, São Paulo, 25 jul. 1944.
- JORNAL de notícias literárias – Roteiro*. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 4 jun. 1950.
- KANIKADAN, Paula Y. S. *Médicos e farmacêuticos na terapia popular: uma trajetória de suas profissões no estado de São Paulo e na Inglaterra (1815-1930)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 2010.
- LAJOLO, Marisa. Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo modernista em três tempos. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 8/9, p. 159, 2008.
- LEBRUN, Jean. Aménagement du territoire de l'historien. Paris-França: Centre de Recherche et d'Action Sociale, 1978, p. 528; PLUMB, John H. *The death of past*. 2. ed. Londres-Inglaterra: Palgrave Schol, 2004.

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et. alii. Campinas-SP: UNICAMP, 1990.
- LEVIN, Orna M. (Org.). *Brito Broca: Teatro das letras*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. São Paulo, 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social – Orientação: Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- LINS, Álvaro. *Literatura e vida literária: Notas de um diário de crítica - Volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- _____. Romances. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 maio 1946.
- _____. Sinais da Nova Geração. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1941.
- Literatura e Sociedade* (DTLLC/FFLCH/USP), São Paulo, n. 7, p. 5, 2003-2004.
- LOPEZ, Telê Ancona (Org.). *A imagem de Mário*. Rio de Janeiro: Alumbramento/Livroarte, 1984.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MACHADO, Leão. *Espigão da Samambaia*. Curitiba: Guaíra, 1942.
- MACIEL FILHO, Joaquim. Retrato intelectual do Brasil em 1939. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1940.
- MARISE, Leila. Do diário de uma mulher. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 jun. 1956.
- MELLO JÚNIOR, Antônio. *Edgard Cavalheiro: Subsídios para uma biografia*. Taubaté-SP: O Taubateano, 1978.
- MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário, 1954.
- MENEZES, Raimundo de. *História pitoresca de quarenta cadeiras*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MINEIROS recordam a morte de A. Queiróz. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1973.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: História, cultura e música popular em São Paulo nos anos 1930*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social - Orientação: Elias Thomé Saliba) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/IEB, 2000.

NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

NO INSTITUTO Histórico. *Diário Nacional*, São Paulo, 9 fev., 13 maio e 22 jun. 1928.

NUNES, Cassiano. O velho Amadeu. *A Tribuna*, Santos-SP, 28 maio 1957.

O CENTRO de São Paulo há 100 anos. Publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo, s.d. Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/centro100anos_1241712309.pdf, acesso em 29 jan. 2015.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 16 ago. 1966.

OLIVEIRA, Eduardo. *Quem é quem na negritude brasileira*. São Paulo: Edição do Autor, 1998.

OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939.

PEIXOTO, Silveira. Correio literário de São Paulo. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 22-23, 28 mar. 1940.

PUBLICAÇÕES. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. 1940.

QUEIRÓZ, Amadeu de. *A voz da terra*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1938.

_____. Auto-retrato. *Jornal de Piracicaba – Suplemento Literário*, Piracicaba-SP, 12 abr. 1953.

_____. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 6 de novembro de 1938 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 47, p. 10).

_____. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 17 de maio de 1939 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 46).

_____. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 28 de julho de 1947 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, Obras Raras doc. 65).

_____. *Carta a David Antunes*. São Paulo, 21 de agosto de 1950 (Academia Paulista de Letras, Obras Raras, pasta 13.5, doc. 71).

_____. *Dos 7 aos 77: Memórias*. São Paulo: Cupolo, 1956.

_____. *João*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

_____. *Manicuera*. Manuscrito inédito (Fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras, em São Paulo (Obras Raras, pasta 13.2, doc. 03, p. 17-18).

_____. *O quarteirão do meio*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

_____. *Praga do amor*. 2. ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1939.

QUEIROZ, Christina Stephano de. *O caixeiro viajante da poesia, ou um estrangeiro inventado: ensaio biográfico sobre o poeta libano-brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988)*. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Letras - Orientação: Michel Sleiman) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RAGAZZI, Júlio César. A criação do Palestra Itália. *Fanfulla*, São Paulo, 26 ago. 2014.

REGRESSOU da Europa o maestro Camargo Guarnieri. *Folha da Noite*, São Paulo, 9 dez. 1939.

RELATÓRIO sobre atividades comunistas do chefe do Arquivo Geral do DEOPS para o delegado de Ordem Social, São Paulo, 25 maio 1949 (Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS).

REVERBEL, Carlos. Livro de mês. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 18, 8 mar. 1947.

Revista da Academia Paulista de Letras, São Paulo, n. 62, março de 1957.

RIEGO, Christina Barros. *Do futuro de da morte do teatro brasileiro: uma viagem pelas revistas literárias e culturais do período modernista (1922-1942)*. São Paulo: Hedra, 2010.

ROSSI, Edmundo. Machado de Assis e o senso de ousadia. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 21 jun. 1939.

ROTEIRO. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 4 jul. 1950.

ROTEIRO: S. Paulo possui, a contar de hoje, o seu periódico literário. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 maio 1939.

RUTH Guimarães – A revelação literária de 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1946. Entrevista concedida a (?).

SALIBA, Elias Thomé. Mentalidades ou história sociocultural: A busca de um eixo teórico para o conhecimento histórico. *Margem (PUC-SP)*, São Paulo, n. 1, p. 28, mar. 1992.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: Princípios e técnicas*. 6. ed. Trad. Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCHWARTZ, Adriano (Org.). *Memórias do presente: 100 entrevistas do “Mais!”: 1992-2002*. Vol. 2. São Paulo: Publifolha, 2003.

Sciencia Medica, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 546, set. 1927.

SHOTWELL, James T. *The History of History*. New York-USA: Columbia University Press, 1939.

SILVA, Margaret A. Wood da. O Projeto de Estudo de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, São Paulo, ed. 21, p. 117-122, 1979.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Trad. Ana Moura. Lisboa-Portugal: Editorial Estampa, 1998, p. 259. (Nova História, 34).

SOCIEDADE dos Escritores Brasileiros. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, p. 131, mar. 1942.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SUBSÍDIOS para a história da cadeira nº 5. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, mar. 1957.

THIOLLIER, René. *Senhor Dom Torres: Páginas agrodoces*. São Paulo: Casa Mayenca, 1921.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Trad. Lólio L. De Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UMA HISTÓRIA de farmacêutico contada por um farmacêutico. *Jornal da Farmácia: Suplemento do Boletim Informativo do CRF-8 (Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo)*, São Paulo, jun. 1973.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói-RJ, 2000. Tese (Doutorado em História Social - Orientação: Ângela de Castro Gomes) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

Website: <http://www.mgsulnews.com.br/historia/filhos-ilustres.html> (acesso em 6 jul. 2012).

ZINGG, Paulo. Adeus a Edgard Cavalheiro. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1958.

ENTREVISTAS

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 19 maio 1997.

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 jun. 2009.

DIMAS, Antonio. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 26 dez. 2012.

DONATO, Hernâni. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 13 maio 2010.

- DOYLE, Plínio. Entrevista concedida a Luciana Gama. Rio de Janeiro, 20 maio 1997.
- FERRAZ, José Bento Faria. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.
- GAMA, Maurício Loureiro. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.
- GUIMARÃES, Ruth. Entrevistas concedidas a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010 e Cachoeira Paulista-SP, 31 jan. 2013.
- JORGE, Fernando. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 16 jan. 2016.
- LUCAS, Fábio. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.
- MINDLIN, José. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.
- MOTTA, Rosa Goldemberg. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 16 fev. 2012.
- PRADO, Décio de Almeida. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.
- TELLES, Lygia Fagundes. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 15 jan. 2010.

OUTRAS FONTES DOCUMENTAIS

- ACERVO Edgard Cavalheiro. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Centro de Documentação Alexandre Eulálio.
- ACERVO Heloisa Barbuy.
- ACERVO Luciana Gama.
- ACERVO Rosa Goldemberg Motta.
- ARQUIVO Amadeu de Queiróz. Prefeitura de Pouso Alegre-MG. Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.
- ARQUIVO Aureliano Leite. Prefeitura de São Paulo, Biblioteca da Câmara Municipal.
- ARQUIVO Edgard Leuenroth. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Pesquisa e Documentação Social.
- ARQUIVO Maurício Loureiro Gama. Prefeitura de Tatuí-SP, Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude, Museu Histórico Paulo Setúbal.
- ARQUIVOS Plínio Salgado e Rui Arruda. Prefeitura de Rio Claro-SP, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.
- BIBLIOTECA do Congresso Norte Americano.
- BIBLIOTECA Infantojuvenil Monteiro Lobato.

FUNDOS Amadeu de Queiróz, Cleómenes Campos e Monteiro Lobato. Academia Paulista de Letras.

UNIVERSIDADE de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

UNIVERSIDADE de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Biblioteca Florestan Fernandes.

11. Anexos

11.1. Manifesto inicial de *Roteiro*: *Quinzenário de Cultura*

Será reproduzido a seguir o artigo, de caráter editorial, que parece afigurar-se como manifesto de fundação do jornal *Roteiro*. Ele foi impresso entre as páginas 1 e 2 da primeira edição do jornal, posta em circulação em 5 de maio de 1939. O texto é assinado por Mário Donato, cujo nome consta no Expediente daquela edição sob a rubrica de redator chefe.

Após o artigo, será apresentada a imagem da nuvem de palavras obtida pela análise do texto, destacando a ocorrência das palavras no texto por meio da alteração no tamanho da apresentação de cada palavra: quanto maior a fonte tipográfica utilizada, mais recorrente é a palavra. Esse artifício, no caso do presente texto, parece indicar a proeminência da temática geracional dado o grande volume de utilização de termos como “moços, velhos, passado e época”.

Roteiro existe (Mário Donato).

Quanto mais convivo com os moços de meu tempo, mais me convenço de que a nossa geração, que tem vinte e poucos anos, recebeu por herança um mundo para o qual não estava espiritualmente preparada. A profunda renovação por que passou a sociedade humana, com o advento da Grande Guerra, atingiu-nos no nascedouro, cercando-nos a infância de um ambiente hostil, em que se digladiaram, diante de nossas vistas, a formação espiritual dos que nos deviam proporcionar os primeiros e salutareos conhecimentos da vida, e a realidade das coisas, o materialismo e a descrença nos homens e nas ideias, próprios dos anos que se seguiram à hecatombe de 1914.

A chacina europeia abriu como que um abismo entre os que tinham formado a sua mentalidade até essa época, e os que depois dela apareceriam. Eles, com a sua iconoclastia, agitando a revolução que tomou corpo e se firmou após o assassinato em massa de mais de trinta milhões de homens, não nos deixaram, em troca das ideias e doutrinas que combateram

e destruíram, verdades puras e sólidas, materializadas em ideologias e regimes, que nos permitissem construir vida serena e fazer obra louvável.

O espírito dos moços, que forçosamente tinha de impregnar-se dos princípios que regiam a nova ordem de coisas, não veio preparado do berço pelos espíritos mais velhos e já formados, como, diferentemente, no passado, antes da Conflagração, a mentalidade moça se nutria de uma porção de verdades hereditárias, inabaláveis dentro do tempo.

A geração de 1914 teve de arcar com as consequências da grande revolução. Aderiu a ela pela epiderme, o espírito ressabiado e não de todo convencido da sua significação e necessidade, e cresceu, e veio para os dias que correm, mais empurrada, na verdade, pelos acontecimentos desencadeados à sua revelia, do que sua condutora.

Os moços não acreditam nos velhos, porque são moços, e os velhos duvidam dos moços, porque são velhos. Não falta razão a nenhuma das duas idades, que se distanciam cada vez mais e se compreendem cada vez menos. Às duas correntes, irreconciliáveis porque as separa 1914, infelicitamente a descrença: os que chegam não acreditam nos rumos projetados pelos que partem. Os que partem, por sua vez, não creem na capacidade dos que lhes sucederão, e uma grande maioria deles hesita, sinceramente, em julgar honesta a situação indecisa e revolucionária que criaram para os que vieram depois e têm de começar uma vida sem passado, apenas em função de um futuro remoto. Se aos velhos não cabe culpa pelo desencadeamento dos erros acumulados pelas gerações dos últimos cem anos, aos moços ela não atinge. Mas estes é que sofrem.

Os moços, por isso, titubeiam no seu caminho. Uns param, outros se desgarram, tomam por veredas estranhas, anulam-se, desaparecem. Não há uma ideologia coordenadora e definitiva para a geração que nasceu na Grande Guerra. O que há são ensaios, tentativas individuais, na compreensão dos problemas palpitantes da atualidade, que encaramos não completamente materializados como a época o exige, e não de todo espiritualizados como o foram os que fizeram 1914.

E não há nada como a indecisão para esterilizar uma obra de arte.

* * *

Essa renovação social que se apregoa a propósito do aparecimento de qualquer obra literária, como fórmula de combate a tudo quanto nos liga ao passado, no terreno problemático da arte não é afinal, tão profunda como se desejaria, ou, por outras palavras, tão perfeita que todos os moços, sem discrepância, se sentissem realmente à vontade dentro dos novos processos artísticos preconizados para a época.

Observemos, como é de nossa intenção, os moços escritores.

Poucos acharam o seu caminho, um caminho que fosse realmente seu, traçado pelo seu espírito e executado pela sua vontade. Na poesia, uns que nasceram românticos, surgiram e foram apupados pelas plateias de paladar extremista. Acreditava-se, como ainda se acredita, que a poesia não poderia permanecer na sua clássica torre de marfim, enquanto as tragédias modernas nasciam da falta de pão e liberdade. Houve os que condescenderam e os que silenciaram. Os poucos que acreditaram no messianismo da poesia proletarista, se aproximaram da revolução social e as suas produções se transformaram em libelos vermelhos quase sempre deformados por falta de sinceridade ideológica. No romance, a tragédia proletária se agitou livremente, em toda a sua miséria, até que, agora, por unilateral e antiestética, caiu no descrédito da própria massa que pretendia glorificar. Caliban não gostou de sua face refletida no espelho das águas...

A indecisão dos moços é palpável. Eles sentem que para triunfar, têm que condescender com o espírito da época, e que a sua formação repele, biologicamente, uma vitória comprada por esse preço. O ambiente impõe a natureza da produção, provocando o atrito ou a condescendência dos moços escritores. Essa sugestão externa, que se julgaria necessária, prejudica a qualidade da obra e inferioriza o autor, quando não o impede completamente de produzir.

E a causa desse deslocamento dentro da época, que muitos moços escritores revelam, nós a localizamos na precipitação com que se houveram os de 22, em condenar sistematicamente as alianças com o passado das quais não se puderam libertar senão a golpes de antropofágicos tacapes, tão violentos quão inoportunamente desferidos. Era muito forte para o espírito em formação, a mudança do soneto em libelo social!

* * *

Parece, e disso já se tem provas, que os movimentos literários de forte para efêmera repercussão, não têm outro mérito que não o de provocar a manifestação de ideias novas, mais ou menos coerentes com a época, embora o movimento projetado possua, na sua essência, um excesso de renovação que ultrapassa os limites racionais autorizados pelos anos em que se processa.

Passada a febre que, como todas as febres, é uma forma benigna por que se manifesta a reação do organismo doente, o pensamento dominante avançou metade dos cem por cento exigidos pela revolução artística. Os que se excederam, na sua dose de renovação, àquela porcentagem média, desaparecem logo que se restabelece o equilíbrio intelectual

comprometido pela agitação. Aqueles que se mantiveram no meio termo, satisfazendo-se com ser originais e não tendo pretensões messiânicas, passada a tormenta ficam na vanguarda das ideias renovadas, e nesse posto permanecem até que nova febre sobrevenha.

O movimento modernista, que irrompeu violentamente, desfazendo velhas fórmulas literárias e impondo valores novos, teve, sem dúvida, repercussão indelével, não só em toda a literatura, como em todas as artes, no país. Foi um delírio de rabiscar, às pressas, produtos de culturas e compreensões mal digeridas, e nunca viu o Brasil tanta gente a sentir-se com pruridos de artista, fazendo versos ou modelando estátuas. Houve quem dissesse, aliás com muito espírito, que “quem teve medo de ficar burro, virou futurista!”.

Mas a febre passou. Os artistas que se contentaram com ser modernos, ficaram. Desapareceram com a sua corrente os que se atreveram a fazer futurismo. Eles tinham excedido os cinquenta por cento de renovação que 22 permitia.

Restabelecido o pensamento nacional, aclarada a concepção contemporânea sobre a arte, a poesia se desobrigou dos metros consagrados e o romance procurou os bairros proletários, na literatura, enquanto nas artes plásticas, por exemplo, novos motivos foram tentados, com êxito, nacionalizando-se e apegando-se à terra os artistas que somente em Paris achavam clima propício para a manifestação e o desenvolvimento de sua sensibilidade.

Mas a verdade é que, dentro dos novos rumos traçados, pouco ou nada se fez de notável, ou, pelo menos, capaz de cotejo e equiparação com as grandes obras do combatido passado. Sabemos ou não sabemos o que precisamos realizar, ou não temos força para fazê-lo?

Os moços de *Roteiro* serão coerentes com a nossa época, sem se mostrarem intransigentes na compreensão do que se fez de grande no passado. Não é errado, como se pensava em 22, tentarmos reatar algumas amarras do presente ao passado, principalmente no que diz respeito ao sentimento, ao bom gosto artístico, ao cuidado da composição, à elevação e limpeza da linguagem. Com isto já temos traçado um programa que é, ao mesmo tempo, revolucionário aos olhos dos liberais, e moderador aos olhos dos conservadores. Nem tanto ao mar...

* * *

Roteiro, este quinzenário de cultura que faltava aos moços escritores de São Paulo, aí está, robusto e novo, para servir de porta-voz aos que até hoje clamaram no deserto, como o profeta bíblico. Dos que agora encetam a sua marcha, por estas colunas, nem todos serão profetas e talvez nenhum seja o Messias. Mas *Roteiro*, também, não será o deserto...

Não acreditamos em latifúndios literários. Pelo menos, não cremos que resistam às arremetidas dos espíritos literariamente liberais. Os moços, a cujo número pertenço, teriam forçosamente que encontrar pela frente o exército organizado e intolerante dos velhos “tabus”, que nos feudos das letras se acomodaram, para desfrutar de piedoso repouso e a conquistada glória, com todos os seus proventos.

Os moços escritores de todas as gerações lutaram para obter o seu “lugar ao sol”, e por que nós, justamente nós, teríamos que receber de presente a situação que lutas e renúncias custou aos que nos precederam na escalada?!

Achamos justo que nos tomem o passo, nessa escada penosa de galgar. Mas nem por isso calaremos as nossas vozes, que têm que ser ouvidas. Se não somos os mais sábios, somos, com certeza, os mais moços, e ninguém nos negará o direito de alimentarmos a convicção de que, por isso mesmo, os dias que correm são os nossos dias, por direito de nascença, como o futuro, por direito de conquista!

Este quinzenário não é recurso de que lança mão um grupo de moços literatos boicotados pelos jornais e revistas, para publicar, com fumaças de gênios e rataplans de exibicionismo, os seus artigos e os seus versos recusados. Não, porque a maioria deles, com obras nas montras das livrarias, assinou e continuará a assinar trabalhos nas colunas dos grandes diários e das poucas revistas legíveis que possuímos. Apenas porque precisam de um ponto de apoio e um veículo de solidariedade geracional, é que se reúnem nesta publicação, por seu intermédio externando livremente ideias que sofreriam desvirtuamentos dentro da órbita de ação dos astros de primeira grandeza. Este reduto pertence aos moços, e porque ele domina a planície, as nossas lanças encontram alvo aberto.

Roteiro vem à rua em seu primeiro número. Não ficará nesse. Outros virão. Vozes até então desconhecidas farão coro com as nossas vozes, e este concerto não degenerará na Torre de Babel dos promotores da celeberrima “Semana”, de mal-aventurada memória!

Não pensamos em destruir. Os demolidores do passado hoje estão refestelados nas macias poltronas acadêmicas e delas não se moverão para colocar de novo pedra sobre pedra. Se eles destruíram cabe-nos construir, pois os promotores da “Semana”, entre nós e no terreno cultural, mais não fizeram que acabar de desfazer os mitos e os símbolos que a Grande Guerra já desacreditara ao nosso espírito em formação. Os velhos templos das ideias estão por terra, desmoronados até nos seus alicerces. Em campo raso levantemos a primeira coluna!

Os moços de *Roteiro* têm, realmente, um roteiro para a sua vida literária nestas colunas virgens de negociações e tolerâncias. O jornal é independente e não vai viver de

do regionalismo, mas ainda assim modernistas como os rapazes de 1922, determinados a delimitar uma linha divisória entre o passado e o presente. Apontam e recusam as tendências estéticas anteriores a eles até mesmo porque essa era a moda do momento, ninguém iria defender o retorno do Parnasianismo no final dos anos de 1930, inegável, mas também pode-se considerar que o manifesto é um discurso político, talvez muito mais motivado a delimitar território do que elencar um rol de obrigações e condutas. Tanto isso é verdade que entre eles há elementos de gerações anteriores, e com toda a respeitabilidade que poderia ser classificada como de tipo mais ortodoxa. Passou-se, nesta tese, por vários exemplos em que a palavra do mais velho foi demandada e acatada, fosse ele Mário de Andrade, Oswald ou Amadeu de Queiróz – este que tão importante papel exerceu nesse grupo de “moços” e seus empreendimentos.

Portanto deve-se atentar que esse manifesto apresenta boa dose de retórica, poder-se-ia até mesmo apontar aspectos de propaganda comercial entre as afirmações – sem nenhum juízo de valor, é bom que se diga, a esse respeito. Eles estavam em seu direito de fazer um produto, o jornal, e almejar vendê-lo com sucesso para com isso alcançarem seus objetivos, quaisquer que fossem. Não apenas isto mas sem dúvida um pouco, ao menos: a ortodoxia, novamente.

11.2. Artigos de edições não localizadas de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*

Serão reproduzidos, a seguir, dois artigos publicados em edições não localizadas de *Roteiro: Quinzenário de Cultura*. Tratam-se das edições de número 2 e 5 do periódico. Estes artigos encontram-se afixados em volumes encadernados contendo recortes de jornais, material coligido por Edgard Cavalheiro, um dos integrantes do Grupo da Baruel, e mantido por herdeiros desse escritor.

Em ambos os artigos foram preservados os destaques do texto original.

11.2.1. Artigo da edição de número 2

CAVALHEIRO, Edgard. Da capa ao índice – Os mortos ressurgem. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 20 maio 1939, n. 2 (sem indicação de página).

Em literatura, como em muitas coisas mais, ainda refletimos, com certa intensidade, a tendência predominante na Europa. Uma estatística sobre a produção inglesa de 1938 revela um decréscimo sintomático de todos os gêneros literários, menos no referente aos estudos críticos e biográficos, os únicos que conseguiram aumento em quantidade, sobre o do ano anterior. Se tivéssemos o hábito das estatísticas, com certeza verificaríamos fato idêntico, entre nós. Inúmeras explicações e muitas teorias já apareceram, com o intuito de esclarecer o por que desse absorvente recuo ao passado, dessa inquieta ressurreição de mortos ilustres. Uma das mais racionais será, sem dúvida, aquela que se apoia no “declínio do valor humano dentro da sociedade moderna, onde o indivíduo isolado cada vez mais desaparece na massa popular”, resultando disso o empenho de ressaltar, em reconstituições críticas e históricas, as grandes personagens, aquelas que ultrapassaram “as medidas normais da espécie”. No fundo uma tentativa desesperada de salvar “através de intelectualidades empolgantes, o ideal ameaçado do individualismo”, como bem acentuou Genolino Amado. Pode ser também que essa febre de reviver ambientes ou figuras do passado traga em si, simplesmente, a necessidade insopitável de exteriorizar pensamentos, “trabalhar” ideias, de certa forma prejudicadas por fatores que não cabe no momento mencionar. Nossa fuga dos tempos presentes vai muito da tragédia do intelectual frente aos problemas contemporâneos, problemas que nem sempre pode comentar, quanto mais analisá-los. Fala-se também muito em “coragem de atitudes”, e termos idênticos. Mas por este ou aquele motivo, consciente ou inconscientemente, a verdade é que os mortos continuam ressurgindo, em volumes os mais díspares possíveis.

XXXXX

Dos melhores com que, no gênero, conta a nossa bibliografia, é o estudo crítico e biográfico que o sr. Hermes Lima (*Tobias Barreto: A época e o homem*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1939) dedicou à personalidade complexa e empolgante de Tobias Barreto.

O autor de *Dias e noites* foi, realmente, uma curiosa figura de mestiço desabusado e inteligentíssimo. Sua vida, acidentada e tumultuosa, deixou marcas profundas, influyendo

poderosamente em toda uma geração. Endeusado por uns, combatido por outros, detratado por muitos, pode-se dizer que ele, onde quer que surgisse, provocava logo reações, muitas vezes violentas, embora nem sempre à altura dos seus ataques sempre violentíssimos. Grande afirmador, não recuando frente aos obstáculos que se lhe apresentassem, afoito e atrevido como poucos, errou muito, cometeu muitas injustiças e contradições, naturais, aliás, como todo autodidata, Numa terra de intelectuais dúbios e penumbrantes, de pensadores incertos e incolores, ele foi uma gritante e escandalosa mancha em vermelho. Teria, forçosamente, que provocar os numerosos atritos em que se viu envolvido. Gostava da discussão, não enfeitando brigas de espécie alguma. Vaidoso como ninguém, ao se julgar dono da verdade (relativa sempre, como nos mostra nos muitos passos o sr. Hermes Lima), não admitia, de modo absoluto, outras verdades. Nesse ponto era intransigente. Numa carta a Sílvia Romero, ameaça um colega, de cujo ponto divergia, com estas palavras: “Se ousar dizê-lo à minha vista, ele apanha mesmo na congregação”. Isso, num professor de uma Faculdade de Direito, referindo-se a um colega, parece incrível. No entanto, outros casos idênticos podiam ser enumerados. Aliás, ele mesmo disse, numa discussão com Castro Alves, que este, se quisesse, poderia descer ao ataque pessoal, pois estava às ordens, não recuando em terreno algum etc. Foi o primeiro “dono do assunto”, entre nós. Depois a classe proliferou e hoje é um perigo muito grande a gente se aventurar em searas alheias.

Não me lembro quem o definiu nestas poucas palavras: “Tobias Barreto foi um mulato que sabia alemão”. Todo o pernóstico que se atribui (tantas vezes injustamente) aos “mulatos doutores”, ele abrigava. Pernóstico e cabotinismo, acrescentemos. Isso não desmerece nem diminui em nada o seu valor. Se teve pontos baixos, no mais das vezes, pairou sempre muito acima dos seus contemporâneos. E a influência por ele exercida sobre toda uma geração das mais brilhantes em talentos que a Faculdade de Recife acolheu, não somente é inegável, como até hoje seus efeitos não desapareceram de todo. Será também um dos raros cujas ideias repercutiram pelo país inteiro, apesar de pregar da província, apesar de jamais ter vindo para o Rio. Não tomou parte em nenhuma das tertúlias da livraria Garnier. Tinha mesmo palavras desaforadas para os seus *habitués*. Referia-se a eles como a uma “roda de imbecis brancos como as cadeiras em que se sentavam”. Se o fato das suas ideias terem se espalhado pelo país, apesar de apregoadas da província, depõe a seu favor, a razão desse enquistamento, contudo, não passa de puro efeito, explicado pelos entendidos e colocado em um complexo de inferioridade, nos devidos termos pelo sr. Hermes Lima.

Mesmo contrariando o professor Nelson Romero, estou que, muito dessa antipatia que cerca, de certo modo, a figura de Tobias, provém do exagero com que Sílvio Romero o exaltou. O autor de *Contos populares do Brasil* indis põs Tobias contra muita gente. A verdade é que, colocando-o como poeta ou prosador, nas alturas de Castro Alves ou Machado de Assis, contribuiu mais para a glória destes do que para a do amigo. Esse confronto, que somente o gênio irritado de Sílvio Romero explica e justifica, não pode ser esquecido assim tão facilmente. Isso de terem reeditado seu estudo sobre Machado de Assis, isoladamente, não exclui o paralelo, como pensa o professor Nelson Romero. Ele permanece, como permanecerá *A história da Literatura Brasileira*, com todas suas virtudes e seus defeitos.

O retrato traçado pelo sr. Hermes Lima não sofre defeitos dessa ordem. Escrito com simpatia, está claro, mas sem paixão, sem ter a serenidade turvada pela preocupação de exaltar ou denegrir, constitui qualquer coisa de definitivo, de última palavra sobre o assunto. Tanto o homem como as ideias políticas, a posição social como os sentimentos religiosos, são analisados com um raro senso crítico e uma percuciência das mais agudas. Além de estudar os vários rumos para onde Tobias Barreto convergiu seu espírito, fala-nos o sr. Hermes Lima também do professor e renovador dos estudos jurídicos no Brasil, concluindo por abordar o poeta, o prosador, o polemista e o crítico. Tudo com muita lucidez e argúcia, num estudo claro e sereno, profundo e exaustivo, onde não há somente o louvor adjetivo e sem significado, mas, sobretudo, uma clara e harmônica compreensão da figura estudada e do meio em que ela se agitou.

O sr. Hermes Lima dispensa perfeitamente qualquer elogio. Basta andar mais ou menos em dia com o que circula por aí em matéria de cultura, para saber que temos nele um dos expoentes da inteligência brasileira. Este *Tobias Barreto*, aliás, mostra-nos em toda a extensão o admirável espírito que os moços da Faculdade de Direito do Rio iam perdendo, vítimas de mesquinhas e ridículas intrigas, felizmente desfeitas no tempo.

XXXXX

De feitio diverso é o volumezinho do sr. Moreno Brandão (*Ruy Barbosa, mestre do vernáculo*, A Noite, Rio, 1939) composto de notas biográficas e questões filológicas, em que se procura exemplificar o acerto e a pureza da prosa rui-barbosiana, concluindo com uma notícia sobre a “Casa Rui Barbosa”. Ninguém contestará as afirmativas do sr. Moreno Brandão e nem deixará de reconhecer os conhecimentos linguísticos do autor de *A réplica*. Tudo isso, porém, anda muito velho e batido, já consumiu muita tinta e papel, quase sempre inutilmente. O mau nesse livrinho estará sem dúvida nas notas biográficas. As regras de bem

escrever, tais como nos mostra o autor, se transformaram de há muitos anos em regras de como não se deve escrever. Por isso, pouco interesse despertarão. Mas o entusiasmo pela figura estudada, é realmente curioso e digno de registro. Sem conhecer meios termos, em qualquer ponto que toque, só vê motivos para a mais alta admiração, para o endeusamento sistemático. Um derrame incrível de frases feitas, onde pululam coisas desse porte: “herói carlyliano”, “Demóstenes brasileiro”, “figura culminante do jornalismo”, “padrão excelso”, “em tudo, um verdadeiro gênio”, “semideus”, “vibrante orador”, “vértice da perfeição” etc. A vida de Ruy orador, “pelo meandro acidentado dos seus dias, foi comparável ao destino do sol”. Nada menos do que isso. Mas não é tudo. O entusiasmo vai ao ponto de elogiar fartamente (oh! O senso do ridículo!) o decreto em que (nódoa inapagável da sua vida de homem público) o então Ministro da Fazenda mandou queimar todos os papéis referentes à escravidão. Esse entusiasmo, muitas vezes, cai em pleno ridículo. Principalmente na parte final, onde, descrevendo a “Casa de Rui Barbosa”, fala no “fino gastrólatra”, comenta a maravilha de asseio e ordem da “alma conjugal”, ou descreve uma roseira plantada por Ruy com “o raro *savoir-faire* que lhe era peculiar” (sic). Tudo isso num estilo muito empolado, como era de se esperar em quem não anda tão preocupado com essas miudezas gramaticais. A descrição da casa em que residiu Ruy Barbosa, hoje transformada em museu, não passa de um árido relatório. Nada foi esquecido. Só faltou enumerar os parafusos e pregos existentes pelas paredes ou móveis. Mas não deixou de afirmar que o “frontispício da casa tem 5 portas e 4 janelas, e duas escadarias de mármore” e que a “frente da chácara mede 50 metros, e da frente ao fundo há 175 metros” etc.

XXXXX

Alexandre Rodrigues Ferreira, o desventurado naturalista baiano que Varnhagem, com o nosso péssimo hábito de bitolar figuras nacionais por outras de fora, chamou de “Humboldt brasileiro”, andava muito esquecido, para não dizer, quase desconhecido. O sr. V. Correia Filho (*Alexandre Rodrigues Ferreira*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1939) num trabalhoso e sem dúvida estafante serviço, tentou ressuscitá-lo, quebrando “a conspiração do silêncio que, em vida, lhe oculta à luz da publicidade os ensaios magistrais e, ainda agora continua, transcorrido mais de um século, após a sua morte, a abafá-los no mesmo sombrio isolamento”.

Do seu esforço, contudo, salva-se em verdade somente a intenção. Como biografia ou estudo crítico, deixa muito a desejar. Escrito numa prosa árida, cheia de asperezas, sem o mínimo encanto, difícil mesmo de ser transposta, mal consegue delinear a figura ou reconstituir a personalidade do biografado. Falta-lhe, antes de tudo, clareza na exposição.

Transcrevo um pedacinho que, resumindo a carreira cheia de obstáculos de Alexandre Rodrigues Ferreira, serve também de amostra quanto ao estilo do autor. “À ciência dera quanto lhe fora possível: a mocidade promissora, afogada nas florestas úmidas, a vida, mais de uma vez ameaçada de sossobre, a liberdade, encadeada às restrições impostas pelo patrimônio, conforme depoimento de seu panegirista e contemporâneo, o legado paterno que se esgotara”. Uma pontuação mais policiada, ou frases mais curtas, não exprimiria melhor o pensamento do autor? Atrapalha um pouco a sua leitura o acúmulo de citações, intercaladas à força, muitas vezes entre dois períodos sibilinos. As notas (quase duzentas) completam essa atrapalhação. Alexandre Rodrigues, a julgar pelos pequenos períodos transcritos, escrevia mal, muito mal. Seu biógrafo não lhe fica atrás. Aliás, ele mesmo reconhece que o mérito capital da obra do naturalista brasileiro era o de “acumular notas e observações”. Creio que esse mérito também lhe pode ser imputado. Daí, naturalmente, a nenhuma palpitação destas páginas, secas e sem vida. Com toda certeza será um trabalho fiel e verídico, de paciente e tenaz pesquisador, mas nunca uma biografia onde se possa sentir esse “calor humano”, tão presente nos biógrafos deste século. Pode-se afirmar, em conclusão, que estamos frente a uma figura empalhada de museu, em lugar de um ser de carne e osso.

11.2.2. Artigo da edição de número 5

GÓES, Fernando. Os grandes inqueritos literários: Prelúdio n. 3 – Edgard Cavalheiro, o mais moço dos críticos de São Paulo responde à nossa enquête. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 5 jul. 1939, n. 5 (sem indicação de página).

Primeiro Edgard Cavalheiro disse que não. “Não fica bem, pertencemos à mesma roda. Vão falar por aí que é panelinha, etc”. Mas eu não liguei importância não. Disse que isso tudo era

bobagem, que quem quisesse falar que falasse, que o organizador do inquerito era eu, e estava acabado. Agi fascistamente, confesso legalmente, que confessar não é crime. E Edgard Cavalheiro acabou cedendo. Isso mesmo. Acabou cedendo, o que significa que ele é um camarada escrupuloso, honesto, que não gosta muito de panelinhas onde meia dúzia de tipos vivem a se elogiar, a se chamarem de gênios, maiores do conto, do romance, da poesia. E essa ojeriza à safadeza, à sem-vergonhice, serve de cartão de visitas para Edgard Cavalheiro. Eu que sou amigo dele digo sem rebuços que ele é um escritor decente. Crítico, seus juízos

são sempre ditados pela sua consciência, orientados pelo seu modo de agir. Sendo exigente, de paladar um tanto refinado, é difícil contentá-lo com abacaxis e bananas verdes, o que lhe granjeou umas antipatiazinhas por aí. Ele porém não liga para isso, e continua escrevendo umas tantas coisas muito certas. Mas eu estava dizendo lá em cima que Edgard Cavalheiro havia cedido. Mas cedido o que? É evidente que todos já sabem – em responder a este inquérito. O meu dever, portanto, era apresentá-lo, tratando-o de Sr. Edgard Cavalheiro, de conhecido crítico patricio, de glória das letras bandeirantes e tal. Isso porém não dava certo em se tratando do meu amigo Cavalheiro. Contudo, para dizer alguma coisa, eu direi que ele publicará, este ano ou no princípio do outro, uns Ensaaios Sobre o Romantismo Brasileiro, e está terminando uma biografia de Fagundes Varela. Direi ainda que ele escreve aos domingos para a *Folha da Manhã*, e em dias não marcados para todas as revistas e jornais onde um escritor da sua têmpera pode escrever. Que ele é meu amigo eu já disse, e me parece que isso não tem muita importância para o público. Tem para mim, o que já é suficiente. Podia também dizer mais alguma coisa se o título dessas introduções não fosse “Prelúdio”... portanto, ouçamos, ou melhor, leiamos, Edgard Cavalheiro. F. G.

- Como encara o senhor a finalidade e a utilidade artística da crítica literária?

- A crítica é um gênero tão importante como outro qualquer. Sua finalidade e utilidade artística me parecem idênticas à de outros gêneros literários. Apesar de combatida e negada, ela é indispensável no desenvolvimento de qualquer arte, quer como órgão selecionador, quer como órgão orientador. Selecionando a produção ou orientando o público leitor e os autores, ela se impõe como parte essencial e não simples detalhe de importância secundária, como muitos pensam. Naturalmente que não é possível exigir do crítico, obrigado a encher semanalmente um rodapé, muitas vezes abordando três, quatro ou mais volumes, análises completas das obras em juízo. O máximo que ele pode fazer será anotar a tendência predominante no autor, o “essencial” do volume que está comentando. Essa procura do essencial, captada numa leitura sempre rápida, não implica, está claro, no abandono de outros detalhes importantíssimos (estilo, etc.) bem como no desconhecimento do meio e das condições em que a mesma foi concebida e produzida. Nisso, porém, como bem acentuou Fidelino Figueiredo, o coeficiente de intuição e sensibilidade entra em dose não pequena. A crítica ligeira, em cima da hora, só pode ser feita dessa forma, isto é, mais impressionista que analítica. O crítico, afinal de contas, não passa de um leitor mais arguto. Se na pergunta fosse suprimido o vocábulo “artística”, a resposta, sem dúvida, seria bem mais fácil e precisa.

- O crítico, fazendo a exegese de uma obra, é também um artista?

- Como não? Empregue os métodos que achar conveniente, se possuir sensibilidade e dotes artísticos, por força que seus escritos os revelarão, pois a crítica não deixa se ser, também, uma função criadora. “A crítica e a estética não se excluem, mas caminham lado a lado uma da outra”, escreveu Renan, que é dono de tantas páginas admiráveis de crítica, que são ao mesmo tempo perfeitas joias literárias.

- Qual o estado e qual a característica da atual crítica literária do Brasil?

- O estado da crítica literária, entre nós, ontem como hoje, é de indigência. Temos críticos (bons e maus, péssimos e sofríveis), mas não temos crítica. Entenda-se: crítica organizada, com real influência na marcha da literatura, pesando ou não, no sucesso de um livro. Começa pela ausência daquilo que podemos chamar de “vocação”, de queda para o “métier”. Raríssimos os casos em que o intelectual brasileiro pode ser considerado um crítico puro, isto é, que além de se dedicar de corpo e alma às suas funções, o faça com plena satisfação. Na maioria dos casos ele está de passagem (rápida passagem) pelo rodapé, preenchendo o lugar de outro que desistiu, como daí a poucos meses ele desistirá. Muitas vezes não passa de um simples “bico” para cobrir aperturas. Essa falta de continuidade acarreta males de não pequena monta. Acontece, por exemplo, que tendo estado até então mais ou menos à margem do movimento editorial do país, vem para o rodapé sem o conhecimento preciso do que se faz ou se está fazendo. Até se integrar, ou melhor, ficar senhor da situação, conhecer as nuances todas do panorama intelectual, leva tempo. Quando consegue, ou pela incompreensão reinante ou pelo clássico “não paga a pena”, suspende as atividades, muitas vezes para sempre. Passa a outro, que também não andava muito enfronhado no assunto. E assim por diante, num autêntico círculo vicioso. Basta acentuar que, atualmente, a maioria dos considerados grandes críticos estão na reserva. Grieco, Sud Mennucci, Fernando de Azevedo, e outros tantos, por onde andam? Isso não somente acarreta a série permanente de palpites errados, como impede um dos maiores encantos que é dado ao crítico, e que é de acompanhar, passo a passo, a evolução de um autor, através das mais variadas manifestações de sua inteligência. Não é o único, nem o menor dos males. Convém ainda acentuar que sem uma visão panorâmica mais ou menos perfeita do conjunto, será difícil julgar qualquer detalhe.

Não vejo características especiais na atual crítica brasileira. Já acentuei que não temos crítica, mas sim críticos, e que muitos estão em disponibilidade. Não há razão para individualizar observações que somente interessam quando vistas em conjunto. A não ser que se deseje dar como característica essa história de esquerda e direita, o que me parece um

grande erro pois será transformar tão nobre função em mero agente político deste ou daquele partido.

- O que produziram de realmente útil, para a literatura brasileira, a “Semana da Arte Moderna”, de 22, e o movimento “Antropofágico”, de 28?

- O movimento antropofágico pouco produziu de útil, pois não chegou a ter nem mesmo repercussão nacional. Simples subproduto da “Semana”, como o verde-amarelismo, a Anta, etc. Poderá ter contribuído para que o movimento se solidificasse. Aliás, todos os que depois se subdividiram em grupos, vieram da Semana. Não passavam, esses grupos, portanto, de ligeiras variantes, de influência antes estadual que nacional. Espécies de panelinhas, dessas que concedem diplomas de gênios aos da roda e de burros aos que estão de fora.

Movimento nacional, de larga e fecunda projeção, a Semana de Arte Moderna exerceu uma influência decisiva na literatura brasileira. O que produziu de útil daria para um maciço ensaio. Acredito, porém, que nessa volta à terra, nessa inquieta e curiosa tentativa de redescobrir o Brasil esteja sua maior contribuição. Foi depois dela que começamos a olhar para as nossas realidades sociais e começamos a estudar o homem e a terra através de ensaios dos mais penetrantes e lúcidos. Ao “porque-me-ufanismo” de nefasta memória, sucedeu uma clara e humana compreensão das nossas possibilidades. Mas não foi só. Ganhamos também uma língua mais dútil, mais livre, mais nacional. Língua onde a ideia não mais seria afogada pela sintaxe. Toda essa vitalidade da atual literatura brasileira nós devemos, direta ou indiretamente, à Semana. Sem ela, talvez ainda andássemos pela Grécia ou pela França, amarrados nas abas dos últimos costumes franceses ou embevecidos pelas ruínas gregas.

- Qual a sua impressão sobre as obras dos “leaders” modernistas Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp?

- Antônio de Alcântara Machado não teve tempo para deixar uma obra à altura do seu talento. Andou longe da verdade o escritor mineiro ao afirmar que ele, ao morrer, já tinha trocado a literatura pela política. A melhor prova em contrário surgiu logo depois, com o aparecimento de *Mana Maria*, romance que apesar de inacabado, não oculta todas as grandes qualidades que para o gênero ele trazia, com uma firmeza e segurança de veterano. Mas se a fatalidade não permitiu que tivéssemos nele um grande romancista, talvez o grande romancista de São Paulo, resta contudo o “conteur” completo e acabado de *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* e *Laranja da China*. Este é grande, dos maiores. E ficará, não resta dúvida. Como ficará também o cronista admirável que soube ser (a propósito, quando sairão os

volumes por tanto tempo anunciados?). Suas crônicas, vivas e ágeis, impregnadas de um humor sadio, são dignas de serem guardadas em volume. O historiador que havia em Antônio de Alcântara Machado não teve também muito tempo para se revelar. Um estudo sobre Anchieta, premiado pela Sociedade Capistrano de Abreu, veio colocá-lo na primeira plana dos modernos investigadores da nossa história.

Era, numa palavra, um espírito admirável. Mesmo no comentário político, feito diariamente, sem muita convicção ou muito amor, que finura e que argúcia! Sempre legível, sempre claro e preciso, sua prosa, em plena balbúrdia modernista, era um modelo de simplicidade e concisão. O mais artista entre os rapazes que “leaderaram” a campanha e o menos barulhento deles todos. Na sua prosa e nesse pudor ao exagero, que tanto o caracterizava, reside, talvez, o grande mérito dos seus livros, a garantia de perdurabilidade do seu nome. Dele podia-se dizer que era o tipo de escritor para ser lido palavra por palavra. Impossível saltar linhas num conto ou numa crônica que trouxesse sua assinatura. Tudo nele é essencial. Desconheceu, de uma maneira absoluta, o supérfluo.

A obra do sr. Manuel Bandeira não pode ser analisada assim em duas palavras. Dono de sonetos dos mais perfeitos quanto à técnica, e de poesias das mais libertas de convenções, sua produção se não é vasta pela quantidade, é enorme, vastíssima, pela qualidade. Um dos maiores poetas do Brasil, Manuel Bandeira é também um dos raros a quem a idade não “cansou a mão”, a quem a idade não serve de empecilho ou motivo para a mudança de rumo. Quero dizer com isto que ele continua poeta, apesar dos cinquenta e tantos anos de vida, fato incomum entre nós, onde julgam a maturidade ou a velhice impróprias para o trato com as musas. A maioria dos poetas que vieram da Semana já abandonaram, de há muito, o terreno. Manuel Bandeira continua firme. Creio que isso o define melhor do que qualquer comentário. Não podemos, em se tratando do autor de *Crônicas da Província do Brasil*, esquecer o excelente prosador que ele sabe ser, em crônicas e estudos críticos dos mais legíveis e argutos que já se escreveram por aqui. O tradutor, o selecionador, etc., são tantos outros setores onde sua atividade se faz sentir. Mas o poeta predomina. Nesse particular sua obra é das mais importantes que a poesia moderna do Brasil pode apresentar.

Outro também impossível de ser comentado num pedaço de resposta é Mário de Andrade. Homem dos sete instrumentos, poeta, “conteur”, romancista, cronista, crítico, historiador, folclorista, ensaísta, enfim, em qualquer lugar podemos encontrá-lo, sempre dizendo coisas novas, de uma maneira absolutamente original. A obra do conteur, dois volumes e alguns contos esparsos, contém material para um rico e poderoso volume. O poeta

ainda precisa ser estudado. Há muita brincadeira no meio de coisas seríssimas. *O acalanto do seringueiro*, para citar um único poema, acabará nas antologias, será lido por muitas gerações. Ninguém sabe o que Mário de Andrade poderá ou estará fazendo. E dar um balanço no ele já fez, me parece tarefa para um volume. É desconcertante e adorável. Nem todos topam com o seu jeito, bem sei. A questão é ambientar. Aliás, todo o exagero com que tratava a língua está, aos poucos, sendo abandonado. Não se pode culpá-lo por nada, pois todo inovador precisa ser exagerado. Poucos foram tão longe como ele. E pouquíssimos os que traziam lastro tão grande de cultura. Tenho a impressão de que Mário de Andrade não fez ainda nem a metade daquilo que fará.

O sr. Oswald de Andrade até agora só tem conseguido destruir. Ótimo chefe de fila na hora da derrubada, tem sido um fracasso permanente na hora de construir. Como não consegue fazer nada que preste, prossegue na derrubada. Há quem o leve a sério. Quem ache graça nas suas palhaçadas. Francamente, nunca vi palhaço mais chato. E agora, com aquele barrigão de capitalista aposentado, não é somente chato, é também de um ridículo inconcebível. Acabará na Academia Brasileira de Letras, com fardão e espada, sendo recebido por um Gustavo Barroso qualquer.

Raul Bopp somente publicou *Cobra Norato* e *Urucungo*. Pouco escreveu. Em lugar de sentar na mesa e rabiscar artigos ou poemas, preferiu vivê-los. “Poeta, caixeiro viajante, o pintor de tabuletas”, como num belo artigo o definiu Jorge Amado, sua vida é bem mais interessante que sua obra. Mas tanto *Cobra Norato* como *Urucungo* trazem a marca de um espírito original, audacioso. Principalmente *Cobra Norato*. A Amazônia palpita nestas páginas, com muito mais intensidade que na centena de volumes já escritos sobre seus mistérios e sua realidade. Hoje Bopp anda pela China ou Japão realizando uma obra das mais práticas e objetivas em prol do nosso comércio exterior. O poeta virou cônsul, mas um cônsul que trabalha e sabe como trabalhar. Os livros que anunciara, com certeza, ficaram no tinteiro.

- Há, na literatura brasileira de agora, alguma influência dos dois movimentos (A Semana e a Antropofagia) ou individualmente de alguns modernistas da pergunta anterior?

- Influência indireta, sem dúvida que há. Mas diretamente, não creio que o que se publica por aí tenha relação com qualquer desses movimentos ou com seus leaders. É preciso acentuar que esses movimentos se limitaram mais a derrubar o estado de coisas existente, e prestaram com isso um grande serviço. Não esquecer, ainda, que grande parte dos grandes nomes de hoje, vieram desses movimentos. Depois, influência supõe estabilidade, obra

concluída, “já feito”, e ao tocar em Mário de Andrade, por exemplo, deixei bem claro que ele poderá realizar obra superior à já realizada. Os novos, os que vieram depois que a estrada estava desimpedida, nem sequer precisam olhar para os lados ou para trás. Alguns remanescentes dos movimentos tentam em vão fazer com que eles tomem conhecimento de suas inúteis e enfadonhas produções e pessoas. São estertores de moribundos inofensivos. Ninguém liga. Eles que aguardem os sete palmos das histórias literárias, com os nomes por extenso e as datas do nascimento e morte.

- O que pensa o senhor do chamado “romance do Norte” e seus autores?

- Acho um tanto forçada essa separação, romance do norte, romance do sul, romance do centro. Há romances bons e maus, mas romances brasileiros, quando focalizam ambientes e particularidades da nossa terra e da nossa gente. Uma vez que já não é mais possível evitar essa classificação, não me resta senão repetir algumas notas escritas há um ano e tanto, no *Boletim de Ariel*. Lembrei então um trecho de Schopenhauer, trecho onde o filósofo divide os escritores em três categorias, a saber: “em estrelas cadentes, planetas e estrelas fixas”. Os primeiros, acrescenta Schopenhauer, “dão a impressão de fogos de artifício, desses que ao vê-los a gente exclama deslumbrado: Que belo! Momentos depois, porém, nada mais resta. Já os seguintes possuem outra vida. Brilham, às vezes, até mais do que as estrelas fixas. Pudera! Se eles estão mais próximos! É por esse motivo que pessoas menos avisadas os confundem com aqueles. Possuindo somente luz de empréstimo e atuando somente sobre os companheiros de caminhada, também passam logo, cedendo rapidamente o lugar ao primeiro que chegar. Numa volta de alguns poucos anos, fazem o seu círculo e perdem o brilho. Não é outro o seu destino. Somente os da terceira categoria são imutáveis. Estão fixos no firmamento, possuem luz própria e atuam tanto em uma época como noutra. Sejam quais forem nossos pontos de vista, eles têm sempre o mesmo aspecto, pois não pertencem, como os outros, a uma nação, mas sim ao mundo. E, por causa da altura em que estão, é que sua luz leva quase sempre tantos anos para ser visível aqui na terra”.

Nossos romancistas (e aqui incluo tanto os do Norte como os do Sul e do Centro) com raras exceções, ficam nas duas primeiras categorias. Brilham um momento e desaparecem. Um grande número deles são planetas. Vivem dessa “luz de empréstimos”, de que fala o filósofo. Isso salta aos olhos. Nessa avalanche de volumes falta, antes de mais nada, “luz própria”. Luz que somente a cultura pode proporcionar. Cultura que não é, como apregoam, eruditismo indigerível. Bastaria verificar a absoluta unilateralidade com que encaram não só os problemas sociais ou sexuais (ainda estão em Freud), como os filosóficos, etc. Sabem ver,

muitas vezes de uma maneira digna de elogios, certos ângulos de um determinado problema. Nunca o problema em toda sua complexidade. Se passarmos aos recursos técnicos e verificarmos, como exploraram (melhor diria, estragaram) certos materiais, então é que o pessimismo sobre a durabilidade dos mesmos se transforma na mais arraigada convicção. Há muita espontaneidade nos romances que diariamente aparecem por aí, mas como escasseiam os trabalhos onde a releitura possa ser feita com o mesmo encantamento e a mesma surpresa do primeiro contato!

Falo em tese pois, individualmente, alguns trabalhos serão salvos de toda essa vasta produção. Não serão muitos, está claro. Se eu estivesse em idade de dar conselhos, recomendaria aos nossos romancistas que lessem mais um pouco, estudassem os grandes mestres, de outrem e de hoje, não para imitarem ou pasticharem o que eles fizeram ou fazem, mas sim para verem o que se pode fazer num gênero tão amplo como esse, quais os recursos que se pode usar e até que ponto certos truques são permitidos. Inventem novas técnicas, descubram maneiras inéditas de apresentarem um problema, mas em qualquer caso não esqueçam nunca que tanto dentro de uma técnica nova como de uma velha, as dificuldades devem ser encaradas frente a frente, os problemas agitados precisam de uma solução ampla, e tanto quanto possível, completa. Nada de mal aflorarem os temas, como excelentes repórteres. O romance é gênero moroso por excelência, como bem mostra Ortega y Gasset. Sobre tudo não esqueçam a frase de Thomas Mann, de que o “criador é aquele cuja vida é um símbolo”. E como ele, tenham também a certeza de que basta falar de si para falar de seu tempo e dos seus contemporâneos. Sem essa certeza, ninguém deveria se abalar a produzir, eis a ligação que o criador de *A Montanha Mágica* nos transmite.

- Sobre a tão falada “morte” ou “vida” da poesia, qual é a sua opinião?

- A poesia não morreu, jamais morrerá. Variam, isto sim, os meios de expressão, mas a essência, aquilo que em verdade se pode chamar de poesia, será eterno, como são eternos os sentimentos humanos que nos agitam. Os “poetas” fazem força para matá-la. Eles estão matando a poesia, ou tentando tal coisa. Mas ela ressurgirá, com rima ou sem rima, com os poetas e até mesmo contra “os poetas”... Pelo menos enquanto não for uma realidade o homem-máquina...

- Deve e pode o público acreditar na sinceridade da “poesia social” ou na “poesia em Cristo”, de alguns dos nossos poetas?

- Está claro que no meio desses poetas, alguns serão sinceros. Nada mais difícil do que delimitar o grau de sinceridade naquilo que produzimos. É muito precária essa sinceridade

que vivemos apregoando. Numa autoanálise rigorosa, honesta e definitiva, o que salvaríamos? Talvez nada. O próprio ato de sentar na máquina para bater um artigo ou o capítulo de um livro qualquer, quando lá fora coisas bem mais agradáveis nos esperam, não é um ato insincero? Porque escrevemos? Para dizer alguma coisa, respondem. Mas essas coisas precisam, em verdade, serem ditas? A humanidade sofreria com a abstenção do poeta Fulano ou do romancista Sicrano? Será que escrevemos simplesmente por vaidade, como querem alguns? Mas se guardamos na gaveta, para gozo íntimo, aquilo que produzimos, não será também por vaidade, uma outra forma de vaidade? Perguntas que se multiplicariam, inutilmente. Acredito, por exemplo, na poesia chamada social, do poeta Rossine Camargo Guarnieri. Acredito porque sou amigo do poeta, com ele convivo, assisto à “*delivrance*” de alguns poemas, vejo a sinceridade com que ele os bota no papel, etc. Acredito na “poesia em Cristo” (melhor diria: cristã) de Cid Franco, incapaz de uma atitude falsa, não somente na poesia, mas em qualquer outro ato da sua vida. Generalizar, falando de poetas que não conheço pessoalmente, seria desonesto. Alguns me convencem, outros não. Aos primeiros, julgo sinceros. Aos segundos, não.

- O que é que justifica, a seus olhos, a preocupação dos escritores modernos por Machado de Assis?

- A eternidade do gênio Machado de Assis estará (como sempre esteve) presente em todas as gerações de escritores do Brasil. Sua obra justifica, plenamente, esse culto e essa preocupação. Estou que uma das notas mais marcantes dos seus livros seja a língua em que ela foi vazada. Nitidez, justa medida, a prosa de Machado de Assis é de uma claridade solar. Todos o entendem. Ninguém o larga no meio da leitura. Já houve quem dividisse nossos escritores em duas categorias: machadianos e não machadianos. Ao primeiro grupo pertencem todos os que escrevem bem, isto é, que se expressam com clareza e propriedade. Ao segundo grupo, todos os enfáticos, todos os gongóricos, todos os empolados, em suma, todos os que escrevem mal. Lembro que, mal saído da puberdade, quando as espinhas e a mudança de voz serviam de motivos à piadas cacetes e encabulativas, li *Braz Cubas*, no meu primeiro contato com o mestre. Está claro que não percebi 10% do sentido humano e filosófico dessa obra. Mas gostei de Machado. Escrevia tão bem, tão diferente dos outros que eu percorrera antes...

Creio que isso deveria servir de exemplo aos nossos atuais romancistas (tão descuidados neste particular), também creio que nisso reside uma grande parte do mérito dos seus livros. Está claro que obra alguma resistirá ao tempo se na sua fatura o autor descuro de uma parte tão importante como essa. É preciso, porém, que não se leve essa afirmativa para o

lado oposto, isto é, para aquele em que a ideia seja substituída por um estilo muito bonito e correto, mas oco e sem profundidade. Não. Ideias, mas expressas com seu tanto de estética. Aliás, o caso de Machado de Assis se aproxima muito do caso de Eça de Queiroz, em Portugal. Porque lemos Eça? Porque não lemos Camilo ou Herculano? Essas perguntas respondem, em parte, ao quesito supra.

Machado de Assis foi também um grande técnico. Acreditava profundamente na sua arte. Era um fiel convicto e penitente. Esfalfou-se para conseguir esse equilíbrio, essa perfeição. Não fez nunca concessões ao grosso público. Conseguiu, com muito esforço e pertinácia, domar a língua, transformá-la num instrumento eficaz para a divulgação das suas ideias. “Fonte de exemplo, fonte de experiência, treino indispensável, dador fecundo de saúde técnica”, escreveu Mário de Andrade, acrescentando que “agora, mais do que nunca, neste período do domínio do espontâneo, do falso e primário espontâneo técnico em que vivem quase todos os nossos artistas, teríamos que buscar nele aquela necessidade pela qual todos os grandes técnicos são exatamente forças morais”.

- Qual é, atualmente, a situação da literatura paulista, no romance, no conto, na poesia, no ensaio e na crítica?

- São Paulo, pelas suas condições de vida, atrai filhos de todos os Estados do Brasil. Eles aqui aportam e logo se ambientam, acabando paulistas honorários, que brigarão pela terra adotiva. Alguns perdem completamente o sotaque nortista, outros, de mineiros não conservam nada, outros ainda, vão brigar nas trincheiras de Itararé, contra parentes que sobem do Sul. E assim por diante, em todos os setores da nossa vida material e espiritual. Veja o caso literário. No ano passado saíram de São Paulo quatro romances dos melhores que se publicaram no país: *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa, *Vovô Morungaba*, de Galeão Coutinho, *A voz da terra*, de Amadeu de Queiróz e *A teoria da distância*, de Aristides Ávila. Desses autores, somente Orígenes Lessa e Aristides Ávila são paulistas de nascimento. Isso, no entanto, não impede que *Vovô Morungaba* seja considerado um romance tipicamente paulista, tanto pelo ambiente como pelos tipos movimentados em suas páginas. E há quantos anos Amadeu de Queiróz reside em São Paulo? Se é certo que *A voz da terra* não oculta o mineiro emigrado e saudoso de sua terra, isso não quer dizer que ele não escreva romances com ambientes e personagens paulistas. Pelo contrário, tem mesmo anunciado um romance cuja ação decorre toda numa rua paulista, com tipos paulistas, etc.

Considero, em conjunto, a literatura paulista num nível idêntico ou superior a de qualquer outro Estado, confrontando, é lógico, Estado por Estado. Não seria interessante

perguntar quantos romances saíram da Bahia ou Pernambuco, de Minas ou do Rio Grande do Sul, no ano passado? Mas, francamente, detesto esse negócio de botar fronteiras na literatura. Em lugar de romance do Norte, prefiro falar em “romance documentário”, romance reportagem, etc. Reconheço, contudo, não ter São Paulo, presentemente, muitos cultores do gênero. Concorro também que os dramas peculiares à região paulista ainda não foram motivos (grandes motivos, aliás) para obras cíclicas. Os sociólogos com certeza explicarão a razão desse estado de coisas.

Seria alongar demasiado esta resposta se fosse tocar, parceladamente, na situação do conto, da poesia, do ensaio e da crítica em São Paulo. Sem dúvida que a poesia tem encontrado por aqui um clima propício ao seu pleno desabrochamento. Será talvez o mais rico dos gêneros. Mas os ensaístas, como também os “conteurs”, não permanecem inativos. Não quero recenseá-los. Minha memória é fraca e não disponho de fichário. Sobretudo não quero encrencas por omissão.

- Qual a posição e a atitude que o escritor brasileiro deve manter frente à situação que o mundo atravessa?

- Lutar pela democracia que é ainda a única forma de governo que permite a liberdade de pensamento, sem a qual não existe dignidade humana, nem razão de ser para o verdadeiro intelectual. Combater, portanto, os regimes totalitários, provocadores da guerra, carrascos do pensamento, nós da civilização. Isso, porém, não implica em fazer romances ou poemas, história ou ciência, com a única finalidade de torná-los armas de combate. Acho que a literatura tem sua função social, a que não pode fugir, mas não a desejo mero instrumento de combate polêmico. Falo mais de atitude do intelectual como homem. Nessa condição, não compreendo torres de marfim, nem o alheamento hipócrita, frutos quase sempre de um criminoso comodismo. Esse comodismo, na hora presente, não é digno de nenhum verdadeiro escritor, brasileiro ou de qualquer outra nacionalidade.

11.3. Índice de artigos de Roteiro: Documentário do Pensamento Democrático

Apesar de não ser o foco de estudos desta tese, conforme se justificou no início do capítulo 6, será apresentada, a seguir e sumariamente, a relação de artigos publicados na segunda fase de *Roteiro*, do total das seis edições localizadas.

Antes, porém será transcrito um texto sem autoria definida, impresso na mais antiga edição localizada do jornal em sua segunda fase. Espécie de apresentação comemorativa pelo

aniversário de *Roteiro*, esses escritos historiam a trajetória do jornal e denotam a nova ordenação editorial adotada em sua segunda fase.

O 6º aniversário de *Roteiro* (7 maio 1945, edição 75-76, ano 7, p. 5).

Completamos hoje seis anos de existência. Foram seis anos de dificuldades e lutas. Em plena vigência do Estado Novo, imposto pelo golpe de 1937, iniciamos a nossa caminhada.

Debaixo da mais tremenda censura, conseguimos ir divulgando, sempre com perigo da nossa sobrevivência, todos os acontecimentos mundiais e nacionais, que marcaram na história a luta das nações e dos homens livres contra a tirania fascista.

Sentíamos, por vezes, como que quebrantarem as nossas forças diante da superioridade de armas apresentada pela reação interna, favorecida pelo regime implantado a 10 de novembro. Naquele tempo, toda a defesa dos ideais democráticos era apontada como atividade jornalística de caráter subversivo. E um simples elogio à bravura do exército soviético era visto pelos reacionários como propaganda comunista. Mas, com os olhos voltados para o porvir, com uma crença imorredoura de que o fascismo haveria de ser varrido, mais cedo ou mais tarde, da face da terra, e de que todos os povos haveriam de conseguir viver, afinal, num mundo de paz e fraternidade, num mundo sem ódios e nem opressões, prosseguíamos na nossa pedregosa jornada.

E, agora, afinal, já estamos divisando os albores de uma nova era. O fascismo está sendo liquidado nesta guerra titânica, que arregimentou todo o esforço humano e todas as consciências. As nações aliadas, lideradas pelos Estados Unidos, Inglaterra e Rússia, saem dessa luta unidas para a paz, apesar de todos os esforços da reação para quebrar essa unidade. E assim como elas, todos os povos, dentro de cada nação, começam uma vida nova, relegando para um plano secundário as diferenciações de raças, de classes, de religiões, animados todos dos mesmos propósitos de reconstrução de um mundo de mais entendimentos e menos misérias do que no passado, de um mundo em que haja estímulo para todos e os bens da vida sejam acessíveis a todas as camadas da população.

Assim, à medida que os focos principais do fascismo estão sendo extintos, os seus arremedos ainda remanescentes vão perdendo os seus pontos de apoio e entrando em colapso igualmente. E, por sua vez, à medida que toda a reação fascista vai desaparecendo, os ideais democráticos dos povos livres vão se tornando uma viva realidade, e as conquistas progressistas vão permitindo modificações profundas em todas as nações. Esta

decorrência obedece a um desenvolvimento dialético, que não mais poderá ser estancado, marcando, no momento, uma vitória de séculos e séculos de lutas ideológicas, cujo “clímax” determinou a guerra.

A vitória sobre o fascismo representa, pois, um novo Renascimento para a humanidade.

No momento em que comemoramos mais este nosso aniversário, Berlim, a meca do fascismo, está em poder dos nossos aliados russos, e a guerra está a bem dizer terminada, faltando a rendição do Japão.

Continuaremos a nossa rota, porém, pois as forças da reação são inúmeras e continuarão sabotando a paz, como sabotaram a guerra, tanto externa quanto internamente. Agora que vencemos o fascismo é que começará a luta para o desenvolvimento de todas as conquistas democráticas, porque a democracia não é um fim e sim um meio para o aperfeiçoamento das instituições em favor dos povos livres.

DATA (Edição, Ano, Página)	AUTOR	TÍTULO
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 1)	Sem nome (s.n.)	Panorama político do Brasil
	s.n.	Mensagem aos escritores russos: Moção aprovada pela União dos Trabalhadores Intelectuais
	s.n.	A coluna invicta
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 2)	PRADO JÚNIOR, Caio (para <i>Roteiro</i>)	Problemas fundamentais do Brasil de hoje e do Após-guerra
	s.n.	Ecos e Comentários: A devolução das bases
	s.n.	A União dos Trabalhadores Democráticos de São Paulo dirige-se a Luiz Carlos Prestes
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 3)	LESSA, Orígenes	A palavra de Prestes
	s.n.	O pensamento das esquerdas
	s.n.	Comício dos portugueses antifascistas
	s.n.	Eduardo Gomes e o integralismo
	s.n.	Virá ao Brasil John dos Passos
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 4)	s.n.	A conferência das classes populares em Teresópolis
	PACHECO, Maurilo (para <i>Roteiro</i>)	As associações rurais e as eleições
	s.n.	O futebol na União Soviética

7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 5)	s.n.	O 6º aniversário de <i>Roteiro</i> (reproduzido anexo, nesta tese)
	s.n.	Os “Big Four” do Socialismo
	s.n.	“Ultimatum” ao Japão
	s.n.	Mensagem aos escritores russos (conclusão da 1a. página)
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 6)	s.n.	Nos setores trabalhistas: A Justiça do Trabalho contra o trabalhador
	s.n.	O processo Judiciário do Trabalho
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 7)	CHAVES NETO, Elias (para <i>Roteiro</i>)	Os liberais precisam compreender
	s.n.	Aviso aos nossos leitores
	s.n.	Situação miserável dos professores de Minas
	s.n.	Sociedade Amigos de Marília
	s.n.	“Um crime o funcionamento do integralismo”
	s.n.	Associação Comercial de Marília
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 8-9)	s.n.	A notável contribuição da Estrada de Ferro Sorocabana no desenvolvimento da nossa riqueza
	s.n.	<i>Roteiro</i> em Ribeirão Preto e Franca
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 10)	s.n.	O nazismo e os trabalhadores alemães
	s.n.	As eleições na Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo
	s.n.	União dos Trabalhadores Democráticos de Santo André: Do manifesto de organização da entidade constam reivindicações para a população do município
	s.n.	Na questão do imperialismo, são idênticos os interesses democráticos e progressistas
	s.n.	Em Petrópolis o substituto de Plínio Salgado: Pretende rearticular o movimento integralista
	s.n.	Novo jornal anti-fascista
	s.n.	Será lançada a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes no próximo dia 13 de maio
	s.n.	Prestes deverá falar ao povo dentro de poucos dias
	s.n.	Onde o fascismo tenta sobreviver: Luto em Portugal pela morte de Hitler
	s.n.	O Supremo Tribunal Federal negou

		aplicação à Lei Constitucional n. 8
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 11)	SCHENBERG, Mário (para <i>Roteiro</i>)	Perspectivas atuais de uma política de esquerda
	MOSES, Herbert	A “Casa do Jornalista” e o 6.º Aniversário de <i>Roteiro</i>
	s.n.	Dr. Agenor Prado Moreira
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 12)	s.n.	Marília: A cidade fenômeno cujo surto de progresso não encontra similar no país
	s.n.	<i>Roteiro</i> em Marília
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 13)	s.n.	Manifesto dos bancários
	s.n.	Teatro: O ciclo de poesia afro-americana pelo recitativo coral
	s.n.	Livros: <i>Os mais belos contos terroríficos</i>
	s.n.	C.D.B
	s.n.	Título: Liberdade, elevação do nível de vida, cumprimento dos acordos internacionais, industrialização e outros problemas (conclusão da última página)
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 14)	MELTON, Charles (Copyright da Press Information Service para <i>Roteiro</i>)	Programa gigante
	s.n.	Os trabalhadores rurais
	s.n.	Congratulações a Luiz Carlos Prestes pela decretação da anistia: Os alunos da faculdade de Filosofia aprovaram também uma moção de desgosto ao Sr. Getúlio Vargas e a Plínio Salgado
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 15)	KALININ, M. (presidente da URSS). Tradução especial para o <i>Roteiro</i> , da revista <i>Slaviane</i> , por S. Staretz.	Os escravos e a guerra
	s.n.	A conciliação na justiça do trabalho
	s.n.	A França pende para a esquerda: É o que afirma o Prof. Valery-Radot
	s.n.	Pacto de amizade e aliança entre Rússia e Polônia
	s.n.	Indissimulável a repulsa do povo ao Integralismo: Sobre a reorganização do

		“Sigma” fala o prof. Castro Rebelo
7 maio 1945 (ed. 75-76, a. 7, p. 16)	VELLASCO, Domingos; BASTOS, Cesar	Liberdade, elevação do nível de vida, cumprimento dos acordos internacionais, industrialização e outros problemas: Texto da declaração dos Srs. Domingos Vellasco e Cesar Bastos, lida na reunião da U.D.N
	SILVA, Gilberto de Andrada e	Governo de coalizão
	s.n.	O Integralismo condenado pela União dos Trabalhadores Intelectuais

DATA (Edição, Ano, Página)	AUTOR	TÍTULO
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 1)	Sem nome (s.n.)	Stálin fala no dia da vitória: “De agora em diante a grande bandeira da libertação dos povos e da paz entre os povos flutuará sobre a Europa”
	s.n.	Da guerra à paz: O fascismo foi o fim de uma sociedade com o predomínio exclusivo de uma classe - A nova democracia será o regime da participação efetiva de todas as classes sociais no governo das nações, em bases representativas - A colaboração da burguesia progressista e do proletariado na reconstrução de um novo mundo - Etapas inéditas na história dos povos
	s.n.	Frustrada até o último instante a tentativa de Berlim, visando uma cunha entre a Rússia e os aliados
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 2)	SERRONI, Arnaldo	Carta aberta à Nação Brasileira: O Integralismo pretende mistificar a opinião pública brasileira
	s.n.	Comício em Copacabana em homenagem à memória de Siqueira Campos: Falaram Trifino Corrêa, Campos da Paz, Carlos Marighela, Maria Barata e outros oradores
	s.n.	Estarão de volta dentro de 45 dias os primeiros soldados da F.E.B
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 3)	s.n.	Fundada em S. Paulo uma Universidade Popular: Sobre esta iniciativa fala ao <i>Roteiro</i> o professor Cruz Costa, seu ideador e encarregado pela ABDE (Seção de S. Paulo) da sua organização
	EHREMBUR G, Ilya	Chegou o fim: Neste momento decisivo, entretanto, relembrando os quatro anos de luta, prometemos às nações do mundo e a nossos filhos: “Isto jamais há de se repetir!” O Exército Vermelho dá a sua palavra de honra. A URSS dá a sua palavra de honra

14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 4)	s.n.	Organização Nacional dos Trabalhadores Unidos (conclusão da p. 10)
	s.n.	Novo apelo ao sr. Getúlio Vargas: As “Esquerdas” de S. Paulo denunciam os integralistas e fascistas como autores das provocações havidas durante os comícios e passeatas públicas de regozijo pela queda de Berlim e o término da guerra
	s.n.	Acaba de ser fundado, nesta capital, o Comitê Democrático Alagoano: Constituição de sua diretoria - Manifesto ao povo alagoano
	s.n.	Frustrada até o último instante a tentativa de Berlim, visando uma cunha entre a Rússia e os aliados (conclusão da 1a. página)
	s.n.	Cumprimentos enviados ao <i>Roteiro</i> pela ocasião da passagem do seu 60. aniversário
	s.n.	Contribuições para <i>O Popular</i>
	s.n.	<i>Proclamação dos Israelitas de S. Paulo no “Dia da Vitória”</i>
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 5)	MACEDO, Silvio de (para <i>Roteiro</i>)	A morte de Roosevelt
	s.n.	Nos países coloniais não se encontra sequer vestígios de Democracia
	s.n.	General Zenóbio da Costa
	s.n.	Em São Januário o Comício-Monstro: Será irradiada para todo o país a palavra de Luiz Carlos Prestes
	s.n.	Semana Afro-brasileira: Solenidade de abertura - Telegramas enviados
	s.n.	Prestes fala sobre a rendição da Alemanha e a Paz
	s.n.	O regresso do sr. Otávio Mangabeira
	s.n.	Maestro Villa Lobos
	s.n.	A mulher brasileira nas indústrias
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 6)	s.n.	Bauru, a capital da Noroeste: Um dos maiores centros industriais de São Paulo - Associação Comercial de Bauru
	s.n.	A imprensa de Bauru
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 7)	s.n.	Sr. Joaquim Caetano Pereira (de Bauru)
	s.n.	O progresso da cidade (de Bauru)
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 8)	KALININ, M. (Presidente da U.R.S.S.)	Os eslavos e a guerra – Parte II (conclusão do número anterior).

	Trad. especial para o <i>Roteiro</i> por S. Staretz.	
	s.n. (Trad. especial para <i>Roteiro</i> por S. Staretz; De <i>Ogoniok</i>)	Arte na União Soviética: Música clássica na Ucrânia
	s.n.	Luiz Carlos Prestes: Falará ao povo no dia 15
	s.n.	Instituto Brasil - U.R.S.S
	s.n.	Telegrama do Subcomitê russo em São Paulo ao Marechal Stálin
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 9)	s.n.	A conferência das classes produtoras em Petrópolis
	s.n.	Situação política do Rio Grande do Norte
	s.n.	A liberdade sindical: Foi aprovada pela conferência de Teresópolis
	s.n.	Palestras e conferências: Liberdade sindical
	s.n.	Toda sugestão sobre a Lei Eleitoral deverá ser dirigido ao ministro da Justiça
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 10)	s.n.	Organização Nacional dos Trabalhadores Unidos: Ao povo
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 11)	BRANCO, Luíza P. Camargo (para <i>Roteiro</i>)	Vitória da democracia
	MAIA, Roberto	As forças populares e a democracia
	s.n.	A mocidade acadêmica brasileira reafirma o seu propósito de lutar pela Democracia: Um manifesto das delegações que participam dos VII Jogos Universitários Brasileiros
14 maio 1945 (ed. 77, a. 7, p. 12)	BATINI, Tito (para <i>Roteiro</i>)	As esquerdas e a verdadeira União Nacional
	s.n.	Ameaças ao caminho da democratização do País
	s.n.	Doenitz e a rendição da Alemanha
	s.n.	Demócrito de Souza Filho: É hoje um herói e um símbolo do amor à liberdade - Soldados da FEB dirigem-se à União Nacional dos Estudantes

DATA (Edição, Ano, Página)	AUTOR	TÍTULO
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 1)	s.n.	Pelo mundo em marcha: O reacionarismo na paz identifica-se com o Quinta-colonismo do tempo de guerra
	s.n.	A Iugoslávia e a questão de Trieste: A resposta de uma Iugoslávia livre à nota dos governos britânico e americano desfazendo os mal-entendidos criados pela imprensa reacionária a serviço dos interesses imperialistas
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 2)	s.n.	O programa de Prestes: Apoiado totalmente por Toledano
	s.n.	Foi encontrado Hermann Brill, lutador antifascista alemão
	s.n.	Querem a abdicação do Rei Leopoldo da Bélgica
	s.n.	Armando de Sales Oliveira
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 3)	PANCCIARDI, Randolpho	Os guerrilheiros italianos no norte da Itália
	A. C.	Panorama internacional: Criminosos de guerra
	s.n.	<i>Roteiro</i> continua recebendo cumprimentos pelo seu 60. aniversário
	s.n.	Prestes falará à nação no dia 23
	s.n.	O Comunismo e a Igreja Católica
	s.n.	O Partido Socialista Popular de Recife
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 4)	SANCHEZ-SÁEZ, Bráulio (para <i>Roteiro</i>)	Os homens da república espanhola
	s.n.	A Iugoslávia...
	s.n.	Os estudantes apoiam a Universidade Popular
	s.n. (da <i>Folha Carioca</i> , de 17 maio 1945)	Salazar e seus amigos do Brasil
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 5)	SEGUEL, Gerardo (do <i>El Siglo</i> , do Chile)	Contribuição de Earl Browder ao estudo do Após-guerra
	SOUSA, Roberto Pinto de	A conferência de Teresópolis
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 6)	s.n.	A “Carta Aberta” dos Integralistas: Tentativa inútil de ludibriar a opinião pública - As provas das ligações entre os integralismo e o nazismo constam dos arquivos policiais - Ainda existe o perigo integralista - “O punhal nazista no coração do Brasil”

21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 7)	s.n.	O reacionarismo na Paz... (conclusão da 1a. p.)
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 8)	s.n.	Campinas: Apoio da prefeitura Municipal à campanha em prol da elevação da comarca à 4a. entrância
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 9)	NEGRAES, Edith de Carvalho, do Comitê Feminino Democrático	Ainda uma opinião sobre a entrevista de Luiz Carlos Prestes
	s.n.	O Brasil na vanguarda da indústria dos tecidos
	CAMPOS, José Meneses (para <i>Roteiro</i>)	A posição dos moços de Sergipe frente ao momento nacional
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 10)	RODRIGUES FILHO, A.	A laminação nacional de metais: Despediu 700 operários!
	s.n.	Partido popular de Goiás
	s.n.	Prêmio Pandiá Calógeras
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 11)	s.n.	Momento argentino: O fim da guerra não pode ser comemorado - O fascismo assume proporções alarmantes - O encarceramento de intelectuais - A frente democrática contra a reação - O movimento estudantil dos universitários - A mulher antifascista
	SINGER, D. H., do Dep. Econômico da Univ. de Manchester. (Copyright da Press Service para <i>Roteiro</i>)	A cooperação das "Trade-Unions"
21 maio 1945 (ed. 78, a. 7, p. 12)	BAZARIAN, Jacob (para <i>Roteiro</i>)	O renascimento da Armênia: Duas concepções do mundo - a idealista e a materialista

DATA (Edição, Ano, Página)	AUTOR	TÍTULO
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 1)	s.n.	Não há antagonismo entre os EE.UU. e a URSS
	s.n.	As greves e o proletariado
	s.n.	As esquerdas e a U.D.N.
	s.n. (da revista <i>Newsweek</i> , de 23 abr. 1945)	As atrocidades nazistas contra os prisioneiros de guerra aliados: Os horrores dos campos de concentração
	s.n.	Sobre o discurso de Prestes...
	s.n.	Browder acusa!
	s.n.	Exposição Anti Integralista no Rio

4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 2)	s.n.	As atrocidades nazistas... (conclusão da 1a. p.)
	s.n.	Thaelmann, fuzilado pelos nazistas: Revelações de Blum a <i>Le Populaires</i>
	s.n.	A apreensão do dinheiro de Himmler
	s.n.	Uniram-se os comunistas e socialistas italianos
	s.n.	Libertado Americo Ghioldi
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 3)	MAFFEI, E. (para <i>Roteiro</i>)	Nos latifúndios da Amazônia
	s.n.	Clube de Cultura Popular
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 4)	s.n.	A conferência de Teresópolis (conclusão última p.)
	s.n.	Prestes fala à Nação... (conclusão da 7a. p.)
	s.n.	As greves e o proletariado (conclusão da 1a. p.)
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 5)	MANARINI, A, (p/ <i>Roteiro</i>)	Falange - O exército secreto do fascismo nas Américas
	s.n.	Moscou denuncia os métodos terroristas do governo Farrel contra os anti-fascistas
	STARETZ, S. (para <i>Roteiro</i>)	O Momento internacional: O caso da Polônia
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 6-7)	s.n.	Prestes fala à Nação: Pela unidade nacional e continental - Solução pacífica, unitária e progressista dos problemas vitais do Brasil
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 8)	s.n.	Ainda a posição de <i>Roteiro</i>
	GÓES, Fernando	Nota sobre um ensaio
	s.n.	O caso da Polônia (conclusão da p. 5)
	s.n.	O mundo jamais saberá o número exato de vidas humanas sacrificadas por ordem de Himmeler
	s.n.	Falange... (conclusão da p. 5)
	s.n.	O movimento unificador dos trabalhadores do Brasil pede a liberdade para os presos políticos argentinos
	s.n.	<i>Diretrizes</i> : Voltou à circulação no Rio de Janeiro, como jornal diário, essa publicação que ainda há pouco marcava uma época como semanário da imprensa periódica do país
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 9)	BAZARIAN, J (para <i>Roteiro</i>)	O renascimento da Armênia - Parte 2
	Comissão Promotora do Comício Luiz Carlos Prestes	Mensagem às classes rurais

4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 10)	BAZARIAN, J (para <i>Roteiro</i>)	O renascimento da Armênia (conclusão da página anterior)
	s.n.	Gigantesca manobra dos chineses para cercar o inimigo
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 11)	s.n.	As atrocidades nazistas... (conclusão da p. 2)
	s.n.	Os fascistas armênios agiam na América: Dia 28 de maio, data fascista armênia - Crimes nos Estados Unidos - Colaboração nazista dos “Dachnags”
	s.n.	Declarações do gal. Cadorna - Patriota italiano
	s.n.	<i>Folha Capixaba</i>
4 jun. 1945 (ed. 80, a. 7, p. 12)	s.n.	A conferência de Teresópolis: A carta econômica das classes produtoras do país abre novas perspectivas de progresso econômico e social para a nação dentro de uma autêntica democracia progressista
	s.n.	Toledano acusa Padilha

DATA (Edição, Ano, Página)	AUTOR	TÍTULO
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 1)	s.n.	“A situação política na Argentina perturba a marcha da democracia na América Latina e a unidade continental” - Entrevista com Lívio Samal
	s.n.	Periscópio: Os direitos paraguaios e o G.O.C. - As forças progressistas e a reação na Bolívia
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 2)	A.S. [Arnaldo Serroni]	Pelos comitês populares
	s.n.	Reivindicam seus direitos as enfermeiras da F.E.B.
	s.n.	Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT): Setor profissional dos jornalistas
	s.n.	Aprovam as reivindicações da Armênia Soviética
	s.n.	Grã-Bretanha e EUA reconhecem governo de Varsóvia
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 3)	s.n.	Organizado o programa de recepção à Força Expedicionária Brasileira
	s.n.	A constituição do novo governo polonês
	SERRONI, Arnaldo	A polarização das forças políticas
	SCHMIDT, Afonso (para <i>Roteiro</i>)	Prestes em São Paulo
11 jul. 1945	s.n.	“A situação política da Argentina...” (conclusão 1a. p.)

(ed. 85, a. 7, p. 4)	s.n.	A constituição do novo governo polonês da união nacional (conclusão da 3a. p.)
	s.n.	Periscópio (conclusão da 1a. p.): As esquerdas no Japão
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 5)	s.n.	Presente e futuro da América Latina
	STARETZ, S. (para <i>Roteiro</i>)	O momento internacional: O comunicado do governo polonês de Londres
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 6)	BAZARIAN, J. (especial para <i>Roteiro</i>)	Pancetti - O pintor do povo
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 7)	s.n.	Uma patriótica mensagem de 260 oficiais da FEB à L.D.N.
	s.n.	Nomeado o dr. Mário Guastini para a diretoria do D.E.I.
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 8)	s.n.	O momento internacional (conclusão da 5a. p.)
	s.n.	Presente e futuro da América Latina (conclusão 5a. p.)
	PRIETO, R. (especial para <i>Roteiro</i>)	O elemento dinâmico da política de unidade nacional
	s.n.	Conferência para resolver a questão de Tânger
	s.n.	Reeleito para a presidência da Cooperativa Agrícola de Cotia o sr. Manuel Ferraz de Almeida
	s.n.	Pablo Neruda virá a S. Paulo no dia 15
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 9)	TEIXEIRA, Flório Alves (para <i>Roteiro</i>)	Jorge Amado e a literatura nacional
	s.n.	Inauguradas as conferências do “Comitê Democrático dos Jornalistas”: Falou o sr. Agildo Barata sobre “Luiz Carlos Prestes, a paz e a unidade nacional”
	s.n.	Notícias dos estados: Bahia
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 10)	s.n.	Música: A pianista brasileira Volfganga Sucupira de volta da Argentina
	s.n.	Clube de Cultura Popular “Euclides da Cunha”, de Porto Alegre
	s.n.	O novo gabinete norueguês (conclusão da última p.)
	s.n.	Do alistamento às urnas: Instruções para obter título
11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 11)	s.n.	Tribuna livre
	s.n.	Fundado na zona soviética Partido Cristão-Democrático
	s.n.	Jorge Amado e a literatura nacional (conclusão 9a. p.)
	s.n.	Clube de Cultura Popular “Euclides da Cunha”... (conclusão da 10a. p.)
	s.n.	Walt Whitman: Poeta da liberdade

11 jul. 1945 (ed. 85, a. 7, p. 12)	GUARNIERI, R. Camargo	Convite ao povo (poema de exaltação a Luiz Carlos Prestes)
	s.n.	O novo gabinete norueguês (conclusão da 10a. p.)
	s.n.	Pablo Neruda: Poeta do povo

11.4. Entrevistas

Serão transcritas, a seguir, seis entrevistas inéditas, além de uma parcialmente inédita, de pessoas de destaque no meio literário, livreiro e cultural brasileiro, sendo duas delas remanescentes do Grupo da Baruel (Maurício Loureiro Gama e José Bento Faria Ferraz). As entrevistas foram obtidas pela estudiosa e pesquisadora Luciana Gama, neta de Maurício Loureiro Gama, no final dos anos 1990, em meio a um estudo, acerca de livros e livreiros da capital paulista de antigamente, que tinha por objetivo habilitá-la ao início de um curso de pós-graduação. Essas entrevistas contém um material rico de informações do ambiente e da “vida literária”, nos termos de Brito Broca (1956), da São Paulo dos anos 1940 e dos períodos um pouco anterior e posterior.

Por nunca terem sido utilizadas e agora aqui dispostas, essas entrevistas deslindam para o leitor toda uma configuração de pessoas e locais muito afins do Grupo da Baruel, com laços eminentemente culturais. No decorrer das entrevistas, veem-se pessoas com que os integrantes da Baruel travaram relações, passa-se por locais onde circularam, viram nascer ou vivenciaram os seus estertores: é um pouco do ambiente que eles frequentaram o que se apreende nesses depoimentos.²⁴²

Com o objetivo de facilitar a localização dos sebos e livrarias, destacar-se-á o nome dos empreendimentos.

²⁴² A entrevistadora doou as fitas cassete magnéticas com os áudios originais para esta pesquisa e autorizou a reprodução das informações.

11.4.1. Entrevista: Antonio Candido (inédita)

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 19 de maio de 1997.

Sempre tive atração pelos livros e o meu contato com eles começou na biblioteca de meus pais, desde que me entendo por gente. Meu pai era médico, mas tinha uma excelente biblioteca de humanidades, e minha mãe possuía os seus próprios livros, geralmente biografias de todo tipo e literatura francesa.

Meu pai começou a juntar livros em Campinas, de 1901 a 1903, quando era aluno do famoso Ginásio do Estado, o “Culto à Ciência”. Havia já a livraria **Genoud**, onde se abasteceu largamente dos 15 aos 18 anos. Depois foi estudar medicina no Rio e continuou a comprar livros, sobretudo nas livrarias **Garnier** e **Briguiet**. Formado, passou um ano na Europa e trouxe de lá muita coisa boa. Mais tarde estabeleceu relações com a **Livraria François Jarrin**, perto da Sorbonne, que mandava todos os meses um folheto com as novidades: *Les Livres du Mois*. Ele encomendava diretamente obras de medicina, filosofia, literatura, fazia facilmente o câmbio e assim podia estar em dia, estivesse onde estivesse, porque primeiro clinicou em Araguari, Minas, depois no Rio, depois em nossa cidade de Cássia e, finalmente, em Poços de Caldas, a partir de 1930. Quando fiquei mais crescido, devorava o folheto *Les Livres du Mois* e pedia a meu pai para encomendar alguns para mim.

*

A primeira livraria que conheci foi a da **Vanguarda**, de Cássia, no Sudoeste de Minas. Nela comprei a partir de 1925 livros infantis, revistas de cinema e, em 1928, o *Visconde de Brancaleone*. Era bem modesta, mas tinha as edições correntes, como as de Monteiro Lobato e da Companhia Editora Nacional, que meus pais compravam. Muitos desses livros estão hoje na Biblioteca Central da UNICAMP, com o carimbo oval: “Livraria, Papelaria e Tipografia d'A Vanguarda. Sebastião Cândido de Oliveira”.

Nos anos de 1920 e até a invasão avassaladora da TV, não era raro as pequenas cidades terem livrarias, algumas impressionantes, como a **Papel e Tinta**, de Catanduva, que conheci em meados dos anos de 1940. A de Cássia já não existe mais há cerca de meio século.

Grande acontecimento na minha bibliomania foi uma estada em Campinas no mês de setembro de 1927, para minha mãe fazer um tratamento dos olhos. Havia uma **Casa Mascote**, que vendia vitrolas, discos, brinquedos, presentes e livros. Nela comprei diversos volumes da Biblioteca Infantil, dirigida por Arnaldo Barreto para a Companhia Melhoramentos, que foi uma das alegrias da nossa infância. Compra sensacional foi a *d'Os três mosqueteiros*, que se tornou uma de minhas manias, junto com as narrativas romanceadas de história do Brasil, que meu pai comprava em suas viagens ou na livraria da **Vanguarda** e me dava: Paulo Setúbal, Gustavo Barroso, Viriato Correia, etc. Mas a maior experiência bibliográfica daquele tempo não esteve ligada a livrarias: foi *O Tesouro da Juventude*, 18 volumes que a Editora Jackson vendia diretamente a prestações e meu pai encomendou para os filhos.

Do fim de 1928 ao fim de 1929 passamos um ano na Europa, onde meu pai foi se aperfeiçoar. Em Paris nós o acompanhávamos nas suas andanças por livrarias. Lembro a enorme das **Presses Universitaires de France** e outras menores, como uma da Rua Scribe, onde comprou para mim uma seleção das memórias de Saint-Simon, uma biografia de Turenne e uma edição erudita das vidas de Demóstenes e Cícero, de Plutarco.

Naquela ocasião o meu acervo aumentou com cerca de duas dúzias de textos clássicos em pequenas edições escolares, e mais sete volumes de um curso de história para o secundário, que até hoje tenho e releio. Não foram comprados por meu pai nem a meu pedido, mas pela professora que nos dava aula três vezes por semana. Ela sabia, como meu pai, que vale a pena por na mão dos meninos obras que talvez não entendam no momento, mas são sementes que poderão frutificar no futuro.

Em 1930 fomos morar em Poços de Caldas, onde havia uma livraria excelente, a **Vida Social**, com obras francesas e inglesas, além das brasileiras de vários tipos. Poços era uma estação de águas na moda e recebia gente culta do Rio, de São Paulo, até de Buenos Aires, de modo que os livros tinham saída. Fiquei freguês constante, amigo do vendedor João Vilela, e fui formando a minha biblioteca, engrossada com volumes extraídos da de meus pais, nos quais punha arbitrariamente o meu nome... Nós tínhamos conta na **Vida Social** e meu pai era tolerante com as minhas compras. Nela comprei coisas como os grandes moralistas franceses em edições Garnier, autores ingleses modernos nas edições Tauchnitz, volumes da Brasiliana, literatura de ficção brasileira do momento etc, etc.

Jurandir Ferreira, eminente escritor de Poços que recentemente recebeu um prêmio literário importante com o romance *O ladrão de guarda-chuvas*, me contou que a origem dessa ótima livraria foi a **Agência Scalabrino**, de um italiano culto desse nome, republicano e antifascista, que a vendeu ao Dr. Cornélio Tavares Hovelaque, advogado, jornalista e professor que manteve a orientação inicial.

Assim foi que ainda adolescente tive a minha própria biblioteca, disposta em estantes que minha mãe mandou fazer de pinho envernizado, no escritório que arranhou para os três filhos.

*

Mas as minhas grandes aventuras com livrarias começaram em 1936, quando vim estudar em São Paulo. No centro velho havia a enorme **Universal**, que passou a chamar-se **Civilização Brasileira**, na Rua 15 de Novembro. Tinha estantes altíssimas, às quais se prendiam escadas, um mezanino e um porão atulhados de livros brasileiros e franceses. Na Rua Líbero Badaró ficava a **Livraria Teixeira**, especializada nos portugueses e em teatro. Na Rua São Bento, a **Annunziato**, que vendia livros americanos e ingleses, que podiam ser também comprados na **Livraria do Mappin Stores**, Praça do Patriarca. Em ambas comprei coisas preciosas. Na Rua Xavier de Toledo frequentei a **Bottega del Libro Italiano**, e no Largo Paissandu a **Livraria Transatlântica**, que durou pouco e foi substituída pela **Kosmos**, na recente Rua Marconi, ambas com maioria de obras em inglês e alemão, além de livros velhos. Na Rua 15 de Novembro se inaugurou no meu tempo a sucursal da **Freitas Bastos**, do Rio, muito bem instalada, e nela meu pai abriu uma conta para mim, com a recomendação de não exagerar nas compras... Por isso namorei lá longamente, sem comprar, a edição de Balzac, na *Plêiade*, em 10 volumes. Outra conta foi aberta na sucursal da **Livraria Genoud**, de Campinas, num 7º Andar da Rua Direita, importadora de livros franceses que acabou fechando por causa da guerra. Além disso, continuei comprando com a mesada e me vali dos crediários, que começavam a entrar na moda.

*

Caso especial é o da Livraria **Jaraguá**, fundada em 41 ou 42, não lembro bem, por Alfredo Mesquita e Roberto Meira na Rua Marconi (rua aberta em 1937). Ela tinha uma grande vitrina com pequena porta ao lado, abrindo para uma sala cheia de estantes e uma grande mesa no centro, mais duas poltronas num canto. Seguia o corredor largo e curto que dava para uma sala onde se podia por 4 mil réis tomar chá, café com leite ou chocolate,

acompanhados por excelentes bolos, biscoitos e sequilhos, tudo sob a supervisão de uma das irmãs de Alfredo.

A **Jaraguá** se tornou um ponto de encontro importante, no qual passavam, às vezes diariamente, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Lívio Xavier, nós do chamado “Grupo de Clima”, nome da revista imaginada por Alfredo e organizada por ele e Lourival Gomes Machado no começo de 1941. Estava lá parte do dia o pintor Clóvis Graciano, que fundou as edições Gaveta, assim denominadas porque o material respectivo era guardado na gaveta da tal mesa central. Editou poucos livros, requintados, de formato grande, inclusive *Poemas, sonetos e baladas*, de Vinícius de Moraes, que quando vinha a São Paulo frequentava a **Jaraguá**, como José Lins do Rego, Augusto Frederico Schmidt e outros do Rio. Por causa de Clóvis Graciano os pintores apareciam com frequência: Alfredo Volpi, Vittorio Gobbis, Reboló Gonzales, Paulo Rossi Osir, Aldo Bonadei. E também o moldureiro deles, Tércio, italiano pitoresco, resmungão e irreverente.

Houve tempo em que se encontravam lá todos os dias, no fim da manhã, Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Nonê (filho de Oswald de Andrade), o médico Osiris Magalhães, Luís Saia, o famoso Carlos Lacerda, que estava morando em São Paulo. Conversavam um pouco e iam almoçar umas fritadas no bar Columbia, na própria Rua Marconi. Certa vez compuseram de colaboração, cada um fazendo um verso, uma canção divertida, que começava assim: “Fez mais de um ano – que morreu Caetano, – Pobre baiano – De olhar senil”...

No fim de tarde costumava chegar Mário de Andrade, que trabalhava no Serviço de Patrimônio, ali perto. Na sala de chá, não na livraria, ia gente agranfinada, do tipo que gosta dos meios intelectuais e artísticos. A livraria era pouco sortida e valia mais como ponto de encontro. Eu a frequentei muito, inclusive porque foi gerente algum tempo o meu amigo Francisco Iglesias, que se tornaria um eminente historiador e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Lembro que comprei lá, em exemplares de segunda mão, muitas obras de Trotski e Lênin. Por falar, trabalhou lá na **Jaraguá** durante algum tempo Eric Czaskes, que mais tarde fundaria o grupo político radical Política Operária, a famosa POLOP.

A partir de certo momento os sobrinhos de Alfredo e seus amigos passaram a frequentar a livraria durante horas, todos os dias, e com isso foram causando o afastamento de muitos frequentadores, porque, apesar de simpáticos e divertidos, efetuaram uma verdadeira ocupação do espaço, mudando o teor do convívio. Um daqueles era um rapazinho gorducho, quieto e sério, sempre de cachimbo na boca – ninguém menos que o futuro grande artista

Artur Luiz Piza, que fez carreira na França e lá vive até hoje. Esses rapazes tornavam difícil a vida dos dois empregados da livraria, dona Olga e seu José. Certa vez trancaram este na vitrine e ele lá ficou angustiado, em exposição...

*

Mais adiante, nos anos 1940, foram fundadas algumas livrarias que frequentei e nas quais comprei muito livro. Foi o caso da **Pioneira**, de Ênio Guazelli e um Ernesto cujo sobrenome esqueci, o primeiro dos quais antigo empregado da **Annunziato**, onde se familiarizou com a bibliografia de língua inglesa, da qual a pioneira chegou a ser a representante mais completa de São Paulo, instalada numa das salas em edifício da Rua 15 de Novembro. Ali comprei e encomendei muito da crítica moderna da Inglaterra e dos Estados Unidos, bem como sociólogos, poetas e ficcionistas. Um cliente que aconselhava a livraria era Osmar Pimentel, intelectual de muito saber.

Durante alguns anos funcionou num andar da Praça da República a **Livraria SAL**, creio que sigla de Sociedade Amigos do Livro, fundada pelo otorrinolaringologista Hugo Ribeiro de Almeida para difundir autores católicos, sobretudo de língua francesa. Lá trabalhava a minha amiga Inah de Oliveira Ribeiro.

Mas quanto a livraria católica, a que mais frequentei e na qual mais livros comprei foi a **Duas Cidades**, fundada por José Petronilo de Santa Cruz, dominicano que acabou deixando o estado eclesiástico. Instalada primeiro num andar da Praça das Bandeiras, mais tarde na Rua Bento Freitas, era de orientação ligada à Igreja progressista, rica em literatura, linguística, filosofia, história, além de também ser editora, inclusive de três livros meus, dois de minha mulher e cinco de meu irmão Roberto.

A **Livraria Francesa**, na Rua Barão de Itapetininga, foi outra que frequentei muito, comprando e encomendando livros durante anos. Mas fui pouco à **Brasiliense**, na mesma rua, apesar de ser amigo do dono, Caio Prado Júnior. A sua inauguração, em 1944, foi um acontecimento, com a presença de intelectuais do Rio. A sede inicial foi na Rua Dom José de Barros. Desenvolveu muito a parte editorial.

Na mesma área frequentei a **Etaoim**, na Rua Bráulio Gomes, instalada com certo luxo, forte em livros de arte e bibliografia francesa, que não durou muito. Ainda na Bráulio Gomes havia a pequena **AGIR**, que, ao contrário, teve vida longa, com seu simpático gerente seu Moacir, mineiro tranquilo. Na Barão de Itapetininga, se bem me lembro no mesmo prédio, havia no rés do chão a **Livraria Italiana**, sucessora da **Bottega**, cujo fundo foi comprado pelo funcionário seu Francisco, e, na sobreloja, a **Parthenon**, dirigida por Álvaro Bittencourt,

excelente crítico musical de nossa revista *Clima*. Fora fundada por José Mindlin mais um sócio e começou na Vila Normanda, que ficava onde está hoje o Edifício Itália. Na **Parthenon**, especializada em livros franceses antigos e modernos, mas também outros (porque comprava bibliotecas), eu ia sempre. No começo dos 50 reunia-se lá todas as tardes um grupo de jovens intelectuais amigos de Álvaro e seus correligionários, entre os quais o atual presidente Fernando Henrique Cardoso.

Do outro lado do Viaduto do Chá fui frequentador assíduo da **Livraria Triângulo**, onde comprava sobretudo livros ingleses e alemães, e que em seguida mudou para uma galeria da Rua Barão de Itapetininga. Isso, sem falar de tantas outras que ia por acaso, mas às vezes me davam grandes emoções, como a pequena LER (creio que Livraria Editora Record), na Rua 15 de Novembro, onde encontrei em 1936, logo que cheguei a São Paulo, uma prateleira cheia de edições Garnier das obras de Cláudio Manuel da Costa e Silva Alvarenga, que eu ardia por conhecer. Ou certo dia em que comprei numa da Rua Senador Feijó o *In Memoriam* de Antero de Quental. Assim foi que, indo ao Rio em 1940, pude comprar na velha e ilustre **Garnier** alguns volumes que me faltavam dos “Estudos de Literatura Brasileira”, de José Veríssimo, editados no começo do século XX e ainda acessíveis facilmente àquela altura.

Havia, portanto, em São Paulo, uma rede de tentações para o amigo dos livros que eu era. Ela formava um sistema atraente que condicionava os itinerários e determinava os nossos passos, em caminhadas diárias que nos faziam penetrar nesse reino mágico, organizado pelos gerentes e vendedores, que íamos conhecendo e muitas vezes adotando como amigos: o empertigado seu Aristides Thomé e seu Hermínio, na **Freitas Bastos**. Na **Civilização**, seu Mário e o bom amigo Ariosto, de nome composto com os dos grandes épicos italianos: Torquato Dante Ariosto Martire. Na **Genoud** havia o cortês e eficiente José Luiz Passaglia. Na **Kosmos**, o taciturno Stefan e a linda Gerda, até hoje nossa amiga. De outros já falei, e todos formavam o corpo propício dos dispensadores de ópio que é, para os aficionados, a literatura. Não conheço os de agora, porque há muito tempo deixei de ir às livrarias, de modo que para mim elas significam sobretudo ecos do passado. As duas únicas que entro de vez em quando são a **Duas Cidades** e a sucursal da **Francesa** na Rua Atílio Innocenti, e nunca mais entrei num sebo. Mas estes são um capítulo à parte.

*

Custei a frequentar os sebos. Minha mãe era imperiosa e eu seguia fielmente o que ela aconselhava. Uma das suas recomendações aos filhos era não entrar em sebos, porque não se

sabia em que mãos tinham andado os livros, talvez portadores de micróbios e, em todo o caso, pouco limpos. Só em 1943, quando estava preparando uma tese, fiquei frequentador assíduo de alguns, que naquele tempo eram incrivelmente ricos em livros hoje raríssimos. Destaco três: a **Livraria Popular**, na Praça João Mendes, verdadeiro mar de papel impresso; a **Brasil**, na Rua Benjamin Constant, de Mourão e Filho, o mais importante, pela qualidade do acervo e pelo cuidado em que o apresentavam: todos os livros eram encadernados e desinfetados. Era careira, mas valia a pena. Finalmente, o príncipe da espécie, Olyntho de Moura, em sua pequena mas notável **Livraria São Paulo**, num 8º Andar da Rua São Bento, do qual fui frequentador assíduo, inclusive porque fiquei amigo de Olyntho, que, mais do que alfarrabista, era um verdadeiro bibliógrafo e bibliófilo, senhor de biblioteca escolhida. Lá comprei mundos e fundos durante anos.

Quando comecei a frequentar os sebos, já estava em fase final o mais famoso, o **Gazeau**, na Praça da Sé. Nunca fui lá, mas um dia, vi exposta na entrada uma pilha de exemplares intactos do primeiro livro de Mário de Andrade, publicado com o pseudônimo Mário Sobral: *Há uma gota de sangue em cada poema*. Custava dez tostões, isto é, um cruzeiro, e comprei três. Hoje, fiquei sabendo que quando por acaso aparece, o que é quase impossível, custa mil reais.

Há muito tempo não vou a sebos, mas recebo catálogos e soube por um amigo que os frequenta que são pobres em comparação com os do nosso tempo, quando se encontrava praticamente tudo. Nos anos de 1940, querendo montar a bibliografia de uma tese, em pouco mais de um mês comprei o que precisava, livros do século XIX e começo do XX.

*

Durante quase toda a minha vida, a começar dos 9 ou 10 anos, o livro foi para mim mania, imã exercendo a mais forte atração. Disso decorreu a compulsão aquisitiva, a partir mais ou menos dos 12 anos e até depois dos 60. Se eu tivesse conversado todos os livros que comprei e ganhei, além dos que herdei dos meus pais, teria com certeza mais de 20.000 volumes, hoje reduzidos a 6 ou 7 mil, porque me tornei com orgulho e por velho projeto um doador, a instituições como a USP, a UNICAMP, a UNESP, a PUC-RJ, a Faculdade de Filosofia de Poços de Caldas, o Centro Cultural da minha cidade de Cássia. Como me formei no ensino público, como vivi e vivo dos dinheiros públicos, este é um modo modesto de retribuição. Só vendi livros uma vez, pouco mais de mil, à Universidade de Brasília, em 1963. Eram de sociologia e antropologia, quase todos os que tinha dessas especialidades.

Dos livros que tive e tenho, é claro que só li uma pequena parte. Um professor precisa ter à mão material para possíveis consultas no preparo de aulas e escritos, de modo que por vezes lemos apenas algumas páginas e isso justifica a compra. Mas, mais do que isso, há o problema do vício, a que aludi há pouco. Quem gosta de livro procede em parte por compulsão irresistível quando os compra. É como o amador de cigarro, bebida ou jogo. Quando era moço e vivia frequentemente apertado de finanças, cheguei a atrasar o pagamento do aluguel por dois ou três meses, a atrasar o cumprimento de obrigações, para comprar livro. Livros que nunca iria ler, mas no fundo constituíam uma esperança de leitura. Houvesse tempo...

A propósito, convém dizer que o comprador de livros, mesmo quando interessado apenas no conteúdo, como é o meu caso, tem alguma coisa do colecionador, que gosta do livro como objeto e quer sempre ampliar a coleção, como o que junta selos, louça, ovo de passarinho, miniaturas ou o que mais seja. Em todo grande leitor há um toque de fetichismo, que no meu caso se fixou em alguns tópicos. Marcel Proust, por exemplo. Tenho cerca de 500 volumes de obras dele ou sobre ele, embora só tenha lido uma parte. Mas procuro comprar tudo o que lhe diz respeito, porque, afinal de contas, vício é vício. No caso da leitura, “vício sem punição”, como disse Valéry Larbaud.

11.4.2. Entrevista com Décio de Almeida Prado (parcialmente inédita)

PRADO, Décio de Almeida. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998. Parcialmente reproduzida em *O Estado de S. Paulo*, a 15 de julho de 2001.

Eu morava, na infância, numa fazenda na atual cidade de São Joaquim da Barra, naquela época só São Joaquim. Uma fazenda, naquele momento, significava um grande isolamento porque, por exemplo, lá não tínhamos automóvel.

Quando usávamos automóvel era de praça, que vinha de São Joaquim; então, minha vida aos seis, sete anos era com meus irmãos e dois cachorros. Nós brincávamos entre nós com pouco contato com as outras coisas. Mas aí já havia um certo número de livros que eu não sei dizer de onde é que vieram, as livrarias em que foram comprados... Pertenciam à minha família.

Minha mãe tinha morrido, meu pai morava em São Paulo, ele era médico, e eu vivia com meus avós paternos e também no começo com duas tias que ainda não haviam casado,

depois se casaram... Então eu herdei um pouco os livros da família, livros que talvez tivessem sido das minhas tias...

Eu sei que havia livros de contos infantis, livros muito comuns naquela época, que eram *Histórias da Carochinha* e *Histórias da Baratinha*. Depois eu fiquei sabendo que o título é sinônimo porque “carocha”, em Portugal, é barata. Pois é, eu suponho que *Histórias da Carochinha* fosse um livro português, porque naquela ocasião era muito comum ter o livros editados em Portugal aqui no Brasil; o nosso número de editoras era pequeno.

Talvez a história da baratinha já fosse editada no Brasil.

Essas histórias a gente ouvia frequentemente também por meio de pajens, de empregadas. Esse foi, assim, meu primeiro contato com a literatura de ficção infantil. Eu ficava muito impressionado sobretudo com alguns contos, por exemplo, um conto que eu sei que é tradicional, de uma madrasta que mata a enteada, enterra e, depois, quando a madrasta passa por ali, a menina canta alguma coisa – o som sai pelos fios dos cabelos.

Outra história que também ficou muito gravada é a história de Genoveva de Brabant. Essa se passa na Europa e a mulher é também vítima de uma mentira; o marido vai batalhar longe, nas cruzadas decerto, ela fica sozinha com o filho e inventam que teve um caso com outra pessoa e o filho não é do marido. Então, quando ele volta, a mulher é desterrada para a floresta juntamente com o filho; os dois ficam abandonados lá...

Acho que essas duas histórias me impressionaram muito porque têm um ponto em comum: sempre ou a mulher, ou a criança, ou ambos são vítimas de injustiças e injustiças contra os mais fracos que não podem se defender. Mas, no fim, a verdade vem à tona em ambos os casos e aí se faz justiça. Mas, antes de ocorrer a justiça, se sofria bastante ouvindo essas histórias.

Eu devia ter cinco, seis anos, porque com sete anos eu já vim para São Paulo. Eu me lembro dessas histórias na fazenda mesmo, com livros de lá, livros que não eram meus, eram de uso comum, meu, dos meus irmãos. É interessante, porque naquela época... Hoje em dia as pessoas fazem questão de não contar coisas muito impressionantes para crianças. Naquela época não havia isso, nós ouvíamos coisas meio terríficas, as histórias da carochinha tinham frequentemente esse caráter, até mesmo sobrenatural.

Eu me lembro também de um livro, já um livro de adulto, mas que leram para mim, creio que foi minha avó quem leu, eu não tenho certeza, mas leu o capítulo final do famoso *Paulo e Virgínia*, que é um casal de namorados. É um romance francês do fim do século 18, o autor se chama Bernardin de Saint-Pierre. Eu nunca li o livro, mas eu sei mais ou menos como

é a história e a história tem um desfecho ultra dramático, porque eles estão separados e vão se reencontrar. Um dos dois, não me lembro ao certo, está voltando de navio, não sei se é ela ou se é ele que está no navio... Eu sei que um está em terra firme e o outro está a bordo do navio, e vão finalmente se encontrar e poder se casar. Os dois se amam muito. E o navio vai a fundo e termina dessa maneira.

É uma catástrofe muito trágica, pertencente ao romantismo. O romantismo tinha esse lado também dramático, trágico, mas eu me lembro de chorar copiosamente mesmo, mas as pessoas não achavam que havia mal nisso. De fato, pra mim, não fez mesmo mal, apenas desperta um pouco a sensibilidade.

Ao lado de contos infantis que eram contos populares, de origem lendária, houve também livros escritos especialmente para crianças por uma escritora, que escrevia em francês, mas ela tinha alguma ligação com a Rússia; não sei exatamente se era o marido dela é que era russo. Chamava-se Condessa de Ségur. Dela me lembro desses dois livros: *As meninas exemplares* e *Os desastres de Sofia*.

As meninas exemplares eram filhas do casal, um casal, pai e mãe que eram exemplares. As filhas também eram exemplares no sentido de que elas fazem tudo o que os adultos mandam; elas são bem comportadas, nunca fazem nada de errado e elas são propostas como modelo para as crianças da época; havia o contrário, *Os desastres de Sofia*, que hoje em dia é criticado, porque a Sofia exatamente não tinha mãe, acho, morava com as primas, aliás, prima dessas meninas exemplares e, ao contrário, não digo que fosse desastrosa, o título eu acho um pouco forte, mas ela faz várias coisas erradas e, quando ela faz coisas erradas, dá tudo errado e ela sofre as consequências.

Havia, então, um pouco aquela moral da época que era muito pouco compreensiva em relação aos casos mais excepcionais.

Eu tinha uma tia Sofia que, quando lia *Os desastres de Sofia*, chorava copiosamente. Provavelmente ela relacionava com ela mesma; como nós todos temos uma parte de desastre, ela achava que isso dizia respeito a ela. Eu me lembro desses livros na fazenda. Eu acho que esses livros eram lidos para mim; não eram livros que eu lia; talvez eu já estivesse lendo alguma coisinha, eu não sei.

Também havia contos infantis e muitos bons; havia um que até hoje se republica, que é o “Juca e Chico”, e havia outro que é “As aventuras do senhor Jacarandá”; os dois são traduzidos do alemão, depois mais tarde eu fiquei sabendo, são bons livros, livros famosos na Europa, que foram traduzidos para o português. Agora o “Juca e Chico” tem uma tradução

primorosa, porque a tradução em verso quem fez foi Olavo Bilac, de maneira que eu sabia de cor muitos desses versos; meu pai já havia lido na infância dele, já sabia de cor e nos contava, e nós lemos, depois os meus filhos leram e havia na família uma tradição em torno do “Juca e Chico” e do verso também.

Por esse lado, é ruim ter desaparecido o verso, porque o verso ajuda muito na memorização, porque tem um ritmo próprio, tem a rima, uma porção de coisas que ajudam, então até meu sobrinho, casado, sabe ainda de cor uma porção de trechos do “Juca e Chico”. “As aventuras do senhor Jacarandá” era também um livro traduzido do alemão, engraçado, muito espirituoso, ambos com gravuras.

A base desses livros era a gravura, eram muito bonitas porque eram da época, e a tradução d’*As Aventuras do senhor Jacarandá* também era engraçada, eu me lembro de algumas coisas que nós guardamos de memória, por exemplo: o Sr. Jacarandá se apaixona por uma moça e o livro só se refere à moça como o “objeto amado”. Isso ficou mais ou menos tradicional na família: quando há um namoro, nós perguntávamos quem era o “objeto amado”, era uma coisa espirituosa e virou única.

Agora já passo para a adolescência. Li muitos livros de adolescência. Alguns que eu encontrei em minha casa e outros que eu comprei já como adolescente. Aí começa um período de transição dos livros da casa para os livros comprados por mim.

Então eu li muito Júlio Verne. Entre os livros da casa eu me lembro do *Filhos do Capitão Grant* e *A ilha misteriosa*, que, aliás, me interessam muito, porque nos *Filhos do Capitão Grant* você vê pelo próprio que a infância tem uma importância muito grande. Eles estão à procura de alguém, através do mundo, viajando de navio, às vezes um naufrágio, uma série de perigos enfrentados, passam por essa ilha que é chamada Ilha Misteriosa, até perceber qual é o mistério da ilha. Isso eu li em livros que eram da minha tia Clotilde.

Tenho só um volume, infelizmente, que mais tarde pedia a ela, porque eu já morava em São Paulo, mas passava as férias na fazenda dessa minha tia, e lá eu lia esses livros. Esses livros são uma edição portuguesa mais ou menos grande, também com gravuras, e outros eu li numa edição moderna, pequena, de capa vermelha; me lembro principalmente de *Da terra à lua* e *A volta da lua*, e também muito do Alexandre Dumas, que é uma leitura típica da adolescência: *Os três mosqueteiros*, D’Artagnan, o herói... Os 20 anos depois, a continuação de *Os três mosqueteiros*, é a mesma história 20 anos depois.

A dama de Montsoreau é um livro também com que fiquei muito exaltado com a leitura, gostei demais do livro. É interessante porque, como todo livro do Alexandre Dumas,

em parte para adolescentes, mas também para adultos, é um livro fantasioso, de imaginação. O *A dama de Montsoreau* é um caso de adultério; ela é casada e há um jovem que esgrima muito bem, como o D'Artagnan, e que é muito corajoso; sei como é o nome dele, Bussy D'Amboise, que se apaixona por ela e eles têm um caso.

Depois esse rapaz é morto pelo marido da dama de Montsoreau, mas esse final é contra a vontade do leitor. Eu era menino mas, para mim, aquele adultério era a coisa mais normal do mundo. Alexandre Dumas era considerado leitura de juventude e outros livros que eu também li, como *A rainha Margot*, de que, aliás, há pouco tempo fizeram um filme francês.

Eu me lembro bem do personagem cômico que é o bobo da corte, que aliás existiu mesmo; o Alexandre Dumas aproveitava as personagens históricas e as punha em seus livros; a rainha Margot também existiu e ela também enganava o marido, tinha casos e a gente torcia para que o caso desse certo. Não havia nada de chocante nisso, não entrava aí um problema moral. Tem ainda um livro ainda desse período da rainha Margot que é mais ou menos Henrique IV, rainha Margot foi casada com o rei que depois se tornou Henrique IV.

Agora, li também na adolescência muitos livros de adultos, mas livros de adultos apropriados para a adolescência. Por exemplo, Júlio Diniz, que é um escritor português muito lido sobretudo pelas meninas, mas também pelos rapazes. Li *As pupilas do senhor reitor* e li *A morgadinha dos canaviais* na literatura portuguesa; foi isso que eu li.

Também li os modernos de grande sucesso popular, os livros de Paulo Setúbal, o *Marquesa de Santos* e *Príncipe de Nassau*. Li também nesse período livros portugueses já literários, era outro tipo de literatura, já mais elevada; aí li Aluísio Azevedo, *Casa de pensão*, *O cortiço*, *O coruja*... Aí eu já percebia bem o lado sexual desses livros, são livros naturalistas, o povo contando a sexualidade de uma maneira muito mais franca, isso estava de acordo exatamente com meu período de adolescência, quando você vai se interessando por esse tipo de assunto; e Macedo, *A moreninha*, que todo mundo lia.

Era uma leitura um pouco para moças, mas os rapazes também liam o Raul Pompéia, *O ateneu*; Coelho Neto, sobretudo *A conquista*, que meu pai gostava muito e comprou para mim. E eu não lia só os livros, meu pai, que também gostava muito de literatura, tinha uma série de revistas em casa que eu lia muito: *Revista do Brasil*, *Revista Brasileira de Livros Portugueses*, *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, tudo isso, num intervalo de um livro ou outro, eu consultava, via e acompanhava.

Nesse momento eu me torno muito amigo do Paulo Emílio Salles Gomes, que era meu colega de ginásio; nós fizemos cinco anos de ginásio juntos, entre 1929 e 1933. Ele gostava também muito de ler e cada um de nós acabou escolhendo um autor como predileto; isso fazia parte da adolescência, paixão pelo autor. O autor predileto pelo Paulo Emílio era Eça de Queiróz; naturalmente eu o lia também, sobretudo *Os Maias*, de que eu gostava muito, li e reli.

Mas o Paulo Emílio comprou as obras completas do Eça de Queiróz e comprava bustos de Eça de Queiróz, tinha uma série de bustos na casa dele, tudo isso em livrarias de influência portuguesa que ainda existiam e eu, ao contrário, realmente me dediquei mais a Machado de Assis, que foi minha grande admiração de juventude, em geral pela obra toda dele; também comprei todos os livros dele, fazia uma espécie de coleção. Foi esse o meu universo de leituras na infância e na juventude.

As livrarias eram todas no centro da cidade. Não era chamado “centro da cidade”, mas era chamado só “cidade” mesmo. “Eu vou para a cidade” queria dizer “Eu vou para o centro”, o centro velho, porque os bondes, quando saíam do centro, eles vinha com letreiro do bairro, vamos supor Higienópolis, e assim por diante; “Avenida” ia para a Avenida Paulista, e assim por diante; Vila Mariana, Pinheiros, cada bonde tinha o seu letreiro. Quando eles voltavam, como voltavam todos para o centro, eles vinha escrito só “Cidade” e, por isso, nós costumávamos dizer “vou à cidade”.

Essa “cidade” tem três centros no período em que eu a frequentei. No tempo do meu pai – isso eu conheço mais de conversa –, o centro da cidade era a Praça Antônio Prado, que é o início da Rua São João, no fim da Rua 15 de Novembro.

Quando eu comecei a ir à cidade por conta própria, nos meus 13, 14 anos – e a gente ia de bonde, não havia ônibus ainda –, o centro da cidade já tinha se deslocado para a Praça do Patriarca, em parte e também um pouco para o Largo São Francisco, por causa da Faculdade de Direito. Era o centro da juventude e, aliás, as duas praças são próximas uma da outra, só tem a Rua São Bento entre elas.

Entre a Praça do Patriarca e o Largo São Francisco, na Rua São Bento, ficava a Leitaria Campo Belo, que era a mais frequentada de São Paulo. Havia o hábito ainda de, às quatro e meia, cinco horas, se tomar ou café com leite ou chá. Na Campo Belo, então, todo mundo se encontrava, mas não era só a juventude. Eu me lembro de encontrar lá Oswald de Andrade. Escritores, adultos, frequentavam essa leitaria. Depois, no centro, foi construído o novo Viaduto do Chá, que liga a Praça do Patriarca à Praça Ramos de Azevedo e o centro

então passou para a Praça Ramos de Azevedo, isto é, em frente do Teatro Municipal, onde estão até hoje existe o Mappin.

Quando se marcava encontro na “cidade”, era junto do Mappin, todo mundo já sabia onde era. E também no Mappin as pessoas tomavam chá. Ainda era uma loja inglesa, chamava-se Mappin Stores. Na 2ª Grande Guerra foi comprada por brasileiros e aí passou a ser Casa Mappin. As livrarias eram um pouco perto desses três centros. Uma das mais antigas de que me lembro era a **Livraria Lealdade**, que eu não sei exatamente onde era, mas eu tenho a impressão de que era na Rua Boa Vista, perto da Praça São Bento.

Eu morava em Higienópolis, tomava o bonde, atravessava o centro e ia até lá para comprar livros e acho que foi lá que comprei os livros de Conan Doyle, Sherlock Holmes; eu ia lá e comprava um exemplar; toda semana eu recebia uma certa quantia em dinheiro, que era pequena, mas assim mesmo parte dessa quantia eu usava em livros.

Os livros custavam mais ou menos 6 mil réis, 8 mil réis. Eram livros antigos, mas estavam lá guardados. As livrarias tinham estoque, saíam poucas edições. Então não tinham coisas atuais, eram publicações já antigas, o que por um lado era vantajoso, porque você às vezes encontrava livros raros ainda não vendidos.

E sobretudo a **Livraria Teixeira**, ela teve três sedes: a primeira eu não sei exatamente, mas talvez seja ou na Praça Antônio Prado mesmo ou já na Avenida São João, lá na ladeira, naquela ladeira que vai dar na Líbero Badaró. Eu acho que era ali a primeira **Livraria Teixeira**; depois, ei me lembro bem, a segunda sede que conheci era na Rua Líbero Badaró perto da Avenida São João; já se chamava **Livraria Teixeira**, mas acho que quem tomava conta não era mais o Teixeira; eu me lembro que já neste momento eu estava lendo livros de teatro e eu vi assim ao rés do chão, 40, 50 livros de teatro, coisas antigas, e eu olhei e não me interessei por nenhum.

Passados uns meses eu fui de novo à livraria – eu percorria as livrarias sistematicamente – e tinham todos esses livros sido vendidos para Procópio Ferreira, que era um grande ator naquele momento, e que tinha uma grande biblioteca, só que eu acho que ele comprava um pouco aos metros!

Nesse momento eu já fazia teatro amador, enfim, tinha interesse pelo teatro, já assistia a peças, estava a par de coisas de teatro mas, depois, a **Livraria Teixeira** foi para a Rua Marconi e está até hoje lá. Hoje eu não sei, mas naquela época ainda era um centro de teatro, porque o dono da **Livraria Teixeira**, na época que eu frequentei, chamava-se Pontes, que era um sujeito apaixonado por teatro; tinha lá coleções de programas, peças manuscritas, uma

série de originais guardados. Eu ia lá em cima, tinha uma espécie de depósito cheio de coisas que não estavam nem à venda. Engraçado, porque havia ainda lá umas peças que eram vendidas da mesma maneira em eram vendidas em Lisboa.

Quando estive em Portugal, eu vi uma livraria de teatro que era assim: era para servir aos amadores e os amadores, por exemplo, iam lá, eram sete amadores, vamos supor, quatro homens, três mulheres; então eles procuravam, entre as peças, as peças para sete personagens... São peças curtas em geral... E aqui era a mesma coisa. Não sei se eles têm ainda, mas eles tinham, numa gaveta, ainda guardadas, essas coisas, isso era um amadorismo muito profissional, muito de acordo com as coisas que já haviam sido feitas muitos e muitos anos, sem dar muita importância ao texto, era mais a oportunidade do ator poder representar.

Na **Livraria Teixeira** eu comprei alguns textos de peças feitas pelo Leopoldo Fróes, que foi um grande ator brasileiro antes do Procópio Ferreira. Tenho essas peças inclusive com as indicações dos novos atores que ele apresentava, às vezes com desenho do cenário, ainda do espólio de Leopoldo Fróes, comprados na **Livraria Teixeira**. O Leopoldo já havia morrido, mas eu conhecia todo o pessoal que vendia livros. Nessas livrarias aonde você ia sempre, você acabava sendo naturalmente muito conhecido. Na **Livraria Teixeira** eu cheguei até a coisas modernas e já quando o centro da cidade era a Praça Ramos de Azevedo.

Voltando no tempo, as primeiras grandes livrarias que eu me lembro eram perto da Praça Antônio Prado, o centro era ainda a Praça Antônio Prado, depois a **Civilização Brasileira** também na 15 de Novembro, também próximo à Praça Antônio Prado que, como disse o Antonio Candido (em depoimento também reproduzido aqui, nesta pesquisa), era uma livraria enorme, completa, com livros colocados que subiam parede afora; usava-se a escada e até me lembro do nome de um dos vendedores que atendia a todas as pessoas interessadas em literatura, chamava-se Ariosto. Ele era uma pessoa conhecida, porque ele era o principal vendedor da **Livraria Civilização Brasileira**. Antonio Candido também deve se lembrar dele.

E também na Rua 15 de Novembro, e mais próximo à Praça da Sé, a **Livraria Freitas Bastos**, que era uma livraria também muito grande, de livros modernos, tinha tudo o que tinha sido publicado no Brasil aí já com uma outra disposição; havia também prateleiras nas paredes e havia muitas mesas, mesas grandes onde se colocavam os livros; você ia vendo as lombadas de maneira que se o livro interessava você pegava. É importante, porque você podendo pegar o livro, ajuda muito você a comprar.

Eu acho que pedir para o vendedor “quero tal livro” cria um certo laço, não digo obrigação, entre você e aquele livro que você pediu especialmente. Quando o livro está na mesa, não é assim. Você percorre todo aquele espaço e, se quiser, tira o livro, coloca de novo no lugar, fica uma escolha muito mais livre. Nesse sentido, melhor para o comprador.

Então, depois de examinado, se você escolhesse algum livro, você tirava esse livro do lugar, levava para o vendedor e o vendedor levava ao caixa; diferentemente da **Livraria Universal**, lá já era uma maneira mais moderna de ver o livro.

Havia poucos livros de teatro nas livrarias. Em geral, as edições de teatro são poucas, porque a crítica de teatro não era publicada naquela época e as peças teatrais vendem muito pouco, eu acho. Aliás, está certo vender pouco, porque o teatro não é para ser lido, é para ser visto, já interpretado pelos atores, que desenham melhor cada personagem. Pela ação, tornam claro qual é o enredo.

Você lê um romance e o autor conta tudo para você; na peça de teatro, o autor não conta, ele só dá as falas, o que as pessoas falam, mas o que está por trás das falas é desenvolvido pelos atores, pela encenação, de maneira que essas livrarias tinham bem poucos livros de teatro. Eu ia às livrarias não por causa do teatro, mas por causa da literatura em geral.

Na Livraria Universal havia livros em português e em francês. Na verdade, em todo esse período que eu estou descrevendo, eu comprava livros em português, porque eu não lia ainda em inglês ou francês, eu comecei a ler em outras línguas só mais tarde.

Agora eu passo para a juventude... É uma divisão um pouco artificial... Em 1936 eu entrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que era recém-criada. Ela tinha sido criada em 1934; eu sou da terceira turma da Faculdade de Filosofia. Eu fiz o curso de Filosofia e Ciências Sociais.

As aulas eram dadas em francês, a maioria dos professores tinham vindo da França, foram trazidos para poder começar a Faculdade de Filosofia. Aí eu aprendi francês na força; sabia um pouquinho, tinha estudado no ginásio, mas não dava para ler correntemente... Aí eu comecei a ter duas, três horas de aulas de francês por dia. Num instante você aprende, por um sistema de imersão na língua.

Também em 1941 eu viajei, estive dois meses, três meses e tanto nos Estados Unidos, com um grupo de alunos que foi frequentar a Universidade na Carolina do Norte – aí também desenvolvi o inglês. Até aqui são leituras generalizadas, um pouco literatura brasileira, um

pouco literatura portuguesa ou as traduções da literatura universal. A partir daí, ao contrário, já começo a ler alguns livros na língua original.

Eu os comprava na **Livraria Francesa**, na Rua Barão de Itapetininga. Durante o período da Faculdade de Filosofia, eu estava ali na Praça da República. Então, a **Livraria Francesa** era ao lado da faculdade e tinha um estoque imenso e se encontrava tudo lá. Não só se compravam livros, que estavam lá colocados nas paredes com escada, mas também podia se pedir um livro, uma revista francesa... Se você precisasse eles encomendavam, mandavam trazer.

Os livros italianos, já bem mais tarde, na velhice, eu comprava numa livraria que ficava numa espécie de travessa da Rua São Luís. Ali tem um lugar em que você entra. Depois, lá dentro, num lugar meio escondido, tem uma livraria italiana.

Quanto aos livros ingleses, no começo eu os comprava numa travessa da Barão de Itapetininga e, depois, em outra travessa da Avenida Barão de Itapetininga, que também tinha livros alemães.

De maneira que, já quando a cidade estava localizada em torno da Rua Barão de Itapetininga, eu comprava os livros exatamente ali. Quer dizer, há uma relação muito grande entre o desenvolvimento da cidade e o desenvolvimento da leitura.

O sebo mais antigo que eu frequentei – o Antonio Candido já se referiu a ele – é o **Gazeau**. Ele disse que não o conheceu; eu o conheci, porque o Antonio Candido veio para São Paulo mais tarde. Eu, com 13 ou 14 anos, comecei a sair para comprar livros com Paulo Emílio Salles Gomes. Me lembro muito bem de nós dois indo ao **Gazeau**, que ficava na Praça da Sé, numa daquelas ruas que vão da Praça da Sé para o Largo São Francisco.

O **Gazeau** não era “um” sebo, era “o” sebo da cidade de São Paulo. Era um sebo imenso, um porão... Você descia e lá embaixo havia salas e mais salas cheias de livros. Bastante em desordem, porque nem dava para por tudo em ordem, seria muito trabalhoso. Então o dono contava mais que as pessoas descessem e escolhessem.

Isso, por um lado, circunscrevia um pouco, você também não aguenta correr todos os sebos, que era uma coisa muito cansativa, olhando volume por volume. Na Gazeau a gente olhava um por um. Não tínhamos nenhum guia para ajudar a encontrar os livros. Mas, justamente por não haver guia, nós tínhamos o prazer de encontrar coisas inesperadas. De repente você podia encontrar uma primeira edição de um livro raro, que estava lá no meio dos outros, porque os donos não faziam essa distinção entre coisas raras e não raras. Eles compravam em quantidade e vendiam em quantidade.

O **Gazeau** era muito frequentado sobretudo por causa dos livros didáticos.

Hoje em dia já muitas edições de livros didáticos e esses didáticos são renovados por rapidez. Às vezes, até as escolas pedem, como nos casos dos meus netos, que se compre a última edição, a edição do ano; há todo um comércio em torno do livro didático. Naquela época não era assim, a gente usava livros didáticos por muito tempo, alguns eram editados em Portugal e eram livros antigos.

Eu me lembro de um livro de física de um autor chamado Nobre. Você tinha toda física ali, mas sem nenhum didatismo. Eram os livros que os professores indicavam. Havia livros de medicina, por exemplo, livros de anatomia, livros raros, raros porque eram antigos, livros grandes, e as pessoas compravam para fazer exame vestibular, depois vendiam. O **Gazeau** comprava e vendia, comprava e vendia.

Era barato, era tudo barato... A base do sebo era exatamente que ele pagava pouco e vendia por pouco também, de maneira que, no começo do ano havia todo pessoal que entrava no ginásio e ia lá comprar livro.

Também perto da Praça da Sé havia um sebo a que Antonio Candido já se refere e se chamava **Livraria Brasil**, esse era na Rua Benjamin Constant, entre a Praça da Sé e o Largo São Francisco. Esses sebos eram todos ali perto do Largo São Francisco, porque o Largo São Francisco tinha os professores e os alunos de Direito, então até hoje lá tem uma série de sebos em torno do Largo São Francisco. Perto do Fórum também, que é também no centro da cidade. É um meio que é propício aos livros jurídicos. Só que a **Livraria Azul**, como o Antonio Candido fala, é, ao contrário, exatamente o oposto do **Gazeau**: eram livros raros, primeiras edições, livros muito bem encadernados, clássicos franceses. Eu tenho até hoje livros de Racine, uma edição bonita, antiga; aí já é um pouco de bibliofilia, de você querer comprar um livro porque já está fazendo uma biblioteca que tem um certo sentido e de acordo também com as suas leituras do momento.

E ali, ainda na Benjamin Constant, onde deve estar até hoje, tem o **Ornabi**, que também cresceu muito, começou com uma loja na rua e depois eles compraram os andares superiores. E eu me lembro, porque eu me dava com o dono, era um português; aliás, lá eu comprei uma coleção de teatro. Havia aqui uma pessoa muito interessada em teatro, comprou uma série de peças brasileiras, algumas raras, raríssimas mesmo, do século 19, começo do século 20. Ele tinha uma biblioteca de teatro; depois ele vendeu toda a biblioteca dele para o **Ornabi**. Eu fui lá muitas vezes, comprei muitos livros de teatro lá...

Não posso esquecer de citar outro sebo, mas de alta qualidade. Digo isso porque a palavra sebo está um pouco ligada ao **Gazeau**, livros sebentos, lugar sebento, enquanto a **Livraria Brasil** já não era sebo... Assim, já tendo como centro da cidade a Praça Ramos de Azevedo, na Barão de Itapetininga havia uma livraria de usados muito fina, a **Parthenon**.

Um dos donos da **Parthenon** era o José Mindlin, o maior bibliófilo do Brasil; ele não só tinha livros, como os vendia. Quem tomava conta, que também era um dos donos, era o Álvaro Bittencourt, que fez parte da revista *Clima*, na qual nós todos começamos. Ele fazia crítica de música e era um dos donos da **Parthenon**.

Havia muitos livros franceses na **Parthenon** porque, quando acabou a guerra, naturalmente havia muito pouco dinheiro na França e eles foram para a França e compraram uma quantidade enorme de clássicos franceses, depois venderam.

Eram excelentes edições, muito bem encadernadas; também era um sebo, mas de livros de qualidade.

Todas as livrarias eu visitava sistematicamente pelo menos uma vez por semana. Foi um hábito que adquiri com 12, 13 anos e com a amizade com Paulo Emílio. Era esse o nosso passeio.

Em 1935 Paulo Emílio passou 14 meses preso, aí eu ia sozinho. Depois ele foi libertado e foi para a Europa; então eu passei a ir sozinho, mas é um hábito que eu adquiri em parte com ele.

Também havia uma livraria que foi muito importante, mas já moderna, uma livraria na Rua Maria Antônia, perto da Faculdade de Filosofia, e essa livraria era muito boa, sobretudo de livros recentes ingleses e americanos, mas trazia as coisas mais modernas.

O dono, não era ele que tomava conta, chamava-se Omar Guazelli. Era uma pessoa que lia muito, estava a par de tudo, de maneira que a orientação da livraria era boa e ali se vendia muito livro, porque tinha a Faculdade de Filosofia perto, na Rua Maria Antônia, e tinha também, na Rua Itambé, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

Havia então dois centros universitários. Quando essas duas faculdades mudaram-se, saíram de lá e ficou só o Mackenzie, a livraria acabou porque o pessoal do Mackenzie não comprava livros, entende? É uma coisa engraçada, não é? Era a livraria mais próspera de São Paulo, a que mais vendia livros, recebia e vendia, recebia e vendia, porque tinha um público ali preso... Eu achava que eram as três escolas, a Faculdade de Filosofia, o Mackenzie e a Arquitetura e Urbanismo, mas realmente, quando ficou só o Mackenzie a livraria rapidamente acabou e fechou.

O Alfredo Mesquita, que era um dos fundadores da revista *Clima* e do nosso grupo de amigos, montou a **Livraria Jaraguá**, na Rua Marconi, porque o jornal O Estado de S. Paulo tinha sido tomado da família Mesquita, ficou cinco anos fora da posse da família, cuja renda de seus integrantes até então vinha só do jornal.

Então, para poder compensar parte dessa perda, o Alfredo abriu a **Livraria Jaraguá**, que o Antonio Candido frequentava. Era muito frequentada pelos escritores de fora, pelos escritores de São Paulo também: Mário de Andrade, Oswald de Andrade. Nós também íamos muito lá. Era um ponto de encontro que, até mesmo, tinha uma sala de chá. As pessoas iam muito lá, depois começaram a ir menos, porque havia os sobrinhos do Alfredo que faziam um algazarra muito grande, uma série de brincadeiras... Eles tomavam conta inteiramente da livraria e prejudicou até a casa de chá também, porque para chegar à casa de chá você tinha que atravessar a sala onde estavam os sobrinhos do Alfredo.

O Alfredo até esteve na Europa e voltou. Ele encontrou uma coisa escrita que ele colocou na livraria, sabe... “Para quem Deus não dá filhos, o diabo dá sobrinhos” (risos). Era divertido, era muito engraçado; você às vezes passava lá e dava muita risada, mas por outro lado prejudicou um pouco porque, imagine, um dos sobrinhos era o Carlão Mesquita, que era o Luís Carlos Mesquita, que morreu muito moço.

O Carlão esteve na Europa, era o sobrinho que mais frequentava a livraria. Quando voltou eles não fizeram mais do que festejar seu retorno à livraria com foguete e tal, sabe? E era no centro da cidade, a Rua Marconi era a rua mais chique de São Paulo, naquele momento, a que tinha as casas mais recentes, mais modernas de roupas, de tudo e de repente o pessoal dizendo: “O que foi isso?”. Aquele foguetório tremendo e tal, comemorando a chegada do Carlão à **Livraria Jaraguá**... Depois ela foi vendida para um português e virou uma livraria inteiramente nos moldes comerciais, sabe? Mas antes não, a **Jaraguá** tinha também livros escolhidos, finos...

A **Livraria Francesa**, por exemplo, era também um ponto de encontro porque na Barão de Itapetininga tinha uma confeitaria, a Vienense, que era ao lado, pertíssimo da **Livraria Francesa** e também era contato; senhoras que iam tomar chá de tarde; era um lugar mais chique. Nós íamos também porque estudávamos ali por perto; então a própria **Livraria Francesa** era um ponto de encontro e tinha uma porção de poltronas colocadas lá.

Tinha uma pessoa aqui em São Paulo que conhecia muito bem o francês, a literatura francesa, mas tinha muito pouco dinheiro e ia para a **Livraria Francesa** – isso me foi contado pelos donos da **Livraria Francesa** – e sentava numa cadeira. Houve livros que ele lia

inteirinho na livraria; ele ia lá, lia durante duas, três horas, colocava no lugar, voltava, tornava a ler, obviamente cuidando muito dos livros, mas ele passava a tarde lá.

Hoje aconteceu o seguinte: São Paulo está descentralizada. Naqueles três centros que eu falei, ali estavam todos os médicos, todos os advogados, todos os engenheiros, estavam todas as lojas, as livrarias, os teatros estavam lá, os cinemas. A vida cultural de São Paulo estava em torno desse centro que hoje em dia foi abandonado completamente, as pessoas nem sabem mais que existe esse centro antigo... Sabem assim, vagamente. Nós não, eu ainda percorro aquelas ruas todas.

Na minha infância o que mais pesava era o texto. Sou mais apegado ao texto, quer dizer, não sou bibliófilo no sentido de gostar de edições raras, eu sou mais de comprar para ler. Agora, naturalmente, comprei mais do que posso ler... Atualmente, faz uns dois, três anos que eu não compro mais livro. Eu tenho lido os livros que recebo, que eu continuo recebendo, livros que eu tenho e nunca li, ou então eu releio.

11.4.3. Entrevista com Fábio Lucas (inédita)

LUCAS, Fábio. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.

Luciana Gama – Sr. Fábio Lucas, me conta como é que foi o encontro do senhor com o livro.

Fábio Lucas – O livro? Olha, acho que desde cedo. Eu fui alfabetizado muito cedo. Eu fui alfabetizado aos cinco anos. Aos sete, por exemplo, eu já tomava conta de uma porteira, onde o meu pai tinha fazenda, quando as pessoas e passavam por lá (inaudível) e aos oito, nove anos, meu pai viajava, ele tinha um caminhão, e o caminhão, naquele tempo, com aquelas estradas, ele não chegava cedo, mas horas e horas da madrugada... pulava muito, aquelas coisas. Ele chegava de manhã, aí duas pessoas eram acordadas, minha mãe, que preparava a ceia (inaudível), e eu para ler as mensagens de guerra, para ele, eu lia as notícias de guerra para ele, então eu tinha cadernos para ler para ele. Então, essa escrita e a leitura, eu estava muito ligado, desde cedo. Depois eu fui para o internato, onde não havia nenhum estímulo para a leitura, ao contrário. Os livros eram alugados, geralmente eram trazidos de Santos, e se lia só no recreio, quer dizer, ao invés da pessoa ir para o recreio, ia ler, quando podia.

LG – Então quer dizer que o encontro com a literatura foi grande, quando encontrou?

FL – É, mas aí a gente comprava livros, tinha um comércio qualquer secreto e lá a gente comprava livros e lia escondido. Então eu li *O Ateneu*, por exemplo, que era outro internato... Eu li *O Ateneu* nessas condições. Mas a Livraria, tinha o seguinte, por exemplo: eu comprei o primeiro livro de contos do Graciliano Ramos. O nosso internato era no centro de Belo Horizonte, e na hora depois do almoço a gente ia, em grupo de três, nomeava-se um chefe e a gente dava um passeio pelo centro da cidade. Aí a gente comprava sorvete, essas coisas, quando tinha algum dinheiro. E meu pai me dava a quantidade de dinheiro para as merendas, então eu deixava de merendar e ia guardando o dinheiro para comprar o livro. Eu vi uma vez o livro *Insônia*, do Graciliano. Na minha ingenuidade eu achei que o livro que estava na vitrine era o único. Então eu peguei esse livro, certa vez, e o escondi atrás dos outros, e fui juntando dinheiro. Quando deu o preço aí eu fui lá e mostrei para o caixeiro “- Olha, tem um livro ali”, e comprei.

LG – O sr. não lembra o nome dessa livraria?

FL – Sim, eu lembro. Era **Pax**, paz, em latim.

LG – **Livraria Pax**... E aí o sr. tomou gosto pela leitura?

FL – É, então eu lia, forçando, saltando as proibições, tudo isso, entende? Agora, na minha os meus irmãos liam, certo? Tínhamos quatro irmãos (inaudível). E aí, também havia certo estímulo, a gente se conversando sempre...

LG – E a escrita, como é que foi?

FL – Bom, a escrita, no colégio, o diretor, que era pai do Otto Lara Rezende, o colégio era de orientação extremamente religiosa, que beirava ao fascismo, sabe? Ele tinha grande admiração pelo Integralismo, essas coisas todas. Mas ele achava, ele tinha qualquer coisa, ele achava que eu escrevia bem. Embora, nesse colégio, nesse momento, eu tinha até más notas. Eu tinha melhores notas em matemática, física, química, do que em português. Mas os professores achavam, um professor achava que eu ia ser escritor e o diretor dizia isso, o pai do Otto Lara Resende, que eu ia ser escritor.

LG – E quando é que o sr. encontrou a crítica, a crítica literária?

FL – Eu tinha, eu devia ter 17 anos. Eu mandei um artigo para um jornal lá (inaudível). Aí fiz. E nesse instante, para parecer erudito, eu citei uns versos de Shakespeare que eu sabia do colégio e tal. E eu passei a comentar o tema da morte. E o jornal publicou, e publicou com o meu nome completo: Fábio Lucas Gomes. Aí o diretor me falou: “- Tira o Gomes do seu nome, fica mais fácil decorar: Fábio Lucas”. Pronto, daí por diante... Eu tinha publicado em

revista infantil, coisa ou outra, mas aí passei... também lia muita revista infantil... e assinava uma revista religiosa, que era cheia de fotos (inaudível).

LG – E daí quando o artigo saiu, deu um incentivo grande, não é?

FL – É... a primeira coisa que eu fiz foi ir para a minha terra, perto de Belo Horizonte, para ver a repercussão, não é?

LG – Como é que chama a sua terra?

FL – Esmeraldas. Chamava antigamente Santa Quitéria, quando eu era menino. E aí eu fui lá para ver a repercussão (inaudível). Olha, escrevi num jornal. Aí eu vi um apanhado, não sabia o que era, tinha um apanhado assim de jornais, sabe? E ele disse: “- Olha, falaram para apanhar”.

LG – E quando é que o sr. conheceu o Eduardo Freiro?

FL – O Eduardo Freiro, o nome dele já andava... porque ele colaborava sempre e os jornais de Belo Horizonte eu lia. Mas pessoalmente, deve ser nessa fase que ele surgiu porque eu fiz uma revista, revista *Vocação*, e logo que eu entrei na faculdade, já com 18 anos eu entrei na faculdade e fiz concurso na prefeitura, passei a ter um emprego e o emprego financiava os meus estudos. E aí eu fiz a revista *Vocação*, e distribuía a revista, e aí eu conheci os escritores da terra, lá. O Luciano Martins, o Emílio Moura, os poetas, (inaudível), Henriqueta Lisboa, aí fomos conhecendo todos, porque você entra no bloco dos escritores e acaba conhecendo a raça toda de uma cidade, não é? Então, a gente sempre parava nas livrarias, que é o lugar onde as pessoas se encontram. Ali eu conheci muita gente, conheci os escritores. Ficávamos ali olhando, procurando o livro mais barato para comprar, liquidação, essas coisas... E havia livrarias muito boas. Havia uma livraria, chamada **Nicolai**, que ficava na avenida Afonso Pena, que era considerada uma das melhores livrarias do país. O que tinha de livros brasileiros e estrangeiros, era uma quantidade enorme. No mesmo quarteirão, na rua Rio de Janeiro, havia uma livraria da **Francisco Alves**, é ali que o grupo do Drummond se reunia para observar a abertura das caixas que vinham da Europa, eram muitos livros franceses. Eram: Abguar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Gabriel Passos, Gustavo Capanema, muito amigos. Na **Nicolai**, que eu frequentava muito, a gente encontrava todos os escritores que eram importantes em Belo Horizonte. Depois de *Vocação*, que nós lançamos em 1951, já formado – eu me formei em Direito em 53, em 1955 nós lançamos *Tendência*, que já era uma revista com caráter político, reivindicando uma literatura nacional, por uma vertente socialista, de vanguarda mas linha socialista. Nessa revista também, eu como diretor, fundador, com os dois companheiros.

LG – E como é que vocês faziam para editar uma revista?

FL – A vocação estava em nossos bolsos. Na *Tendência*, eu me tornei auxiliar do reitor da Universidade. E ele estava implantando a imprensa. Eu até que liberei as máquinas que vieram do exterior, no Rio de Janeiro. Montada a imprensa, então, do ponto de vista experimental, eu pedi licença ao reitor e fiz a revistas lá, porque não tinha livro nenhum para ser publicado ao menos naquela fase. E aí nós comprávamos papel e o resto era tudo feito.

LG – Era vontade mesmo de fazer, não é?

FL – É isso.

LG – O sr. lembrando dessas livrarias que o sr. falou, da **Francisco Alves**, da **Nicolai**, e pensando um pouco hoje em dia nas livrarias, o sr. acha que existe muita diferença?

FL – Existe uma diferença substancial. A livraria é uma espécie de templo que a gente ia... você entrava na livraria como você entra num parque de diversão: a gente ia ali para se divertir. Então ali você entrava sem nenhum apetite e saía sempre com um livro debaixo do braço, porque era motivado pelo que via. Além de tudo, ali você encontrava com pessoas famosas, com pessoas que você gostaria de conhecer etc. E a livraria exercia um... era uma espécie de ponto cultural que atraía as pessoas e as pessoas, ali, abasteciam o seu conteúdo cultural permanentemente. E como é uma coisa que se estende de pessoa a pessoa, não é mesmo? É contagiante. Uma pessoa levava outra e ao mesmo tempo as pessoas discutiam, formavam grupos, formavam revistas, então havia toda uma atração em torno do livro e da livraria. E havia também até uma espécie de pedagogia porque ao ler os livros você já ia aprendendo também a selecionar, a ver o que era mais refinado, o que era menos refinado, pelas discussões que os colegas, os escritores e as pessoas melhor formadas, melhor capacitadas, a gente tinha condições de entrar no íntimo daquilo que era considerado melhor etc., comprava livros mais requintados, não é? Eu acho que era uma verdadeira escola. Aquilo que a Universidade não dava para nós, a frequência da livraria dava. E, além do mais, havia um outro agente complementar, que eram os suplementos literários. Todos os jornais, e havia muitos jornais, e havia muitos jornais, em cada cidade do Brasil, todos os jornais tinham o seu suplemento literário e tinham colunas literárias. Durante a semana toda se falava em livros, então o livro era algo que distinguia as pessoas, era um processo até de mostrar refinamento a pessoa estar com o livro, viver com o livro, essa coisa toda. Havia toda uma publicidade com o tema do livro. Então quando a gente ia à livraria, a gente via livros que já tinham sido noticiados nos suplementos, que já tinham sido discutidos, envolvendo polêmicas, então o livro estava vivo na livraria, porque ele percorreu vários suplementos, ele foi objeto de muitas

análises, foi objeto de muita discussão, e as discussões de bar, de porta de livreria, tudo isso, porque se formavam grupos e estavam ali a discutir, conversar sobre o livro. Estava no auge o Modernismo (inaudível), havia muita gente ainda que contestava o Modernismo, tal, havia sempre aquele tom polêmico. Eu sai catando Mário de Andrade pelas livrerias, pelos sebos, essas coisas todas... Meu ingresso na literatura era muito influenciado pelo Modernismo. Hoje já não, eu olho com muita crítica o processo modernista mas devo a ele toda a dinâmica da minha formação na área da literatura. Por exemplo, tudo o que o Mário de Andrade experimentava eu queria conhecer, porque ele era um mestre nas minhas mãos. Eduardo Frieiro é um homem também que nos ensinou muito a ver a historiografia literária de um ponto de vista crítico, não é? Ver as obras do passado, as personagens do passado com um olhar mais penetrante, não é?

LG – O sr. conheceu o Antonio Candido em Belo Horizonte ou aqui em São Paulo?

FL – Em São Paulo. Ele nunca morou em Belo Horizonte, mas ele era muito amigo de algumas pessoas. Por exemplo, eu frequentei praticamente durante a minha vida toda o Emílio Moura, poeta admirável. E o Emílio era muito amigo do Antonio Candido (inaudível). Para ela eram duas pessoas acima de qualquer julgamento: Drummond e Antonio Candido. E Antonio Candido, pouco antes do Emílio morrer, dedicou os *Vários escritos* a Emílio Moura. Mas Emílio eu o conheci mais tarde do que o Antonio Candido, bem mais tarde. Então eu acho que a livreria era um centro cultural, as pessoas se encontravam na livreria para falar de livros, para adquirir os livros e para ver livros, ter! As vezes a gente estava sem dinheiro mas ia só para incrementar o apetite de ter o livro algum dia, era uma espécie de estímulo permanente à leitura, a visita à livreria.

LG – E quando o sr. chega a São Paulo esse hábito continua?

FL – Depois eu me tornei professor, e o livro então esteve sempre na minha prestação, não é? Para fazer tese, estudos... E a minha estante foi sempre crescendo, eu também me casei com uma ensaísta da melhor qualidade, ela inovou nos estudos literários, Maria Luíza Ramos, ela tem a *Fenomenologia da obra literária* que eu acho que é o principal livro de teoria literária escrito no Brasil até hoje. Então o livro estava sempre conosco e os presentes, as lembranças, era livro.

LG – Eu vejo uma diferença muito grande de uma pessoa que encontrava o Emílio Moura, encontrava o Eduardo Frieiro, saia um livro novo dessa pessoa, era seu amigo, abria o livro para você e fazia uma dedicatória. Eu vejo diferença nisso de hoje você comprar um livro

autografado, entendeu? Eu vejo uma diferença do autor do livro ser seu amigo e te fazer uma dedicatória com o coração, do que...

FL – Sim, essa parte era menos comercial, nos autógrafos. Faz parte, eu acho que também é uma forma de você humanizar o escritor, e o seu produto, você tendo o autógrafo do escritor, até do ponto de vista comercial, pode até valer mais no futuro, considerando que a pessoa se torne um nome famoso, não é, vale mais a obra autografada. E não é só no valor comercial, é o afetivo. Você ler um autor que você admira com a dedicatória é uma coisa também importante. Eu acho que isso faz parte do rito da circulação do livro. Antigamente, por exemplo, havia mais (inaudível) do que hoje, as tais edições numeradas, então você tinha um livro que era único, então há muita coisa assim na história do livro. E a livraria exerceu uma atividade cultural muito grande no processo de afluência de frequência das pessoas aos *campi* da cultura, não é? Às vezes você está (inaudível) literatura mas entra lá e vê um livro de Psicologia, vê um livro de Sociologia, vê um livro de Filosofia, e se interessa. Então você mesma é atraída para outro campo da cultura que não aquele que você estava procurando em primeira instância. Por isso que até hoje eu acho que muita gente zomba do consumo de certas faixas de livros não sei o que. Por exemplo: Paulo Coelho. Eu acho que a pessoa que lê o Paulo Coelho ela está predestinada a ler outra coisa. A não ser que seja um tolo, que vai ficar naquilo pro resto da vida, fazer daquilo uma mania, só ler Paulo Coelho etc. É bem possível que ele vá ler outros autores e depois cresça a ponto de escolher um autor morto. Eu por exemplo, quando era jovem, lia muitos livros que hoje não vou ler mais. Mas esses livros serviram... Livros de aventura, ou livros de sucesso de venda (inaudível)... a gente lia aqueles livros que eram mais de moda. Todo mundo falava: “- Olha, você deve ler isso”. Então a gente lia *O homem, esse desconhecido*, um livro que era produzido em todo lugar. Eu comprei aquele livro e li (inaudível).

LG – Você, hoje em dia, você exulta quando você vê um livro bonito? Você está numa livraria... você gosta?

FL – Ah sim. Gosto. E às vezes, quando alguém me dá um presente, um livro que eu estava querendo, um livro que eu não quis gastar o dinheiro para comprar, eu acho uma maravilha. Ocasionalmente os melhores amigos me dão livros (inaudível). Primeira vez que eu conheci o Valdemar ele me trouxe um livro. Sabe qual é o livro que ele me trouxe? Tinha saído, do Sérgio Buarque de Holanda, os *Capítulos de literatura colonial*, que o Antonio Candido preparou. Foram textos que o Sérgio deixou preparados, não tinha concluído até o maior deles

que era sobre o Cláudio Manuel da Costa etc. O livro saiu, e eu não tinha comprado. Um dia me chega aqui o Valdemar, e me traz esse livro... É verdade, esse presente é inesquecível.

LG – É engraçado, eu sempre vi que, se você vai numa livraria que vende livros novos, as pessoas vão sempre sozinhas, é uma coisa que eu reparo muito. Quando você vai em sebo, ou em casa de livros usados, as pessoas vão sempre acompanhadas. Isso é uma coisa que eu observei muito.

FL – No sábado, há oito dias, eu estava aqui de manhã, me telefonou o Flávio Andrade (?) e disse: “- Eu vou apanhar você e nós vamos lá no **Stockings** (?), em Higienópolis, na avenida Angélica e o Valdemar estará lá e depois nós vamos almoçar”. Eu achei um programão e foi. E além do mais, não só na Stockings eu ganhei um livro que eu estava procurando lá, como eu comprei um outro.

LG – Valdemar, Aristóteles, Garaldi me a ajudam muito, eles sabem que eu não tenho dinheiro para comprar livros. O Aristóteles me deu o Raimundo de Menezes, eu precisava daquele volume cinco, aquele que tem fotografias (inaudível) e do Eduardo de Moraes (?) que é difícilimo. Eu costumo frequentar os sebos, só para ir, e eu percebo que eles continuam tentando manter uma tradição e essa tradição ela continuava por causa do Valdemar. Agora não sei no Rio de Janeiro, ou se em Belo Horizonte, se há turmas de livros ainda, tirando as pessoas que colecionam, se os escritores continuam frequentando livrarias...

FL – Eu acho que sim, continuam. Agora, evidentemente, as livrarias nem sempre fornecem as estantes de obras que existia antigamente. Porque as livrarias tinham estoques, e hoje, dadas as pressões econômicas, o estoque diminui as estantes. A livraria quase não compra livros, só compra livros de venda certa.

LG – O que você acha que aconteceu com o livro? Com o leitor brasileiro? De qualquer área. O que aconteceu, ele parou de ler, foi a educação, foi o colégio?

FL – Não, os índices dizem que ele parou de ler. É que a faixa até aumentou, de leitores, só que, em termos relativos, ela diminuiu. Se numa época meio por cento de pessoas liam, hoje, nem meio por cento da população nacional lê. Quer dizer, pessoas que iam às livrarias comprar. Em termos relativos, mas em termos absolutos aumentou muito. As edições hoje são muito grandes. Antigamente as edições eram de 100, 200, 300 exemplares. É lógico que há alguma exceção, Monteiro Lobato conseguiu vender várias edições, grandes etc. Havia todo um marketing ali. Com o lançamento do Rui Barbosa, que era um gênio, tornou o livro procurado, disponível e admirado.

LG – E você gosta de livro raro?

FL – Eu gosto, eu gosto de tudo, do livro raro, e também do moderno, que acaba de sair, de assunto que me interessa, eu fico doido para ler. Eu até, às vezes evito ir à livraria...

LG – Você acha que o livro raro tem aquela aura que o Benjamin fala?

FL – A aura que o Benjamin fala eu acho que é diferente porque não representa o livro no contexto social de um modo geral. Quer dizer, o livro era irradiante, e as pessoas até paravam na rua para ver um escritor passar, passavam ao lado dele. As pessoas punham a mão até no coração, de tanto respeito pelo escritor. O que é mais ou menos o que acontece hoje em dia com os compositores da música popular, que as pessoas tremem na rua hoje de ver, endeusam o presente, não é? Houve uma época que a aura estava favorável ao escritor e o escritor representava esse papel, na humanidade, e ela surgia revestida de uma legenda muito forte. No nosso caso, ou no caso muito ocidental, moderno, essa aura desapareceu tanto que o (inaudível) disse que o escritor está em hibernação, o escritor não traz a multidão. Traz em episódios soltos de vendas em livrarias. Ser escritor... Se eu chegar numa terra e falar que sou escritor as vão até olhar com certa reserva assim, não é?

LG – Quer dizer, existe hoje em dia realmente uma diferença entre o escritor e o autor. Porque o autor é aquele que está com o nome na capa, e escritor era aquele que escrevia. Quer dizer, na idade média tinha essa diferenciação, hoje em dia acho que isso se perdeu um pouco.

FL – É, e havia aí um desalinho de eventos (inaudível). Cada lugar que eu parava (inaudível) “- Olha o autor”, e corria atrás dele, para ver, eu acho fantástico. O povo achava aquilo uma coisa incrível, muito importante. É curioso porque na nossa história, antigamente as conferências não tinham assim um tema muito objetivo, eram temas básicos, “ler”, “a primavera”, coisas assim... E o Coelho Neto veio fazendo conferências sobre os elementos: água, a terra, e a última era numa cidade onde iria falar sobre o fogo, acontece que o teatro incendiou (risos).

LG – Aqui em São Paulo, teve alguma livraria que o sr. frequentou mais?

FL – De um modo especial, a que eu mais frequentei foi a **Teixeira Bastos**...

LG – A **Livraria Teixeira**... O sr. conheceu a Lygia num evento na **Livraria Jaraguá**?

FL – É... (inaudível) Você tomava um avião... os aviões eram muito frágeis, não é? Então você entrava numa tempestade, às vezes você não podia descer, então eles procuravam outros lugares. E eu lembro que eu vinha de Belo Horizonte até Poços de Caldas com (inaudível), e descia em São Paulo (inaudível). Nós ganhamos uma permanência aqui em São Paulo, amanhecemos num hotel na avenida São João e a primeira coisa que fomos procurar ali por perto foi uma livraria. E entramos numa livraria realmente muito interessante, porque nós

ouvimos lá umas conversas, de um camarada fazendo propaganda dos conhecimentos dele e tal, e eu comprei nessa livraria uma edição dos poetas malditos franceses, numa edição feita aqui em São Paulo, acho que a editora se chamava Ipê, se não me engano, eu o tenho lá embaixo. Esses quadros que estão ali também foram comprados em uma livraria aqui em São Paulo.

LG – Quer dizer, a livraria, o conceito de livraria era fazer com que sua vida... é comum você ir a uma livraria, como é comum...

FL – Em qualquer país que eu chego, eu vou procurar uma boa livraria para ir. Nos Estados Unidos, aonde eu fui muitas vezes, a cidades diferentes, eu conhecia as livrarias todas (inaudível).

LG – É interessante que a livraria é lugar onde o leitor entra, antes de tudo. Porque você vai como leitor. Talvez você até entre como consumidor, mas você sai como leitor.

FL – Isso. A gente compra livro que não vai ler. Eu tenho muito esse hábito. Então quando há liquidação eu compro desesperadamente depois não abro os livros. Num dia que estiver chovendo assim e eu quero me dar um presente eu desço lá e abro, tenho livro fechados aí há cinco ou dez anos, vinte anos. Eu tenho setenta pacotes de livros aí embaixo, sem abrir (inaudível). A gente sempre acha que um dia vai ler aquele livro, e eu tenho aqui alguns milhares. Pode ser que eu não tenha tempo de ler todos eles, mas um dia um deles chega, e às vezes surge assim inesperadamente, inesperadamente alguém telefona, ou qualquer coisa e eu vou lá e encosto e pego o livro para folhear, na hora da interrupção.

LG – Mas as bibliotecas aqui em São Paulo estão muito pobres, de atendimento. Eu tenho ido muito à biblioteca Mário de Andrade, eu peço livros, leva 45-50 minutos, é desesperador o tempo que você espera pra...

FL – As livrarias também deixaram de ser atraentes por causa disso, elas são muito comercializadas hoje, e há todo um processo de divulgação do livro, e há certas livrarias, certos circuitos de livrarias, que só apresentam determinados livros, e aí a diversificação é menor, você não encontra um livro surpreendente lá, encontra aquilo que todas têm igual, não é? E o surpreendente não. Porque a gente frequenta o sebo, e a melhor coisa do sebo é você entrar sem saber, e de repente achar um livro sobre o qual você pensou muitas vezes na vida e nunca tinha visto. Aconteceu agora, sábado passado com dois livros que eu queria ter tido.

11.4.4. Entrevista com José Bento Faria Ferraz (inédita)

FERRAZ, José Bento Faria. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.

Luciana Gama – O senhor nasceu em São Paulo, nasceu onde?

José Bento Faria Ferraz – Luciana, antes de mais nada eu quero dizer uma coisa para você: livro é cachaça de mineiro. Eu sou mineiro, nasci em Pouso Alegre, na fronteira aí com o estado de São Paulo, eu sou da borda da mantiqueira. Nasci em 30 de outubro de 1912. Você imagina como é que eu estou mocinho, não é? Pertenci a uma família rural, como sói ser as tradicionais famílias mineiras, de Minas Gerais, e um dos meus antepassados ilustres que eu tive, foi o senador José Bento Ferreira de Melo, que foi senador do império, do tempo do império, que tomou parte daquela revolução liberal de 1842. Otávio de Faria tem um livro muito importante sobre os três golpes de estado, ele foi primeiro vigário colado da freguesia de Pouso Alegre. Ele era de Campanha-MG mas tomou ordens eclesiásticas em São Paulo com o bispo Dom Mateus, mais ou menos na primeira década do século 19. Foi para Minas e se meteu em política, liberal, Partido Liberal e foi deputado em Ouro Preto, depois foi deputado da corte do Rio de Janeiro por Minas Gerais. Voltando ele foi o primeiro vigário colado. Porque naquele tempo os vigários recebiam uma espécie de cargo vitalício, vigário colado da freguesia de Pouso Alegre. Então ele foi o primeiro vigário colado. Ele tinha família, a sobrinha dele de Campanha casou-se com o meu avô, que era do Paraná, daquela cidadezinha histórica do Paraná que se chamava Lapa, e ele vindo para São Paulo ele faz Direito, na Academia de São Paulo. Ele, boêmio como era, muito bom tocador de violão, foi para Minas Gerais, e não sei porque cargas d'água foi parar em Pouso Alegre, daí em Campanha e lá se enamorou da minha avó. E abandonou o curso de Direito e ficou por Minas Gerais mesmo. E dessa união começou brotar a minha família, a estirpe dos José Bentos, eu sou o terceiro José Bento. Já está no quinto José Bento, já. É uma dinastia dos José Bentos. Os meus netos chamam-se José Bento.

De modo que a minha mãe casou-se em Minas Gerais, lá em Pouso Alegre, e nós vivemos lá mais ou menos até 1920. Minha mãe herdou o gene artístico do meu avô tocador de violão, e ela tocava muito bem o violão por música, e até hoje o ideal dela é que eu seguisse música e fosse beato, fosse padre como meu tio, o senador José Bento. Então ela tinha duas paixões, eu sou filho único.

Meu pai falecendo em 1919 para 20, quinze dias depois dele falecido nós viemos para Jacareí, uma cidade no vale do Paraíba. E ficamos lá, meu padrinho, que também morreu

quatro anos depois, ele plantava arroz naquele vale do Paraíba ali, e comprou uma fazendinha em Santa Branca, mas quatro anos depois ele faleceu também. E minha mãe, meu pai já falecido, meu padrinho também falecido, ficaram duas senhoras solteiras em Jacareí numa penúria danada, vivendo de dar pensão para moços que trabalhavam numa cidade industrial que era Jacareí.

LG – O senhor estava com quantos anos, mais ou menos?

JBFF – Eu estava menino, eu estava com meus dez anos, mais ou menos. E Jacareí tivera no início do século um colégio famoso, Nogueira da Gama, que depois se transferiu para Guaratinguetá. E Jacareí, que era famosa pelas suas fábricas de meia, ficou só com o grupo escolar. E eu fiz só até o grupo escolar. Não tinha mais nada que fazer. As crianças mais abonadas, os pais mandavam para estudar fora, ou em Pindamonhangaba, onde tinha uma faculdade de Odontologia e Farmácia, ou iam para São Paulo, iam para (inaudível). Mas como eu não era abonado, então fiquei zanzando em Jacareí moleque, moleque de rua, não é? Minha mãe muito preocupada comigo. E em Jacareí havia por aquela época um refugiado de guerra, da primeira guerra mundial, um alemão, dr. Hansdorf, e ele encaminhava um pão, separando os jovens para os cursos superiores. Era um curso de vestibularzinho, não é? E minha mãe muito preocupada de eu ficar molecando na rua, com namoradinho essa coisa toda, me colocou na aula com esse professor alemão que me ensinou o gosto pela leitura e me ensinou um pouco de francês, um pouco de inglês e um pouco de alemão.

LG – Ali o senhor tomou gosto pela leitura.

JBFF – Ali começou a minha vida. Porque mineiro e livro, o livro é uma cachaça de mineiro, ambos formam uma unidade muito grande, unidade essa que dá a característica da nação mineira, vamos chamar assim. De modo que mineiro que não lê deve estar com o DNA deformado. O próprio Mário de Andrade diz, cientíssimo com seus versos, que Minas era fruta paulista. Eu concordo com ele que Minas era fruto paulista. Mas só que a fruta deu uma diferença em relação aos paulistas: enquanto o paulista é o grande desbravador, destruidor de mato, criador de cidades, o gerador, o meridiano das Tordesilhas, aquela coisa toda já da ação dos heróis, dos bandeirantes, Minas voltou-se para si mesmo, voltou-se para as montanhas e fez um mergulho em profundidade. Daí que está a diferença dos mineiros em relação aos paulistas, embora ele seja uma fruta paulista, mas é uma fruta que se interiorizou. Mineiro então gosta muito de meditar, de ler. Você não vê mineiro sem paixão de ler. Mineiro que não lê está com o DNA atrapalhado.

Eu vindo para São Paulo estudei dois anos em colégio interno, minha mãe conseguiu que eu ficasse dois anos em colégio interno para sonhar com a vocação eclesiástica, mas eu fiquei dois anos só e minha mãe lutando com muita dificuldade já não estava mais em Jacareí, isso foi em 1927 e 28. E eu vim umas férias para Jacareí e soube que ela já estava em São Paulo trabalhando, extraordinária, para sobreviver. Abriu uma pensão na rua da Liberdade, 215, em frente à igreja Metodista, no furor da Liberdade dali. Eu chegando em São Paulo, vendo a luta da minha mãe eu falei: “- Eu não vou voltar mais”. Então um fulano de Medicina falou: “- Olha aqui, nós estamos em janeiro, você se prepara rapidamente...”. Como eu já tinha dois anos de colégio interno, que me deu uma disciplina de viver muito grande, então... “- Você se prepara rapidamente, eu faço uma admissão aí, e no ginásio do estado de São Paulo...”. Então eu me preparei, perdi dois anos, e tirei o quarto lugar no exame de admissão aquela coisa toda, não é? Graças aos meus estudos, eu tivera antes latim, português, francês, alemão.

Eu queria chamar a atenção de você uma coisa muito curiosa, o que prova o quanto o ensino decaiu em São Paulo, eu sendo aluno do quarto ano escolar do grupo Coronel Oscar Porto, em Jacareí, não sei se por causa da primeira guerra mundial, aquela paixão que o Brasil tivera pela França, você sabe que no curso primário, no quarto ano, nós tínhamos francês? E no dia 14 de julho, isso que me comove, aquela criançada com o pé no chão, em pé, em posição de sentido, cantando a Marselhesa, *Allons enfants de la Patrie*, no grupo escolar, você já imaginou isso? Hoje, quem é que canta isso, nem universitário, não é mesmo!

LG – Nessa época o senhor continua gostando de música?

JBFF – Minha mãe então, sempre pensando em música, me colocou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

LG – Em que rua que era o prédio?

JBFF – O Conservatório? Na avenida São João, onde é que está, que existe um prédio caindo aos pedaços, em frente ao Correio, lá. O governo tombou, mas tombou mas não restaurou e está caindo aos pedaços lá. Lá que eu conheci Mário de Andrade.

LG – Foi seu professor.

JBFF – Ele foi meu professor quatro anos depois de que eu estava no Conservatório.

LG – E antes de entrar no Conservatório o senhor já gostava de ler.

JBFF – Gostava de ler. Porque lá no ginásio de São Paulo era um grande ginásio. Lá lecionava o Freitas Vale, o senador Freitas Vale, Veiga Miranda, Itapura de Miranda, olha

uma porção de gente famosa, sabe? O Raul Briquet, irmão do professor Briquet, eram docentes de primeira ordem.

LG – Nessa época, você costumava comprar livros?

JBFF – Como eu era menino pobre, não tinha muito sonhos de... Hoje as crianças, geralmente em época de férias, vão pra lá, vão pra casa, praia não sei o que... Eu fui conhecer o mar aos 33 anos de idade, você vê que eu não tinha condições de vida, então vivia, não tinha dinheiro para comprar livros. Então eu frequentava muito a Biblioteca do Estado de São Paulo, na antiga Praça dos Remédios, que hoje está incorporada à Praça Clóvis Beviláqua, antiga Praça João Mendes, igreja dos Remédios ao lado. Essa igreja dos Remédios está na Aclimação, foi reconstruída lá. E ao lado dessa igreja velha dos Remédios, que foi destruída, existia essa Biblioteca Pública do Estado. E lá que eu conheci o grande filólogo Otoniel Mota, que era o diretor da faculdade. Então, depois do ginásio, eu passei meu curso estudando na biblioteca, com livros empresados na biblioteca. E nas férias então eu emendava, das 8 da manhã ao meio dia, de meio dia até às 6, das 6 até às 10 da noite. Quando chegava dez pras 10, olhava para o salão assim, era um sobrado grande, não tinha ninguém, só eu. Aí alguém me batia assim nas costas: “- Dez minutos para fechar”. Eu saía com os olhos ardendo. Foi a fase mais feliz, mais rica da minha vida, porque eu lia de tudo.

LG – Lá você tomou gosto por o quê de ler assim, História...?

JBFF – Como eu já sabia o francês, bem, o inglês ainda eu capengava um pouco, mas o francês era uma canja, compreendeu? Então eu li os franceses quase todos, os clássicos então, latim? Era inevitável. Othello, essa coisa toda, era a minha paixão. De modo que, quando eu, entro no Conservatório quatro anos depois, eu conhecia já o Mário de 1928, aquele homenzarrão muito bem posto, muito bonito, que andava pelo centro de São Paulo por sinal. Eu não sabia quem era, era um professor, Mário de Andrade, mais um entre os outros que tinha né? E quando chegou na minha área, em 32 mais ou menos, eu fui aluno dele, 33, fui aluno dele só da música e estética. E nessas conversas com Mário, depois das aulas, porque eu conversava muito com ele, acho que ele passou a notar que eu tinha algum conhecimento a mais em relação aos outros meninos, às outras meninas, aquela coisa toda, não é? O Conservatório naquele tempo tinha mais meninas do que meninos. Tinha mais ou menos uns 100 homens, o resto era mulher, de modo que era uma beleza pra arrumar uma aventura, viu? Era mulher de tudo quanto era jeito, sabe? De modo que era um harém, viu. E eu ficava sempre batendo papo com o Mário, depois das aulas, das 7 às 8, batendo papo com ele, ficava ali conversando, conversando, conversando, contando as minhas desgraças, as minhas

penúrias. Eu vivia fazendo concurso pra poder trabalhar, fazia concurso para Correio, fazia concurso para isso, concurso pra aquilo, tudo oficial, mas não lia Diário Oficial, era aprovado e não tomava posse porque não sabia. Um dia um conselho de um amigo, no viaduto do Chá, e ele me olhou: “- Ué, você está por aqui, você não foi tomar posse?”. Eu falei: “- Que posse?”. “- Mas você foi nomeado escrivão da coletoria em Tambaú!”. Eu fiquei desolado, Tambaú, nem sabia onde era Tambaú. Então à noite eu falei para o Mário: “- Professor Mário, estou desolado porque eu to precisando de emprego, eu não tenho emprego, em passo em concurso, sou aprovado, mas não consigo tomar posse porque eu não leio o Diário Oficial. E agora fui nomeado para Tambaú. Como é que eu vou fazer, eu vou ter que deixar essa coisa que eu gosto em São Paulo, essa coisa de leitura e tudo?”. Ele não falou nada.

Dois meses depois ele me chama, antes da aula e diz: “- Sr. José Bento, o sr. não sai daqui correndo atrás das meninas não porque eu preciso falar com você”. Terminada a aula eu esperei, e naquele tempo havia acima do Conservatório o restaurante Carlino, então o Mário não tinha jantado e nós fomos os dois já. “- O sr. já jantou?”. Falei: “- Já!”, mentira, eu estava com uma fome desgraçada. Como é que eu teria jantado? Então ele enquanto tomava sua refeiçãozinha ele disse: “- Olha José Bento, eu estou precisando de uma pessoa que trabalhe pra mim. A minha irmã Lourdes, que tem sido durante todos esses anos a minha secretária e minha bibliotecária, vai se casar e eu preciso de alguém que cuide da minha vida porque eu não tenho tempo de cuidar dos meus livros, fazer as minhas coisas... você toparia trabalhar comigo?”.

Olha eu vou dizer uma coisa para você Luciana, me deu um descontrole emocional e eu fiz xixi na calça de tanto emocionado que eu fiquei. E ele falou: “- Mas não é pra já não, quando a minha irmã for se casar eu te aviso, aí você vai começar a trabalhar comigo”. Eu disse: “- Mas eu não entendo de biblioteca”. E ele: “- Você vai devagarzinho... não tem problema”. E começou minha vida assim.

LG – Aí ele foi te ensinando...

JBFF – Aí um dia ele me apresentou ao chefe de seção da Biblioteca Municipal, que não era onde está, era na rua 7 de Abril, e lá, então, ele me deu um livro para ler, aquela coisa toda, eu fui me inteirando da vida de bibliotecário. Mais tarde, já no Departamento de Cultura, o Mário criou uma Escola de Biblioteconomia e eu fui um dos alunos da primeira turma da Escola de Biblioteconomia. De modo que eu sou bibliotecário formado. A escola foi encampada pela Escola de Sociologia e Política, e ainda existe lá, está lá. E quando eu entrei na casa do Mário e vi a casa do Mário, na rua Lopes Chaves, quando eu vi aquela livraiada,

para mim foi um paraíso, eu me emocionava pelos livros todos. Já tinha vindo aquela herança minha atávica, meu atavismo, ele meu um livro, então a minha vida começou por aí, e dura até hoje, porque eu vivo pegado em dívida com livraria... essa é minha história de mineiro inveterado.

LG – E quando é que você começou a ter um dinheirinho para comprar os seus livros?

JBFF – Ah, minha filha, eu tinha três empregos, era uma loucura. Morei em vários lugares de São Paulo, morei no Largo da Pólvora, morei lá em Santo Amaro, morei ali em Vila Clementino, morei na rua das Perdizes, ali perto da rua Monte Alegre, Turiassú, morei na França Pinto, Vila Clementino também, morei na Vila Mariana também, na rua Tanajuba, se não me engano. Três empregos, era de manhã, de tarde e de noite. Fui bibliotecário do Sindicato dos Bancários durante dez anos. Trabalhava em vários lugares também. Trabalhava no (inaudível) na parte da manhã, na parte da tarde eu trabalhava no Departamento de Cultura, trabalhei com Mário de Andrade no Departamento de Cultura, trabalhei com Oneida Alvarenga na Discoteca Público Municipal, de modo que a minha vida foi um trabalho constante, até 50 mais ou menos. Em 50 eu fui para Ribeirão Preto como secretário na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, fiquei lá até 69 e em 69 voltei para São Paulo, mas sempre trabalhando, trabalhei no Conselho Estadual de Educação, trabalhei na secretaria inclusive foi um amigo meu o Paulo (Pompeu ?) muito meu amigo, médico, que eu conheci em Ribeirão, e ele não largava de mim. Me encaminhou muito para onde eu não iria politicamente eu ia atrás dele. Foi Secretário de Saúde, secretaria de Educação, Conselho Estadual, da UNICAMP. Em 69 fui para Santo André, ajudar a fundar a faculdade de Medicina lá, aquela coisa toda.

LG – O Zé me conta uma coisa, você lembra se frequentou a Casa Garraux, se tem alguma lembrança da Livraria Teixeira...

JBFF – Tenho, tenho sim... ah pera um bocadinho. Então você me pergunta das livrarias que eu conheci, dos livros que eu comprei. A primeira livraria que eu topei na minha vida foi o velho **Gazeau**, famosa tradição, amigo dos estudantes, amigo dos estudantes pobres, um judeu francês muito simpático, e era um mundo aquele porão dele lá embaixo, era uma loucura...

LG – E era onde?

JBFF – Praça da Sé, esquina com a... Senador Feijó, se não me engano. Foi uma pena ele morrer porque os filhos não se interessaram. Acho que não existe mais. A primeira livraria que eu topei na minha vida foi o velho **Gazeau**, agora conheci depois, Mário de Andrade

comprava muitos livros na **Livraria Civilização Brasileira**, onde havia um funcionário muito importante, chamado Ariosto, ele era esportista, um atleta, e essa livraria na década de 50 pegou fogo, era uma grande livraria. O Mário comprava muito lá.

LG – Quando pegou fogo acabou?

JBFF – Acabou, oh! Eu já estava em Ribeirão Preto, não sei mais o destino dela mas eu já estava em Ribeirão Preto. Uma livraria do tempo do sindicato dos bancários, eu trabalhei dez anos como bibliotecário lá, o sindicato comprava muitos livros na **Livraria do Povo**, na Praça João Mendes.

LG – Enorme...

JBFF – Os donos eram irmãos, eram dois irmãos que eram donos, um chamava-se Armando, o outro eu não me lembro mais o nome dele.

LG – E a compra Zé, era uma coisa fácil ou você achava que às vezes eles tentavam dar uma roubadinha... ou era uma coisa honesta?

JBFF – Na **Livraria Civilização Brasileira** o Ariosto era um sujeito sério, uma figura..., bom, mas quando eu era bibliotecário do Sindicato dos Bancários, eu sucedi dessa biblioteca muito boa aliás, ao Edgard Cavalheiro, agora, como o Edgard Cavalheiro não tinha muito tempo, depois ele deixou a direção da biblioteca porque foi trabalhar na Globo, era representante da Globo do Sul em São Paulo, não é, onde ele ficou até ele morrer, até ele falecer. E fui percebendo que a **Livraria do Povo** mandava muita porcaria então eu comecei a selecionar. Eu só ficava com o que passava por mim, compreendeu? Então, só comecei a adquirir obras muito boas, agora não sei que destino tomou isso tudo porque em 1951 eu fui para Ribeirão Preto e não sei mais, era muito boa a biblioteca, muito boa, consegui formar uma biblioteca boa, que o Edgard Cavalheiro já tinha formado. Deixando de lado as porcarias, que eu devolvia tudo. Agora uma livraria importante também, conheci, nas décadas que estava em São Paulo, o José Olympio iniciou a vida dele de livreiro na **Livraria Garraux**, na rua da Quitanda, foi isso. Eu conhecia essa livraria, pequena mas boa. Era pequena mas boa. E ali que eu conheci. Mas essa livraria durou pouco, e o José Olympio se transferiu para o Rio de Janeiro. Os irmãos do José Olympio, o Daniel e Olavo foram meus colegas no ginásio do Estado. De modo que se você os encontrar, o Olavo já faleceu, mas o Daniel está vivo, fala com ele em meu nome e ele vai se lembrar. E nunca mais o vi, compreendeu? Nunca mais o vi. Tinha uma livraria muito importante também em São Paulo que era a **Livraria Tupi**, de um judeu também, já falecido.

LG – Parece que tem bastante judeu que era dono de livraria...

JBFF – E tinha uma livraria muito importante também que era a livraria do livro italiano, do (Pouco Mazzuchi?), ali na Xavier de Toledo, um pouco pra cá do antigo prédio da Light, ali era a **Bodega Del' Libro Italiano**, uma coisa assim.

LG – Essa ninguém me falou não...

JBFF – É... o Pouco Mazzuchi(? inaudível), quando eu trabalhei no INANPS, mais ou menos há uns 10 anos atrás, uns 15 anos atrás, o Pouco(? inaudível) me procurou, ele já estava doente, ele precisou de qualquer coisa, alguma coisa que eu arranjei para ele lá, para consertar a vida dele, ele não estava bem de saúde. Mas o Pouco(?) era um sujeito muito bacana, Pouco Mazzuchi (?). A gente tem que se lembrar de um negócio de (inaudível), muito importante também para São Paulo. E uma livraria cujo dono eu senti muito a morte dele, e me dou muito com a filha dele, a **Livraria Calil**, a filha é a Maristela.

LG – O Mário, o sr. chegava a ir em alguma livraria receber a encomenda ou a coisa vinha pelo correio mesmo, os livros chegavam já pelo correio mesmo?

JBFF – O Mário além de eu comprar os livros para ele, ele recebia pelo correio muita coisa. Como ele era crítico literário e crítico musical, ele recebia muitas coisas. Ele recebia muita revista do exterior, não é?

LG – Outro dia eu estava lendo uma carta, acho que era para o Moacir Werneck, eu não estou lembrando direito para quem que era a carta, falando que, quando ele morresse, era para procurar num criado mudo dele, não sei que lado, que só você sabia onde estava.

JBFF – Essas cartas do Mário eu apareço várias vezes, meu nome Zé Bento, Zé Bento...

LG – Sim, falando que só você sabia, que caso ele não achasse era só procurar você que só você sabia onde estava... E eu não sei quem foi que me contou uma história, eu acho que foi você, e tinha uma estante, lá em cima, tinha uns livros embrulhados...

JBFF – Ah, fui eu... os livros de Oswald.

LG – Foi você que me contou essa história, não é? Você foi mexer e ele falou...

JBFF – E eu não sabia... naquele tempo, primeira vez que eu estava variando o ar, estava limpando, a minha vida era limpar os livros, era desinfetar...

LG – Como é que desinfetavam?

JBFF – Era uma receita que, naquele tempo não tinha essas coisas novas, antisséptico, então a gente tinha o (inaudível) de farmácia, era gasolina, cânfora, pó da Pérsia, que nem sei se existe mais o pó da Pérsia hoje, compreendeu? Acho que não. De modo que eu preparava no porão da casa do Mário, preparava lá a minha farmaciazinha e ficava página por página pincelando os livros, todas elas. E tinha certos livros que eram muito sujeitos a bicho, e São

Paulo, o clima muito úmido, na Barra Funda ainda, então sempre ficava de plantão, sempre tomando nota desses livros para ver se tinha uma recidiva de bicho de livro, não é? E tomava conta de todos esses livros. E no primeiro ano que eu fui trabalhar lá, subi na saleta do piano... hoje a casa do Mário de Andrade virou uma arrumação (inaudível) como outra qualquer, estragaram tudo, foi uma pena, foi um desastre, o que aconteceu, um desastre... E chegando lá, limpando, então eu vi lá no fundo, eu falei: “- Olha seu Mário, encontrei esses livros lá no fundo... Oswald de Andrade”. Ele disse: “- Deixa estar, não mexe não”. Eles foram muito amigos, não é? Mas, Oswald, maluco como ele era... Antonio Candido conhece bem o Oswald. E ele magoou muito o Mário, ele esparramava muita anedota contra o Mário, às vezes inventava coisa, ele não era muito sincero não. E o Mário então, resolveu, não jogou fora mas deixou lá, sabe, tirou do convívio, dos eleitos, compreendeu? Porque o Mário tinha uma paixão muito grande pelos livros dele, livros todos fichados... Quem pode dar um belo depoimento para você, não direto porque não conheceu o Mário, mas que conhece o Mário profundamente dado o ensino profundo, o instinto profundo que ela tem da obra do Mário é a Telê (Porto Ancona Lopez).

LG – Ele te ensinou a fazer as fichinhas também?

JBFF – Ele me ensinou a fazer certas coisas, era o arquivo dele, é muito bom, de modo que eu tenho muitos amigos no IEB. Um dia recebi da Telê, ela me deu um livro e eu fui agradecê-la. Eu cheguei em casa: “- Telê, recebi seu livro e chegando em casa abri o livro. Coisa que mais me emocionou foi a dedicatória que você me fez, porque eu sou amigo de vocês todos aí, mas eu ser mestre de vocês todos, isso jamais! Jamais serei mestre de vocês, imagina Telê!”. Ela, uma livre docente em Mário de Andrade, de modo que ela pode dar um depoimento muito bom, procure a Telê que ela pode dar um depoimento muito bom.

LG – Quando você chegou lá na casa do Mário, a Lourdes antes fazia isso de limpar os livros, então quem te ensinou a fazer a farmacinha, ela ou ele?

JBFF – Ah, isso eu já não sei mais... não saberia dizer a você, essa parte mecânica eu não saberia dizer. Eu sei que era umas latas de gasolina grandes assim...

LG – Mas você fazia isso todo dia?

JBFF – Não, era uma vez por ano, não é? Era muito livro, muita revista. Eu não tinha muito tempo porque além dessa parte toda do livro, eu tinha a parte de secretariado, não é? Fazer compras para ele, aquela coisa toda, bater à máquina os artigos dele, aquela coisa toda, não é minha filha? De modo que, a minha vida era intensa. Ia lá na parte da manhã, almoçava lá.

LG – E você dava umas limpadas nas estantes também, todos os dias?

JBFF – Ah tudo, completamente.

LG – Isso fez com que você apurasse o seu gosto por livros, não pelo conteúdo, mas pelo livro enquanto objeto.

JBFF – Fez, eu tenho um amor pelo livro que se eu não ler... que é uma loucura, não me deixa, olha... volta e meia eu tenho emperrengado em dívida, eu saio pra comprar três livros mas o dinheiro não dá, sabe uma loucura? É um problema muito sério.

LG – Você gosta de um livro autografado ou para você o que importa é o conteúdo?

JBFF – Eu não sou assim um bibliófilo, nem tenho, imagine, não sou um Mário de Andrade de paixão pelo livro, mas eu admiro muito o livro, pelo conteúdo do livro, pelo autor, aquela coisa toda.

LG – Você considera o Mário um bibliófilo?

JBFF – Ah, ele foi, além de um grande conhecedor de livros, ele foi bibliófilo. Em uma ocasião, conversando com o Mário, “seu Mário” para cá, “seu Mário” para lá, uma hora ela tava meio (inaudível) e: “- Para com esse negócio de seu Mário, Zé Bento. Me chama de Mário!”. E eu gostei. Para o seu Zé Bento é só Mário, eu gostei.

LG – O Mário gostava de todos os livros dele, não tinha um assim preferido, de objeto?

JBFF – Os livros, por ser bibliófilo, estão no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo) os livros todos, não é? Ele colecionava livros raros, livros de papel de seda, papel japonês, aquela coisa toda. Livros só mesmo para bibliófilos, não é? E ele se carteava com muita gente, não é? Na década de 20, não é? E sempre pendurado em dívida também, Mário foi uma pessoa pobre. Sempre pendurado em dívida. O encontro de Mário, em 1917, com o grande mineiro Alphonsus de Guimaraens em Mariana foi tocante, foi uma coisa extraordinária, ele chegando lá, indo visitar o grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, não é? E Alphonsus de Guimaraens escreve ao filho dele que era juiz não sei aonde, era advogado: “- Olhe, estive aqui um moço, o professor Mário de Andrade, conversamos muito, ele declamava versos de cor, umas belezas, meu, declamou os meus versos, uma pessoa muito interessante... Isso está nos depoimentos do Alphonsus de Guimaraens Filho, viu? O Mário foi uma pessoa extraordinária.

LG – Por ser um bibliófilo, ele é quem gosta de livro, ele não é só quem coleciona, não é?

JBFF – É o Plínio Doyle, o Plínio Doyle é um bibliófilo. O Rubens Borba de Moraes, que foi meu professor na Escola de Biblioteconomia também era um bibliófilo.

LG – Fale um pouco do Rubens Borba de Moraes. Como que o você lembra do Rubens Borba de Moraes, ele era alto, baixo? Ele e Mário eram amigos.

JBFF – O Rubens era extraordinário. O Rubens, engraçado, era Rubens Borba de Moraes, e o Mário, Mário Raul de Moraes. Então eu tenho a impressão de que eles foram parentes longe, primos primeiro ou segundo, primeiro grau não, segundo, terceiro grau, por aí, sabe? De modo que o Rubens tomou parte da Semana de Arte Moderna, não é? Tinha uma grande formação bibliotecária, conhecia o livro profundamente, não é? Eu acho o Rubens extraordinário. Muito amigo do Mindlin. Quem deve falar do Rubens para você é o Mindlin, que comprou a biblioteca do Rubens, na casa do Mindlin, tá lá. Você conhece a biblioteca do Mindlin? Conhece, não é? Naquela biblioteca lá. Você viu lá muita coisa do Rubens, tá?

LG – Quer dizer, conviver com essas pessoas todas, eu acredito que acabou deixando um senso estético, do livro, muito grande.

JBFF – Acabou! Acabou. E eu sendo mineiro, cultivando o livro, minha primeira cachaaça, então era aquela coisa, aquele atavismo mineiro, é nação mineira, não é? Mineiro mergulha nas coisas, não é? De modo que, para mim, viver sem livros, ter tudo isso aqui, isso tudo eu chamo de literatura (inaudível). Eu tenho um plano de biblioteconomia, que eu organizei uns dez filminhos, então, por exemplo, você tem aqui, essas pastas são de assuntos para o meu uso pessoal. Eu dividi a literatura em dez módulos, tá? Então o que eu vou lendo eu vou classificando de acordo com o que me interessa. Teoria Literária. Eu vou te mostrar Mário de Andrade.

LG – Nossa... você adora literatura... você não escreve uns poemas, Zé?

JBFF – Nunca escrevi porque eu sou membro da Academia Ribeirãopretana de Letras, não é, e de modo que... onde é que está Mário de Andrade... ah, está aqui: Mário de Andrade, o homem. Personalidade, isso, aquilo... valores culturais, isso aqui eu faço sozinho... o escritor, a obra. E tem ficha, porque não tenho condições de trabalhar com computador, não sei trabalhar no computador, não pertencço à essa geração, não sei! Eu não vou perder tempo em aprender porque demora muito e enquanto eu to olhando e procurando muito eu to fazendo outras coisas, não é? Isso é só o que eu fiz recentemente. Tem um monte mas ah... vou jogar fora...

LG – Ah não! Eu quero!

JBFF – Ah não, isso não vale nada. Me pediram, porque a Academia Ribeirãopretana faz 50 anos agora em outubro, me pediram uma colaboraçãozinha pequena, essas asinhas, querem fazer uma... leia para você ver.

LG – Vai mandar ainda?

JBFF – Já mandei. Já foram.

LG – Você e o Mário então nasceram perto um do outro, você nasceu 30 de outubro e o Mário...

JBFF – O Mário nasceu em 9.

LG – Esse aqui eu quero ler alto, pode?

JBFF – Magine, pode ler. Você quer que eu leia para você eu leio.

LG – Quero!

JBFF – Infância, para a Academia Ribeirãopretana de Letras, em seu cinquentenário de existência. Trens de minha infância na calada da noite apitando. Eles chegando, eu me evadindo. Nas madrugadas frias, úmidas de orvalho. Eles saindo, eu a mim retornando. Sonhos de criança, sementeiras de projetos. Por onde andaré o menino de sua mãe que já fui? Pasárgada? Terra sem males? Não sei, ninguém saberá. Sabiás da minha terra natal. Esse apito longínquo se perde nas dobras do tempo, acorda em mim sonhos sepultados em terra fria. Não apites mais, pelos céus, trens da minha infância. E nas paragens longínquas, de minha terra onde nasci, o espírito de Deus pairando sobre as águas do Mandu barrento.

LG – Parabéns, lindo! Lê muito bem, José Bento Faria Ferraz.

JBFF – Mas o Mário mandou alguma, não sei, (inaudível) saiu agora, tirei do envelope (inaudível).

LG – Ah, que lindo, você que fez?

JBFF – Isso é uma revista que saiu, e tem uma acho que eu mandei tirar um xerox para mim.

LG – O meu avô gosta muito de você. Meu avô adora encontrar com você, ele faz uma festa. Eu vou contar para ele que eu tive com você, ele vai adorar. Agora o Zé, você lembra coisas de livraria para mim, de você na livraria (inaudível). A gente teve esse primeiro encontro, não é? Então daqui para frente está aberto, conforme você tiver tempo e conforme você for lembrando de você nas livrarias, bobagem, às vezes como era quem te atendia, se te atendiam mal, se te atendiam bem...

JBFF – Não, normalmente atendiam bem, sim.

LG – Se sabiam quem você era...

JBFF – Ah, sabiam sim, na **Calil**... eu era muito amigo do Calil, do velho... velho não porque ele morreu moço.

LG – É mas, por exemplo, você é uma pessoa que, durante esses anos todos, você acha que você frequenta muito livraria?

JBFF – Ainda frequento, não são mais as livrarias...

LG – Por exemplo, você está aqui, ou antes, dez, vinte anos antes, você pensava assim: “- Hoje eu vou a uma livraria”. Você tinha esse pensamento: “- Hoje quero comprar um livro”?

JBFF – Ah, quando eu vou à livraria eu vou de caso pensado, porque eu fico alimentando essa ideia, vou alimentando e um dia me dá a louca, vejo minhas finanças como é que andam e vou e compro. Tenho três livros para comprar mas estou esperando. Mas você me assustou com o (alemão?) da **Santa Cruz**, viu, será?

LG – Telefona para o Antonio Candido. Eu não sei se ele morreu, eu até procurei no jornal...

JBFF – Ontem mesmo eu senti que ele não estava bem, tava com uma voz muito fininha, ele e a Maria Antônia que está, a Maria Antônia é que dirige lá, não é? Se ele falecer aquela coisa vai degradingolar.

LG – Agora você vai ficar sem esse?

JBFF – Eu tenho outro.

LG – Tem mesmo? Ah, que bom, gostei. Que bonito, hein.

JBFF – Olha, você tem que colher logo, logo essas memórias porque o pessoal tá morrendo, minha filha. O pessoal tá morrendo e os grandes...

LG – Foram ceifados né Zé. E ninguém fez antes de mim.

JBFF – Pois é, ninguém faz.

LG – Eu vi que ninguém fez, aí pensei: “- Agora vou fazer”. Agora eu to pegando o último trem, agora eu vou fazer. Porque eu esperei. Na época...

JBFF – Você está pegando o último trem... Não! Pegou o último trem.

LG – Esperei dez anos, eu tenho esse projeto há dez anos. Mas há dez anos eu era mais menina, eu fiquei com medo, não de mim, mas fiquei com medo de as pessoas não me ajudarem, a gente tem muita fantasia na cabeça quando a gente é menos maduro né?

JBFF – Lembro de uma vez ver você, faz dez anos, eu me lembro disso.

LG – Eu tinha vergonha de telefonar, pedir um depoimento, entendeu? Aí quando eu vi que passou dez anos e ninguém fez, pensei: “- Ah, alguém tem que fazer”.

JBFF – Você está na terceira agora é? Ai meu Deus do céu...

LG – Não, mas tem... Eu estou indo nos que eu considero bem importantes, não é? E ainda vou fazer todos os livreiros, eu vou pegar depoimento dos livreiros.

JBFF – Pega o do seu Luís, urgente viu?

LG – É né? Eu vou ver se eu consigo dele na semana que vem. Porque amanhã eu tenho o Fábio Lucas...

JBFF – O Fábio Lucas já é da geração nova, não é?

LG – Ele é, mas tem o Valdemar, que entrou no **Gazeau**, tem todo o Gazeau filmado lá.

JBFF – Quem?

LG – O Valdemar Torres, ele é comprador de livros. Ele lembra bem do Gazeau.

JBFF – Uma pessoa que você precisa fazer uma entrevista com ele é um livreiro famoso em São Paulo, é grã-fino, é da alta roda, não é? Ele tem a livraria ali perto da João Cachoeira, por ali. Está sempre em altas cavalarias, eu não sei quem é, eu não me lembro. Tem o **Brandão**. Vai falar com o **Brandão**.

LG – Eu preciso do velho **Brandão**, porque ele tem história para contar.

JBFF – Eu nunca vou lá, fui poucas vezes só.

LG – Ele não está mais lá, está velho. Está o filho dele.

JBFF – Não... são muito malcriados. Uma vez eu fui lá e não, não gostei. Nem sei mais onde é, é na Xavier de Toledo, ou na Consolação?

LG – Não, sabe a Biblioteca Mário de Andrade? É ali, dois quarteirões, só que agora parece que prédio é dele.

JBFF – Naquela rua de desce, assim? Pires de Andrade, ali?

LG – Eu passei lá por coincidência, eu estava saindo da biblioteca quando eu passei em frente eu vi a placa, **Livraria Brandão**.

JBFF – Você precisa procurar um livreiro, o **Jaime**, o **Jaime** tem uma livraria, um selo pequeno mas muito bom, ali na Rua Aurora, perto da Vieira de Carvalho ali, é coisa discreta, é o **Jaime**. Tem o **Messias**, também. E ali na confluência, descendo a Brigadeiro, Viaduto Dona Paulina tem um sebo grande assim, livros, tal coisa.

LG – Você lembra da Livraria Jaraguá?

JBFF – Ah, lembro, frequentei muito a **Livraria Jaraguá**. Eu trabalhava no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Luiz Saia, e a **Jaraguá** era ali na rua Marconi.

LG – E vocês iam no fim do expediente ou no meio?

JBFF – Ah, era uma livraria meio gran-fininha, não é? Porque era dos Mesquita, não é? A Jaraguá começou ali, quem frequentava muito, com a criação da Faculdade de Filosofia da USP, era muito frequentada pelo Antonio Candido, pelo Décio, pelo Lourival Gomes Machado, aquele pessoal todo, compreendeu? O Mário de Andrade frequentava a Jaraguá. E a Jaraguá tinha o chá, servia chá, tinha o chá do Mappin também, especificamente para as senhoras “granfas” que tomavam, as burguesas ricas, tomavam chá no Mappin, o chá das cinco.

LG – O Antonio Candido disse que o chá era muito caro.

JBFF – Agora a **Jaraguá**, o Alfredo Mesquita, muito meu amigo aliás, ele fez uma livraria muito interessante, muito selecionada, livraria de livros bons.

LG – Vendia o que, tudo? Livro de História?

JBFF – Não, não, aí é que está: livros bons, livros importados, livros bons. Como a **Duas Cidades**, uma livraria boa.

LG – Era grande a Livraria Jaraguá, desse tamanho aqui, maior?

JBFF – Não... pequena, eu não sei dizer para você. Era térrea. Mais ou menos daqui até o fim do corredor. Boa livraria.

LG – Tinha vitrine...

JBFF – Tinha... Ah, você precisa ir na **Livraria Teixeira**, o (inaudível) velho já morreu, mas tem ainda o velho guerreiro tá lá ainda, toma nota ainda.

LG – Vou tomar. Eu fui lá uma vez eles não quiseram me dar bola, faz mais ou menos um mês.

JBFF – Por causa da história, não é? A **Freitas Bastos**, outra grande livraria que acabou, não é? Ainda existe ou já acabou?

LG – Não, acho que acabou.

JBFF – Então a **Freitas Bastos**... essas daí que você tem que por, a **Freitas Bastos** já é mais recente, ela é da década de 60, por aí. A **Vozes**, também, mas é mais religiosa, não é?

LG – Ele está aí não é? Está há anos.

JBFF – É... não tem mais não. A do **Povo**, já falei. A **Kosmos**, o Pouco Mazzuchi (?)...

LG – Você saía do expediente e ia lá na Livraria Jaraguá... vocês iam dar uma conversada?

JBFF – Eu não me dava muito bem não com a **Jaraguá** porque eram meio grã-finos, entendeu? Eram intelectuais, aquela coisa toda.

LG – Mas o Antonio Candido falou mesmo, que eram bem grã-finos. Mas parece, Zé, que naquela época tem uma coisa que não tem hoje em dia: as pessoas se encontravam nas livrarias. Hoje em dia não tem mais isso. Quer dizer, você se lembra de encontrar gente na livraria.

JBFF – Naquele tempo também havia grupos de poesia, não é?

LG – Por que será?

JBFF – Essa vida moderna, e a globalização. A televisão é a pior praga que aconteceu nesse país de analfabetos, foi a televisão. E agora ninguém lê mais, não ser essas pessoas que estão na trigésima quinquagésima quer dizer... como é que chama esse moço dos grandes livros... (inaudível).

LG – Paulo Coelho?

JBFF – Isso não é literatura, pelo amor de Deus.

LG – Do que a gente está acostumado, não é né?

JBFF – Não é. Eu acho que não é literatura.

LG – Mas as livrarias também não são tão mais livrarias, a não ser **Duas Cidades**, uma ou outra.

JBFF – As livrarias de hoje não são mais tipo farmácias de antigamente, hoje são drogarias, *drugstores*. Não são mais, acabou. Você vai numa farmácia hoje, o velho farmacêutico... meu pai era farmacêutico em Minas, não é? Sabia de tudo, sabia fazer um parto, porque tinha que fazer parto, parto em casa, era parteira. Mas hoje (inaudível), acabou.

LG – Muito interessante essa comparação que você faz, por que as livrarias e as farmácias terminaram.

JBFF – Não sei, pode ser que exista, uma **Saraiva**...

LG – Não sei, aquele ambiente...

JBFF – Ah, aquele ambiente acabou! Não tem mais. Você vê não tem mais lugar para se sentar. Outro dia reclamei, eu fui numa drogaria aqui e: “- Você não tem uma cadeira para a gente sentar aqui porque...”. Drogaria não tem lugar para você sentar, você fica de pé.

LG – E antigamente tinha, tanto nas farmácias, o banquinho da farmácia... e as livrarias tinham também lugar para você sentar? O Gazeau tinha lugar para sentar?

JBFF – Tinham... livrarias boas tinham. O **Gazeau** não vou lembrar, assim não estou lembrado. Mas seria sentar para você folhear o livro, você se interessa. Porque você fica naquela, entra e sai, entra e sai, e paga lá, recebe acolá, isso é um inferno, não é? Televisão, minha filha, é o pior pecado que caiu sobre a sociedade moderna, é a televisão. Porque agora moços não leem mais, para eles prestarem o vestibular no fim do ano vem já o livro para o vestibular, quer dizer, resumo dos resumos, então... Não se penetra mais no Eça de Queirós, no *Primo Basílio*, naquela coisa, acabou.

11.4.5. Entrevista com José Mindlin (inédita)

MINDLIN, José. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.

Luciana Gama – Sr. José Mindlin, eu queria iniciar essa nossa conversa, se possível, se o senhor lembrar ou no meio da conversa, um pouco sobre o Rubens Borba, eu queria muito que tivesse alguma presença do Rubens Borba nos...

José Mindlin – Bom, era como um irmão mais velho, não é? Eu conheci o Rubens acho que na década de 40, até antes, porque ele era primo de uma cunhada minha, e a gente tinha assim... mas era um contato esporádico porque ele morava fora... quer dizer eu não conhecia o Rubens quando ele foi diretor da Biblioteca Municipal, só quando ele foi diretor da Nacional e depois ele foi, puxaram o tapete dele e ele foi convidado para (Roma? inaudível). Mas era um conhecedor de livros sobre o Brasil incomparável e nós ficamos muito amigos porque o interesse era de livros, a aplicação, e quando ele passou a morar em São Paulo voltando dos Estados Unidos e da Europa, nós tínhamos muito contato. Ele vinha muito aqui, eu ia à casa dele na rua Alagoas(?), tinha uma biblioteca boa. Mas além de conhecer livros raros sobre o Brasil, ele tinha uma pasta pequena que podia falar sobre qualquer assunto, lia muito, gostava de Proust (inaudível), e eu aprendi muita coisa com ele. E aí, às vezes, por exemplo, os livros da imprensa régia, tudo o que eu encontrava e que ele não tivesse, passava para ele. A única exceção foi *O patriota*, porque eu um dia recebi um catálogo de Oxford que tinha dois exemplares da coleção *O patriota*. Um custava 100 libras porque era uma encadernação antiga, e o outro 90 em encadernação moderna e ele achou caro. Uma coleção de *O patriota* por 90, 100 libras é muito barato. Então eu comprei, ele não comprou e quando chegou eu disse para ele: “- Bom, esta eu não vou passar para você por que você não teve porque não quis, não é?”. Depois eu consegui uma outra duplicata de *O patriota* e passei para ele. E ele acabou deixando a biblioteca dele para nós, ela está aqui em casa. Está como estava na casa dele. Mas antes disso, uma vez eu cheguei dos Estados Unidos, isso deve ter sido nos anos 60 e fui almoçar com ele e ele me disse que tinha vendido a biblioteca. “- Mas como?”, falei. “- Ah, eu vendi a biblioteca porque os grandes livros eu não vou poder ter mais”, ele já tinha tido o Debret, tinha vendido. “- Eu não vou poder mais ter os grandes livros de modo que eu resolvi vender os livros de história e viagens e conservar só imprensa régia, autores brasileiros do período colonial e (inaudível)”. Disse: “- Pombas, como é que você vende sem falar comigo, não é? Sem falar comigo?”. Ele disse: “- Eu não

poderia imaginar que você se interessasse”. E eu digo: “- Olha, interessar é claro que eu me interessar, eu não sei se eu poderia comprar, isso... Mas enfim, vamos ver”. Aí acabou o almoço, fomos olhar um pouco a biblioteca, eu não conhecia a biblioteca. E aí ele queria uma importância naquele momento, mas o resto podia pagar em quatro anos, era uma coisa assim, não era propriamente comercial, não é? Então eu digo: “- Bom, então vamos até a **Kosmos**, porque para eles avisarem lá nos Estados Unidos que o negócio não pode ser feito porque a biblioteca não pode sair do Brasil e, de castigo porque você não falou comigo, você paga metade da comissão da **Kosmos**”. Então assim é que foi feito. E ele disse: “- Olha, mas eu queria ter certeza de que ele queria mesmo vender, porque comprar livro de amigo é uma coisa muito delicada, depois você pode ficar arrependido”. Aí eu disse: “- Escute, eu vou à sua casa toda semana, de modo que eu vou continuar vivendo com a biblioteca”. Aí aconteceu uma coisa curiosa, quer dizer ele vendeu então uma parte... alguns eu tinha, outros não, mas realmente completou bem a biblioteca. E apareceu em São Paulo um exemplar da primeira edição do Staden e o **Calil** tinha comprado não sei por quanto e estava vendendo por 1200 dólares e o Rubens comprou. Aí passa um tempo, depois do negócio feito comigo, não é? Depois eu soube que ele tinha vendido esse exemplar por 4000 dólares. Aí eu mandei uma carta brava para ele. Eu digo: “- Escute, agora você ter vendido o Staden sem falar comigo, me parece que demonstra que você está arrependido da venda da biblioteca. De modo que a biblioteca está à sua disposição”. Aí ele me responde: “- Não, você está muito enganado, eu estou muito satisfeito de ter vendido a biblioteca, agora acontece que eu precisava de dinheiro e eu não podia vender para você por 4000 dólares uma coisa que eu tinha comprado por 1200. Eu só podia ter vendido por 1200”. Eu digo: “- Olha, isso é bobagem, você podia perfeitamente ter falado comigo mas, enfim, então tá, está explicado”. Foi a única vez que eu tive um problema de ficar zangado com ele.

LG – O senhor acha que é questão de dinheiro poder comprar livros mais antigos?

JM – Não, eu acho que a compra de livros é feita na base de gosto, de interesse e de conhecimento. Quem compra como investimento não é bibliófilo. Para investimento há coisas melhores até do que livros, e a minha experiência de vida é que a maior parte da biblioteca eu fiz com muita ginástica, eu não tinha...”.

LG – Eu li no seu livro.

JM – É... e isso demorou, mais tarde eu consegui ter mais facilidade mas são muito poucos, no Brasil eu realmente não conheço nenhum bibliófilo que seja rico para poder comprar livro com facilidade. E aliás eu acho que faz parte do prazer não ser fácil. Uma coisa que você

compra como qualquer outra coisa, não dá o mesmo prazer. É claro que facilita, se você tem o dinheiro, facilita. E eu tive aquela experiência da livraria **Parthenon** que eu conto no livro, e que era uma situação excepcional, eu estava com dinheiro no bolso para comprar livros. Então era um grande prazer, o problema foi depois na hora de vender, porque quando chegavam os pacotes da Europa era uma alegria pra gente. E quando se vendia a gente ficava triste, mas tínhamos obrigação moral de vender por causa do financiamento de um terceiro.

LG – Eu li no seu livro que no fim você acabou conseguindo recuperar alguns livros...

JM – Acabei, recuperei a maior parte dos póstumos, que passaram. Precisa haver um interesse...

LG – O que aconteceu, o senhor achou que a livraria fosse um...

JM – É, a ideia da livraria era a gente pescar num viveiro, uma oportunidade de ter mais facilidade de encontrar livros.

LG – E isso era consciente?

JM – Isto era, quer dizer, a gente via uma possibilidade, agora o que nós não paramos para pensar é que, o Claude Bloom (?), o meu sócio, quando ele me sugeriu fazer a livraria eu digo: “- Olha, a ideia é muito boa mas você não tem dinheiro, eu também não tenho, como é que vamos fazer esse negócio?”. Ele: “- Não, eu tenho um primo que quer por 500 contos”. Então já era muito dinheiro na época. Então nós tomamos emprestado 100 contos cada um e eu fui para Europa para comprar livros. Mas a gente tinha uma obrigação moral de vender por causa desse sócio. Então, a proporção de livros que a gente podia conservar para si pagando o custo, era pequena. Não se podia fazer isso.

LG – A casa era grande, era grande a casa?

JM – Era boa, bom mas a livraria era uma sala, menor do que esta. Era uma sala mais ou menos como da coluna para cá. Mas era um ambiente que era a biblioteca.

LG – Mas era bem selecionado.

JM – Era bem selecionado.

LG – Tinha mesa...

JM – Tinha uma mesa bonita, meu irmão tinha desenhado, tinha poltrona para a pessoa sentar... era um ambiente de biblioteca, não de livraria.

LG – E o senhor ficava lá o dia todo, não? O senhor estava trabalhando...

JM – Quem ficava lá o dia todo era a Marlise Meyer, não sei se você conhece a Marlise. Ela foi aqui professora na USP de Literatura Francesa e depois na Sorbonne de Literatura Brasileira, e se especializou em literatura popular, não é ? Ela tem trabalhos interessantes, e

ela era mocinha, estava terminando o curso e era também apaixonada por livros, ela é que ficava. E eu tinha o Fórum, e tinha o escritório de advocacia e tinha a livraria e saindo do Fórum eu corria os sebos de modo que a Guita costumava dizer que eu era a pessoa que tinha mais tinha lugares onde não ser encontrado, porque ela ligava e não me achava. Então com o Rubens a biblioteca veio para cá e passam-se uns anos, ele já morando em Bragança, o **Olyntho Moura** queria vender um lote de mil livros por cem mil cruzeiros, cem cruzeiros cada um. E tinha coisas muito boas. Então o Rubens deu as duplicatas, deu para mim, deu para o Fernando Galvão, que era outro amigo dele, e pôs alguns na **Kosmos** eu acho. E o **Olyntho** se danou com a história, como é que ele podia vender os livros dele? (Mas) os livros não eram dele. Enfim, brigou mesmo com o Rubens, ao ponto de eu um dia dizer ao **Olyntho**: “- Olha eu não quero ouvir essas histórias, eu sou amigo do Rubens. Acho que o senhor não tem razão. Se for para ouvir críticas ao Rubens eu não volto mais aqui”. Então, passou, pronto. Aí, o Rubens ficou com umas centenas de volumes e um dia lá em Bragança ele diz: “- Ah, eu vou vender esses livros”. Eu disse: “- Vai vender esses livros?”. Ele: “- É, eu vou porque para mim o livro com menos do que cem, cento e cinquenta anos, não compensa”. Eu disse: “- Bom, você quer mesmo vender, então eu vou comprar”. E os livros estão aí, não é?

LG – Agora das livrarias, o senhor se lembra? Da Parthenon a gente fala... o Décio fala muito da Parthenon.

JM – É?

LG – É.

JM – Bom, era um centro de atração como nunca houve em São Paulo, eram coisas bem selecionadas e a ideia era reunir bibliófilos ou gente que quisesse começar, de modo que acontecia muitas vezes, eu estando lá e vendo uma pessoa que queria mesmo formar uma boa biblioteca e pegava uma boa edição e eu dizia: “- Não, não compre isso. Para a sua biblioteca deve ser já uma edição melhor e tudo”, quer dizer, não havia aquele espírito comercial. Mas alguns foram comprando por entusiasmo mas sem muito critério. Naquela ocasião o **Oscar Paps(?)** que tinha tido uma livraria com o **José de Freitas**, na rua 15, e depois ele passou para a **Civilização**, esse era um espírito completamente desordenado, era boa pessoa mas, comprou livros da França desbragadamente. Então, quando as pessoas que compraram lá chegavam na **Parthenon** ficavam espantados, não é? Viam que era uma coisa completamente diferente. O **Freitas** tinha uma pequena livraria na rua Riachuelo, foi lá que eu comprei o primeiro livro antigo, foi o (*Le borsiere?*), que eu conto, no livro. E fiquei amigo do **Freitas** que depois abriu a livraria na rua 15 e depois ele morreu, faz muitos anos já. Mas eu conto aquele

história, se ele sabia que o primeiro livro antigo tinha sido das mãos dele, ele diz: “- Claro que me lembro”. Eu era menino de calça curta comprando livro.

LG – Daí o segundo livro que o senhor ganhou foi o...

JM – Foi o frei Vicente de Salvador, *História do Brasil*. Os sebos que eu frequentava naquela ocasião, no começo, quando eu me formei em 36, mas eu durante o curso eu, mesmo do ginásio eu corria livrarias, então havia a **Livraria Brasil** onde se instalou no porão a **Livraria Kosmos**. Começou no porão da **Livraria Brasil**, depois eles foram para a rua Marconi. Que era uma livraria, sempre foi uma livraria muito boa. A **Livraria Brasil** também, era uma livraria ótima. Havia a **Livraria Ipiranga**, que era também uma pequena livraria, o Luís, o português, era um moço, bastante ignorante mas que tinha uma, assim, um pique por crescer e hoje ele tem aquela livraria grande lá na rua Benjamin Constant, continua não é? Cresceu muito.

LG – É o Otávio?

JM – Luis Otávio, era a **Livraria Ipiranga** que passou depois a ser Otávio. Mas o Luís começou ali chegando há 50 anos, quase 60 anos, e hoje é quase impossível encontrá-lo. Eu tenho dificuldade porque quando é uma livraria que não tem preço marcado, eu fico atrapalhado porque eu chego, às vezes eu quero uma coisa que não tem uma raridade especial, não tem um valor especial. E eles acham que porque eu estou comprando deve ser muito raro.

LG – O Plínio Doyle falou para mim que, agora não, mas que ele já tinha arranjado muita briga por causa disso, que ele entrava na porta da livraria e os preços subiam.

JM – É, o que é um absurdo. Então eu não gosto de livraria que não tem o preço.

LG – Isso é muito importante. As boas livrarias têm os preços marcados, em geral marcam.

JM – Bom, depois houve o problema da inflação, então a coisa ficou difícil. E muitas livrarias tinham código, agora, a gente estuda o código e em pouco tempo sabe quando qual é o preço sem precisar perguntar.

LG – Alguns livros que o senhor comprou no Brasil, por exemplo em São Paulo ou no Rio de Janeiro, o livreiro ligava para o senhor para dizer que tinha encontrado, ou o senhor ia, visitava, acabava encontrando... rato de livraria?

JM – É... o **Gazeau**, por exemplo, o velho **Gazeau** na praça da Sé era uma mina... E ele tinha, não me lembro agora o código, mas eu conhecia o código. E a gente ia lá, o porão, era uma coisa meio em desordem, mas a gente encontrava muita coisa. Eu me lembro que comprei lá, eu devia ter uns quinze anos quando eu comprei o *Falenas* com dedicatória do Machado. Então as livrarias principais, livrarias de livros novos eram a **Livraria Alves**,

Melhoramentos, na Líbero Badaró e **Teixeira**, na rua Líbero Badaró, que foi sucessora do Magalhães, **Livraria Magalhães**. Essas na rua Líbero Badaró, **Lealdade** na rua Boa Vista e na rua Quinze a **Livraria Universal**, do Vale, e a **Garraux**, que era um... ela tinha livros, tinha perfumes, tinha vinhos, papelaria francesa...

LG – O senhor chegou a frequentar a Garraux?

JM – Frequentei bastante. O José Olympio era balconista da **Garraux**.

LG – O senhor lembra um pouco da Garraux, como é que era?

JM – Lembro, lembro, era uma coisa bem arrumada, era uma loja de luxo. A **Livraria Universal** do Vale era uma livraria como as outras grandes livrarias, mas a **Garraux** era diferente, realmente, as estantes bonitas. E a gente via aquelas garrafas de vinho. O Oscar Bressane era o gerente. O José Olympio era o segundo, que depois virou gerente e havia um rapaz lá, o Pedro Geraldo Costa, que depois entrou na política e fez aí uma espécie de Legião da Boa Vontade, já faz anos... Não era lá pessoa muito confiável. E havia a **Freitas Bastos** que poucas vezes tinha livros antigos e **Freitas Barros**. Eram as livrarias da rua Quinze. Na Benjamin Constant, era a **Livraria Brasil** e a **Ipiranga**, que é a atual **Ornabi** e o **Gazeau**, na esquina de Benjamin Constant e Praça da Sé. E depois um dos irmãos Gazeau se separou, é Gazeau não casou, não é? E resolveu abrir uma livraria na rua Senador Feijó, onde ele então trabalhou durante um tempo e tinha uma ajudante que era a dona Semira, Semira (Stucachi?). Do outro lado da Senador Feijó havia uma livraria de um **Del Picchia**, mas também tinha bons livros. De modo que eram essas principalmente as **Livrarias do Povo**, na praça João Mendes e **Livraria Odeon**, na praça da Sé à esquerda de quem desce, entre a João Mendes e Senador Feijó.

LG – E o senhor percorria isso tudo?

JM – Sim, e aí que eu vi aquela história dos preços. Aquilo foi uma coisa gostosa sim, que eu conto no livro.

LG – Você sabe que do livro inteiro foi a coisa que mais me chamou a atenção, porque eu achei tão inteligente, eu falei: “- Puxa ele tinha talento mesmo, e ele era garoto quase, e ele resolveu o problema da falta de dinheiro, foi uma solução genial”.

JM – Eu era garoto, é... É, eu levava o livro, eu chegava com o livro para o livreiro e dizia: “- Olha, venda, eu não quero ver dinheiro”. Então para ele era um alto negócio, porque tinha a comissão e depois pagava pelo preço de venda dele, ele já tinha lucro. Então atendia bem aos três lados. Aquilo durou bastante tempo.

LG – Eu achei tão inteligente, você tinha uma vontade enorme, eu fiquei encantada. Quando eu era menina, o senhor não deve ter conhecido mas ele tinha uma livraria chamava **Padaria Espiritual...**

JM – Ah, sim, do Péricles.

LG – Então, o Péricles me dava livros, eu ia lá e ficava horas lá dentro. O Péricles me deu tanto livro nessa vida... Depois ele acabou morrendo, não é?

JM – Eu me dava bem com o Péricles. Ele me deu alguns livros, em vida, revistas...

LG – Sempre tem um livro para a gente comprar?

JM – Tem o que a gente procura e tem o que a gente encontra e que não esperava, ou que não conhecia. Você quer ver, eu vou te mostrar uma coisa que me ofereceram na semana passada [...] Então esse livrinho me oferecem, aí oferecem a um rapaz que está estudando Direito, e está desempregado... um livro desses, em uma livraria qualquer, quando se pedir 100 reais, é muito. Eu passo, quando me oferecem, sem preço, eu digo: “- Leve a uns livreiros e veja quanto eles lhe oferecem. Não quanto eles dizem que vale, porque é fácil dizer: “- Vale 500, agora não compro por 100, não é?”. Então, por quanto ele oferece. Então se ele oferece 100, presumivelmente ele vai vender por 200, talvez por mais, mas enfim, isso é uma base normal. Então se você tiver 100 pelo livro, eu ofereço 150. Você recebe 50 a mais do que receberia do livreiro e eu pago 50 a menos. E é uma coisa *fair*, não é? E se não chega a um acordo eu prefiro não comprar. Nesse caso, por exemplo, eu disse à Mônica para pagar 200 porque o rapaz está dizendo que está vendendo porque está desempregado, qualquer ajuda que vem é importante.

LG – Como é que ele sabia que o senhor queria esse livro?

JM – Ele achou esse livro entre os livros do pai dele falecido. Eu recebo muita oferta de livro hoje em dia, mas a maior parte não interessa. A pessoa diz: “- Eu tenho um livro antigo, imagine, de 1910”, mas não tenho nenhum interesse.

LG – Que livro que o senhor quer e que o senhor ainda não encontrou? Dos viajantes? Dos viajantes o senhor tem todos, não é?

JM – Não, ninguém tem todos, faz parte do prazer é que ele não tem fim, nem limite (inaudível). Isso aqui, por exemplo, eu não conhecia mas achei interessante, não é? Uma curiosidade. Livros quando morre uma pessoa e a família vende, é sempre uma coisa meio penosa, porque em geral a família não sabe o que tem, não se interessou pela biblioteca durante a vida do bibliófilo e depois acha que tem um tesouro e pede uma fortuna... Então eu não gosto de fazer oferta por biblioteca, eu quero que a pessoa venda, fixe-se o preço porque

senão vão dizer: “- Ah, você foi explorada”. É uma coisa delicada isso. Agora eu não sou escravo do livro, isso é que lhe digo. Eu posso ficar sem o livro sem me preocupar, não tenho angústia disso. E o que tem de ser tem muita força, é curioso isso.

LG – O senhor é um guardião dos livros.

JM – É, eu digo no livro, eu me considero fundamentalmente um depositário, porque eu levo a breca, mas os livros estão aí, e a gente procura conservar.

LG – E é interessante porque isso é uma coisa que, está ali no capítulo que o senhor vai falar da questão da leitura em casa, e eu percebi que isso vem de família, não é? A sua irmã Ester, aí tinha o seu irmão também que lia muito, aí o senhor comenta, não é? Dos seus filhos, a Diana, o que senhor dava os livros de presente... Mas os seus irmãos, afinal, aprenderam a andar de bicicleta e não tiveram esse incentivo que era um pretexto. E é interessante que em todos os depoimentos que eu tenho colhido, a leitura vem de casa, não é? Ela é realmente uma coisa que está dentro do convívio...

JM – É, o ideal é o exemplo, não a imposição de leitura. Você quer ver uma coisa curiosa? Eu tenho uma neta de três(?) anos e outro dia me perguntou se a classe dela podia vir ver a biblioteca. E eu disse que sim. E ela, querendo mostrar isso, me fez (inaudível) ... de seis, sete anos, com uma lista de perguntas, interessadas em ver os livros, e essa neta tinha visto a crônica de Nuremberg(?), que é uma maravilha. Eles tiveram aqui por uma hora e meia, elas interessáveis, as duas professoras, não tiveram que fazer a menor observação, nada, e aí queriam saber como é que se faz um livro... Aí depois elas me disseram que iriam fazer um convite e mais uns dez dias elas nos convidaram para ir à escola para receber um livro. O livro é este.

LG – Ah, que lindo, *José conta suas histórias*. Ah, que coisa mais linda.

JM – Quando eles foram embora, depois nós recebemos umas flores: “- A gente gostou muito da visita. Já estamos fazendo o livro. Enquanto isso, mandamos estas flores para vocês”.

LG – “- Era uma vez um senhor chamado José Mindlin, gostava muito de livros”.

JM – E aí cada um escrevia e outros faziam o desenho...

LG – “- Livros eram o seu tesouro (inaudível). Ele tinha uma enorme biblioteca, numa imensa casa cercada por jardins. Um dia levantou cedo da cama para ler um livro como sempre fazia (inaudível). Ela tinha quantos anos, o senhor lembra?

JM – Seis.

LG – Como é que o senhor conheceu o Plínio Doyle, o senhor lembra?

JM – Ah o Plínio Doyle deve ser pelo menos dos anos 60. Ele esteve aqui em casa várias vezes e nós temos essa rivalidade amiga, não é?

LG – Essa boa rivalidade.

JM – É, eu conto a história do *Iracema*, não é? Que eu fiz a ata... Eu não me lembro mais o que está no livro, ou o que não está. Eu o li e eu tinha que fazer a ata, e tinha havido um leilão no Rio em que a primeira edição de *Iracema* ia ser vendida, e é extremamente rara, *Iracema*. E ele mandou o Olympio(?) comprar por 200 mil réis e não conseguiu. Então eu pus na ata que, o anfitrião contou que não tinha conseguido comprar um exemplar da primeira edição de *Iracema* e não podia mesmo porque ele mostrou ter mais amor ao vil metal do que à virgem dos lábios de mel. E quando eu li a ata ele não gostou muito. Mas eu tinha uma duplicata da primeira edição e quando eu cheguei em São Paulo mandei para ele a duplicata. Aí na reunião seguinte ele disse que havia compreendido a brincadeira e tudo.

LG – Onde é que essa ata está, no Jóbem(?) (inaudível). Ah eu vou ter que ir atrás dessa ata agora...

JM – É possível que essa esteja... eu devo ter cópia. Porque foi uma brincadeira que fiz porque eu ia mandar o livro para ele, senão eu não iria fazer uma brincadeira desse jeito.

LG – O Plínio me falou que nunca escreveu um livro (inaudível) mas esse eu nunca vi, ele me disse que ele fez um livrinho, no **José Olympio**, que era o centenário de *Iracema*. Ele fez pelo **José Olympio**. Eram todas as edições de *Iracema*, explicando quais eram e tudo, e que no prefácio do livro... (corte).

LG – Hoje em dia o senhor não sai mais para ir em livraria?

JM – Pouco, aqui em São Paulo pouco.

LG – E fora do Brasil?

JM – Ah, fora do Brasil eu sempre vou, antiquários...

LG – Tem sempre alguma coisa interessante?

JM – Ah sempre tem, aquela aventura do Chile foi impressionante... absolutamente inesperada, não é? Pegar as coisas com vagar. De modo que a gente tem coisas que... eu só me arrependo do que não comprei. Uma vez um colecionador do Rio me telefonou oferecendo... ah, eu acho que eu conto a história das missas pernambucanas, não é? Ele me pediu, se não me engano, mil e quinhentos dólares. E o **Valter Cunha**, livreiro do Rio, que vocês falaram dele, ele é um tipo muito estranho, e ele me disse: “- Olha, eu estou aqui comprando uma porção de coisas, o senhor não compre porque vai sair muito mais barato para o senhor”. Então, eu não comprei, durante uma semana eu não tive notícia nenhuma, aí telefonei de novo

para lá procurando o colecionador e ele: “- Ah, eu já vendi, o senhor não falou nada...”. Eu já vendi... Paciência, não é? Passam-se uns dez anos, eu estava lá na livraria dele e ele me diz: “- Olha, meu irmão”, também é livreiro, **Roberto Cunha**, mas cada um tinha sua livraria, “- Meu irmão tem duas missas manuscritas que ele ofereceu à Biblioteca Nacional mas a Biblioteca não tem verba, o senhor se interessaria? Eu digo: “- Eu gostaria de ver”. Ele disse: “- Então, eu vou pedir a ele, o senhor passe aqui depois de amanhã”. Passei lá, eram aquelas duas, e ele me pediu quinze mil cruzeiros, que eram os mil e quinhentos dólares.

LG – O livro procura a gente...

JM – O livro procura a gente...

LG – E às vezes a gente procura os livros... O senhor chegou a frequentar a Livraria Jaraguá? Tomar um chá, na Jaraguá?

JM – Sim, é, era amigo do pessoal...

LG – A dona Guita também ia?

JM – Não, no tempo da **Jaraguá**... nós casamos em 38, nós completamos 60 anos de casados. Então naquele tempo a gente tinha as crianças pequenas e ela saía menos, de modo que ela propriamente não frequentou livrarias, agora no exterior ela me acompanha. Hoje eu tenho menos paciência de entrar numa livraria com os livros em desordem e começar a catar coisas, isso eu fiz muito mas... eu subia, pegava, tinha aquelas escadas, olhava os livros lá em cima.

LG – Mas parece que hoje em dia deu uma mudada também, não é? Parece que hoje não tem muito estoque, também não tem muito porão...

JM – É, as coisas mudaram... Claro, as livrarias, não há nenhuma livraria comparável com o que existiu a 30 ou 40 anos atrás. A **Kosmos** que eu continuei a frequentar, mas aí, por exemplo, o Plínio sempre estava na frente, enquanto eu recebia o catálogo da **Kosmos** ele já tinha comprado o que havia de importante, não é? Mas a gente sempre se divertiu com isso. E ele, a história d'*A moreninha* que...

LG – E ele tem uma paixão por José de Alencar, não é? Ele começou a coleção dele por causa de José de Alencar, procurando um livro que se chamava *Mãe*.

JM – É, e não tem até hoje. É que agora ele vendeu, mas ele vendeu a biblioteca sem o livro. E aí ele me telefonou e eu tinha... Uma vez ele me telefonou, não me lembro que livro, e eu disse que não tinha e ele disse: “- Ah, ganhei meu dia”. Daí a meia hora eu telefono para ele de volta e: “- Você tem tal livro, assim?”. E ele: “- Não, não tenho”. Eu disse: “- Então empatamos”. Esse tipo de brincadeira que a gente faz é muito gostoso. Agora, o Rubens é o interlocutor que me falta.

LG – É isso que eu ia perguntar, como é que o senhor convive.

JM – Vem gente aqui que gosta de livros, que vem, que se entusiasma, enfim, mas não é a mesma coisa. Ele vinha toda semana e quando ele passou a ter dificuldade de vir eu ia toda semana a Bragança. Eu saía de São Paulo às 5 horas, chegava lá 6 e meia, mais ou menos. Saía de volta às 10 e meia, 11 horas, levava uma pilha de livros para ele ler, e ele lia cinco, seis horas por dia. De modos que foi uma amizade muito grande. Você quer ver a biblioteca dele?

LG – Eu gostaria muito.

11.4.6. Entrevista com Maurício Loureiro Gama (inédita)

GAMA, Maurício Loureiro. Entrevista concedida a Luciana Gama. São Paulo, 1998.

Maurício Loureiro Gama – (...) Bom fomos lá, deu tempo de tomarmos um café, quando se serviu o café, eu fui botar açúcar ele chega e me disse: “– Maurício, nunca mais me faça isso que você está fazendo”. E eu disse, “– E o que é que estou fazendo?”. Ele: “– Está pondo açúcar no meu café”. Eu: “– Ué, não é para por açúcar no seu café?”, e ele “– Mas você sabe, e se eu for doente, se eu precisasse fazer regime?”.

Luciana Gama – Quem era esse?

MLG – O Mário. Eu disse: “– Mário, açúcar eu uso o meu critério”. Não é gozado? Cada um tem suas manias, não é?

LG – Qual mais histórias você tem do Mário?

MLG – Ah... milhões.

LG – A primeira vez que você viu o Mário, como é que foi?

MLG – A primeira vez que eu vi o Mário... Não a primeira vez não houve porque a primeira já era a segunda ou a terceira porque eu já gostava dele. Eu lia muita coisa dele, então...

LG – Então quer dizer que eu nasci sob o signo de Mário de Andrade?

MLG – Ah, mas não tenha dúvida nenhuma. E de Andrade, ele é Andrade, meu pai era Teophilo de Andrade e Gama, e é daqueles troncos mineiros, aqueles velhos troncos mineiros.

LG – Como é que foi a primeira vez que você lembra da Casa Garraux?

MLG – A **Casa Garraux** era uma beleza de casa porque eu via as notícias dos jornais, notícias de livros: “Acaba de ser lançado um livro tal, um livro de Capistrano de Abreu, um livro sobre a história do Brasil – a **Casa Garraux** já está recebendo”, e eu fui lá. “– Mas

Garraux, quanto está custando esse livro do Capistrano?”. E ele: “– Por que você vai comprar?”. Eu disse: “– Não, eu vou dar uma manjada aí primeiro...”, e ele: “– Não, porque eu faço um preço especial para você”. E viemos negociando, do jeito que ele era, né? Ele sabia negociar.

LG – Ele era bonito?

MLG – Ele era um nome muito bonito, tipo físico bonito. Um bigodão muito bem cuidado, e o penacho? Parecia um francês mesmo, viu? Era assim.

LG – Mas ele era bem apresentável ou era...

MLG – Não, sempre bem vestido, bem arrumado, gravata, paletó ou então um coletinho. Ele ali atendendo as pessoas no balcão, dava uma espiadinha...

LG – E a **Casa Garraux** era grande? E não era muito chique lá?

MLG – Era bem grande, bem numa esquina... não, nunca foi chique, lá era rico. Rico, o que tinha de livro lá era uma barbaridade. “– Que tipo de livro você está querendo?”, tal, tal: “– Ah... venha cá comigo”.

LG – O sr. chegou em São Paulo em que ano?

MLG – Eu cheguei em 1924, 25...

LG – E já gostava de livro?

MLG – Eu já gostava de livro, não como eu sou hoje, porque hoje eu sou tarado por livro. Se quiser me encontrar em algum lugar é só procurar em alguma livraria que to eu lá.

LG – Eu estou aqui na Casa das Rosas com o Maurício Loureiro Gama.

MLG – Foi aqui que o Mário de Andrade fez aquele poema famoso, viu? Dos jardins...

LG – Ah?

MLG – É verdade!

LG – Ah, não mente! Ele tá piscando. Vê, fala pra mim, o que é um livro para o sr.?

MLG – Um livro, é uma vida.

LG – Mais! Fala mais...

MLG – Mais? O livro... que livro?

LG – Que mais livrarias que você lembra que você andava em São Paulo?

MLG – Eu vi nascer sabe que livraria? Você viu que lugar que é isso? Olha esses jardins aqui, olha? Olha a calma, tranquilo...

LG – É uma jiboia...

MLG – Nós estamos em São Paulo, no momento são treze horas e... quase duas horas da tarde. (inaudível). Eu vi nascer a **Livraria José Olympio**, a livraria **José Olympio** ficava

atrás do Mappin. Era humilde a livraria do **José Olympio**, José Olympio Pereira, me lembro muito bem dele.

LG – Dizem que ele comprou os livros do Alfredo Pujol...

MLG – Do Altino Arantes também... Alfredo Pujol foi um homem muito importante, ele fez a biografia de Machado de Assis, e é um dos biógrafos de Machado de Assis, muito bom, e é um homem famoso, um grande nome. Ele era um homem bem situado na vida... Alfredo Pujol acho que tem rua com o nome dele lá em Santana, não é? Era um homem importante aqui em São Paulo naquela época.

LG – Como é que é aquela história mesmo? Do Rui Barbosa, de você na casa (inaudível)...

MLG – Ah, o 18 de agosto de mil novecentos e... vejam vocês, hein?

LG – 18 de agosto de quando?

MLG – Mil novecentos e... aos quinze anos.

LG – Aos quinze anos, é mais fácil (inaudível). E aí estava o sr., como é que começou mesmo, mandaram um telegrama?

MLG – Sim, mandaram um telegrama para Tatuí convocando mamãe Inezita para um bate-papo, para conversar. Eles achavam que eu ia não muito mal, eu não era estudioso, nunca fui estudioso. Esse senhor estudioso que a gente conhece hoje, que não larga o livro o dia inteiro, faz tudo direitinho... daí minha mãe veio de lá (inaudível) os critérios de estudo, não é? Minha mãe compreendeu tudo.

LG – O que o sr. acha dessa construção? É uma coisa boa para São Paulo?

MLG – Essa casa tem uma história, você está dentro de uma casa bebendo história. Essa casa foi construída por Ramos de Azevedo, sabe lá o que é isso? (inaudível) A filha dele morou muito tempo aqui, foi assim mesmo, pôs até solar na casa.

LG – Ela está aberta para a gente entrar?

MLG – Hoje não, hoje ela deve estar fechada, mas vale a pena conhecer. Essa casa foi (inaudível) pelo homem que fez a primeira revolução arquitetônica de São Paulo. Chega no Pátio do Colégio, o Pátio do Colégio ao redor é todo do Ramos de Azevedo, aqueles prédios velhos, antigos lá, estão todos lá até hoje. E começou com Ramos de Azevedo. Podem dizer: “- Mas ele era retrógrado como arquiteto”... mas isso é desprezível, né? Mas ele fez uma arquitetura com data.

LG – Agora para a filha dele ele parece que caprichou, não é?

MLG – Muito... E tem um retrato dele, um grande retrato, de Gustavo Pereira da Silva, que foi meu professor de desenho no Ginásio do Estado.

LG – O sr. fez o ginásio em São Paulo?

MLG – Não, eu fiz um ginásio em São Paulo, eu fiz o Liceu Rio Branco em São Paulo, eu fiz o Liceu Franco Brasileiro em São Paulo, eu andei por vários colégios. Eu enjoava e pulava de colégio.

LG – Eu também.

MLG – Mas um dia você vem aqui, ah lá o retrato, ali não tem um retrato na parede? Vai ver o retrato e vem aqui e me dá a impressão. É um retrato muito bem feito. Isso é um retrato feito pelo Gustavo Pereira da Silva, que era professor de desenho do Ginásio do Estado, no tempo em que o Ginásio do Estado de São Paulo era assim uma espécie de Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, de altíssimo nível. Os maiores escritores estavam todos lá (inaudível).

LG – Como é que o sr. se vestia quando ia para uma livraria, por exemplo? Qual era a sua roupa de uso... quando, em 1930? E aquele casaco, surgiu quando? Aquele que o sr. pendurou um dia e ninguém quis.

MLG – Aquela história é muito bonita. (inaudível) Rui Barbosa que fazia uma apresentação de um habeas-corpus no Supremo Tribunal Federal, então o governo, subia lá um oficial da imprensa dizendo que o governo assumia a responsabilidade e garantia a ordem e tal. Então, o Rui Barbosa fez a seguinte pergunta: “- E quem garante as garantias?” (risos). Era o Rui Barbosa.

LG – Você chegou a ter todos os livros dele?

MLG – Eu li quase todos os livros dele. Ele era muito inteligente, muito culto, era um grande advogado (inaudível), o maior advogado brasileiro na época, não é? (inaudível) Mas o Rui Barbosa era uma grande figura. As pessoas caçoam muito dele hoje (inaudível).

LG – Devia ser bonito também?

MLG – Não era, era baixinho, feiinho, naquele Rio de Janeiro tórrido, aquele calor (inaudível), casaco, chapéu coco, você imagina, aquele calor todo o sujeito andar de casaco. Era a época, não é? Que dia é hoje?

LG – 23.

MLG – 23 de maio. Hoje é aniversário, hoje seria aniversário da Gal (?), viúva dele, é hoje (inaudível).

LG – Você vê muita mudança em São Paulo, de quando você chegou até hoje?

MLG – Vi muita mudança... E eu mesmo me mudei muito, eu era mudancista, sim andei de bairro para bairro, fui na Barra Funda, morei em Higienópolis. (inaudível) Esse prédio andou caindo, sabia? Agora estão contendo ele. É, um perigo. (inaudível).

LG – Você chegou a frequentar a Livraria Teixeira?

MLG – **Teixeira** eu ia lá muito, na rua Líbero Badaró, lá embaixo. Mas era uma enormidade de livraria (inaudível).

LG – Mais livrarias?

MLG – Qual era a livraria do Antonio Candido, era a **Livraria Planalto**, na rua Marconi?

LG – Livraria Planalto?

MLG – **Livraria Planalto**, era o Paulo Emílio Salles Gomes, o Antonio Candido, o Lourival Gomes Machado...

LG – Agora, a **Livraria Jaraguá** você chegou a ir?

MLG – Oba, muito! Eu vi nascer a **Livraria Jaraguá** e vi morrer também, viu, entendeu?

LG – Era muito chique lá, não era?

MLG – Era muito chique, tinha um belo café à tarde, tinha uísque à tardinha... Era gostoso lá, viu? (inaudível).

11.4.7. Entrevista com Plínio Doyle (inédita)

SILVA, Plínio Doyle. Entrevista concedida a Luciana Gama. Rio de Janeiro, 20 maio 1997.

LG – Plínio, você vinha muito a São Paulo comprar livros?

PD – Sim, havia em São Paulo um sujeito que não sei se você conheceu, um vendedor, o **Olyntho de Moura**. Eu tinha uma ação em São Paulo, então eu ia muito lá e aí, gostando muito de livro, eu ia muito ao **Olyntho**. Na época meu tio era advogado e tinha uma advocacia em São Paulo, aliás uma advocacia muito importante. Eu trabalhava numa ação a favor do Eça de Queiróz. Eu fui advogado dos filhos de Eça de Queiróz. Então eu conhecia muito o **Olyntho**. Como é que chama aquela rua... São Bento... não? Na Rua São Bento, parece...

Então eu dizia a ele, oh, **Olyntho**, você não é sério com a gente... Porque você compra uma biblioteca, separa o bom para você e vem me vender só o que não presta... Mas o que não presta era muito bom (risos), comprei muita coisa boa ali. Eu tive uma biblioteca de 25.000 volumes de literatura brasileira...

LG – Você doou?

PD – Não, eu vendi. Quando eu fiquei doente eu vendi para a Casa de Rui Barbosa. Tá lá servindo aos estudiosos e servindo muito... Porque a biblioteca é grande e exclusivamente de

literatura brasileira. Eu não tinha Proust, Balzac, Anatole France, lá não tinha nada disso. Eu tinha nas traduções de brasileiros. Traduções do Drummond, do Bandeira, para o Proust, para o Balzac, e tinha as traduções dos brasileiros para o estrangeiro. Todas as traduções que eu consegui obter...

LG – E quando o Sr. vendeu a biblioteca foi doloroso?

PD – Não. Eu vendi a biblioteca porque eu tive uma doença e fiquei com o lado esquerdo paralisado. De maneira que não posso muito mexer em livro. Eu não posso me levantar para apanhar um livro da estante... Compreende? No começo podia mas depois com a idade... De maneira que eu vendo que não podia mais mexer com livro, não é? Que eu não posso... Eu tenho dificuldade para ler esse livro, por exemplo, recebi ontem. Eu leio com uma mão só, preciso ler, preciso botar os óculos. De maneira que é difícil.

LG – Não gosta que ninguém leia para o Senhor?

PD – Não, não estou habituado. Vendi para a Casa de Rui Barbosa e está toda biblioteca lá e nesses anos todos, eu vendi em 88, faz quase dez anos, durante esse tempo todo os livros que eu recebo, eu recebo muitos, recebi esse ontem de Pernambuco... Recebo muitos livros, compro pouco. Tudo o que eu recebo eu mando para a Casa de Rui Barbosa. Leio se tenho interesse de ler e depois mando para a Casa de Rui Barbosa, para a Biblioteca Plínio Doyle de lá...

LG – Mas o Senhor comprou muitos livros...

PD – Ah, a coisa boa do colecionador e do leitor. Eu comprava livro sempre, fui a Portugal várias vezes e comprei livro, comprava livro lá, trazia pelo correio, todo lugar. Fui uma vez em São Paulo para o centenário do romance *Iracema*, de José de Alencar, eu era advogado da **José Olympio** e o José me disse: “Você não quer fazer uma exposição da *Iracema*? O romance dos volumes que você tem e tal...”. Então fui a São Paulo. Eu tinha uns 60 ou 70 livros das edições de *Iracema*. Fui a São Paulo na **Livraria Martins, Melhoramentos**, e na época eu disse: quero ver todas as edições que você tem da *Iracema*, não quero ganhar não, eu quero ver. Eu quero que ponha numa mesa para eu ir tomando nota. Tomei nota, eram muitos livros, tinha umas trinta ou quarenta edições de *Iracema*. Eu relatei, depois o José **Olympio** publicou. Eu relatei 106 edições de *Iracema* em 100 anos de vida. Mas os livros todos que eu consultei, eu queria ver a edição! Inclusive uma edição em latim que eu não conhecia, não encontrei em lugar nenhum, só depois que eu localizei... Mas eu citei no prefácio: “Existe uma edição em latim... Mas eu não conheço”. Então não está relacionada no meu livro.

LG – Como é que o Sr. começou a se interessar por livros?

PD – Foi em casa. O meu pai era professor de matemática, tinha os livros, muitos de matemática e tinha uns de literatura também... E eu comecei a ler os livros que papai tinha em casa. Eu era menino de dez, 12 anos. Lia Machado de Assis, lembro perfeitamente eu lendo Machado de Assis... Mas evidentemente não entendia o Machado de Assis porque com dez anos não se entende Machado de Assis, não é? Lia por ler. Gostava de ler. Depois meu pai faleceu, eu fiquei com os livros dele que estão hoje na biblioteca e aí fui comprando livros pela seguinte razão: eu li uma crônica do Machado fazendo uma referência muito grande, muito elogiosa a uma peça de teatro do José de Alencar, *Mãe*. Eu li a crônica, muito boa, citando vários trechos da peça, então saí à procura da peça, do livro, *Mãe*. Não encontrei, fui à Biblioteca Nacional para ler, li na Biblioteca Nacional o que eles tinham na época e aí fui procurando livro, procurando livro, procurando livro, juntando livro... Depois, quando estudante para a Faculdade de Direito, eu tinha uns professores na cidade, no centro da cidade. Então, nas horas vagas, na hora entre uma aula e outra, eu ia para as livrarias e aí, vendo livro, eu acabei me formando e sendo advogado de muitos livreiros do Rio de Janeiro. Fui advogado da **José Olympio** durante muitos anos, de maneira que fui juntando livro, fui juntando livros, em determinada época os livros não cabiam mais na minha casa, não tinha mais lugar...

LG – O Senhor morava onde?

PD – Morava na Barão de Jaguaribe, casa. Morava com minha mulher, mas os livros não cabiam mais em casa, não tinha mais espaço e então comprei um apartamento perto da minha casa para montar a biblioteca. Todo apartamento só de livros, só tinha livros... Tinha todas as primeiras edições do Machado, tinha muitas primeiras edições do Alencar, tinha muitas primeiras edições do Macedo, do Arthur Azevedo, Aluísio Azevedo. Eu procurava muito, vivia procurando...

LG – Os livreiros antigamente não encareciam os preços só por que você os queria?

PD – Não. Havia... Havia não, há um livreiro no Rio de Janeiro que tinha esse péssimo hábito, não marcar o preço. Pegava um livro, começava a folhear, ele me conhecia, dizia “o Plínio tem interesse nesse livro, esse livro é tanto...”, mas era um só e hoje não faz mais isso, eu tento dar um jeito nele, brigo com ele por causa disso... Eu fiz amizade com todos os livreiros do Rio de Janeiro do meu tempo. A **Quaresma** e Carlos Ribeiro, o Mercador de Livros: a primeira livraria que conheci, e muito frequentei foi a **Quaresma**, sita à rua Rua São José, lado ímpar, cujo proprietário na época – década de 20 – era o Matos, velho livreiro,

conhecedor de livros e principalmente dos que existiam em sua loja, – enorme loja com várias portas abertas para a rua, com inúmeros balcões exibindo os livros; o velho Matos era muito atencioso, especialmente com os estudantes que viviam fazendo perguntas e pedindo o célebre “desconto”; era a principal loja da cidade e muito frequentada.

Ali conheci Rui Barbosa, João Ribeiro e outras figuras ilustres, com os quais não tinha coragem de conversar por me considerar um estudante muito moço. Nessa época eu me preparava para os últimos “preparatórios” e o vestibular da Faculdade de Direito e os meus professores davam aulas no centro da cidade.

Daí as minhas folgas para a visitar o Matos, pois já amando os livros lá ia à procura de Machado, Alencar e outros, sempre encontrando algo no “sebo” da **Quaresma**. Nessa livraria conheci um “caixeiro” (como eram conhecidos os empregados do comércio), um jovem, mais moço do que eu, que trabalhava como vendedor dos livros e seu arrumador, pois o velho Matos exigia que um livro consultado por algum leitor fosse logo colocado no seu devido lugar; esse jovem “caixeiro” era o Carlos Ribeiro, que assim começou a sua vida de grande livreiro.

Carlos Ribeiro, que depois se transformou no grande “mercador de livros”²⁴³, como era conhecido, deixando a **Quaresma** abriu uma “portinha” para vender os livros que comprava das amizades feitas na **Quaresma**; progredindo na “lojinha”, de sociedade com outro grande livreiro no futuro, Walter Cunha, alugou um prédio na mesma Rua São José nº 38, e fundou a **Livraria São José**.

Com o “jeitão” especial de livreiro que o Carlos tinha, o comércio prosperou e os sócios compraram o imóvel 38. E, mais tarde, ampliaram a livraria comprando os prédios vizinhos 40 e 42, passando a Livraria a ocupar três prédios velhos, mas com sobrados, tudo livraria. Lançou Carlos Ribeiro as chamadas “tardes de autógrafos”, a princípio sobre discos de poesia lançados por uma empresa, a “Festa Discos”; com o sucesso desses lançamentos – poesias de Drummond, Bandeira, Schmidt e outros, as tardes passaram para os livros, sempre servidos uísque e salgadinhos.

Como propaganda Carlos criou três subtítulos para as suas lojas; o 38 era “Paula Brito”, o 40 era “Pasárgada” e o 42 “Itabira”, homenageando assim o antigo livreiro-editor de Machado, Alencar, Macedo e outros, Bandeira e Drummond.

²⁴³ O poeta Manuel Bandeira possui uma crônica intitulada “O mercador de livros”, integrante do volume *Andorinha, andorinha* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966), em que lembra Carlos Ribeiro e a São José, sua livraria.

Funcionei como advogado na compra desses dois últimos imóveis e, posteriormente, na venda dos três (que seriam demolidos para nova construção) quando a Livraria passou a ocupar o imóvel nº 74 da mesma rua, conhecida então como a Rua das Livrarias, pois havia várias.

Esse imóvel, de dois pavimentos, acolheu todos os livros vindos dos antigos prédios e na grande loja do 74 pontificava nos fundos, em sua mesa, Carlos Ribeiro, com a sua amizade, bom humor e simpatia; era um livreiro que quando comprava uma biblioteca ou um lote de livros, separava os que podiam interessar aos amigos; eu mesmo fui obsequiado várias vezes nesse sentido, às vezes até oferecendo o livro.

A função do Walter Cunha, quando não estava na loja, estava à procura de biblioteca ou avulsos à venda. Passados vários anos, como fosse desfeita a sociedade, Walter ficou com o prédio e a quantidade de livros guardados nos depósitos, aguardando o momento de vir para a loja²⁴⁴; Carlos, com o estoque da loja, abriu uma “filial” com o mesmo nome, que ficara na sua propriedade, na rua do Carmo nº 61, que ainda hoje existe de propriedade de três antigos funcionários – também grandes livreiros – Adalbino, Germano e Vieira. Pouco depois Carlos Ribeiro veio a falecer.

Na época da **Quaresma**, havia na mesma rua, do lado par, uma livraria pequena de que era gerente ou administrador José Leite, irmão do grande escritor Solidônio Leite, muitas vezes visto na loja e tido como seu verdadeiro dono, era a **Livraria J. Leite**.

Livraria José Olympio: desde 1924, mais ou menos, e ainda depois de ingressar na Faculdade de Direito, e mesmo já formado, frequentei quase diariamente as livrarias da época. Em 1934 instalou-se no Rio de Janeiro, vindo de São Paulo, na Rua do Ouvidor, quase em frente à **Briguiet-Garnier**, a **Livraria José Olympio Editora**²⁴⁵; o seu escritório foi instalado na Travessa dos Barbeiros, passando depois para a Praça XV nº 2 (Edifício da Bolsa), em seguida para a Avenida Nilo Peçanha e em seguida para a Rua Marquês de Olinda nº 12, em Botafogo. Fui advogado de José Olympio durante muitos anos, até, mais ou menos, 1965.

²⁴⁴ Desfeita a sociedade com Carlos Ribeiro, Walter Cunha fundou sua própria livraria, a **Antiquário**, com sede à Rua Sete de Setembro, 207, grande prédio de três pavimentos, todos ocupados com os livros, todos muito bem distribuídos para cada assunto. Walter Cunha é um grande conhecedor do assunto ao qual sempre dedicou sua vida (Nota de Plínio Doyle).

²⁴⁵ Francisco de Assis Barbosa narra minuciosamente a transferência de José Olympio de São Paulo para o Rio de Janeiro, em seu ensaio “Alguns aspectos da influência francesa no Brasil - Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua Livraria em São Paulo” (In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Trad. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962).

A loja da Rua do Ouvidor foi fechada em 1958 ou 1959, por entendimento com o Banco Nacional, então proprietário do imóvel. Construindo a sua sede na Rua Marquês de Olinda, manteve no hall de entrada pequena livraria para venda somente de suas edições.

Na loja da Ouvidor, durante muito tempo, havia à tarde uma reunião de escritores que se concentravam nos fundos, onde havia um pequeno banco de madeira onde se sentava habitualmente Graciliano Ramos, o que fez com que dessem o nome de “Banco do Graça”, e que se encontra hoje no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, por doação de José Olympio.

Eram habitués dessas reuniões, além do Graciliano, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e alguns outros. Na sede nova da Marquês de Olinda, além dos célebres almoços das quartas-feiras, depois transferido para as sextas²⁴⁶, toda tarde havia reuniões de escritores na sala do José²⁴⁷.

Livraria Kosmos: quando descobri a **Kosmos** ela era dirigida por Erich Eichner e Walter Geyerhahn, na Rua do Rosário. Lá havia uma jovem funcionária, que servia mais de secretária, Margareth Cardoso. Com o passar dos anos e o falecimento dos dois diretores, a livraria ficou com seus herdeiros, ficando então na direção geral a mesma Margareth Cardoso, que com os seus muitos anos de atividade livresca, tornou-se no Rio de Janeiro (e por que não dizer no Brasil?) a maior e mais competente conhecedora de livros, inclusive as raridades. No segundo andar da sede da Rua do Rosário 135 ela dirige com sabedoria o poder da **Kosmos**, com a sua filial em São Paulo.

²⁴⁶ Na crônica “A situação complica-se”, presente em *Caminhos de João Brandão*, Carlos Drummond de Andrade (São Paulo: Record: 2002) alude, de forma bem humorada, a Plínio Doyle e aos almoços: “Aqui começam as idas e vindas, os mil passos preocupados de João Brandão para restituir à liberdade o profeta da cauda. Sentia-se moralmente responsável por sua segurança, e até já lhe nutria afeição. Correu ao Dr. Plínio Doyle para que este requeresse a medida legal conveniente. O advogado fora a Nova Friburgo em busca de documentos sobre a estada de Machado de Assis naquela cidade, em 1878, e sua pesquisa nos arquivos levaria duas semanas. João apelou para outros causídicos. Todos se esquivaram. João fora detido? Não. Então, como requerer habeas-corpus? Para cavalo não cabe requerer habeas-corpus (isso depois de recorrer ao General Garrastazu Médici, ao líder Ernâni Sátilo, seu comensal nos almoços da Editora José Olympio, ao Dr. Rondon Pacheco, a N. Sa. Do Perpétuo Socorro. Em vão). Que fazer, que fazer? Caminhamos para o desfecho”.

²⁴⁷ A respeito da Livraria Quaresma, anotou Hallewell, em *O livro no Brasil*, 2005, op. cit.: “... concentrando-se na publicação de livros baratos de apelo ‘popular’ [...] “a inovação garantiu à Quaresma o virtual monopólio do mercado de livros infantis” (p. 274); “A Quaresma exercia especial atenção como ponto de encontro dos escritores mais jovens (e, por isso, mais pobres), em grande parte, parece, porque seu negócio como livraria estava quase todo baseado em livros usados! Foi também onde o livreiro e editor Carlos Ribeiro se iniciou na profissão em 1921. Anos mais tarde, em 1947, próximo dali, no número 38, Carlos Ribeiro estabeleceu seu próprio negócio: a livraria São José. Esta atuou de forma moderada na atividade editorial nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo com literatura brasileira e crítica literária. À Carlos Ribeiro e à Livraria Teixeira de São Paulo tem-se atribuído a introdução, no Brasil, do recurso promocional das ‘tardes de autógrafos’, na década seguinte à Segunda Guerra Mundial, embora, segundo Érico Veríssimo, essa prática tenha sido iniciada, em 1940, pelos irmãos Saraiva (O simples lançamento de um livro na presença do autor para autografar cada exemplar vendido foi introduzido, ao que parece, por José Olympio, em 1934, com o romance *Banguê*, de José Lins do Rego)” (p. 275).

Livraria Brigueit-Garnier: frequentava muito raramente a livraria **Brigueit-Garnier**, sita à Rua do Ouvidor, quase esquina da Avenida Rio Branco – lado ímpar – pois ali os livros eram de um valor muito elevado, impressos em Paris, e as minhas verbas só chegavam para os “sebos”; na minha época era proprietário da livraria o cidadão francês Baptiste Louis Garnier, que se assinava B. L. Garnier, o que o levou a ser conhecido como o “bom ladrão Garnier”. Essa grande livraria, que era frequentada por Machado de Assis e seus contemporâneos, liquidou-se depois de se transferir para pequena loja na Travessa do Ouvidor.

Falando de Machado e da **Garnier**, pode ser lembrado o fato ocorrido com o grande escritor, quando em 1902 foi publicado um volume de suas poesias completas; é que no prefácio Machado escrevera “cegara” e o tipógrafo francês trocou o “e” por “a”; na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa (Arquivo Museu de Literatura) são encontrados os dois exemplares – o com erro e o emendado – emenda que, contam as lendas, foi feita pelo próprio Machado.

Livraria Leite Ribeiro: grande loja no Largo da Carioca, quase esquina da Rua 13 de Maio, onde no sobrado funcionou por muitos anos a redação de *O Globo*, antes de se transferir para a sua atual sede à Rua Irineu Marinho. Essa livraria era muito frequentada pelos nomes da época – década de XX – entre os quais podiam ser vistos Theo Filho, Romeu de Avelar, Orestes Barbosa, Amelia Bevilaque, Benjamin Costalat, Humberto de Campos e outros.

Livraria Imperial: que depois passou a se chamar **Casa do Livro**, de onde foi durante muito tempo empregado Osmar Muller, que sempre vivendo no ambiente livresco acabou ficando com a **Livraria Brasileira**.

Livraria Brasileira: situada no Edifício Avenida Central, que havia sido fundada por Roberto Cunha, e que ele Osmar hoje dirige com o seu profundo conhecimento do assunto.

O fundador dessa casa, como ficou dito Roberto Cunha, irmão do Walter Cunha, é também conhecedor eficiente do assunto, mas que tem um só defeito – nunca teve uma loja ou sobrado em que ficasse estabelecido por muito tempo; mudava de pouso constantemente, estando agora estabelecido em Petrópolis.

Livraria Santana: foi instalada na Rua do Carmo nº 3 com uma pequena loja, mas de muito movimento, pela sua simpatia e pela material que conseguia para seu estabelecimento, como por exemplo, a biblioteca do acadêmico Múcio Leão. Nessa livraria comprei uma vez um pacote amarrado e fechado, anotado por fora “Originais de Joaquim Nabuco” - o Santana não abriu nem permitiu que eu abrisse o invólucro; assim foi feito o negócio e depois

verificamos que se tratava dos originais do Canaã, de Graça Aranha, e de muitas cartas e cartões do Nabuco ao mesmo Graça; esses originais estão hoje na Fundação Casa de Rui Barbosa, e as cartas e cartões de Nabuco na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife.

Livraria Leonardo da Vinci: situada há longos anos em um subsolo de prédio na Avenida Rio Branco, é de propriedade de D. Vana, uma senhora de origem francesa, muito simpática e conhecedora perfeita da literatura universal, em especial da francesa, especialidade exclusiva do seu estabelecimento. Qualquer livro que se peça do exterior em poucos dias está em suas mãos.

Livraria Camões: rua Bitencourt da Silva nº 12 C., é a representante, no Brasil, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Portugal, e o seu administrador é José Manuel Estrela; a livraria só comercia com livros de Portugal.

Livraria Padrão: estabelecida à Rua Miguel Couto nº 40, é de propriedade e dirigida pelos livreiros Carlos e Alberto, que têm como companheiro, dirigindo a parte de livros raros e o “sebo” da casa, o Vieira, velho português, mas conhecedor do assunto e perfeita memória.

Livraria Civilização Brasileira: estabelecida à Rua Sete de Setembro, foi sempre dirigida pelo Ênio da Silveira, até o seu falecimento, há pouco tempo; editava muito, em especial os chamados da “esquerda”, inclusive traduções. Era uma quase filial da **Livraria Nacional**, de São Paulo, fundada e dirigida, enquanto existiu, por Octalles Marcondes Ferreira.

Livraria Freitas Bastos: rua Sete de Setembro. Especializada em livros de Direito.

Livraria Brazielas: instalada na Rua Regente Feijó, de propriedade do velho livreiro Brazielas, era muito conhecido pelos anúncios espalhafatosos no *Jornal do Commercio*, usando expressões como “volumação”, livros com “picos” e outras; livreiro simpático, bom acolhedor dos fregueses e conhecedor do assunto.

Livraria Forense: estabelecida à Rua Erasmo Braga, como o nome diz, especialista em livros de Direito. Grande editora, durante muitos anos manteve, e mantém ainda, uma publicação periódica, a *Revista Forense*, de valor inestimável e de uso diário pelos magistrados, advogados e estudiosos do Direito; foi dirigida por muito tempo pelo ministro Bilac Pinto, estando hoje à sua frente a dra. Regina Bilac Pinto.

Livraria Francisco Alves: fundada por Nicolau Alves, foi durante anos dirigida pelo livreiro Francisco Alves, que se dedicou nos primeiros tempos a editar livros escolares. Com a sua morte, por testamento, os seus bens foram doados à Academia Brasileira de Letras, mas o título se manteve e está hoje estabelecida à Rua Farme de Amoedo, em Ipanema.

11.5. Banco de dados

O código a seguir pode ser utilizado para a criação de um banco de dados idêntico ao que foi criado e utilizado nesta tese. Basta abrir, no dispositivo informatizado ou computador pessoal, um programa administrador de bancos de dados no padrão SQLite e digitar as linhas abaixo. Caso esse código tenha sido digitado e salvo em um arquivo texto comum, basta importar o arquivo para o SQLite. Com isso é possível implementar algumas das pesquisas e consultas que foram feitas no decorrer desta tese, cujos códigos SQL foram reproduzidos para incentivar pesquisas posteriores.

```
BEGIN TRANSACTION;
CREATE TABLE "pessoas" (
  `nome` TEXT,
  `nascimento` TEXT,
  `estado_nascimento` TEXT,
  `cidade_nascimento` TEXT,
  `falecimento` TEXT,
  `cidade_falecimento` TEXT,
  `idioma` TEXT,
  `universidade` TEXT,
  `fratria` TEXT,
  `profissao_pai` TEXT,
  `estigma` TEXT,
  `academia` TEXT,
  `academia_ano` TEXT,
  `funcionario_publico` TEXT,
  `carreira` TEXT,
  `estreia_livro` TEXT,
  `estreia_jornal` TEXT,
  `coluna` TEXT,
  `correspondencia_ativa` TEXT,
  `correspondencia_passiva` TEXT,
  `evento` TEXT,
  `partido` TEXT,
  `militancia` TEXT,
  `obra` TEXT,
  `org_sel` TEXT,
  `pref_apres` TEXT,
  `nota` TEXT,
  `traducao` TEXT,
  `orelha_q_capa` TEXT,
  `revisao` TEXT,
  `dedicatoria_oferecida` TEXT,
  `dedicatoria_recebida` TEXT,
  `obra_dedicada` TEXT,
```

```

`entrevista` TEXT,
`dep_autobio_mem` TEXT,
`discurso` TEXT,
`curso_palestra` TEXT,
`pseudonimo` TEXT,
`biografia` TEXT,
`jurado` TEXT,
`premio` TEXT,
`mencao` TEXT,
`homenagem` TEXT,
`etc` TEXT
);
CREATE TABLE "periodicos" (
`nome` TEXT,
`cidade` TEXT,
`estado` TEXT,
`endereco` TEXT,
`inicio` TEXT,
`fim` TEXT,
`fundador` TEXT,
`direcao` TEXT,
`redacao` TEXT,
`colaboracao` TEXT,
`ilustracao` TEXT,
`tendencia_politica` TEXT,
`numeros_editados` TEXT,
`periodicidade` TEXT,
`etc` TEXT
);
CREATE TABLE "livrarias" (
`nome` TEXT,
`endereco` TEXT,
`cidade` TEXT,
`estado` TEXT,
`inicio` TEXT,
`fim` TEXT,
`pessoas` TEXT,
`etc` TEXT
);
CREATE TABLE "lazer" (
`nome` TEXT,
`cidade` TEXT,
`estado` TEXT,
`endereco` TEXT,
`inicio` TEXT,
`fim` TEXT,
`pessoas` TEXT,
`etc` TEXT
);
CREATE TABLE "grupos" (

```

```
`nome` TEXT,  
`pessoas` TEXT,  
`cidade` TEXT,  
`estado` TEXT,  
`inicio` TEXT,  
`fim` TEXT,  
`etc` TEXT  
);  
CREATE TABLE "editoras" (  
`nome` TEXT,  
`cidade` TEXT,  
`estado` TEXT,  
`endereco` TEXT,  
`bairro` TEXT,  
`inicio` TEXT,  
`fim` TEXT,  
`direcao` TEXT,  
`pessoas` TEXT,  
`tradutor` TEXT,  
`ilustrador` TEXT,  
`etc` TEXT  
);  
CREATE TABLE "colecoes" (  
`nome` TEXT,  
`editora` TEXT,  
`direcao` TEXT,  
`etc` TEXT  
);  
CREATE TABLE "associacoes" (  
`nome` TEXT,  
`pessoas` TEXT,  
`cidade` TEXT,  
`estado` TEXT,  
`inicio` TEXT,  
`fim` TEXT,  
`etc` TEXT  
);  
COMMIT;
```

11.6. Imagens

Imagem impressa à p. 3 da edição de número 1 de *Roteiro: Quinzenário de Cultura* (5 maio 1939), Lê-se na legenda: "Grupo formado em frente ao prédio onde se acha instalada esta redação, no 19 de março do corrente ano, data da fundação de 'ROTEIRO'. Da esquerda: Genauro de Carvalho, Joaquim Maciel Filho, Maurício Loureiro Gama, dr. De Plácido e Silva, Paulo Zingg, Rossine Camargo Guarnieri, Edgard Cavalheiro, Fernando Góes, Mário Donato e Nelson Lobo de Barros. A fotógrafa amadora foi a senhorita Margarida Izar, redatora da 'Página da Mulher'".

Imagem do edifício Baruel, à esquerda, com o Café Girondino do outro lado da rua, em imagem de meados do século 20.

Imagem do edifício Baruel à época dos anos 1920-1930, exibindo também o relógio público que foi instalado naquela região da Praça da Sé.

Duas imagens adicionais do edifício Baruel, acima e na próxima página, externa e interna – esta demonstrando a atividade no balcão de atendimento da Drogaria Baruel. Fonte: DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001, p. 198-199.

Amadeu de Queiróz à época de *Roteiro* (jun. 1939). Imagem do fundo Amadeu de Queiróz da Academia Paulista de Letras (Obras Raras, pasta 13.8, doc. 107).